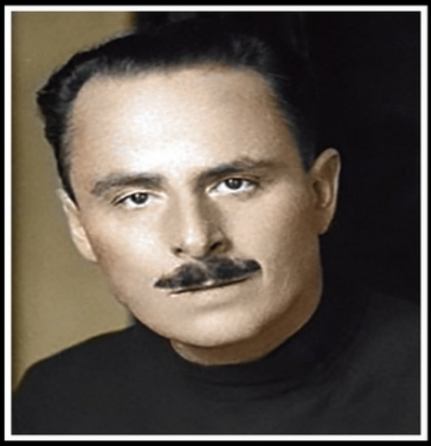
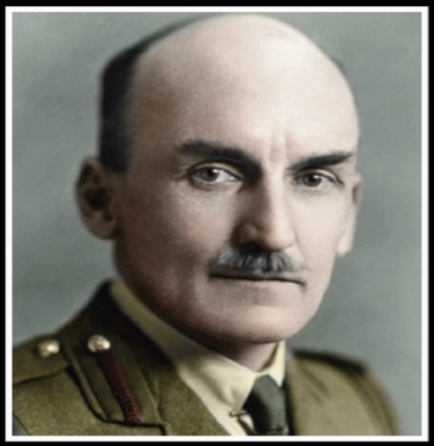
FASCIST VOICES

ESSAYS FROM THE 'FASCIST QUARTERLY' 1936-1940

Volume One

Machine Translated by Google

Vozes Fascistas

Ensaios do 'Fascist Quarterly' 1936-1940

Volume Um

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Vozes Fascistas

Ensaios do 'Fascist Quarterly' 1936-1940

Volume Um

Copyright © 2019 Sanctuary Press Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer formato, por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da editora.

Santuário Press Ltda.
Rua Shelton, 71-75
Covent Garden
Londres WC2H 9JQ

www.sanctuarypress.com E-mail: info@sanctuarypress.com

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

VOZES FASCISTAS - VOLUME UM

Esta edição contém ensaios de:

John Beckett

James Drennan

Norah Elam

General Franco

Major-General J. F: C. Fuller Joseph

Goebbels JK Heydon

Max Hunger

Jorian Jenks
William Joyce

Dr. Robert Ley

Francis Mcevoy Sir

Oswald Mosley Ezra

Pound Vidkun Quisling
Alfred

Rosenberg Arthur

Reade Anne Seelig-
Thomann Claud

Sutton Alexander Raven
Thomson A.

Yusuf Ali

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Índice

Vozes Fascistas

A Filosofia do Fascismo por Sir Oswald Mosley Alemanha

e Suas Mulheres por Anne Seelig-Thomann O Que É

Socialismo? por Joseph Goebbels Filosofia

Mundial e Política Externa por Alfred Rosenberg Fascismo, Mulheres e

Democracia por Norah Elam Precious Acres por Jorian

Jenks Berchtesgaden de Hitler um

Idílio da Nova Alemanha por Joan Morgan Uma Federação Mundial Nórdica por

Vidkun Quisling Uma Interpretação do Fascismo por

Claud Sutton A Guerra na Espanha pelo Major-General

JFC Fuller Discurso do General Franco Rumo a uma Ortologia

Econômica por Ezra Pound

Causas da Recessão por A. Raven Thomson Revolução

Traída por Ezra Pound Marxismo, a Doutrina da

Decadência por Francis Mcevoy O Inimigo

É o Liberalismo por JK Heydon Thomas Carlyle - Nacional

Socialista por William Joyce William Morris -

Nacional Socialista por Arthur Reade O Mito Judaico por

"Scepticus"

O Mundo Muçulmano e a Palestina por A. Yusuf Ali

Fascismo e a Dialética por A. Raven Thomson Os

Deserdados do Solo por Francis Mcevoy Economia

Corporativa por A. Raven Thomson O Movimento

Nazista em Perspectiva por James Drennan Social Democracia

em Decadência por John Beckett Fascismo e Guerra

pelo Major-General JFC Fuller Avançar no Fascismo por

Oswald Mosley Força Através da Alegria pelo

Dr. Robert Ley O Trabalho de Socorro Alemão

no Inverno por Max Hunger

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A Filosofia do Fascismo por Sir Oswald Mosley

Palestra proferida por Sir Oswald Mosley na English Speaking Union na quarta-feira, 22 de março de 1933.

O Nossos oponentes alegam que o fascismo não tem antecedentes históricos ou filosóficos, e é minha tarefa esta tarde sugerir que o fascismo tem raízes profundas na história e foi sustentado por alguns dos mais refinados voos da mente especulativa. Estou, é claro, ciente de que pouca filosofia se vincula às nossas atividades nas colunas da imprensa diária, e quando vocês leram que eu daria uma palestra sobre "A Filosofia do Fascismo", provavelmente muitos de vocês disseram: "O que esse gângster tem a ver com filosofia?" No entanto, acredito que vocês acreditarão que esses grandes espelhos da mente pública nem sempre oferecem um reflexo muito preciso, e embora vocês leiam apenas sobre os momentos mais emocionantes do nosso progresso, ainda existem outros momentos que têm alguma profundidade de pensamento e concepção construtiva. Até agora, é até certo ponto verdade que a filosofia fascista não assumiu uma forma muito concreta e definida, mas vocês devem se lembrar de que a fé fascista existe há pouco mais de dez anos: é um crescimento da última década. No entanto, seu pano de fundo filosófico já é passível de alguma formulação, e isso ocorreu em um espaço de tempo muito mais curto do que um desenvolvimento correspondente em qualquer outra grande fé política da história. Assim como o próprio movimento fascista, em vários grandes países, avançou rumo ao poder a uma velocidade fenomenal, a fé e a filosofia fascistas, como concepção permanente, uma atitude perante a vida, avançaram muito mais rapidamente do que as filosofias das religiões mais antigas. Vejamos o Liberalismo: um intervalo muito longo transcorreu entre os escritos de homens como Voltaire e Rousseau e a formação final do credo liberal nas mãos de estadistas ingleses no final do século XVIII e início do século XIX.

De fato, esses grandes movimentos políticos e convulsões psicológicas só muito lentamente se cristalizaram em um sistema definido de pensamento, bem como em um sistema de ação; e, no caso fascista, é provavelmente muito cedo para esperar que, ao final de dez anos, tenha assumido uma forma concreta e cristalizada. No entanto, acredito que a filosofia fascista pode ser expressa em termos inteligíveis e, embora faça uma contribuição inteiramente nova para o pensamento desta época, ainda é possível demonstrar que deriva tanto sua origem quanto seu suporte histórico do pensamento estabelecido do passado.

Em primeiro lugar, sugiro que a maioria das filosofias de ação deriva de uma síntese de conflitos culturais de um período anterior. Onde, numa era de cultura, de pensamento, de especulação abstrata, encontramos duas grandes culturas em nítida antítese, geralmente encontramos, na era de ação seguinte, alguma síntese na prática entre essas duas nítidas antíteses, o que leva a um credo prático de ação. Essa concepção pode parecer-lhe sugerir, em certa medida, uma abordagem spengleriana; e é bem verdade que o grande filósofo alemão provavelmente fez mais do que qualquer outro para retratar o amplo pano de fundo do pensamento fascista. Mas é um pano de fundo muito amplo. É um grande pano de fundo da história mundial do qual emerge uma sugestão fascista.

Não muito mais do que isso. E possivelmente ele é impedido de se aproximar do assunto por seu pessimismo inato, que, por sua vez, eu humildemente sugeriria a você, advém de sua total ignorância da ciência moderna e do desenvolvimento mecânico.

Se você olhar através dos óculos spenglerianos, você certamente chegará à conclusão de ******ebook converter DEMO Watermarks*******

Machine Translated by Google

Pessimismo extremo porque obscurecem o fator que, pela primeira vez, coloca nas mãos do homem a capacidade de eliminar completamente o problema da pobreza. E acredito que é a incompreensão do nosso filósofo alemão sobre esse imenso novo fator que o leva à sua conclusão pessimista. No entanto, isso não invalida de forma alguma sua tremenda contribuição ao pensamento mundial.

Você deduzirá corretamente que minha sugestão do casamento de culturas aparentemente antitéticas, que levaria, na era da ação subsequente, à produção de um filho filosófico do período, expresso em ação, tem alguma derivação do pensamento spengleriano. Mas creio que posso mostrar como, na prática, essa tese se aplica ao caso fascista. Eu sugeriria que, no século passado, a principal luta intelectual surgiu do tremendo impacto do pensamento nietzschiano na civilização cristã de dois mil anos. Esse impacto só foi percebido muito lentamente. Suas implicações plenas só hoje estão se concretizando. Mas, para onde quer que se volte no pensamento moderno, você encontrará os resultados dessa luta colossal pelo domínio da mente e do espírito do homem. Havia uma religião que, no que dizia respeito ao Ocidente, havia dominado amplamente o pensamento humano por muitos séculos. E, de repente, pela primeira vez, essa religião e esse pensamento foram efetivamente desafiados, e seus fundamentos, pelo menos naquele momento, foram abalados. Foi denunciado com energia furiosa e com gênio extraordinário — fundamentalmente denunciado.

Não estou — como você verá mais tarde — apresentando argumentos contra o cristianismo, pois vou mostrar como acredito que as doutrinas nietzschiana e cristã são passíveis de síntese. Mas, neste ponto, é necessário que eu examine as diferenças essenciais entre esses dois credos e veja onde as diferenças se acumularam e onde as semelhanças emergem.
Nietzsche desafiou, como você sabe, todos os fundamentos do pensamento cristão. Ele disse, com efeito: "Esta é a religião do escravo e do fraco. Esta é a fé das pessoas que estão em fuga da vida, que não querem encarar a realidade, que buscam a salvação em algum além sonhador — a salvação que não têm a vitalidade nem a masculinidade para conquistar para si aqui na Terra. Ela deriva de um espírito de fraqueza e de entrega." Ele a denunciou com uma frase grandiosa, se bem me lembro, como "a religião que acorrentou e enfraqueceu a humanidade".

E em lugar dessa fé, ele criou a concepção do super-homem, o homem que enfrenta dificuldades, perigos, avança através das coisas materiais e das dificuldades do ambiente, para alcançar, vencer e criar, aqui na Terra, um mundo próprio. Foi um desafio a toda a base, não apenas do pensamento, mas da vida. E abalou profundamente o pensamento do mundo. Deve ter parecido, para aqueles que estavam seriamente preocupados com essa controvérsia na época, que um ou outro desses credos deveria sair vitorioso, e um ou outro deveria perecer; que qualquer combinação, qualquer síntese dessas doutrinas conflitantes estava completamente fora de questão.

Agora, acredito, como tantas vezes acontece na vida cotidiana, que credos que parecem tão díspares são, na verdade, suscetíveis de alguma reconciliação quando examinados mais de perto, e até mesmo de uma certa síntese; e creio poder mostrar-lhes que, na verdade, na doutrina fascista atual, encontram-se uma união completa das grandes características de ambos os credos. Por um lado, encontram-se no fascismo, tirado do cristianismo, tirado diretamente da concepção cristã, a imensa visão de serviço, de abnegação, de autossacrifício pela causa dos outros, pela causa do mundo, pela causa do seu país; não a eliminação do indivíduo, mas sim a fusão do indivíduo em algo muito maior do que ele mesmo; e têm-se a doutrina básica do fascismo — serviço, auto-entrega — àquilo que o fascista deve conceber como a causa maior.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

e o maior impulso do mundo. Por outro lado, você encontra, retirado do pensamento nietzschiano, a virilidade, o desafio a todas as coisas existentes que impedem a marcha da humanidade, a abnegação absoluta da doutrina da rendição; a firme capacidade de lidar e superar todos os obstáculos. Você tem, de fato, a criação de uma doutrina de homens vigorosos e de autoajuda, que é a outra característica marcante do fascismo.

Portanto, encontramos — creio poder afirmar — uma espécie de união dessas duas grandes doutrinas expressando-se no credo prático do fascismo hoje. E isso, de fato, se reflete em toda a nossa atitude perante a vida. Podemos reduzi-la aos mínimos detalhes da existência em geral. Da concepção mais ampla e abstrata, podemos chegar aos detalhes mais minuciosos da vida cotidiana.
Exigimos de todo o nosso povo uma concepção predominante de serviço público, mas também concedemos a eles em troca e acreditamos que, na concepção fascista, o Estado deve conceder liberdade absoluta. Em sua vida pública, um homem deve se comportar como um membro adequado do Estado; em todas as suas ações, ele deve se conformar ao bem-estar da nação. Por outro lado, ele recebe do Estado, em troca, a liberdade completa de viver e se desenvolver como indivíduo. E em nossa moralidade — e creio que possivelmente posso afirmar que é a única moralidade pública em que a prática privada coincide completamente com o protesto público — em nossa moralidade, o único teste de qualquer questão moral é se ela impede ou destrói de alguma forma o poder do indivíduo de servir ao Estado. Ele deve responder às perguntas: "Esta ação prejudica a nação? Prejudica outros membros da nação? Prejudica minha própria capacidade de servir à nação?" E se a resposta for clara em todas essas perguntas, o indivíduo tem liberdade absoluta para fazer o que quiser; e que confere ao indivíduo, de longe, a maior medida de liberdade sob o Estado que qualquer sistema sob o Estado, ou qualquer autoridade religiosa já conferiu ao indivíduo.

A abordagem mais próxima desse teste moral foi possivelmente a abordagem da civilização grega, que em termos de organização tinha, é claro, uma concepção de Estado não muito inferior à concepção fascista de hoje.

Essa atitude, esse pano de fundo filosófico impõe ao fascista certas regras muito claras de conduta social, que equivalem a um desafio detalhado à ordem existente das coisas, embora não nos aprofundemos nesses detalhes, além de mostrar que esses princípios gerais são suscetíveis de redução a detalhes. Por exemplo, consideramos ridículo um sistema em que um homem pode ser multado se arriscar a se ferir ao beber fora do horário legal, mas que, em sua capacidade pública como figura pública maior ou menor, pode com total impunidade tomar medidas que podem ameaçar toda a estrutura do Estado. Se ele arriscar o menor dano a si mesmo, toda a força da lei é mobilizada contra ele; no entanto, em sua capacidade pública, ele pode ameaçar toda a vida da Nação: ele pode ameaçar os próprios pilares do Estado.

O princípio fascista é a liberdade privada e o serviço público. Isso nos impõe, em nossa vida pública e em nossa atitude para com os outros homens, certa disciplina e certa contenção; mas somente em nossa vida pública; e eu argumentaria veementemente que a única maneira de ter liberdade privada era por meio de uma organização pública que trouxesse alguma ordem ao caos econômico que existe no mundo hoje, e que tal organização pública só pode ser assegurada pelos métodos de autoridade e disciplina inerentes ao fascismo.

Voltando ao aspecto filosófico, contudo, encontramos naturalmente imposta ao fascista por sua filosofia uma certa disciplina em sua vida, um atletismo ordenado, como eu o chamaria, e um senso de confiança na liderança, uma crença na autoridade, que são estranhos a outros movimentos. E aqui somos imediatamente levados à colisão com os princípios fundamentais do Socialismo e do Liberalismo.
O socialismo difere, é claro, nitidamente do liberalismo em sua concepção de organização econômica; ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Mas, em filosofia, creio que há poucos socialistas ou liberais que discordariam de que eles realmente têm uma origem comum, se recuarmos o suficiente na atitude de vida de Voltaire e Rousseau; e, sobretudo, desta última. Agora, posso sugerir a vocês a diferença fundamental que surge aqui entre o liberalismo e o socialismo, por um lado, e o fascismo, por outro? Rousseau, em nossa opinião, cometeu um grande erro ou foi muito mal compreendido. Rousseau disse igualdade. Respondemos: Se você quer dizer igualdade de oportunidades, sim; se quer dizer igualdade entre os homens, não. Isso é um absurdo. Acredito pessoalmente que, se for lido corretamente, Rousseau quis dizer igualdade de oportunidades, que o principal ataque de Rousseau foi direcionado — e corretamente direcionado — ao sistema decadente sob o qual ele viveu. Ele disse, com efeito: "É absurdo que esta nobreza ociosa e decadente da França" (como sem dúvida era na época) "reivindicasse para si privilégios que estão estrangulando a vida da nação. A igualdade de oportunidades é fundamental. Que governem aqueles que são aptos a governar. Que nenhum homem governe porque seu avô provou ser apto a governar." Foi uma revolta contra o privilégio, uma afirmação de que o homem de talento e capacidade deveria ser o homem que conduziria os negócios de uma grande nação. Mas essa doutrina foi adotada por seus discípulos posteriores como significando a igualdade do homem, que todos os homens eram iguais.

Dessa construção surge toda a falácia, como a vemos. É um absurdo manifesto e claro. Um homem, em mente e físico, difere imensamente de outro. Não se trata, como costumam dizer os socialistas, de igualdade moral ou espiritual. Isso é algo totalmente diferente. Moral e espiritualmente, o homem que varre o chão de uma grande empresa pode ser muito superior ao gerente dessa empresa. Mas a questão é: qual homem está apto a fazer qual trabalho? Qual é a função adequada que ele deve desempenhar? Algumas pessoas são boas em uma coisa e outras em outra.
Certamente eliminamos completamente a concepção de classe social do fascismo, porque ela se baseia na hereditariedade; mas afirmamos que certas pessoas são naturalmente aptas a fazer certas coisas, e outras não. E, ao adotar essa base de pensamento, você desafia toda a concepção de democracia.

Você desafia a crença de que todas as questões do mundo, por mais complicadas que sejam, podem ser resolvidas por qualquer pessoa, por mais inexperiente que seja; e, de fato, visto sob essa luz, é absurdo que um técnico em Governo ou em qualquer outra área possa ser instruído por pessoas que se debruçam sobre o assunto por cerca de cinco minutos por ano. Se eu entrasse em uma oficina de engenharia, observasse o engenheiro fazendo seu trabalho e começasse a lhe dizer como fazê-lo, ele me diria — e com razão — que eu era um idiota presunçoso. Da mesma forma, que se espere que um homem que não fez nenhum estudo sobre os problemas do país coloque sua caneca de cerveja no balcão, vá até a cabine de votação e dê instruções detalhadas sobre como seu país será governado durante os próximos quatro anos, parece-nos uma noção absurda. “Todos os homens são iguais e todos os homens são igualmente qualificados para opinar sobre qualquer assunto, desde que se trate de um assunto tão complexo como o governo de um país”: essa é a interpretação dada pela social-democracia aos escritos de Rousseau, e essa concepção é evidentemente absurda. É, no entanto, a base filosófica de todo o sistema democrático. Portanto, desafiamos a concepção básica de que todos os homens são iguais para julgar todos os problemas. Apropriamo-nos da igualdade de oportunidades e nos posicionamos — e devemos nos posicionar — contra a concepção de hereditariedade privilegiada.

Quando um homem se prova, pode ascender às maiores posições do país, e todo o nosso sistema educacional deve ser concebido dessa forma. Mas ele não chegará ao topo só porque seu pai ou avô estiveram lá antes dele. E assim, por um lado, desafiamos o privilégio da Direita e, por outro, desafiamos a doutrina absurda da Esquerda de que todos os homens são iguais por natureza. Agora, você pode dizer, e talvez diga com alguma verdade, que

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

essas doutrinas já foram ouvidas antes, que esta foi a base do bonapartismo, ou para voltar ainda mais atrás à sua origem, foi a base do cesarismo.

É verdade, claro, que o fascismo tem uma relação histórica com o cesarismo, mas o mundo moderno difere profundamente das formas e condições do mundo antigo. A organização moderna é vasta e complexa demais para se basear apenas em um indivíduo, por mais talentoso que seja. O cesarismo moderno, como todas as coisas modernas, é coletivo. A vontade e o talento do indivíduo são substituídos pela vontade e capacidade dos milhares disciplinados que compõem um movimento fascista. Cada camisa-preta é uma célula individual de um cesarismo coletivo. A vontade organizada de massas devotadas, sujeitas a uma disciplina voluntária e inspiradas pelo ideal apaixonado de sobrevivência nacional, substitui a vontade de poder e uma ordem superior do super-homem individual. No entanto, esse cesarismo coletivo, armado com as armas da ciência moderna, mantém a mesma relação histórica que o cesarismo antigo tinha com a reação, por um lado, e com a anarquia, por outro. O cesarismo se opôs ao espartaquismo, por um lado, e ao senado patrício, por outro. Essa posição é tão antiga quanto a história dos últimos dois mil anos. Mas faltavam-lhes, naqueles dias, as oportunidades para conquistas construtivas que estão presentes hoje, e a única lição que podemos derivar das evidências anteriores desta doutrina é simplesmente esta: sempre que o mundo, sob a influência de Espártaco, caminhava para o colapso e o caos completos, eram sempre o que Spengler chamava de "grandes homens de fato" que extraíam o mundo do caos resultante e davam à humanidade, muitas vezes, séculos de paz e de ordem em um novo sistema e uma nova estabilidade. E isso foi feito, e tem sido feito, pelos movimentos fascistas modernos, "reconhecendo certos fatos fundamentais da política e da filosofia". Novamente, temos uma espécie de casamento entre duas doutrinas aparentemente conflitantes. Somos frequentemente acusados de tomar algo da direita e algo da esquerda. Bem, é muito sensato tomar emprestado de outras crenças; descartar o que é ruim e manter o que é bom; e, assim que você se afasta da velha mentalidade parlamentar, é claro que percebe a sabedoria de tal caminho. E o fascismo, é claro, toma algo da direita e algo da esquerda, e a isso acrescenta novos fatos para atender à era moderna.

Nesta nova síntese do fascismo, aproximando-nos um pouco mais da nossa situação imediata, descobrimos que tomamos o grande princípio da estabilidade, apoiado pela autoridade, pela ordem, pela disciplina, que tem sido o atributo da direita, e o casamos com o princípio do progresso, da mudança dinâmica, que tomamos da esquerda. O conservadorismo — para chamá-lo pelo nome pelo qual é conhecido neste país — acredita na estabilidade e a sustenta por sua crença na ordem; mas onde o conservadorismo sempre falhou no mundo moderno é em sua incapacidade de perceber que a estabilidade só pode ser alcançada por meio do progresso: que uma resistência inabalável à mudança precipita a situação revolucionária que o conservadorismo mais teme. Por outro lado, a esquerda sempre falhou em perceber, graças ao seu complexo de Rousseau, que a única maneira de obter progresso é adotar os instrumentos executivos pelos quais a mudança é possível.

Chegamos, portanto, à seguinte conclusão: vocês só poderão ter estabilidade se estiverem preparados para implementar mudanças ordenadas, pois, para permanecerem estáveis, vocês devem se adaptar aos novos fatos da nova era. Por outro lado, vocês só poderão ter o progresso que a esquerda almeja se adotarem os instrumentos executivos do progresso, a saber, autoridade, disciplina e lealdade, que sempre foram considerados como pertencentes apenas à direita. Ao unir esses dois princípios, alcançamos a base da fé e da organização fascistas.

Novamente você dirá: “Isto é mais uma vez cesarismo ou bonapartismo. Deixou de ser uma questão de liderança puramente individual. A maquinaria com a qual estamos lidando é grande demais para que qualquer indivíduo a administre sozinho. Portanto, tornou-se um cesarismo coletivo — o

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

liderança de uma massa organizada e disciplinada, unida em uma disciplina voluntária por ideais de regeneração nacional e mundial que a inspiram apaixonadamente. Mas os princípios básicos permanecem os mesmos; e, portanto, embora o seu movimento fascista possa cumprir o propósito que o cesarismo já cumpriu antes, possa trazer ordem ao caos que o conflito entre Espártaco e a reação evocou, possa por alguns anos ou alguns séculos trazer grande paz ao mundo, ele ainda carrega consigo sua própria decadência e não alcança realmente o que acreditamos ser necessário.

Acredito que a resposta para esse caso, que é o único realmente válido, é que, antes, o fator da ciência moderna sempre esteve ausente. Agora vocês têm um fator completamente novo. Se vocês puderem introduzir em seu sistema de governo uma nova eficiência, e todos admitem que tais movimentos, quando chegam ao poder, são pelo menos eficientes: se vocês puderem trazer ao governo, mesmo que por alguns anos, um poder executivo e uma eficiência que realize as coisas, vocês poderão libertar — e libertarão — o gênio aprisionado da ciência para executar a tarefa que ele tem de executar no mundo moderno. Quaisquer que sejam nossas visões divergentes sobre a estrutura do Estado e da economia, creio que todos devemos concordar que seria possível, por meio de uma organização sã do mundo, com o poder da ciência moderna e da indústria para produzir, resolver de uma vez por todas o problema da pobreza e abolir, de uma vez por todas, a pobreza e os piores atributos da doença e do sofrimento do mundo.

Portanto, se for possível ter uma forma eficiente de governo, vocês têm à disposição, para tal sistema, pela primeira vez na história, um instrumento pelo qual a face da Terra poderá ser transformada para sempre. Uma vez que o essencial tenha sido feito, uma vez que a ciência e a técnica modernas tenham sido liberadas e cumprido sua tarefa, uma vez que vocês tenham mudado seu sistema político e filosófico de uma base transitória e política para uma base permanente e técnica, não haverá mais necessidade da política e das controvérsias que distraem o mundo hoje. O problema da pobreza será resolvido, os principais problemas serão banidos como podem ser, e como todos sabem que podem ser, se a ciência moderna for devidamente mobilizada. Então a humanidade será libertada para as coisas da vida que realmente importam.

Portanto, embora seja talvez verdade que certos desses fenômenos nas recorrências eternas da história já tenham sido vistos no mundo antes, e vistos com grande benefício para a humanidade, nunca antes os grandes movimentos executivos tiveram a oportunidade de completar a tarefa que a ciência e a invenção modernas agora lhes conferem.

Em um momento de grande crise mundial, uma crise que, no final, inevitavelmente se aprofundará, um movimento emerge de um contexto histórico que torna seu surgimento inevitável, carregando certos atributos tradicionais derivados de um passado muito glorioso, mas enfrentando os fatos de hoje armado com os instrumentos que somente esta era jamais conferiu à humanidade. Por meio dessa nova e maravilhosa coincidência de instrumento e evento, os problemas desta era podem ser superados, e o futuro pode ser assegurado em uma estabilidade progressiva. Possivelmente, esta é a última grande onda mundial do imortal, o movimento cesariano eternamente recorrente; mas com o auxílio da ciência e com a inspiração da mente moderna, esta onda levará a humanidade para a outra margem.

Então, finalmente, o "cesarismo", a mais poderosa emanação do espírito humano em alto esforço por conquistas duradouras, terá cumprido sua missão mundial, terá expiado seu sacrifício na luta de todos os tempos e terá cumprido seu destino histórico. Uma humanidade libertada da pobreza e de muitos dos horrores e aflições da doença, para o desfrute de um mundo renascido pela ciência, ainda precisará de um movimento fascista transformado em prol de uma nova e mais nobre ordem da humanidade; mas você não precisará mais dos homens estranhos e perturbadores.
******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

que, em dias de luta e de perigo e em noites de escuridão e de trabalho, forjaram o instrumento de aço pelo qual o mundo passará a coisas mais elevadas.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Alemanha e suas mulheres por Anne Seelig-Thomann

D Durante minha última visita à Inglaterra, muitas mulheres inglesas me perguntaram sobre a posição das mulheres no Terceiro Reich. De acordo com as histórias que ouviram, pareciam pensar que não passávamos de escravas. Na verdade, disseram isso abertamente e acrescentaram que sentiam pena de nós do fundo do coração. Gostaria de lhes contar como nós, mulheres alemãs, nos sentimos em relação ao Novo Reich, e começarei pelas esposas e mães.

Todos sabemos pela história que toda revolução é seguida por novas formas constitucionais e, devido à revolta que produziu essas novas formas, geralmente encontramos mudanças fundamentais também na vida social da população. O novo sistema na Alemanha, o "Nacional-Socialismo", foi uma mudança bem-vinda para milhões de famílias, que haviam sofrido terrivelmente com as consequências da guerra, que tornara a vida um fardo para muitas mães e seus filhos.
A tarefa de Adolf Hitler era ajudá-los e pôr fim à ideia desastrosa de que “é melhor não ter filhos”.

Não devemos esquecer que o egoísmo era a base do antigo sistema antes que o Führer viesse construir o novo Reich. Foi ele quem fez as mulheres alemãs acreditarem mais uma vez que a família é a unidade essencial do Estado, e nela a mãe é o símbolo vivo da sobrevivência nacional por meio da criação de filhos saudáveis. A maternidade e a feminilidade recuperaram seu antigo significado e glória.

SERVIÇO PARA MÃES

Em 1934, a Liga Nacional Socialista de Mulheres reuniu-se pela primeira vez para um trabalho cooperativo sério e fundou o Serviço do Reich para Mães. Este serviço é administrado por todas as filiais da Liga e consiste em cursos especiais de instrução abertos a todas as mulheres, casadas ou solteiras, jovens e idosas. Desde 1934, nada menos que 600.000 mulheres alemãs frequentaram esses cursos e receberam instruções sobre administração doméstica, culinária e costura, bem como sobre os elementos de higiene e enfermagem. Além disso, como nós, alemães, pertencemos a uma nação sem colônias, temos que ter cuidado com todo tipo de matéria-prima, e nesses cursos as mulheres aprendem a transformar coisas aparentemente inúteis em algo útil. Em regra, cada curso abrange dez noites, com um total de vinte e quatro horas de instrução.

O custo desse curso varia entre dois e três marcos no campo e três e cinco marcos na cidade. Aqueles que podem pagar devem pagar integralmente, mas quantias suplementares são pagas pela Seção Feminina da Frente Trabalhista e pela Organização Nacional Socialista de Bem-Estar para aqueles que não podem arcar com esses pagamentos. Muitas vezes, o valor integral é pago pelo empregador para uma jovem que se aposenta em breve para se casar. Existem várias centenas dessas Escolas para Mães estabelecidas permanentemente na Alemanha, encontrando uma vocação para milhares de trabalhadores voluntários como tutores, professores de assistência social, líderes de jovens e assim por diante.
É um trabalho como esse que dá a cada mulher alemã a oportunidade de participar ativamente da vida do Estado Nacional Socialista, pois cada mulher percebe que deve tomar seu lugar lado a lado com os homens, com a mesma responsabilidade pelo futuro da nossa nação.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A MULHER TRABALHADORA

Nada tem sido mais discutido por outras nações do que a posição das mulheres profissionais e trabalhadoras no Terceiro Reich. Os oponentes do Nacional-Socialismo insistem que, a partir do momento em que Adolf Hitler chegasse ao poder, todas as mulheres trabalhadoras seriam removidas à força de suas ocupações e substituídas por homens. Nada poderia, de fato, ser mais contrário à verdade, pois todas as mulheres ativas na indústria e nas profissões liberais estão organizadas na Frente Trabalhista, e aquelas que não estavam empregadas anteriormente, mas desejavam ajudar na construção do Novo Reich, ingressaram voluntariamente na Liga das Mulheres, sob a liderança nacional de Frau Scholz-Klink. Nessas duas organizações, encontramos a dona de casa, a professora, a enfermeira, a parteira, a artista, a médica e todas as mulheres com formação universitária.

Como o ideal do Nacional-Socialismo é preservar a família como unidade essencial do Estado, é verdade que a Frente Trabalhista garantiu a remoção de mulheres do trabalho fabril, inadequado ao físico feminino, substituindo-as por homens desempregados. Essas mulheres, no entanto, encontraram trabalho mais adequado em outros lugares.

As mulheres alemãs ainda são empregadas em todos os ofícios relacionados ao vestuário, e milhões delas são professoras, enfermeiras e empregadas domésticas, enquanto há inúmeras médicas, arquitetas, no palco e no cinema, não apenas como atrizes, mas também como produtoras de destaque, como a famosa Leni Riefenstahl, responsável por toda a fotografia em importantes reuniões do Partido e nos Jogos Olímpicos. Milhões de mulheres também são empregadas na indústria em geral, formando uma seção especial, como eu disse, da Frente Trabalhista. Certamente não se pode dizer que as mulheres alemãs tenham sido forçadas a se aposentar em casa.

SERVIÇO DOMÉSTICO

Mesmo aquelas que, como empregadas domésticas ou donas de casa, estão peculiarmente restritas à esfera doméstica têm recebido atenção especial. Quando Adolf Hitler chegou ao poder, a Liga das Mulheres recebeu a tarefa especial de superar o preconceito universal de que o trabalho doméstico é apenas uma ocupação para as classes mais baixas. Agora, toda menina, rica ou pobre, ao terminar a escola tem que passar por um rigoroso exame sobre tarefas domésticas e, além disso, a maioria das nossas meninas, aos dezoito anos, antes de iniciar sua própria profissão, se voluntaria para o Serviço de Trabalho Feminino, que frequentemente envolve tarefas domésticas para aliviar alguma mãe trabalhadora.

A participação da mulher na nova ordem social não foi planejada com base no antigo slogan dos "Direitos das Mulheres", mas em relação ao serviço que a mulher pode prestar à comunidade como um todo — a nação. Como a influência da mulher sempre foi maior na formação da vida social íntima da nação, não nos preocupamos tanto com onde nosso serviço é prestado, mas sim com como ele é prestado.

A GAROTA ALEMÃ

Já na escola, a menina alemã ingressa no BDM (Bund Deutscher Mädel), a maior organização do gênero no mundo. Filiada ao Movimento da Juventude Hitlerista, a BDM recebe instruções detalhadas sobre treinamento e, especialmente, sobre a inculcação de uma filosofia de vida saudável (Weltanschauung) do Líder Nacional da Juventude, Baldur von Schirach.
Quarenta escolas foram construídas em todo o país com o único propósito de instruir meninas

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

líderes jovens com base nesses princípios.

Como futuras mães, médicas, economistas, professoras, advogadas, etc., todas as meninas alemãs têm a obrigação de usar seus talentos para o melhor propósito nacional, mas devem primeiro obter, como base, uma sólida formação social. Onde isso pode ser obtido melhor do que na camaradagem da organização feminina alemã, a BDM? A primeira necessidade é o treinamento físico e, portanto, cada menina deve passar por um desenvolvimento sistemático de seus padrões físicos de acordo com a idade. Ao mesmo tempo, são ministradas aulas de primeiros socorros e enfermagem. Há acampamentos da BDM, onde as meninas aprendem a ajudar na agricultura, e escolas familiares para treinamento como babás, nutricionistas e outras tarefas domésticas.

Ao saírem da escola, as meninas são incentivadas a passar um ano no "Serviço do Ano da Terra", realizando trabalhos úteis na agricultura. Trata-se de uma organização paralela ao "Serviço do Trabalho" para os jovens, que realiza trabalhos úteis que não competem com as ocupações normais. De fato, trabalhos de grande valor econômico têm sido encontrados na substituição de mulheres incapacitadas por doenças e na concessão de férias adequadas para recuperação. Isso tem sido particularmente vantajoso no caso da mãe sobrecarregada, cujo trabalho doméstico foi assumido por meninas do "Serviço do Trabalho", enquanto seus filhos são cuidados em um "Jardim de Infância" local.

Embora as estatísticas desta gigantesca organização de mulheres da Alemanha sejam impressionantes, o verdadeiro valor reside nos padrões morais criados. A jovem alemã, em seu BDM e no "Serviço do Ano da Terra", adquire não apenas grande experiência, mas também um senso de responsabilidade social, pois recebe palestras e instruções sobre problemas políticos e econômicos exatamente semelhantes às dos jovens em suas organizações. Quem já visitou um Campo de Trabalho Feminino ficou encantado com as meninas fortes e bem-arrumadas, com seus olhos brilhando de saúde e felicidade. Muitos dos meus amigos ingleses me perguntaram aqui: "Como é possível que toda a atmosfera de seus jovens seja tão limpa e radiante de força e vida?"

Como você conseguiu isso?" Só pode haver uma resposta: "O espírito de Adolf Hitler"!

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O que é socialismo?

por Joseph Goebbels

E Uma concepção política moderna muito fundamentada gira, seja reconhecida ou não, em torno do fator central de todo desenvolvimento futuro: o Problema Social.

A angústia social é mais do que uma questão de pão com manteiga. Se não fosse mais do que isso, o marxista estaria certo. O proletário não é internacional por amor à miscigenação internacional, mas pela trágica constatação de que, anteriormente, não havia solução nacional para o seu problema de existência. O egoísmo burguês e a competição judaica trabalharam juntos, consciente e inconscientemente, e produziram aquilo que rouba do povo a própria luz e o sopro da vida — a Guerra de Classes.

A angústia social alimenta a paixão pela Segurança. No fundo do proletariado, adormecido, reside o amor pelo Lar, pelo Solo e pela Pátria, que se expressa tanto em formas boas quanto ruins, sempre pronto para o mais nobre sacrifício. Mesmo sob o marxismo, o proletariado não sente ódio pela Pátria, mas apenas por aquela perversão burguesa da Pátria — o Sistema. Este Sistema criou, de fato, uma condição na qual nacionalismo e capitalismo eram uma e a mesma coisa. A luta contra o internacionalismo jamais pode ser vencida com frases. A angústia social só pode ser resolvida por meio da ação social. O proletariado continuará a pensar internacionalmente enquanto não tiver participação na Nação. Como se pode amar e respeitar algo que não se conhece?

O Problema Social consiste em conscientizar novamente o proletariado urbano internacional de sua relação fundamental com o solo. O homem só pode criar raízes em seu próprio solo.
Ele só se sente ligado àquilo que lhe é próprio. A única luta eficaz contra o bolchevismo é a eliminação do capitalismo.

A falta de instinto político das classes médias demonstra a sua identificação com o capitalismo, com o qual, afinal, tinham pouco a ver. O capitalismo é a distribuição imoral do capital. O capitalismo na economia é a mesma coisa que a democracia na política: a saber, a distribuição imoral do poder dentro do Estado. Ambos os fatores, capitalismo e democracia — sua relação é de filho para pai — são inimigos jurados de uma nova organização social do Estado. Até o presente, contentaram-se em ignorar o problema social e fugiram da questão tanto quanto possível por meio de uma profissão hipócrita de filantropia. Essa é a tragédia do liberalismo — a filantropia: um conglomerado de covardia, sentimentalismo, sadismo e medo burgueses. Toda a história da "melhoria" social se desenrola diante de nossos olhos como um terrível exemplo da incapacidade liberal de lidar com o problema social — muito menos de compreender suas profundezas. O problema social não tem nada, absolutamente nada, a ver com sentimentalismo e "caridade". É um problema de necessidade nacional. Não é o mero fato de milhões de pessoas passarem fome que confere a este problema sua importância política mundial, mas sim o fato de poder causar o colapso da Nação. Só isso dá continuidade às ideias sociais. Sentimentalismo e "caridade" são totalmente instáveis em si mesmos. A necessidade nacional, por si só, cria o fanatismo e o impulso feroz da fé. Assim, o Problema Social está enraizado na estrutura dos futuros desenvolvimentos políticos e confere à juventude novos deveres e novas tarefas.

Desta constatação emerge um conceito verdadeiramente social do Estado, que tem tão pouco a ver com

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Tanto marxista-proletária quanto liberal-democrática. Penso em sentido social quando desejo que as classes oprimidas dos meus compatriotas alcancem seus direitos naturais, como direitos, e não como dádivas mais ou menos voluntárias. Penso em sentido social quando exijo esses direitos não por motivos de medo ou sentimentalismo burguês, mas pela realização da necessidade nacional e da justiça social.

O homem liberal pensa como um burguês; o homem marxista pensa como um proletário; o homem social pensa nacionalmente, em termos de um Estado nacional projetado para cumprir um destino comum. Para ele, pensamento nacional e social significam a mesma coisa: amor à nação; crença em seu futuro; e desejo de liberdade.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Filosofia Mundial e Política Externa por Alfred Rosenberg

EU

Na vida cotidiana, o homem comum raramente percebe que a vida política e social é, em última análise, moldada por motivos filosóficos. A concepção do código moral burguês, a concepção do direito e tudo o mais na vida cotidiana que está conectado a ele são sempre de alguma forma determinados pela atitude interior do homem em relação a eles; mas é somente por ocasião de grandes eventos revolucionários, que afetam a vida de uma nação como um todo, que as pessoas se tornam claramente conscientes desse fato. Pode-se dizer que é isso que está acontecendo hoje em todo o mundo. Não importa qual seja o efeito imediato do conflito de 1914-1918 sobre os eventos políticos das várias nações e estados, há um fato que se imprime em medida cada vez maior em todas as mentes cujos pensamentos não são meramente superficiais: após uma convulsão tão tremenda, os homens não podem simplesmente retornar à sua existência cotidiana anterior como se nada tivesse acontecido. Praticamente todas as nações do mundo foram afetadas pelas grandes lutas da Guerra Mundial, ou pelo menos sofreram em alguma medida com suas consequências. Milhões e milhões de homens enfrentam um destino que os sobrecarregou com aparente rapidez e que deu origem a questões muito diferentes daquelas que importavam há muitas décadas.

Antes de 1914, o mundo vivia em uma atmosfera de otimismo. É verdade que aqueles em posições de responsabilidade nos vários países viam que nuvens se acumulavam repetidamente no horizonte político, mas mesmo entre os estadistas havia muitos que acreditavam que, assim como em ocasiões semelhantes anteriores, o sistema político de compromisso diário seria vitorioso. Economistas calculavam com precisão matemática que qualquer conflito entre grandes nações teria resultados econômicos e sociais tão desastrosos que um colapso da estrutura econômica mundial certamente ocorreria e traria o fim da guerra em poucos meses. Os otimistas intelectuais baseavam suas esperanças na crença de que o "bom senso mundial" prevaleceria e concordavam com os principais economistas ao afirmar que as nações jamais tolerariam a loucura de um mundo

guerra.

Mas, como a própria natureza, a vida dos povos e das raças não progrediu pelo caminho reto da lógica, mas pelos tortuosos atalhos dos sentimentos excitados e das paixões selvagens. Foram esses elementos incalculáveis que finalmente desencadearam a catástrofe mundial. É importante, creio eu, que reconheçamos hoje que o ano de 1914 não marcou apenas o início de uma grande luta militar, mas que naqueles fatais dias de agosto todo o velho mundo começou a ruir. O fato de as nações e seus líderes não terem conseguido impedir a ocorrência de um conflito tão terrível é prova conclusiva de que os conflitos sociais, toda a tendência da economia mundial da época e a estrutura social das nações não eram mais poderosos o suficiente para garantir uma política de paz claramente definida. Pelo contrário, tanta atenção teve que ser dada aos movimentos caóticos de massa das camadas mais baixas, às paixões políticas e aos interesses econômicos, que o leme muitas vezes escapou das mãos dos estadistas e o mundo cambaleou em direção a uma colisão da qual começou a se recuperar somente muitos anos depois, após forças heróicas terem sido gastas e enormes sacrifícios terem sido feitos.

É natural que esta recuperação da mentalidade comum, esta crítica do passado e do presente, se manifestasse primeiro nos países onde a derrota militar e política tornou-se a causa da

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Problemas muito mais evidentes do que nos Estados que, pelo menos por enquanto, podiam viver dos frutos de suas vitórias de guerra. Todos os processos de fermentação, de natureza amplamente diversa, ocorridos na Rússia, Hungria, Alemanha e Turquia, parecem a qualquer observador inteligente da política mundial sinais inequívocos do colapso da velha ordem já mencionada e de um esforço para criar um novo mundo, de uma forma ou de outra. Isso não se deve tanto ao reconhecimento lógico do que é adequado ou não, mas a uma mudança interna de caráter que, voltando-se tanto para o presente quanto para o passado, declarou: "Isso não pode mais continuar".

Essa resolução interna é de suma importância e não pode ser eliminada por nenhum argumento. Essas novas atitudes mentais das nações, sejam elas em uma direção ou outra, são a razão decisiva para a construção ou destruição, conforme o caso. O centro de gravidade do nosso atual movimento na política mundial resulta da justaposição e da força dessas diversas energias mentais.

Nós, nacional-socialistas, vemos em uma atitude mental bem definida aquilo que também chamamos de "filosofia mundial" (Weltanschauung). Esta palavra, cuja tradução precisa para outras línguas é extremamente difícil, significa, em primeiro lugar, exatamente o que afirma: uma maneira particular de ver o mundo, ou seja, uma atitude interior claramente compreensível da alma, da mente e do caráter em relação às coisas externas. Uma atitude que decide sobre "sim" ou "não", que, se for a voz de milhões, molda o modo de vida, a estrutura do Estado, os deveres e privilégios de uma raça ou de um povo. Esta atitude é, portanto, o fator fundamental e decisivo essencial. Se ela permeia todas as várias esferas da vida, então podemos falar de uma nação unida e uniforme; então podemos dizer que Estado, povo e "filosofia mundial" se fundiram em uma só coisa. É claro que isso acontece apenas em ocasiões muito raras. A maioria das nações, sob a influência de características raciais e eventos políticos, é afetada por correntes divergentes nas várias esferas da vida, que frequentemente dão origem aos conflitos mais sérios dentro da nação.

"Filosofia Mundial", portanto, não é equivalente a Religião, mas pode incluir esta última. Uma "filosofia mundial" pode adquirir um caráter especial pela religião ou por uma ciência; pode ser moldada pelas qualidades artísticas ou culturais de uma nação. Se a "filosofia mundial" de um povo for realmente profunda e genuína, ela incluirá e caracterizará tudo. Por outro lado, é ampla o suficiente para incluir os temperamentos mentais e espirituais mais diversos.

A atitude de várias nações e de pessoas eminentes em relação a questões relacionadas à filosofia mundial, sejam elas de natureza religiosa, científica ou cultural, tem sido um fator importante na determinação não apenas da vida intelectual, mas também política das nações ao longo de todos os séculos passados, e sou da opinião de que a questão do efeito que a filosofia mundial teve na política externa durante as grandes épocas da história é um dos problemas mais interessantes da história mundial. Duvido, de fato, que essa questão tenha sido até agora objeto de estudo suficientemente aprofundado, embora deva interessar não apenas ao pesquisador acadêmico, mas também a todo estadista.

Posso citar alguns exemplos para demonstrar quão decisivamente uma decisão política "filosofia mundial" pode afetar o desenvolvimento da história por séculos e milênios?

Quando a religião cristã se espalhou do Mediterrâneo para o continente europeu e uma tribo germânica após a outra se tornou cristã, descobriu-se que quase todas elas não aceitaram o dogma católico romano, mas se tornaram arianas, ou seja, seguidoras de Ário, cuja concepção da pessoa e da posição divina do fundador do cristianismo diferia materialmente daquela da Igreja Católica Romana. Apenas uma tribo importante se tornou católica romana, devido à sua

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

conveniência do líder, ou seja, os francônios. Esses francônios, no entanto, eram também a tribo mais forte do ponto de vista militar e não haviam se afastado muito de sua terra natal, como os alemães orientais, e, portanto, a velha Roma estava associada a uma força de vontade jovem e firme que, a partir de então, se voltou para o Oriente. Essa força de vontade foi vitoriosa tanto no plano militar quanto filosófico mundial. Ário de Alexandria (falecido em 336 d.C.) ensinava que Cristo não era Deus, mas criado por ele. Sua doutrina foi banida pelo Concílio de Niceia e, assim, a Europa não se tornou ariana, como parecia provável a princípio, mas católica romana. Temos aqui, então, a vitória de uma ideia sobre a outra, acompanhada de consequências incomensuráveis do ponto de vista da história mundial. Se as outras tribos, arianas, tivessem vencido os francônios, a Europa teria assumido um aspecto espiritual completamente diferente e todo o movimento protestante que se materializou posteriormente não teria surgido; pelo menos não da mesma forma.

Um segundo exemplo que demonstra como uma "filosofia mundial" baseada na religião impôs sua vontade a nações inteiras é fornecido pelo islamismo. Essa crença uniu inúmeras tribos beduínas que, fortes em sua fé, conquistaram todo o norte da África e invadiram o sul da Europa. Embora repelida pelos europeus que lutaram por sua independência, a religião maometana imprimiu sua marca em uma parte considerável da Terra habitada: de Gibraltar, passando pela África, Palestina e assim por diante, até a Índia. Movimentos políticos e disputas acirradas, que perduram até os dias atuais, mostram como uma determinada "filosofia mundial" atua como uma força motriz contínua, compelindo todas as nações sob seu domínio a propagar e defender sua "filosofia mundial" particular, seu modo de vida, sua concepção de governo, sua cultura.

Após a Igreja Universal ter permanecido vitoriosa por muitos séculos, revoltas violentas contra ela eclodiram em muitas partes da Europa. Estas provocaram protestos populares que abalaram o mundo e se basearam em uma ideologia comum. Durante séculos, a luta dos vários povos protestantes contra a Igreja Universal e suas representações militares grassou por toda a Europa. Mas, em meio a essa luta, a mentalidade coletiva europeia tomou uma direção inteiramente nova, de uma forma muito característica: de uma luta essencialmente religiosa ou dogmática, a controvérsia tornou-se nacional. A proteção de uma estrutura nacional deslocará os valores éticos, mesmo que seus representantes sejam da mais alta ordem. Talvez o melhor exemplo dessa virada para uma nova era seja o caso do Cardeal Richelieu. Ele se via como o principal ministro de Luís XIII e o sucessor de Luís XI, na execução do plano de unificação nacional que este havia concebido; por outro lado, ele foi bispo e, posteriormente, cardeal da Igreja Romana. Na Corte de Paris, a influência católica romana prevalecia e era representada principalmente pelo partido espanhol. A política de Roma, sem dúvida, favorecia a Espanha e os Habsburgos, e a conclusão da vitória hispano-Habsburgo sobre a França certamente teria resultado em uma supremacia puramente católica na Europa por muito tempo. Mas Richelieu, embora exigisse liberdade para a Igreja Romana em todos os seus pactos com seus aliados protestantes, transferiu seu apoio para o outro lado e fez o máximo para mobilizar o mundo contra os Habsburgos e quebrar o poder da Espanha, neutralizando ao mesmo tempo o poder temporal do Papa. Contra todos os amigos papais na corte francesa, ele promulgou todas as medidas para consolidar a supremacia da França; a fim de assegurar sua independência, aniquilou os protestantes em seu próprio país, mas formou alianças com Gustavo Adolfo e com Bernardo, Duque de Weimar. Ele até ordenou que os canhões franceses atirassem contra os soldados papais. Acredito que esses tiros, disparados contra o exército romano por ordem de um cardeal romano, simbolizam a mudança da Europa para uma nova atitude que, desde então, nunca deixou de estar presente na vida do nosso continente.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

No século XIX, essa atitude sofreu uma mudança em direção a uma nova forma de nacionalismo europeu. Em todo o mundo, a ideia nacional era o pensamento libertador da vida. Prova disso é encontrada em muitos escritos da época e nas figuras de Washington, Bolívar e Garibaldi. Ao mesmo tempo, porém, a ciência e o comércio assumiram uma importância cada vez maior, e a frase de Walter Rathenau: "O destino é decidido pela economia" tornou-se o "Leitmotiv" da elaboração da maioria dos problemas sociais. Outro fator importante foi o número populacional dos vários estados, que os levou a buscar mercados para produtos e fornecimento de matérias-primas em qualquer lugar do mundo. Essa atitude foi patrocinada e propagada principalmente por um povo espalhado por todo o globo. Defendia-se que uma "República Mundial" deveria ser almejada e que os sistemas econômicos nacionais anteriormente existentes deveriam ser substituídos por um chamado sistema econômico mundial, de preferência sob um controle central.

É verdade que na virada do século havia alguns estados nacionais de caráter político-militar, mas, considerado do ponto de vista econômico, existia uma confusão quase sem esperança de muitos grupos econômicos diferentes, fundos comerciais e industriais e bancos internacionais, que se opunham uns aos outros e cujo sucesso ou fracasso certamente afetaria tantas pessoas que a política nacional foi forçada a se subordinar a esses interesses privados e reconhecê-los, em grande parte, como de importância nacional.

Como protesto contra os efeitos sociais deste sistema puramente econômico em todos os sentidos, milhões de pessoas se levantaram e ouviram as doutrinas que pregavam a liberdade social por meio de um movimento que abrangia todas as nações, ou seja, a Internacional Marxista-Comunista. Todas essas correntes e tendências, continuamente complexas e intensificadas por novas questões paralelas, provocaram uma obstrução no final do século XIX, e pode-se afirmar com segurança que Friedrich Nietzsche foi o sismógrafo mais sensível desses tremores que abalaram o mundo inteiro. Ele não se entregou a uma filosofia sentimental, mas experimentou um pressentimento dos eventos que viriam, que afetariam centenas de milhões de pessoas.

A percepção de que o tecido social entraria em colapso rumo ao niilismo sob o impacto de forças cívicas e marxistas, e ao mesmo tempo a esperança de que dessa catástrofe surgiria uma raça forte, caracterizam seus aforismos e todos os seus escritos. Ao mesmo tempo, homens como Paul de Lagarde e Richard Wagner sentiam que o mundo estava chegando ao fim e que um novo mundo estava para nascer. Na Rússia, Dostoiévski pintou em tons sombrios o fim da Rússia. E enquanto o sentimento de extrema insegurança se tornava universal, essas ideias, sem qualquer forma, encontraram aceitação nas capitais de todas as nações. A Rússia caiu, e aquelas tendências que Dostoiévski previu em "Os Irmãos Karamazov" e "Os Demônios" chegaram ao poder. O comunismo venceu na Rússia todas as teorias sociais, não por meio de uma organização proletária de massas nas cidades, mas pelo fato de uma vontade já quebrada ter sido influenciada por um caráter não europeu de força de vontade.

Se examinarmos essas diversas filosofias mundiais, que muitas vezes parecem se opor em antagonismo mortal, descobriremos que todas têm uma característica em comum. Todas surgem de uma doutrina bem definida, seja esta de natureza religiosa, científica ou ético-social. Sobre essas doutrinas ou confissões de fé, elas constroem um programa, reúnem todos os que acreditam nesse programa e se esforçam, com todas as forças políticas e militares à sua disposição, para executar esse programa doutrinário.

Falando genericamente e politicamente, essa atitude está relacionada ao que pode ser chamado de “universalidade”. Essa universalidade existe, não importa se um indivíduo é nomeado mestre supremo de quem um movimento mundial recebe suas leis, ou se ele é fundado em princípios abstratos.
******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

sociedade ou em qualquer teoria particular. De fato, os últimos quinze séculos de história europeia mostram que todas as nações se movem em algum lugar dentro de uma "filosofia mundial" universalmente concebida e que todas as grandes lutas entre nações seguiram seu curso dentro de uma doutrina que tinha um caráter universal. Essa doutrina era caracterizada pela universalidade religiosa na "filosofia mundial" católica romana; e a mesma característica existia no dogma protestante, embora de forma diferente e apesar dos resultados individualistas; no sistema do liberalismo encontramos uma universalidade ético-social, tal como foi pregada durante a Revolução Francesa; e foi uma universalidade niilista que caracterizou o desdobramento do movimento marxista, o comunismo mundial, que não mais reconhecia nacionalidades e estados, mas apenas uma União de Repúblicas Socialistas Soviéticas, à qual, a qualquer momento, outras Repúblicas Soviéticas seriam adicionadas.

A mudança decisiva e radical da filosofia mundial, como a vemos hoje, consiste em nossa firme convicção de que a luta que se aproxima não terá mais o mesmo caráter de antes e que as lutas nacionais não serão travadas dentro de nenhuma "filosofia mundial" de tipo universalista, mas sim dentro de uma "filosofia mundial" nacionalista. Em outras palavras: as tendências que antes eram puramente estatais se ampliam e são consideradas de um ângulo filosófico mundial, desenvolvendo-se em um fator decisivo na regulação da vida em seu conceito mais amplo. No início de nossa era atual, o governo de uma igreja universal era o mais alto elemento religioso e político. Quando ocorreu a primeira revolta, duas confissões religiosas se opuseram. Em um estágio posterior dessa luta, esses fatores principais foram transferidos da arena religiosa para a arena político-estatal, que inicialmente assumiu a forma de uma monarquia e, finalmente, a de uma ideia republicana.

No final do século XIX e início do século XX, constatamos que a ideia de classe ocupava o primeiro lugar na mente de milhões de pessoas. E cada um desses diferentes fatores formava o princípio político fundamental de um dos vários partidos, particularmente na Alemanha. O principal fator da Idade Média era representado pelo Partido de Centro; a ideia dinástica, pelos antigos grupos conservadores; a ideia econômica, amalgamada à ideia republicana, pelo partido democrático; e a ideia de classe, pelos grupos marxistas. Em oposição a todos esses grupos existentes na Alemanha, o Movimento Nacional-Socialista proclamou um novo, porém antigo, fator principal, a saber: o ideal de honra nacional.

Todas as lutas dos últimos quatorze anos, até 1933, foram travadas sob esta bandeira. Se, no entanto, ela assumiu uma força mística, isso só foi possível porque uma grande nação, consciente de sua honra, sofreu um colapso, após o qual restava apenas uma decisão a ser tomada. Ou os antigos grupos políticos tinham que ser tolerados ainda mais como representantes das filosofias do velho mundo, ou uma nova filosofia política baseada em novos princípios tinha que ser criada como fundamento da vida do povo alemão. Não preciso salientar que a ideia de Honra Nacional não é uma ideia nova que surgiu repentinamente; na verdade, desde que o povo alemão existiu, toda a sua arte e literatura giraram em torno dela. A "Epopeia de Hildebrand", a "Canção dos Nibelungos" e a "Saga de Gudrun" provam isso, assim como toda a música heroica alemã. Além disso, essa ideia estava na raiz dos códigos jurídicos das antigas "Leis Saxônicas" alemãs e do "Direito Cívico" (Stadterecht), que para muitos povos se tornaram a base de muitos fatores que, em última análise, produziram a unificação. Tampouco é necessário enfatizar que o que estou dizendo aqui não pretende ser uma referência ou uma crítica a outras nações.

O meu único objectivo é explicar o que aconteceu aqui na Alemanha e mostrar que não estamos a lidar, neste caso, com uma entre muitas revoluções, mas sim com a revolução decisiva na
A história alemã tinha começado: uma revolução que não começou de repente, mas cujos princípios

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

pode ser encontrada nas Guerras Camponesas Alemãs, nas leis das antigas “Cidades Livres”, em Frederico, o Grande, nos Líderes das Guerras de Libertação Alemãs de 1813 e nos grandes pensadores da virada do século XVIII para o XIX.

E permitam-me declarar aqui que este fervoroso nacionalismo alemão não constitui, de fato, uma ameaça ao nacionalismo legítimo de outros povos, mas que, ao contrário, é precisamente este nacionalismo alemão que, por sua superioridade espiritual sobre todas as outras questões, pode, sozinho, garantir o justo equilíbrio pelo qual o mundo inteiro anseia. O Estado autoritário, hoje baseado no Movimento Nacional-Socialista, está em condições de eliminar uma propaganda cultural injustificável entre pessoas de outras raças, bem como uma expansão econômica desregrada que, de outra forma, poderia muito bem levar a nação alemã de conflitos econômicos a conflitos políticos com outras nações.

O nacionalismo alemão, uma "filosofia mundial" baseada em raça e solo, não é um dogma relacionado à universalidade; nem suas premissas nem suas conclusões incluem a presunção de que deva influenciar outras nações e raças, portanto diferentes. Por outro lado, acreditamos que nossa filosofia constitui também um retorno a uma admiração reverente pela Natureza e suas leis. A "filosofia mundial" nacional-socialista, portanto, significa para nós um afastamento deliberado daquelas formas de vida nacional que não dão a devida importância às características dos vários povos e raças; um descarte daquelas doutrinas científico-culturais que pretendem se aplicar a todas as nações igualmente; e, finalmente, a vemos como uma tentativa de alcançar uma consciência mais elevada e, ao mesmo tempo, mais profunda de nossas próprias forças motrizes nessas mesmas esferas. Nossa nova "filosofia mundial", longe de desprezar os outros, é um elemento essencial para instaurar um respeito recíproco genuíno entre nações e culturas.

Por esta razão, por exemplo, o Movimento Nacional Socialista tem o maior respeito por uma constituição racial e estatal inteiramente diferente, ambas com suas próprias características peculiares. Nas duas grandes nações do Extremo Oriente, vemos estruturas que foram construídas sobre seus próprios alicerces. Para nós, o Japão, cuja história remonta a milhares de anos, é admirável em sua expressão religiosa, em sua subordinação à autoridade estatal e em sua devoção aos interesses nacionais. A nação chinesa também se desenvolveu a partir de uma forma de "filosofia mundial", a economia e a ética social, que, embora pareça fragmentada hoje, ainda pode reviver. E observaremos essa tentativa de reorganização com o mesmo interesse e respeito que dedicamos a todas as nobres ambições de outras nações.

É típico que a era de expansão praticamente descontrolada de muitas nações em todo o globo tenha levado a um conflito e à compreensão de que, após esse período de expansão econômica, se instalou um período de contração. Nisso, cada nação encontrará sua verdadeira forma. Que essa luta existe em todas as nações, sem exceção, é demonstrado por violentos confrontos de natureza social ou filosófica mundial em todo o mundo. Eles comprovam a existência de uma falta de fé quase universal e mostram que as ações das nações não são governadas, em última análise, por uma ideia bem definida, mas que vários sistemas diferentes lutam pela supremacia sem chegar a uma decisão duradoura.

Se interpretarmos corretamente os sinais e símbolos da política contemporânea, parece que a luta mental de todas as nações se concentra no desejo de substituir todos os sistemas que estão travando uma guerra indecisa por um desses sistemas em particular, ou por um sistema inteiramente novo que supere todos eles.

A Alemanha pode muito bem fornecer um exemplo nesta luta mundial - e não necessariamente um

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

exemplo exemplar — para fortalecer a possibilidade de que um desenvolvimento dito "destinado" não esteja de forma alguma fadado a terminar no comunismo, mas que uma determinação nascida de um caráter forte pode superar o modo de pensar obsoleto que não está mais em consonância com as condições atuais. O plebiscito livre e secreto no Sarre mostrou ao mundo inteiro quão profundamente a nova concepção de vida permeou toda a nação alemã, apesar de todas as correntes opostas, que foram autorizadas a exercer sua influência sem qualquer impedimento. Nós mesmos, pelo menos, estamos convencidos de que o sistema alemão, ao impedir que quaisquer interesses políticos ou econômicos privados ganhem poder, é o único capaz de definir para o Reich alemão aquelas limitações que são essenciais aos interesses vitais não apenas da Alemanha, mas também de outros Estados.

Isso torna possível, pela primeira vez em muitos anos, diferenciar entre interesses privados, por mais fortes que sejam, e os interesses vitais da nação como um todo. Ao mesmo tempo, porém, temos a possibilidade de uma política externa estável, que concebemos ser de tal natureza que as forças motrizes naturais ligadas à vida das várias nações não possam mais ser direcionadas arbitrariamente umas contra as outras, mas se oponham tanto aos interesses das nações individuais quanto aos de uma colaboração orgânica de todas as nações. Nesse complexo de grandes potências, será então possível que nações numericamente menores não sejam mais instrumentos de egoísmo mesquinho, mas unidades dotadas de direitos iguais nas atividades orgânicas entre as grandes potências. Permitam-me acrescentar que, ao falar de "pequenas nações", refiro-me apenas à sua área e população e não desejo minimizar de forma alguma sua importância intelectual e cultural.

Assim, a “filosofia mundial” nacional-socialista e o renascimento do ideal nacional dão origem a uma nova concepção de Estado e economia nacional; um novo controle estatal bem regulado do indivíduo, o único que pode produzir liberdade real, em claro contraste com o mau uso por indivíduos que, na ausência de controle, afetou muitas esferas da vida, envenenou e corrompeu os sentimentos e pensamentos de nações inteiras, em desvantagem não dos corruptores, mas das nações.

O estabelecimento de um acordo entre as diversas formas de vida, acordos entre um Estado autoritário que regula todos os ramos da atividade nacional e outros Estados, e entre os grupos ("komplexe") de Estados assim formados e outras unidades determinadas por fatores políticos, raciais e geográficos — em contraste com os elementos aleatórios que caracterizaram o século XIX — tudo isso constitui a mudança decisiva da nossa era atual. E o Nacional-Socialismo está preparado para servir a esses propósitos no interesse de todas as nações. Assim, constatamos que a nova "filosofia-mundo" exerce uma influência decisiva e modeladora sobre o pensamento político e, em última análise, sobre a atividade econômica e política externa.

Acreditamos que as considerações apresentadas neste breve resumo merecem um estudo mais aprofundado sob o ângulo de suas possíveis aplicações e efeitos práticos; tendo em mente as palavras de um alemão que lutou pela liberdade há um século: “Respeite a pátria dos outros, mas ame a sua”.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Fascismo, Mulheres e Democracia por Norah Elam

A experiência mostra que, hoje em dia, em todos os países, a democracia pode desenvolver livremente sua natureza; a corrupção mais escandalosa se manifesta sem que ninguém a considere útil para ocultar suas · · maldades. A democracia é a terra da fartura sonhada por financistas inescrupulosos.

- Georges Sorel, *Reflexões sobre a Violência.*

TÓ um verdadeiro cínico que viveu a luta pelo voto feminino de 1906 a 1914, nenhum espetáculo é mais divertido do que o entusiasta do pós-guerra cuja única obsessão parece ser o suposto perigo para as mulheres emancipadas em uma Grã-Bretanha fascista.

Essa solicitude insuspeita encontra seus defensores mais insistentes em lugares improváveis, e aqueles que eram tão ferrenhos contra a luta pré-guerra hoje deram uma reviravolta completa. Nossos novos patronos são inigualáveis em sua determinação de que nada seja negado às mulheres em princípio, mesmo que na prática lhes seja negada a maioria das coisas essenciais à sua existência.

Para a mulher que participou daquela luta histórica e, considerando o voto apenas como um símbolo, acreditava que com sua ajuda um mundo novo e melhor seria possível, esse tipo de patrocínio é tão desagradável quanto o de uma geração atrás. Ela pensa, e com alguma justificativa, que é uma farsa que aqueles que, em todos aqueles anos extenuantes, nunca levantaram a mão para ajudá-la, mas, pelo contrário, costumavam descrevê-la como uma virago assexuada ou uma solteirona decepcionada, na hora do sucesso se esforçassem para explorar seu sexo em benefício de um sistema reacionário e decadente. Tal descaramento só é possível porque aqueles que recorrem a ele compreenderam completamente e ainda compreendem mal o significado daquela luta e interpretaram a demanda por liberdade política como um desejo de licença pessoal.

Chegou o momento em que os princípios que fundamentam essa manifestação notável e determinada por mudanças ordenadas, não apenas na posição das mulheres, mas na atitude aceita em relação a elas, devem ser reafirmados.

O que, então, estava por trás da comoção apaixonada que moveu os corações de milhares de mulheres e guiou suas mentes naqueles anos tempestuosos? Não era, como muitos imaginavam, o desejo ignóbil de interesse próprio individual, nem uma luta em nome das mulheres apenas por seu próprio sexo. Pelo contrário, desde os líderes até os mais humildes da base, era a crença fundamental de que, em um mundo povoado por homens e mulheres e sob um sistema político que controlava os destinos de ambos os sexos, o país que excluísse de seus conselhos a influência, o ponto de vista e os talentos de mais da metade de sua população estaria, nessa medida, prejudicado na elaboração do melhor sistema de governo. Se os homens foram vítimas de condições econômicas caóticas, as mulheres sofreram com eles. Se as condições sociais sob as quais os homens arrastavam uma existência quase sem esperança eram intoleráveis, o eram igualmente para suas mulheres.

Observando as grandes cidades de sua terra, de norte a sul e de leste a oeste, eles viam condições de moradia que homens e mulheres concordavam ser uma vergonha para a civilização moderna; observando o mercado de trabalho, contemplavam com apreensão o espectro da insegurança que assombra o assalariado e que é inerente ao antigo sistema. No campo político, notavam:

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

que, tanto na política interna quanto na externa, os assuntos estavam sendo conduzidos de tal maneira que aterrorizavam qualquer pessoa que se importasse profundamente com a Grã-Bretanha ou percebesse a decadência que já havia começado a se deteriorar em todos os setores do Estado. Eles se levantaram para exigir que as mulheres fossem chamadas em igualdade de condições com os homens, para ajudar antes que fosse tarde demais.

Esta revolta foi, em suma, um desafio aos velhos antagonismos e um apelo à cooperação no corpo corporativo do Estado.

Nessa concepção de cidadania prática, a luta das mulheres assemelha-se intimamente à nova filosofia do fascismo. De fato, o fascismo é a concepção lógica, ainda que muito mais grandiosa, das questões importantes levantadas pelas mulheres militantes de uma geração atrás. E os pontos de semelhança não param por aí. O movimento feminista, assim como o movimento fascista, era conduzido sob rigorosa disciplina e transcendia todas as alianças partidárias; seus apoiadores eram oriundos de todas as classes e partidos. Apelava às mulheres para que esquecessem o interesse próprio; renunciassem a mesquinhas vantagens pessoais e ao privilégio de poucos protegidos em benefício de muitos; e se unissem contra os erros e injustiças inerentes a um sistema tão desastroso para o bem-estar da raça. Assim como o movimento fascista, também escolheu seu líder e, uma vez escolhido, concedeu a esse líder autoridade absoluta para dirigir sua política e seu destino, demonstrando uma lealdade e uma devoção nunca superadas na história deste país. Além disso, como o movimento fascista, enfrentou a brutalidade das ruas; as vaias de seus oponentes; as incompreensões dos bem-intencionados; e o rancor dos políticos. Suportava o ódio do governo vigente e, finalmente, a solidão da cela da prisão e o horror da alimentação forçada. Seus oradores, que se postavam em espaços abertos e nas esquinas, tinham o direito de liberdade de expressão negado; seus defensores da venda de sua literatura eram cuspidos e insultados; suas delegações eram maltratadas. As sufragistas tornaram-se o esporte de qualquer arruaceiro que se importasse em fazer justiça com as próprias mãos. Para tornar a analogia mais exata, nenhuma calúnia era vil demais e nenhuma calúnia vil demais para atentar contra o caráter moral de seus líderes, ou os objetivos e objetivos das mulheres que lhes deviam lealdade.

Assim, aconteceu que as mulheres unidas em tal associação não tinham ilusões sobre os lemas políticos e partidários, e quando as palavras sagradas "Democracia" e "Liberdade Individual" eram lugar-comum nos lábios de seus detratores, elas se lembraram de que essas coisas eram feitas sob uma Administração Liberal e pelos campeões de um Partido que fizera do sistema democrático o ápice de sua sabedoria política. Que sob ele, elas eram classificadas como criminosas, lunáticas e crianças. Elas argumentavam, com alguma coerência, que, se isso fosse democracia, então as mulheres tinham pouco a esperar dela.

A experiência deles como foras da lei do sistema democrático não era nada comparada à que enfrentaram quando se viram cidadãos honrados sob sua duvidosa proteção.
Eles haviam conquistado, é verdade, o direito à liberdade individual por um breve período, uma vez a cada cinco anos, mas quando colocaram aquela cruz fatal na cédula de votação e fecharam a porta da cabine de votação atrás de si, a partir daquele momento se viram completamente desamparados diante da máquina democrática.

Embora nos digam que foi por isso que lutamos, uma breve reflexão mostrará que isso foi considerado apenas um símbolo. As mulheres nunca cometeram o erro fatal de imaginar que, por votarem, os homens eram necessariamente livres. É característico da mulher pouco inteligente hoje supor que uma mulher é livre porque também vota, ou que a democracia pode oferecer algo além da exploração cuidadosa e organizada de homens e mulheres que a toleram.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Com o voto limitado no final da Guerra, as mulheres também tiveram o direito de ingressar no Parlamento, e a eleição no final do outono de 1918 lhes deu sua primeira oportunidade. O sistema partidário já começava a mostrar os primeiros sinais de decadência e, pela inexorável lei da justiça retributiva, o Partido que dera origem à democracia na Grã-Bretanha estava em plena retirada diante de sua prole ingrata. No entanto, as mulheres, no primeiro momento de seu triunfo, recorreram aos partidos então existentes, seja como eleitoras ou como candidatas em potencial.

Minha própria desconfiança na política partidária me fez hesitar em seguir nessa direção, e preferi me candidatar como independente, concorrendo com todas as outras candidatas da ocasião, exceto uma. A exceção foi a Condessa Markievicz, do Sinn Féin, que, embora inimiga notória e declarada da Grã-Bretanha, achou perfeitamente simples, sob o sistema democrático, garantir a eleição para o Parlamento do país que ela abertamente se gabava de destruir, desintegrar e desacreditar. Ela foi, se bem me lembro, eleita sem oposição. O exemplo seguinte não foi mais encorajador, pois a primeira mulher a ser eleita por um distrito eleitoral inglês foi uma cidadã americana de origem que não tinha credenciais para representar as mulheres britânicas em seu próprio Parlamento, exceto por ter se casado com um súdito britânico que se viu forçado a ir para a Câmara Alta após a morte de seu pai. Os detratores do Movimento Feminista apontaram com uma satisfação mal disfarçada para esse desfecho e se esforçaram para apresentar essa senhora como um lamentável espécime de irresponsabilidade feminina. Não precisavam ter sido tão pessoais, pois ela não era nem melhor nem pior do que qualquer outra mulher eleita para a Câmara dos Comuns britânica, como resultado de anos de esforço e luta das mulheres militantes. É um fato lamentável, embora não menos verdadeiro, que a subsequente eleição de mulheres do Partido para Westminster não fez a mínima diferença para os homens ou para as mulheres, e embora muitas mulheres capazes tenham se juntado às fileiras de nossos representantes eleitos, sua influência foi totalmente insignificante nos destinos da Grã-Bretanha ou de seu Império. Elas, como seus colegas homens, são meras engrenagens nas engrenagens do Partido do sistema democrático, marchando para os lobbies ao som do chicote do Partido, impotentes diante do rolo compressor da máquina oficial que avança, esmagando toda iniciativa e independência diante dela, e reduzindo cada pessoa que lhe deve lealdade a uma mera cifra para a execução de suas políticas e medidas. E se isso é verdade para o Parlamento — e quem pode negar? — é ainda mais verdadeiro para a eleitora. Ela também está presa nesse sistema inexorável, uma verdadeira escrava da organização do seu Partido.

Para aqueles que contestam isso, a pergunta deve ser feita: que poder tem a mulher deputada ou a mulher eleitora, sob o sistema atual, para alterar qualquer política de qualquer governo já eleito? O admirador mais entusiasmado do sistema atual alega que as mulheres, independentemente do partido a que pertençam, estão satisfeitas com a situação atual deste país? Estão elas dispostas a ver as condições econômicas, pelas quais os números de emprego atingiram o incrível total de dois a três milhões, permanecerem inalteradas? Contentam-se com o espetáculo daquelas áreas abandonadas que inspiram desespero no coração de cada pessoa viva? São elas indiferentes à decadência dos distritos agrícolas e à situação difícil da indústria agrícola e despreocupadas com as péssimas condições de moradia que todos os partidos deploram?

Voltando-nos para o vasto campo da política imperial e estrangeira, pode-se afirmar que a maioria das mulheres britânicas deseja ver a desintegração do Império, ou a orientação da atual política externa do suposto Governo Nacional, por meio da qual pactos e compromissos estão sendo feitos em seu nome e em segredo com os inimigos declarados deste país, enquanto, ao mesmo tempo, estamos sendo deixadas indefesas, não apenas para os propósitos de nossa própria defesa imediata, mas caso surja a necessidade de honrar esses compromissos? Sabemos realmente a que estamos sendo submetidas?

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

comprometidos; o que essa política de segurança coletiva envolve, ou qual é o poder sinistro que a dita? "A democracia é a terra da abundância sonhada por financiadores inescrupulosos", diz Georges Sorel. As mulheres emancipadas têm algum poder para controlar uma política interna ou externa ditada com o propósito de tornar esse sonho uma realidade viva? Lembremo-nos de que, quando chegar a hora de pagar a conta, seremos levadas como ovelhas ao matadouro, impotentes diante dos resultados dessas políticas. Qual o valor da chamada liberdade se ela não nos dá o poder de alterar essas questões importantes?

Se é verdade que a eleitora média não deseja nenhuma dessas coisas, por que, se ela é livre sob o sistema democrático, as permite? Se ela possui essa liberdade, não seria dupla e triplamente culpada por sofrê-las por mais uma hora? Este é o teste de sua reivindicação a um papel responsável no governo de seu país. Se ela conquistou o poder e a liberdade necessários sob o sistema vigente, a acusação de que ela é incapaz de desempenhar um papel de cidadã nos assuntos de seu país, e de fato é inapta para a responsabilidade, está comprovada à risca.

Nenhuma dessas coisas é verdade. A verdade será encontrada no fato de que não há liberdade nem para homens nem para mulheres sob o atual sistema antiquado. O que acorrenta homens e mulheres é que o sistema partidário está em decadência, e isso é ainda mais perceptível desde a concessão do sufrágio adulto sob uma democracia desenfreada. Em todo o mundo, a mesma decadência se instalou; pela marcha inevitável do tempo e das circunstâncias, a mudança de um mundo de pobreza para um mundo de abundância ilimitada torna o planejamento ordenado não apenas necessário, mas vital para a existência. Sob essas mudanças, os métodos do velho mundo tornam-se obsoletos e devem dar lugar ao novo. Se as mulheres quiserem ser dignas de seu lugar nos conselhos da nação, elas devem encarar como realistas as novas condições mundiais que se formam ao seu redor. Cedo ou tarde, elas devem escolher. A decisão é importante, pois dela dependerá o status das mulheres por um período considerável de tempo. Portanto, não é uma questão fácil que elas pesem bem na balança a história do mundo.

Há dois caminhos abertos à mulher. O primeiro é que ela deve lutar contra o sistema decadente do velho mundo, contentando-se em ser a serva dos políticos profissionais dos vários partidos aos quais se filia. Disso, pode-se dizer que ela o submeteu a um longo e fiel teste, e que, se sob ele pudesse ter realizado qualquer mudança prática na direção da liberdade social, política ou econômica, lamentavelmente fracassou. Ela deve agora considerar se a culpa reside em si mesma ou no sistema ao qual ainda se apega. Nesse contexto, ela notará que os próprios partidos separados estão gradualmente desaparecendo. O Partido Liberal passou para o crepúsculo do passado; o Partido Conservador está em rápida desintegração, e sabemos, pela garantia de seu próprio líder, que não há esperança de que ele recupere sua independência. O mesmo destino aguarda o Partido Socialista, visto que ele também deve trilhar o mesmo caminho que sugou os outros dois partidos para as areias movediças da social-democracia.

Ela deve, portanto, procurar um sistema melhor, mais de acordo com as condições modernas.
O que tomará o lugar do edifício cambaleante do passado?

Todo estudante de política percebe que a questão agora está entre o fascismo e o comunismo.
No que diz respeito às mulheres britânicas, o comunismo tem pouco apelo. Para não ir mais longe, é a filosofia da destruição e a negação dos instintos naturais da feminilidade. É a antítese de todos os princípios e práticas que as mulheres valorizam e exigem.

O fascismo parece ser a única solução. Ele contém todos os princípios particularmente adequados e adaptáveis ao gênio do caráter britânico. Oferece verdadeira liberdade e autonomia a todos os homens e

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Mulheres de boa vontade para com este país. Para que não haja mal-entendidos, definiremos esses termos, tão frequentemente usados de forma imprecisa, em palavras com as quais nenhum democrata discordará, pois foram tiradas daquele apóstolo da democracia pura, John Stuart Mill.

"O único fim", escreveu ele, "pelo qual a humanidade está autorizada, individual ou coletivamente, a interferir na liberdade de ação de qualquer um de seus membros é a autoproteção. O único propósito pelo qual o poder pode ser legitimamente exercido sobre qualquer membro de uma comunidade civilizada contra sua vontade é evitar danos a outros."

Esta é precisamente a concepção fascista de liberdade individual, e é obviamente uma concepção que, no que diz respeito às mulheres, lhes dá todas as oportunidades que elas possam legitimamente exigir em seu futuro status como cidadãs. Em nenhum outro sistema esses princípios estão incorporados. Além disso, na máquina do Estado Corporativo, o Fascismo assegura às mulheres um status igual ao de seus homens, pois contém em si o único meio pelo qual elas serão capazes de dirigir e controlar as condições sob as quais viverão; assim, somente o Fascismo completará o trabalho iniciado em seu nome pelas mulheres militantes de 1906 a 1914. Além disso, as resgatará da atmosfera viciada de corrupção inerente ao sistema partidário e, pela primeira vez, dará a oportunidade, por meio da máquina de suas próprias Corporações especiais, de abordar com alguma esperança de sucesso aquelas grandes questões que tão intimamente dizem respeito às suas vidas e às de seus filhos.

No campo económico garantirá a segurança com salário igual para trabalho igual, esse osso eterno de discórdia que separou os sexos com resultados tão terríveis para a indústria.

Na esfera social, remove todas as barreiras de classe, enquanto na política, dá justiça e igualdade pela primeira vez na história da luta das mulheres.

E o mais importante de tudo é que o fascismo vem para afastar para sempre o espectro assustador da guerra, removendo as causas fundamentais que existem e têm sua essência no internacionalismo, um instrumento forjado com o propósito de permitir que "financiadores inescrupulosos" tirem vantagem daquela "terra de abundância" chamada "democracia" com a qual eles sonham.

Para que tudo isso seja possível, o fascismo exigirá que as mulheres, em igualdade de condições com os homens, ofereçam uma cooperação disciplinada na construção de um Estado ordenado, e o fascismo atribuirá, com razão, a todos os cidadãos do Estado a responsabilidade e o dever de trabalhar em harmonia, não no interesse de qualquer setor ou classe, mas em benefício de todo o seu povo. Exortará as mulheres, assim como os homens, a subordinar todos os privilégios individuais egoístas, para que os menos afortunados possam, sob sua proteção, estar a salvo da exploração.

Isto é fascismo. Todo o resto é miragem. Pode-se dizer que as mulheres britânicas não podem estar à altura desta grande ocasião na história do seu país? Aqueles que as convidam a rejeitar esta oportunidade são inimigos não apenas das mulheres, mas de todo o progresso e da civilização. As mulheres que suportaram a provação da grande luta dos dias pré-guerra, pelo menos ganharam o direito de desafiar o povo que mais uma vez as escravizaria na sujeição do passado e as acorrentaria dentro de um sistema que lhes nega toda a oportunidade de desempenhar um papel honroso na necessária reorganização do seu país. As mulheres britânicas nunca falharam ou vacilaram quando a Grã-Bretanha precisou delas. Elas também, com os homens da sua geração, erguerão a bandeira do fascismo britânico e, erguendo-a bem acima da turbulência e das disputas sórdidas do sistema partidário, apressarão o dia que verá a sua nação renascer. Naquela hora triunfante, eles terão verdadeiramente conquistado o orgulhoso direito de prestar homenagem a uma Grã-Bretanha regenerada e de descansar finalmente na Paz, Segurança e Prosperidade de seu Povo Soberano.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Acres Preciosos

por Jorian Jenks

TAqueles que podem estar tentados a presumir que, como a Grã-Bretanha não tem uma política fundiária, não têm problemas de terra farão bem em considerar cuidadosamente esses fatos inquietantes.

Com exceção da Bélgica e da Holanda, a Grã-Bretanha é o país mais densamente povoado do mundo; e como a proporção de terras naturalmente inférteis (por exemplo, montanhas) é muito maior nessas ilhas do que nos Países Baixos, parece indiscutível que temos menos terras produtoras de alimentos per capita do que qualquer outro país.

A Grã-Bretanha é o único país civilizado do mundo sem uma política consolidada de conservação, recuperação e melhoramento de terras. Nenhum governo tomou qualquer medida para conter a perda anual de terras agrícolas, que agora chega a mais de 2 milhões de acres, ou 7% do total, desde o fim da Primeira Guerra Mundial.

A Grã-Bretanha é única na alta proporção de seu povo que está separado de todo contato com seu solo nativo e na alta proporção de alimentos velhos e conservados na dieta nacional.
Os cientistas estão começando a descobrir os resultados dessa artificialidade em termos de desnutrição, distúrbios nervosos e agitação social.

Um observador estrangeiro poderia ser perdoado por concluir que estamos tentando, à nossa perversa maneira britânica, nos tornar objeto de um experimento altamente perigoso, a saber, descobrir se a vida nacional pode ou não ser mantida de forma saudável em uma comunidade totalmente urbanizada e virtualmente parasitária, dependente, para as próprias necessidades da vida, dos esforços e da boa vontade de outras nações. Ele poderia ainda presumir que uma situação tão precária nos foi imposta pela inclemência do nosso clima ou pela pobreza do nosso solo. E sua atitude em relação a nós seria de piedade, e não de admiração.

Como é doloroso, então, ter que confessar que esta situação alarmante surge de uma causa, e apenas uma causa, a saber, a negligência insensível e persistente dos primeiros princípios. Que não haja enganos quanto a isso. O nosso clima não é inclemente; pelo contrário, é um dos mais equilibrados do mundo. O nosso solo não é pobre; pelo contrário, é, em média, um dos mais produtivos do mundo. Mas temos, para os nossos pecados, um sistema político que se recusa a olhar além da próxima eleição, que é atacado por todos os interesses pessoais com interesses em jogo e por todos os economistas equivocados com uma reputação acadêmica a manter.

É o erro mais profundo presumir que é nosso destino natural sermos fabricantes, transportadores e banqueiros para o resto do mundo e que tal situação implica um tributo constante de matérias-primas e alimentos. Por um breve período, certamente, essa hipótese foi tornada palpável pelo fato de que uma série de coincidências afortunadas nos deu uma vantagem considerável sobre outras nações no desenvolvimento daqueles serviços pelos quais o mundo estava, naquela época, disposto a pagar quase qualquer preço. Mas o advento rápido e quase universal do nacionalismo industrial e financeiro varreu nosso monopólio temporário e tornou a hipótese não apenas insustentável, mas positivamente perigosa. Quanto mais nos apegamos a ela, menos capazes somos de enfrentar os fatos da vida moderna. Cada gesto em direção à irrevogável "recuperação do comércio internacional" adia o inevitável dia do acerto de contas, quando devemos nos levantar e fazer um balanço de nossas próprias

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

recursos.

Por ser a principal fonte de necessidades vitais, seu desenvolvimento cuidadoso e esclarecido é um pré-requisito para a prosperidade nacional. Por ser um patrimônio nacional, tanto cultural quanto material, sua preservação é um dever nacional solene.

Vale lembrar que, até tempos relativamente modernos, esses fatos eram geralmente reconhecidos, embora nem sempre corretamente interpretados. A propriedade da terra conferia não apenas grandes privilégios, mas também grandes responsabilidades, tanto sociais quanto pecuniárias. As classes dominantes eram formadas quase exclusivamente por famílias proprietárias de terras. A agricultura era reconhecida como a grande indústria básica, e seu bem-estar era uma questão de importância nacional.

Somente quando uma aristocracia rural empobrecida foi suplantada pela plutocracia emergente e, em grande parte, estrangeira, que surgiu das finanças caóticas do período napoleônico, a atitude nacional em relação à terra sofreu uma grave deterioração. E somente quando o capitalismo de exportação vitoriano começou a extrair suas enormes receitas de importação é que a agricultura britânica deixou de acompanhar o desenvolvimento das manufaturas britânicas. Mas, uma vez estabelecida a doutrina de que os lucros do capital organizado são a medida da prosperidade nacional, a agricultura desorganizada pôde recorrer em vão a Westminster em busca de assistência ou liderança.

E assim, hoje, um estudo do interior da Grã-Bretanha é quase um estudo de uma civilização extinta. Caminhos profundos que não carregam rodas há uma geração, sebes extensas que não veem ferro há uma década, antigas marcas de arados ainda visíveis em pastagens densamente cobertas de grama, celeiros e casas em todos os estágios de decadência, igrejas construídas para congregações cinco vezes maiores que as paróquias atuais, moinhos de água silenciosos e mansões em ruínas: tudo fala de uma população rural perdida, antes ativamente engajada na mais viril de todas as tarefas.

É verdade, claro, que as terras de melhor qualidade ainda são cultivadas, e muitas vezes bem cultivadas, embora o número daqueles com interesse direto nelas diminua a cada ano. E aqui e ali encontramos aventureiros corajosos apostando tudo em porcos ou aves, frutas ou leite. Mas sobre grande parte do campo paira a praga dos métodos precários, nascidos da falta de confiança e expressos em pastagens negligenciadas, subpovoadas por gado indefinido. A atmosfera é tão apática que até mesmo as incursões perdulárias e desagradáveis do construtor especulativo são aceitas com quase nenhum resquício do ressentimento que tal profanação teria despertado algumas gerações atrás.

É importante compreender a extensão dos danos causados a um patrimônio nacional insubstituível. Teoricamente, a terra é indestrutível, a menos, é claro, que seja levada pelo mar, um processo que, aliás, pode ser observado em diversos pontos do nosso litoral. Mas várias coisas podem acontecer com ela que a tornarão virtualmente inútil do ponto de vista da produção de alimentos, e esse é o ponto de vista mais vital para a nação.

Em primeiro lugar, as terras cultivadas, sejam elas aráveis ou pastagens, podem rapidamente cair em um estado de abandono, produzindo apenas uma colheita escassa para gado e ovelhas, e mesmo estas ficam escassas se os coelhos chegarem primeiro. O aumento sinistro na área recuperada como "pastagens irregulares" durante um período em que a área cultivada vem diminuindo constantemente demonstra claramente o que vem acontecendo. A maior parte de nossas pastagens irregulares são, naturalmente, topos de montanhas e charnecas. Mas todo o aumento recente, e muito mais além, consiste em terras melhoráveis de um tipo que seria cultivado em qualquer outro país europeu ou mesmo em nossos próprios Domínios, mas que não podem ser cultivadas aqui diante da persistente negligência oficial.

Políticos do tipo Inskip gostam de nos fazer acreditar que esta terra abandonada pode ser trazida para ******ebook converter DEMO Watermarks*******

Machine Translated by Google

Produção em caso de emergência. Aparentemente, as experiências decepcionantes da última guerra não lhes ensinaram que a terra não pode ser subitamente acelerada para a produtividade, estimulando-a com alguns tratores e mão de obra não qualificada. A recuperação de terras é um trabalho altamente qualificado, que exige alguns anos de trabalho paciente antes que os resultados possam ser alcançados. Pode ser incorporada de forma muito útil a uma política agrícola de longo prazo; mas, como meio de produzir alimentos em caso de emergência, é praticamente inútil.

Em segundo lugar, as operações de construção, sejam residenciais ou industriais, consomem uma grande quantidade de terra todos os anos e esterilizam completamente a quantidade que realmente utilizam. Desde 1929, somente a Inglaterra e o País de Gales perderam 421.000 acres de terras agrícolas, dos quais apenas 159.000 acres reapareceram como pastagens improdutivas; quase todos os 262.000 acres restantes passaram para as garras do construtor, grande parte delas terras aráveis planas e férteis em alto estado de cultivo.

Deve-se lembrar que a perda de terras agrícolas não se limita à área efetivamente ocupada por fábricas, casas e jardins. Estradas e áreas de lazer devem ser providenciadas, e sempre há, especialmente em áreas recém-desenvolvidas, grandes blocos de terrenos baldios. Além disso, terras agrícolas na periferia de uma área construída ou terras agrícolas que foram polvilhadas, à moda moderna, com moradias isoladas, sofrem consideravelmente. Pardais e ratos chegam aos milhares; portões e cercas são quebrados; cães vadios atacam o gado e pequenos danos aumentam enormemente. Com o advento do transporte rodoviário barato e o consequente impulso para o desenvolvimento suburbano, a área assim afetada, embora ainda devolvida como terra agrícola, deve somar centenas de milhares de acres.

É impossível escapar à conclusão de que a Grã-Bretanha está desperdiçando seu patrimônio nacional em um momento em que o curso dos eventos mundiais torna vital a conservação de cada acre. Aqueles que consideram esta afirmação alarmista são aconselhados a estudar atentamente a obra recente do Professor RG Stapledon, " *The Land; Now and To-morrow" (A Terra; Agora e Amanhã).* A autoridade considera que "nossos acres agrícolas estão diminuindo rapidamente, e inevitavelmente diminuirão, e, a menos que seja tomada alguma decisão quanto à área mínima que deve ser mantida a todo custo para a produção de alimentos e que sejam tomadas as medidas adequadas, não mais do que duzentos anos depois, as terras agrícolas da Inglaterra poderão ser reduzidas à metade".

Duzentos anos podem parecer muito tempo, mas haverá alguém ousado o suficiente para sugerir que nossos filhos, muito menos nossos netos, poderão obter suprimentos ilimitados de alimentos das Américas e das Antípodas? Queremos entrar para a história como a geração que dissipou o patrimônio nacional e deixou nossos descendentes enfrentando o problema elementar da fome? O capitalismo exportador vitoriano nos legou as Áreas Aflitas; seremos nós responsáveis por um novo conjunto de Áreas Devastadas?

Uma análise mais aprofundada dos aspectos nutricionais e econômicos do nosso problema fundiário nos levaria a uma discussão mais aprofundada sobre as muitas funções da agricultura como parte integrante da vida nacional. É necessário, portanto, fazer uma pausa para discutir o aspecto cultural igualmente importante.

Este aspecto, é verdade, já vem recebendo alguma atenção de forma espasmódica e unilateral no movimento de planejamento urbano. Mas o próprio nome deste movimento revela suas limitações. Uma comunidade que foi encorajada a esquecer a importância de sua agricultura e a considerar os suprimentos de alimentos importados como um fenômeno natural passou a considerar o campo como um mero complemento das cidades, uma espécie de parque público glorificado. Há, de fato, um grande perigo de que a Inglaterra rural se torne um "espaço aberto" sem personalidade, da mesma forma que uma enorme parcela dos Home Counties se tornou um subúrbio-jardim sem características.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O desejo inato de um povo urbanizado de escapar da atmosfera barulhenta e contaminada de suas cidades só pode evocar simpatia. Que essas pessoas passem alegremente metade do domingo inalando fumaça de gasolina em uma rua principal congestionada para poderem passar a outra metade ao ar livre é pateticamente significativo. É uma pena que tantos deles pareçam incapazes de colher os frutos de seu empreendimento sem estragá-lo.

Pois o campo não pode cumprir sua função cultural a menos que lhe seja permitido preservar seu próprio caráter, e esse caráter é inseparável de sua função material ou agrícola. A cidade não pode escapar da cidade, se levar a cidade consigo, assim como o intelectual não pode dar férias à sua mente, se levar seus argumentos consigo em suas caminhadas pelo campo. A visão de uma vila suburbanizada por aqueles que vieram "viver no campo" é tão patética quanto a visão de um bando de intelectuais caminhando em plena ebulição de conversas, enquanto ao redor deles há dez mil atividades mais interessantes e importantes do que as suas. Como disse um fazendeiro há pouco tempo: "Não me importo tanto com eles andando pelos meus campos. Não me importo tanto com eles exercitando seus cães tolos às minhas custas. Nem me importo com eles escalando portões que uma criança poderia abrir. Mas quando penso que eles caminharam mais de três quilômetros de boas terras agrícolas sem nem uma vez pensaram em olhar o que estava acontecendo, sinto que minha cortesia foi desperdiçada."

O que podemos chamar de atitude de "parque público" encontra expressões mais sérias do que a indiferença às atividades rurais. Assim como o ouriço acha que não há mal nenhum em atirar pedras nos patos quando o tratador não está olhando, existem milhares de adultos instruídos que não veem mal algum em pequenas invasões quando há pouca ou nenhuma chance de serem detectados. E o efeito cumulativo das pequenas invasões está criando uma situação desagradável em distritos favorecidos por fugitivos urbanos.

Na Alemanha, árvores frutíferas são plantadas em sebes à beira das estradas e a terra é cultivada até a borda do metal. Na Inglaterra, tal procedimento é totalmente impossível, pois as árvores seriam arrancadas por grupos de saqueadores organizados e as plantações pisoteadas na largura de uma corrente. O britânico não é necessariamente menos honesto ou mais destrutivo do que o alemão; ele simplesmente foi desruralizado a tal ponto que seu senso de valores e seu código de conduta moral cessam com o último poste de luz. Pessoas que ficariam chocadas com a ideia de roubar um lápis de um centavo do balcão de uma loja não verão nada de imoral em romper meia dúzia de sebes para roubar cogumelos.

O campo tem tanta riqueza real a oferecer aos seus visitantes que a maneira óbvia de superar as tendências deploráveis atuais é mostrar às pessoas onde reside essa riqueza. Mesmo agora, há muitos que podem apreciar, e apreciam, o bálsamo curativo da solidão, o conforto espiritual da paz e da segurança, o interesse absorvente dos campos e bosques em constante mudança; mas são muito poucos.
Ninguém irá voluntariamente prejudicar ou desfigurar aquilo em que sente um profundo interesse pessoal, e o primeiro passo para a preservação do campo é um esforço nacional em direção ao desenvolvimento do que o Professor Stapledon chama de "mentalidade rural".

Um governo fascista naturalmente terá que enfrentar o problema da terra em sua totalidade, pois a terra é uma das bases sobre as quais se constrói sua concepção de nação viva. De fato, sua política declarada de desenvolvimento agrícola criará um problema urgente ao estimular a atividade especulativa no mercado imobiliário, e essa atividade terá que ser severamente combatida antes que a política agrícola possa ser plenamente desenvolvida.

A atitude fascista em relação à terra pode ser resumida em poucas frases.

A terra não deve mais ser considerada uma mercadoria especulativa. Seu valor deve ser avaliado de forma justa, e todo o incremento deve ser compartilhado por aqueles que ajudaram a criá-la, incluindo os

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Estado.

A utilização do solo deve ser objeto de um planejamento nacional cuidadoso e de longo prazo. Na medida do possível, a atividade de construção deve ser limitada a áreas de baixo valor agrícola.

A propriedade da terra deve ser tão amplamente difundida quanto possível, tendo como objetivo um grande número de pequenas propriedades familiares seguras. No entanto, isso também implicará responsabilidades, e aqueles que abusam de suas terras serão considerados inimigos sociais.

O acesso público à terra deve ser melhorado por meio da ampliação e melhor definição de trilhas, áreas de acampamento e pontos de parada na beira da estrada. Ao mesmo tempo, a lei de invasão de propriedade deve ser revista e a comunidade rural deve receber maior proteção contra interferências e danos. Eventualmente, pode ser necessário criar um corpo de guardas.

É preciso travar guerra contra pragas como coelhos, gralhas e pombos; e embora não haja discriminação contra esportes de campo, esses esportes não devem interferir em atividades agrícolas ou recreativas.

O público deve ser educado para respeitar e apreciar o campo e para ter um interesse inteligente em suas atividades.

Não somos, como raça, muito dados a sentimentalismos em relação à terra. Usamos a palavra "Pátria" raramente, e "Pátria" nunca. Um século de liberalismo *laissez-faire* e conservadorismo financeiro gerou uma atitude comercial míope em relação ao nosso solo.

No entanto, a Grã-Bretanha dos nossos sonhos, a personificação física do nosso espírito nacional, não é uma Grã-Bretanha de ruas e fábricas, nem mesmo de parques e prédios públicos, mas uma Grã-Bretanha de vales sorridentes e planaltos ondulados, de campos cultivados e casas aconchegantes. Uma cidade é uma cidade em todo o mundo; e as cidades do mundo tendem anualmente à padronização. Mas a Grã-Bretanha rural é peculiarmente nossa, inseparável do nosso caráter nacional. Devemos preservá-la zelosamente, não na atmosfera museológica de uma Stratford-upon-Avon, mas no vigor natural da produtividade.

Poucos de nós estamos a mais do que algumas gerações de distância do solo. Uma pequena reeducação pela imprensa e pelo rádio nos tornaria compatriotas novamente, pelo menos em nossos momentos de lazer: não a educação do mestre-escola profissional, cuja "agricultura" consiste em ciências elementares úteis, mas um tanto monótonas, mas a educação que nos enviaria para as estradas e trilhas com olhos abertos e mentes inquisitivas. Uma introdução à história e à vida cotidiana do campo não apenas encorajaria o cidadão a apreciar os problemas da agricultura, mas também investiria em seus passeios rurais um interesse absorvente. A mentalidade rural inteligente poderia ser o melhor antídoto possível para o estresse da vida urbana, pois a Mãe Terra pode proporcionar conforto tanto para a alma quanto para o corpo.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Berchtesgaden de Hitler, um idílio da Nova Alemanha por Joan Morgan

E Mesmo que você conheça bem a Baviera, e mesmo que tenha em mente que os Wittelbach, com toda a Baviera, e o Führer, com toda a Alemanha à sua escolha, escolheram Berchtesgaden para suas casas de veraneio, nada o prepara para este lugar que se esforça para ser, ao mesmo tempo, o coração da antiga Baviera e a alma da nova Alemanha. Tudo o que você sonhou com a Baviera em seu momento mais fantástico e o Nacional-Socialismo em seu auge está contido nesta cidade mercantil cercada por montanhas, que ostenta aproximadamente a mesma população do mais novo bloco de apartamentos de Londres.

Depois que o trem sai de Bad Reichenhall, ele se aprofunda cada vez mais nas montanhas até que você sinta que elas o envolverão completamente enquanto serpenteia pelo vale profundo que é uma cunha da Alemanha empurrada para dentro da Áustria. (É possível, e bastante emocionante, caminhar até a Áustria em qualquer uma das três direções.)

A primeira impressão é de movimento. Todos, a partir dos dois anos de idade, estão em alerta, numa espécie de expectativa. Se isso se deve à altitude, ao bom humor bávaro ou ao fato de que o Führer pode passar a qualquer momento, nunca descobri; o fato é que o ar vibra de vitalidade.

Aqui, neste adorável cenário de comédia musical, o Nacional-Socialismo parece muito divertido. Exceto em reuniões ocasionais, que são simples e estranhamente inspiradoras, você não está tão ciente da profunda seriedade mística de tudo isso; da imensidão da tarefa realizada e da tarefa à frente.

Você sente que a SS, com seu uniforme atraente, contato com o Führer e uma vida saudável em um ambiente agradável, é uma ocupação muito agradável, e a SS é de fato uma organização esplêndida, aberta a todas as idades e classes, com base no patriotismo.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar na Alemanha, você vê como todos, desde o membro mais velho da SS até a criança mais nova que vende distintivos de Ajuda de Inverno, têm um interesse no país; ninguém sofre com a agonia devastadora de se sentir indesejado. Cada conquista é uma conquista deles; cada revés, um fracasso. Você percebe como o Nacional-Socialismo, ao restaurar a esperança e revitalizar a fé no futuro do seu país, deu ao povo algo pelo qual viver.

A vida secular do lugar continua como sempre, somada ao nacional-socialismo; e, portanto, a vida em Berchtesgaden é um espetáculo sem fim. Quando a cortina se fecha para um ato, surge outro. Ouve-se um zumbido monótono passando pela janela: cem camponesas em trajes nacionais, com os casaquinhos de malha preto-verde-vermelho que chamam de Berchtesgaden. Com elas está um padre, e elas se movem lentamente, cantando, com os olhos baixos. Mais tarde, ouve-se as vozes estridentes das jovens BDM (garotas hitleristas) marchando em seus curtos casacos marrons, ou de uma tropa da Juventude Hitlerista, rapazes enormes e viris carregando bandeiras. Há sempre uma canção de marcha no ar.

Quando tudo mais falha, eles fazem um treinamento de incêndio. Cem bombeiros (ou um para cada trinta habitantes) de túnica, capacete e macacão se apresentam ousadamente em frente à sua janela. Domingo, no entanto, é o dia. Na Markt Platz, que é o ápice da cidade, os camponeses se reúnem; os homens, competindo entre si na imensidão dos arbustos, com seus chapéus verdes, de um lado da fonte. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

com seu leão bávaro, do outro, as mulheres com chapéus pretos e achatados, empoleiradas em suas coroas de tranças. Às dez, eles se retiram para tomar cerveja e comer salsichas na sopa em Neuhaus (aquela irmãzinha da Hofbrauhaus), com sua cervejaria sob os castanheiros, onde arejam suas camas na cerca do Castelo de Wittelsbach, sua *bierstube* com sua incomparável gemütlichkeit, onde líderes partidários convivem lado a lado com guias; centro vital de uma cidade vital.

O Grand Hotel, grandioso o suficiente para qualquer um. O Kurhaus com sua excelente orquestra e músicos visitantes de Munique. O Teatro Camponês, com sua sagacidade crua e música atraente. Há as casas de dança; o Hofschaffer com sua atmosfera intimista, seu salão de lenços de bolso lotado além dos sonhos de um *maître de hotel londrino,* e o Kur Café, onde os imensos e elegantes rapazes da Guarda-costas da SS dançam no que antes era uma vila real da Casa da Baviera. Há os artistas, Fritz Richter com suas xilogravuras estranhamente inspiradas, e um dos pintores de paisagens de primeira classe da moderna escola alpina.

Para começar, a casa do Führer, no topo do mundo, com uma parede de vidro que dá para uma procissão de montanhas, está situada num local tão íngreme que parece inclinar-se para trás. A casa domina o vale como o Führer domina a cidade.

Há o Königsee, o mais belo de todos os lagos alpinos, de um verde profundo cercado por montanhas escarpadas. Há o Zauberwald, uma floresta mágica, onde o riacho do Hintersee corre por entre rochas verdejantes e macias.

Há a mina de sal onde (nesta terra de uniformes) você se veste com uma túnica preta e uma calça branca plus size (o que não é nem de longe tão *chique* e elegante quanto parece) e desce de trenó até um lago subterrâneo com um colar de luzes e uma suástica na extremidade oposta. Há também a Schloss Platz com seu memorial de guerra.

Há os prados alpinos com a sucessão de esquemas de cores da natureza, rosa em uma semana, azul e amarelo na outra, que levariam à inveja os floristas de Londres, Paris e Nova York.

Há as florestas, uniformes, marchando retas e fortes até a linha da neve. As montanhas; o encantador Watzmann, o segundo mais alto da Alemanha; o árido Goll e o acidentado e lendário Untersberg. Para os corajosos, há o buraco de gelo iluminado, a seis mil pés de altura dentro de Untersberg, e também há o Almbach Klamm, um desfiladeiro estrondoso e deslumbrante, onde você parece descer muito mais do que subir, que só termina quando você perde as esperanças e se enquadra na categoria "Experiência Emocional" e não "Paisagem".

Em Berchtesgadener Land, eles saúdam você igualmente com "Grass Gott" e "Heil Hitler!" Não é de se admirar. Saudações a Deus por ter criado algo tão adorável e Salve Hitler por tê-lo guardado para as pessoas que o amam mais do que a vida.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Uma Federação Mundial Nórdica

por Vidkun Quisling

LÍDER DA SAMLING NASJONAL NORUEGUESA

UM Um velho mundo cai, um novo nasce. Simultaneamente ao nosso terceiro comício anual em Stavanger, no ano passado, o sétimo Congresso Mundial da Internacional Comunista foi inaugurado no antigo "clube dos nobres" em Moscou, após um período de transição de sete anos desde o último congresso mundial em 1928.

O congresso durou de 25 de julho a 21 de agosto. Seu objetivo principal era revisar o que a conspiração marxista internacional judaica havia realizado durante aqueles sete anos dentro e fora da Rússia Soviética com relação à execução do programa de Stalin para a bolchevização do mundo, que havia sido objeto de discussão no congresso mundial anterior.

Em segundo lugar, confirmou a tática de seu programa para destruir as forças da resistência nacional e acender o fogo da revolução comunista mundial. Ênfase foi dada especialmente à tática da chamada frente única e popular, que vimos se desenvolver na França, Espanha, Bélgica e outros lugares. Também a conhecemos bem aqui na Noruega, no chamado "acordo de crise" com o partido dos agricultores e nas novas táticas de camuflagem do Partido Trabalhista, por meio da adoção de um disfarce burguês e nacional. Outra questão que afeta diretamente nosso país, a saber, a participação da Rússia Soviética na Liga das Nações, também é um sintoma das mesmas táticas de frente popular que há muito foram incorporadas ao programa do Komintem.

Este ano, enquanto nós da Nasjonal Samling nos reunimos para o nosso comício anual, vemos o convocação de outro congresso mundial.

Desta vez, os acionistas da empresa falida da Liga das Nações estão realizando sua Assembleia Geral Extraordinária para discutir a liquidação do empreendimento ou sua possível reconstrução no outono, quando a assembleia realiza sua reunião anual habitual.

Menciono esses eventos, que ocorreram simultaneamente aos nossos dois últimos comícios nacionais, não apenas por sua grande importância, mas porque ilustram de forma muito marcante a situação política externa que enfrentamos hoje.

De um lado, temos um bolchevismo mundial incansavelmente ativo, que, de um ponto de vista histórico, é simplesmente um sintoma alarmante do fim do velho mundo e um esforço persistente de poderes sinistros para forçar a evolução mundial em seu próprio caminho de destruição, isto é, em direção a uma república materialista universal sob a ditadura judaica.

Do outro lado, encontramos as tentativas inúteis do velho mundo de resolver as demandas imperativas dos dias atuais, as demandas por paz e cooperação entre as nações. Todo o processo é frustrado pelo choque de interesses individuais, assim como a colaboração nacional interna que a situação exige está sendo destruída pela guerra de classes e conflitos partidários egoístas. Esse processo de desintegração é acompanhado por inquietação e crises, guerras e conflitos civis.
As potências internacionalistas intervêm e toda a preocupação recai gradualmente no marxismo e na destruição, da mesma forma que o estado liberal-burguês está sendo gradualmente consumido, por ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O marxismo, como vemos tão claramente em nosso próprio país. Em meio a tudo isso, a sempre jovem raça humana está dando novos brotos; movimentos nacionais de renascimento e unificação anunciam uma nova era, trazendo um novo Estado e uma nova ordem mundial. A nova ordem também está em andamento neste país.

SANÇÕES E O COLAPSO DA LIGA

Outro fato significativo é que o colapso daquela instituição capitalista parlamentar burguesa, a Liga das Nações, não se deve meramente à sua própria insolvência e às atividades subterrâneas do marxismo ou aos erros fundamentais e formais na organização da Liga.

Foi destruída pela Itália fascista, uma das representantes das comunidades organizadas da nova era. Apesar dos cinquenta Estados sancionadores e da oposição de todo o mundo democrático e marxista, e da opinião mundial mobilizada contra o fascismo e a Itália, a unidade nacional provou ser a força mais poderosa.

Sem se identificarem de forma alguma com o fascismo italiano ou com os interesses italianos, os líderes do Nasjonal Samling, desde o início, assumiram uma posição clara e definida em relação ao conflito etíope. Eles se posicionaram a favor da neutralidade da Noruega e contra sua participação nas chamadas sanções.

Nisso, fomos influenciados unicamente pela consideração dos interesses do nosso país. Acredito, porém, que a opinião pública aqui, como em muitos outros lugares, foi vítima de propaganda que, na realidade, servia a interesses bem diferentes dos elevados ideais que pretendia incutir.

Nosso movimento, no entanto, não tomou partido. Exigimos a neutralidade da Noruega e demonstramos a hipocrisia e a falta de propósito de todo o jogo sancionador. Podemos dizer hoje que avaliamos a situação corretamente.

Do ponto de vista militar, estávamos certos. Apesar da opinião geral, valorizamos corretamente a importância dos materiais de guerra modernos, bem como o poder de resistência da Etiópia e da Inglaterra, e não menos importante, a imensa força moral e material criada em um povo organizado para um esforço unido com base histórica e nacional.

Politicamente, também julgamos corretamente. A inutilidade e os graves erros de cálculo da política sancionista são agora evidentes. Vejam o trágico fracasso da poderosa Inglaterra devido à sua política míope da Liga; é a maior derrota moral e prática que o Império Britânico sofreu desde que perdeu a América.

A Rússia Soviética, o novo e notável membro da Liga das Nações, viu na política de sanções uma possibilidade de provocar uma briga primeiro com Mussolini e depois com Hitler, mas quando seus cálculos começaram a falhar, os astutos judeus bolcheviques retiraram-se silenciosamente para segundo plano e, saindo impunes, deixaram o governo britânico carregar a culpa e sofrer a desgraça.

POLÍTICA NACIONALISTA E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, a Noruega teve que enfrentar fatos reais e concretos em política externa, o que torna muito difícil levar adiante a política paroquial de sempre.

Neste contexto, gostaria de enfatizar um fato que é tristemente subestimado neste país:

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

ou seja, que a vida das pessoas é dominada pela política externa e não pela política interna.
Além da própria "vontade de viver" de uma nação, suas condições internas e sua estrutura são dominadas pelas condições internacionais de economia e poder. Essas condições são criadas pelas necessidades primitivas e peremptórias dos povos e Estados, por sua luta pela existência e por espaço para viver. Mas a influência de um Estado na política externa sempre corresponde ao grau de desenvolvimento de sua força interna.

Assim, a necessidade de autossustentação em caso de guerra e, acima de tudo, a reestruturação da economia mundial simplesmente forçam as comunidades a se organizarem economicamente como Estados Operários Nacionais. As condições alteradas em todo o mundo forçam cada nação a lidar com seus vizinhos como uma unidade econômica organizada, com controle total e capaz de todos os seus recursos e poder para utilizá-los da melhor maneira possível. Nesse sentido, a crise atual é principalmente uma crise de reajustamento na produção e no comércio mundiais.

Não há, contudo, nenhuma oposição inerente entre a demanda da época por essas unidades econômicas nacionais unidas e fortemente caracterizadas e a demanda por cooperação internacional planejada, que é impulsionada com força irresistível por causas econômicas, bem como pela consideração da manutenção da paz.

É apenas a formação de tais personalidades nacionais organizadas que produzirá resultados honestos.
e cooperação internacional eficaz, livre de parcialidade ou opressão.

DOIS CAMPOS HOSTIS NA EUROPA E NO MUNDO

A situação é que no mundo, e especialmente na Europa, dois campos hostis estão se formando, da mesma forma que antes da Segunda Guerra Mundial. A Rússia Soviética, a França e a Tchecoslováquia, apoiadas pelo judaísmo internacional, que as incita à guerra contra a Alemanha Nacional-Socialista, já estão formando uma frente unida contra aquele país e buscando cercar a Alemanha ainda mais, tanto política quanto militarmente.

Nessas condições, a posição da Noruega fica extremamente exposta, situada como está na encruzilhada da Rússia, Alemanha e Inglaterra e com sua política interna já no poder dos marxistas.

A Rússia, de uma grande potência europeia com interesses asiáticos, tornou-se uma grande potência asiática com interesses europeus, especialmente em relação ao Atlântico. Mas, acima de tudo, é a base da revolução mundial.

O bolchevismo mundial está tentando transformar a Noruega, e com ela a Escandinávia como um todo, na ala direita de sua frente europeia de ataque contra a Alemanha e a Inglaterra. Este plano contém possibilidades sinistras para o nosso país. No caso de um conflito entre a Alemanha e a Rússia Soviética, toda a perspectiva do Partido Trabalhista levará a Noruega a tomar o lado dos bolcheviques em oposição à Alemanha, e isso será contrário ao nosso compromisso de neutralidade.
Tranmal, o ditador irresponsável do Partido Trabalhista, falou recentemente com bastante clareza nessa direção. Enquanto a Noruega e a Rússia Soviética forem membros da atual Liga das Nações e a Alemanha não, parece que estamos seriamente ameaçados de guerra nessa direção, pois somos obrigados a permitir o livre trânsito do Exército Vermelho e da Força Aérea pelo país em caso de um conflito germano-russo.

Nas atuais condições na Europa, também existe a possibilidade de a Alemanha e a Inglaterra entrarem em guerra. Isso pode ocorrer, por exemplo, em conexão com um conflito entre a Alemanha e a Inglaterra.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

a tríplice aliança formada pela França, Tchecoslováquia e Rússia Soviética, sendo a Tchecoslováquia um ponto quase mais sensível que a Áustria. O fato de a França então entrar em guerra contra a Alemanha daria à Inglaterra um motivo para a guerra, o que é ainda mais certo agora do que antes do enorme desenvolvimento da aviação.

Uma guerra deste tipo entre a Inglaterra e a Alemanha é uma possibilidade catastrófica para a Noruega, pois desde então a guerra mundial toda a situação agora mudou totalmente.

Por meio da Liga das Nações, como um instrumento da política mundial britânica, seríamos então forçados a entrar diretamente na guerra e, mesmo que a Liga das Nações se desfizesse em pedaços, seríamos, de acordo com uma autoridade como Lord Lloyd, certamente expostos a um bombardeio punitivo se, como foi o caso na guerra mundial, permitíssemos que nossa frota mercante transportasse mercadorias para a Inglaterra, o que ela, por sua vez, sem dúvida insistiria agora como fez naquela época.

O Partido Trabalhista Norueguês — o Partido do Governo — está apoiando ativamente essa política voltada para a Alemanha. Se a Noruega concordar, significa que seremos irrevogavelmente arrastados para essa política de guerra, contra a vontade de pelo menos 99% do povo norueguês. A Noruega não pode e não marchará a menos que nossa própria liberdade e nossas próprias fronteiras estejam em perigo.

PAZ COM A INGLATERRA E A ALEMANHA

Já enfatizei que a paz entre a Alemanha e a Inglaterra é uma necessidade vital para o nosso país. O que devemos, acima de tudo, evitar é que a Alemanha e a Inglaterra estejam em lados opostos em uma nova guerra. Para nós, isso seria fatal; na verdade, significaria destruição.
Portanto, cabe a nós fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para criar paz e entendimento entre esses dois países que, como nós, são de ascendência e perspectiva nórdicas. Mesmo que não possamos fazer muito a esse respeito e tenhamos que ter cuidado para não interferir nos assuntos de outros países, deve ser nosso dever imediato, por todos os meios justos, opor-nos àqueles que tentam incitar a discórdia entre esses nossos parentes, geralmente com argumentos falsos e desonestos.

Conhecemos as potências em prol de cujos interesses esses esforços estão realmente sendo feitos. Uma delas é o bolchevismo mundial. Trabalhar pela paz e pela conciliação entre a Alemanha e a Inglaterra deve ser o nosso objetivo na política externa norueguesa, sem levar em consideração os interesses partidários. É extremamente evidente que os interesses da Noruega exigem isso. A única maneira de escaparmos da guerra e do caos depende da manutenção da paz e do entendimento entre esses nossos grandes vizinhos ao sul e ao oeste, com os quais também temos as maiores relações comerciais.

Há cerca de 40 anos, houve, como há agora, uma oportunidade para uma tentativa honesta de criar um entendimento duradouro entre os grandes povos nórdicos. A oportunidade foi negligenciada ou rejeitada, e a catástrofe que se seguiu a essa omissão envolveu o mundo inteiro. Qualquer um que agora ouse promover a mesma política catastrófica deve fazê-lo com os olhos abertos.

Mas todos que compreendem os tempos em que vivemos devem se esforçar para tomar medidas fortes e positivas.

Outra consideração decisiva nos leva à mesma conclusão quanto às principais linhas de nossa política externa. O liberalismo decadente e seu descendente e herdeiro, o marxismo, têm seus objetivos direcionados contra as comunidades nacionais, principalmente contra os nórdicos.

Consciente ou inconscientemente, o objetivo desta política é quebrar a estrutura nacional natural organização dos povos para realizar a república mundial internacional. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Então, a coesão interna das nações será destruída. Elas serão presa daquela nação que, ao contrário de todas as outras nações, está dispersa por toda a Terra e vive como parasita das outras nações; por essa mesma razão, precisa de tal arranjo para *efetivar* o seu domínio do mundo, tão apaixonadamente desejado. Pois nesse domínio reside o segredo do nacionalismo e do imperialismo judaicos.

Um duelo entre o judaísmo e o espírito nórdico é inevitável, visto que o marxismo e o internacionalismo são, na realidade, nacionalismo e imperialismo judaicos, uma conspiração inspirada e liderada pelo judaísmo contra a civilização europeia, marcadamente nórdica. É evidente que os processos de decadência atuais constituem a mais séria ameaça aos ideais de vida e que os antagonismos mais poderosos do nosso tempo se reduziram a uma luta entre o judaísmo e o princípio nórdico-europeu. Sendo assim, devemos compreender que o remédio mais eficaz para a atual decadência e as atividades subterrâneas do materialismo marxista será encontrado num renascimento nacional do nosso povo, sobre a base vitalizante ou vital da raça nórdica e do temperamento característico.

E, por outro lado, deve haver, no sentido mais amplo, uma colaboração cultural, econômica e política mais próxima entre os povos nórdicos e os povos nórdicos determinados em todo o mundo: nos países escandinavos, na Holanda, em Flandres, no Império Britânico, na Alemanha e em outros países onde os membros da família nórdica são comparativamente menos numerosos.

O significado da palavra “nórdico”, portanto, não se restringe aos povos escandinavos, mas se aplica a todas as grandes raças nórdicas, e não estamos considerando agora uma colaboração insegura do norte.

Pelo contrário, é, por um lado, uma consequência necessária da compreensão de que a preservação do caráter e da organização nacionais é a questão mais importante da vida de todos os povos criativos. Somente assim é possível assegurar um desenvolvimento livre e pacífico para a cultura e as características nórdicas, tanto na esfera nacional quanto na universal. Ao mesmo tempo, é uma das condições para um reconhecimento profundamente enraizado do valor e das contribuições culturais de outras raças, fortalecendo assim todas as nações contra a dissolução e o caos.

Por outro lado, é uma consequência inevitável do fato de que a colaboração internacional que deve ser construída nestes tempos deve preferencialmente basear-se nos povos nórdicos, tão intimamente relacionados em raça, língua, cultura e interesses. Eles têm o mesmo padrão de vida e uma visão de vida semelhante, e também estão agrupados geograficamente.
Economicamente, eles também são os melhores clientes uns dos outros.

UMA UNIÃO DE POVOS NÓRDICOS

Uma formação em bloco desses povos, uma união de povos nórdicos, será invencível. Tal união será muito mais capaz do que a falida Liga liberal-marxista de Genebra de atuar como um baluarte contra o *bolchevismo* mundial e criar garantias para o desenvolvimento pacífico do mundo. O caminho para a humanidade organizada será encontrado na união da grande família nórdica de povos em tal formação em bloco, com uma moeda comum, livre comércio interno e uma política aduaneira comum; seu objetivo será atrair outros países e grupos de potências para este sistema.

Tal política externa será a melhor garantia da posição da Noruega no mundo e contra o bolchevismo. E, para o nosso próprio benefício e o dos outros, criará um campo de atuação no exterior.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

para o excedente de energia que deve ser esperado neste país se nossos próprios recursos forem inadequados.

COOPERAÇÃO FUNDAMENTADA EM MOVIMENTOS NACIONAIS

Ao enfatizar o destino comum nórdico, não devemos subestimar a importância e as realizações dos outros, nem da nossa humanidade comum; e, acima de tudo, não devemos subestimar a importância da cooperação europeia e universal. Mas esta irmandade internacional deve ser fundada num sistema de Estados nacionais. Deve ser criada pela ascensão nacional dos povos na Europa e em todo o mundo, e não como resultado de experiências liberais e marxistas como a Liga das Nações, a Pan-Europa e a Rússia Soviética, sede da República Soviética mundial.

A história da vida mostra que todo progresso depende da união da liberdade e do discernimento com a fraternidade e a organização. Monarquias universais e repúblicas mundiais terminam em anarquia e dissolução. A hegemonia de uma única nação é desastrosa para as outras e para si mesma.
Uma mistura babilônica de todas as nações e raças, que é o objetivo do liberalismo e do marxismo, significa a destruição das características e valores individuais de cada um. A história nos ensina que a verdadeira harmonia é o resultado da segregação e do desenvolvimento.

O instinto da humanidade para a formação organizada é direcionado para a vida nacional e a cooperação das unidades nacionais. Por essa razão, todas as instituições internacionais que se originaram do liberalismo e do marxismo falharam em seus supostos objetivos, que eram assegurar um bom entendimento entre as nações e promover seu progresso.

Em vista do fracasso das ideias liberais da Liga e do marxismo internacional, é urgentemente necessário criar uma nova irmandade das nações com caráter europeu e mundial, fundada nas novas ideias para a organização das comunidades que foram estabelecidas pelo congresso da nova ordem em Montreux, em 16 e 17 de dezembro de 1934. A primeira consideração do congresso é a do respeito pelos valores espirituais e nacionais.

Em lugar dos métodos hipócritas e técnicos da velha diplomacia, deve-se desenvolver uma colaboração espontânea e honrosa entre todos os movimentos nacionais jovens e saudáveis e os Estados nacionais por eles recriados, a fim de obter uma renovação espiritual geral e uma recuperação política e econômica em todo o mundo. Mas, dentro da estrutura desse plano universal, as nações que provêm de uma mesma linhagem e compartilham a mesma cultura e civilização devem se agrupar de acordo com seus interesses mais próximos.

O MOVIMENTO DO MUNDO NÓRDICO

O princípio fundamental em que se baseia a Nasjonal Samling é que nossa política, além de atender às demandas que as mudanças modernas tornaram imperativas, deve estar em harmonia com tudo o que é necessário e desejado por nossa família de nações. É inútil esperar a recuperação nacional a menos que reacendamos o fogo do espírito nórdico e construamos uma visão espiritual e responsável da vida.

Não se pode esperar nenhum progresso se não mantivermos a estirpe nórdica sem mistura; se não
Se preservarmos nosso caráter distintivo, nós o perderemos e caminharemos rumo à extinção nacional.

A chamada ideia nórdica, de que um povo nórdico só pode ser restaurado através da construção de um novo estado

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

de acordo com as demandas modernas e sobre a dupla base de um estoque nacional e uma perspectiva espiritual, tem uma influência e aceitação cada vez maiores nos respectivos países nórdicos e já desempenha um papel importante na política prática.

A semente e o solo para uma colaboração pan-nórdica já existem. Mas, para que a ideia se espalhe com rapidez suficiente, ela precisa encontrar uma expressão definida e adequadamente organizada.

Nestas circunstâncias, considero que chegou o momento de prosseguirmos na promoção de uma colaboração cultural, económica e política entre os povos nórdicos e outros com uma perspectiva nórdica em todo o mundo, com os seguintes objectivos:

- A criação de um movimento nórdico internacional.
- A formação de uma União Nórdica de povos.

Participação ativa no trabalho pela organização do mundo e seu desenvolvimento pacífico; e para assegurar o lugar e a contribuição do nosso próprio país nas revoluções e novas constituições em andamento. Essa colaboração deve começar, como de costume, no campo das ideias, para ser alcançada politicamente sobre uma base econômica sólida.

Se, portanto, a base monetária existente pudesse ser expandida para uma união monetária estabelecida entre os povos nórdicos, e se, por meio da colaboração fiscal política, uma união aduaneira pudesse ser efetivada entre esses povos, a fundação teria sido completamente lançada para a realização política de nossos objetivos declarados: uma grande união dos povos nórdicos na irmandade mundial.

Este ideal faz parte do programa da Nasjonal Samling há bastante tempo. Conclui-se que a colaboração pan-nórdica implica, na verdade, uma intensificação ainda maior da cooperação dos Estados do Norte em sentido estrito: Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia e as ilhas nórdicas no Mar do Norte. A posição da Dinamarca e da Finlândia é tão mais exposta do que a da Noruega e da Suécia que a Noruega, de qualquer forma, está excluída de vincular voluntariamente seu destino a esses países sem o apoio que seria obtido de uma relação pacífica e segura com a Inglaterra e a Alemanha. Mas, salvaguardado isso, é também desejável que os países do Norte ocupem seu lugar como um grupo natural no mundo nórdico – colaborando ao lado de britânicos, alemães, holandeses e os demais.

Nesse contexto, desejo enfatizar o fato de que isso não altera o caso se muitas pessoas neste país descobrirem que devem discordar de vários detalhes da política britânica e alemã.
As condições que hoje exigem cooperação com e entre esses nossos parentes são mais importantes do que aquelas que podem tender a nos separar.

Pode haver também aqueles que se opõem à nossa política externa e consideram que nossos próprios assuntos são tudo o que podemos administrar. Gostaria de lembrá-los de que a característica da nossa época é o fato de que o mundo está se tornando uma grande unidade econômica e que nenhum país pode mais ser suficiente para si mesmo; é dependente dos outros; e, se tal colaboração na política atual é de interesse vital para o nosso país, é igualmente para o nosso movimento. Como as forças que trabalham para a nossa destruição nacional estão organizadas internacionalmente, somos obrigados a enfrentá-las com uma organização que vise além dos interesses nacionais. Uma organização totalmente eficaz desse tipo só pode ser construída sobre a base vital comum dos nossos povos, o princípio nórdico.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O PRINCÍPIO NÓRDICO

O Princípio Nórdico baseia-se nas tradições nórdicas, no pensamento nórdico e na cooperação construtiva, em contraste com o liberalismo judaico e o marxismo, que promovem seus propósitos destrutivos por meio do ódio, da inveja e da guerra de classes para seus próprios fins. Um está aliado ao Divino; o outro, ao diabólico.

O poder espiritual do princípio nórdico é, portanto, mais forte e profundo do que a visão marxista-materialista da existência, que ameaça nossa raça e civilização com a destruição. É, na realidade, o nosso Princípio nacional intrínseco, ao qual devemos aderir e que devemos realizar com inexorável consistência.

Também estou convencido de que, quando reconhecemos as profundas verdades do passado histórico, bem como do presente histórico, e vemos os grandes feitos realizados pelos povos da raça nórdica desde o início da história até os nossos dias, quando eles são mais poderosos do que nunca; e quando, ao mesmo tempo, estamos convencidos de que a Vontade Divina se revela no curso histórico do desenvolvimento mundial, devemos, sem subestimar a importância e a contribuição dos outros, ser autorizados a acreditar na contínua missão histórica e divina dos povos nórdicos no mundo. Como em tempos passados, deve ser a missão da nossa grande família de povos acabar com um mundo obsoleto e criar um novo mundo que possa colocar toda a família humana em um patamar superior.

O Nasjonal Samling convida todas as pessoas de raça e perspectiva nórdica em todos os países — noruegueses, suecos, dinamarqueses, islandeses, britânicos, alemães, holandeses e todos os outros de sangue e espírito nórdicos — a se unirem em um Movimento Mundial Nórdico para criar paz e cooperação entre todos os povos nórdicos em todo o mundo e continuar a luta pela salvação e progresso de nossa civilização.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Uma Interpretação do Fascismo por Claude Sutton

FASCISMO, no sentido em que será usado neste artigo, é um termo estranho e inconveniente para descrever o movimento mundial que surgiu em nossa época para competir com o marxismo e a democracia liberal pela lealdade dos homens. Sem dúvida, deveria se limitar a nomear a forma especial que esse movimento assumiu na Itália. No entanto, a mentalidade popular, sentindo que no fascismo italiano algo novo e de importância mundial havia surgido, persiste em usar o termo em um sentido mais amplo.

O fascismo não é internacional como o comunismo, no sentido de ser um dogma a ser imposto goela abaixo de todas as nações, independentemente de sua história e circunstâncias. Trata-se, antes, de uma similaridade subjacente de perspectivas que pode ser detectada em vários movimentos nacionais modernos e que pode ser vista emergindo com uma espécie de necessidade da situação em que nossa cultura europeia se encontra atualmente. Nós, na Inglaterra, compartilhamos a herança cultural comum da Europa; assim como fomos profundamente afetados pelas ideias da Revolução Francesa, também estamos fadados a ser profundamente afetados pelas ideias do movimento fascista e a reagir a essas ideias à nossa maneira nacional particular.

Os dois fatores que estão dando origem a esse movimento em todos os lugares são a decadência da democracia liberal e a ascensão do marxismo.

Basta um leve conhecimento da história para perceber que não há nada de inevitável ou eterno na Democracia Liberal. Comparados a outras formas de governo, os governos democráticos não foram comuns nem estáveis, nem contribuíram tanto em valor duradouro para a cultura humana quanto os governos aristocráticos e monárquicos. É claro que é possível — e frequentemente feito — definir Democracia de forma a incluir todas as formas toleráveis de governo, por exemplo, descrever a Inglaterra sob a Rainha Elizabeth ou sob Pitt como uma democracia. Mas isso é um grave abuso de linguagem e uma degradação da moeda intelectual. "Democracia" não deve ser usada para denotar todo governo que governa com o consentimento de quase todos os governados; nem aquele que busca conscientemente o bem-estar de todo o povo; nem aquele que é tolerante com a diversidade de opiniões e incentiva a livre discussão; nem aquele que governa de acordo com leis estabelecidas e conhecidas, aplicadas imparcialmente. Muitos governos democráticos falharam conspicuamente nesses aspectos; muitos governos não democráticos exibiram essas virtudes em alto grau. É absurdo chamar de "democracia" qualquer governo que não seja tirânico; a democracia é uma forma histórica específica de governo, que ora funcionou para a satisfação geral, ora não. Sua principal característica parece ser a decisão de todas as questões importantes por maioria de votos, seja de todo o povo ou de grandes assembleias representativas.

A democracia como a conhecemos na Europa Ocidental e na América — que doravante denominarei "democracia liberal" — é um produto especial da Revolução Francesa e se baseia nas teorias peculiares de certos pensadores influentes daquela época. A filosofia subjacente da natureza humana em que se baseia nem sempre foi aceita pelos homens pensantes, e não há razão para supor que seu domínio sobre as mentes humanas seja eterno. Pelo contrário, há evidências consideráveis de que essa filosofia dos "Direitos do Homem e do Cidadão" não carrega mais o mesmo significado. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

convicção, e que o sistema de governo baseado nela está, portanto, condenado a desaparecer.

Como outras filosofias políticas, não conquistou aceitação geral sem luta. Mas hoje, quem consegue detectar alguma diferença entre conservadores, liberais e trabalhistas de direita (não marxistas) em relação aos seus ideais ou ao caráter geral dos métodos pelos quais se propõem a realizá-los?

Quais são os pressupostos filosóficos, ou axiomas, deste sistema de democracia liberal?
A primeira é que todos os homens são iguais, pelo menos na medida em que devem ter uma participação igual no governo. A segunda é que o governo só existe para impedir que qualquer homem interfira na liberdade igualitária dos outros (JS Mill); ou, como me foi expressado de forma mais contundente por um estudante: "o governo só existe para permitir que cada homem vá para o inferno à sua maneira". A terceira é que tal liberdade individual resulta na maior satisfação possível de todos. [1]

O fascismo se baseia na negação de todos esses princípios. Ao primeiro, responde que todos os homens não são iguais em sua capacidade de empreender cooperativamente — e que o governo é um empreendimento cooperativo. Os homens diferem acentuadamente em relação à coragem, justiça, lealdade, veracidade e outras qualidades de caráter necessárias para qualquer empreendimento corporativo. Tais qualidades não são monopólio de nenhuma classe, nem dependem de educação no sentido comum da palavra. Alguns homens são marcadamente deficientes nelas — todos os antigos líderes bolcheviques, por exemplo, se acreditarmos em suas confissões; qualquer um de nós tentaria excluí-los do poder em qualquer organização pela qual fosse responsável.

A representação política deve basear-se em um sistema seletivo de grupos reais cujos membros se conheçam pessoalmente. Um bom sistema político não deve sequer tentar garantir que todas as opiniões tenham o mesmo peso.

Quanto ao segundo princípio, ele observa que a liberdade igual é impossível, pois os homens não querem todos fazer as mesmas coisas; que todo sistema de leis pressupõe algumas ideias positivas quanto ao que é objetivamente bom ou ruim para todos; que o princípio não tem sentido ou é desastroso.

Quanto à terceira, que, devido à natureza do homem e da sociedade, a maior satisfação possível não pode ser alcançada pelo sistema de máxima liberdade individual; nem é esta "maior felicidade para o maior número de pessoas, cada um contando como um e ninguém por mais do que o fim da vida". Os homens estão e deveriam estar mais um" – [2] interessados no bem-estar de sua própria família, de sua própria profissão, de sua própria vizinhança, de sua própria nação; e um bom governo deve levar esse fato em conta. Voltaremos a esses pontos mais tarde.

A democracia liberal é uma filosofia preguiçosa. Em vez de decidir o que deve ser feito e lutar tenazmente para que isso seja realizado, o bom democrata espera e vê para onde a maioria irá, seguro de sua crença de que a voz das massas é a voz de Deus. Não devemos sequer tentar persuadir as pessoas de hoje de que a força motriz da democracia liberal se esgotou em todos os lugares. Poucas pessoas acreditam de todo o coração em seus slogans. Metade de seus defensores atuais são, na verdade, marxistas tímidos. Seu objetivo declarado é a igualdade de riqueza para todos, e a democracia apenas um meio para isso. Eles imaginam, com ar de quem, esse objetivo pode ser alcançado pelo mero voto, sem força, pelo menos em um futuro distante. Frequentemente revelam seu desprezo pela liberdade individual como tal. São invejosos, mas cuidam de suas peles. Assim são os social-democratas liberais-laboratoriais.

Qual é a base filosófica da aliança profana entre comunistas e democratas,
Onde quer que o fascismo apareça em cena? É para esse problema que devemos agora voltar nossa atenção.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O comunismo — ou melhor, o marxismo, pois há muitos marxistas fora do Partido Comunista — é, em sua totalidade, um produto da filosofia individualista e igualitária da democracia liberal. Movimentos revolucionários das classes menos afortunadas têm sido frequentes na história; este adotou a ideologia peculiar do início da era vitoriana, na qual nasceu. Também concebe a comunidade como um conjunto e a felicidade social como uma soma. Aceita os dois primeiros princípios da democracia liberal: todos os homens são iguais — embora não haja Deus — e, portanto, devem ter não apenas direitos políticos iguais, mas também riqueza igual . 3 Novamente, a felicidade deve ser alcançada dando a todos riqueza igual e, em seguida, deixando-os fazer o que quiserem com ela; uma vez alcançada a igualdade econômica, o Estado deve "definhar". Mas rejeita enfaticamente o terceiro princípio da democracia liberal, de que essa feliz condição de coisas ocorre ao deixar as pessoas em paz. *O laissez-faire* é o objetivo final, uma vez alcançada a igualdade econômica; mas isso tem que ser alcançado pela ditadura forçada do proletariado, isto é, do operário fabril não qualificado.

Sua doutrina central é a guerra de classes entre proletários e capitalistas. Persiste em arrebanhar toda a humanidade nesses dois currais, embora nenhum economista leve mais a sério a teoria da "mais-valia" na qual a distinção se baseava. Como são irreais os dois currais! De fato, há conflito entre grupos, e tal conflito é essencial para uma comunidade viva. Mas uma grande proporção dos habitantes do Estado moderno, que vivem do produto conjunto de seu trabalho e da propriedade necessária para tornar esse trabalho frutífero, não pode ser espremida em nenhum dos currais, exceto por um tour de force. E não são os conflitos de interesses entre cidadãos e camponeses, entre fabricantes e financistas, entre artesãos e trabalhadores não qualificados, entre grupos raciais e grupos religiosos, tão reais e vitais quanto este alegado conflito entre capitalistas e proletariado?

A tônica do marxismo é a luta de classes, na qual todos os métodos são permitidos. É por isso que, onde quer que ela se manifeste, a política se torna tão amarga e suja que destrói todo o senso de unidade moral da nação, que antes mitigava os conflitos entre grupos. É por isso que ela deve ser travada até a morte.

Mas, dir-se-á, nada de valor foi alcançado através da experiência comunista na Rússia? E não há semelhança entre as "ditaduras" do comunismo e do fascismo?

É impossível compreender o desenvolvimento do comunismo na Rússia, a menos que distingamos o estágio atual do "Bolchevismo em Recuo", como foi denominado, do estágio anterior, em que o comunismo doutrinário dominava plenamente. Esse estágio inicial foi marcado por uma destruição sem precedentes, em nome da teoria da guerra de classes, dos recursos humanos e materiais da nação — de agricultores, técnicos e professores, de gado, máquinas, edifícios e tesouros artísticos. O mesmo fenômeno se manifestou na Espanha e em outros lugares, onde quer que o bolchevismo tenha tomado o poder. Quando, após cerca de dez anos, a produção atingiu um nível tão baixo que parecia ter sido atingido o limite da resistência humana, as doutrinas foram em grande parte abandonadas; e com a ajuda de créditos capitalistas, técnicos e máquinas estrangeiros e a condução stakhanovista dos trabalhadores, começou-se a reconstruir. Certamente, a mudança de mentalidade está longe de ser completa. Um sintoma disso parece ser o conflito atual entre Stálin, o bandido robusto e pouco doutrinário do Cáucaso, e a gangue judaica que até então controlava a Rússia e agora está em grande parte eliminada. A Rússia não abandonou a Internacional Comunista e o ideal marxista de revolução mundial. Mas, por si só, parece ter abandonado tacitamente a equalização da riqueza e a ditadura do proletariado, e estar construindo uma poderosa

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Estado nacionalista. Sob Stalin, há sinais de uma espécie de fascismo envergonhado, com a consciência pesada emergindo. Se este era o fim, a que custo ele foi alcançado! [4]

O "fascismo" surgiu da decadência da democracia liberal e em resposta à ameaça do bolchevismo. Ao contrário do bolchevismo, não foi a aplicação prática de uma teoria acadêmica; surgiu em resposta a uma situação real e, portanto, só pode ser compreendido à luz dos dois movimentos mundiais que está destinado a suplantar. Originalmente, foi uma espécie de reação instintiva do homem europeu às forças da desordem: o materialismo, a plutocracia e o cosmopolitismo. Alinha-se com o comunismo ao negar categoricamente a existência de uma harmonia preestabelecida que faça com que a maior felicidade de todas resulte da maior liberdade de cada um. Mas isso é tudo o que tem em comum com o comunismo. Adota uma visão radicalmente diferente tanto do comunismo quanto da democracia liberal no que diz respeito à "felicidade" que o Estado deve assegurar. Pois concebe a nação como uma unidade orgânica de muitos grupos funcionais diferentes; Cada um deles representa uma contribuição única para a nação, com seu próprio tipo de vida que deve ser fomentado. Se as relações corretas entre esses grupos forem perturbadas, não haverá felicidade ou solidez duradouras no Estado. "Poderíamos", disse Platão, "tornar nossos oleiros muito mais felizes permitindo que se deitassem em sofás diante do fogo, comendo e bebendo, e girando sua roda quando tivessem vontade. Mas não nos aconselhem a fazer isso, pois nossos oleiros não seriam mais oleiros, nem nossos fazendeiros, fazendeiros." [5]

. . .

Além disso, concebe a nação, nas palavras de Burke, como "uma parceria não apenas dos vivos, mas dos vivos com os mortos e com aqueles que ainda não nasceram". Se for algo que perdure, com recursos humanos e naturais, que podem ser desperdiçados ou que podem ser tornados mais férteis.

Um movimento chegou ao poder em cada um dos países "fascistas" com a vontade de tirar o melhor proveito do patrimônio nacional, como o velho nobre proprietário de terras fez com sua própria família e propriedade. Isto é o que tem sido chamado de religião do Sangue e do Solo.

É evidente que esses movimentos não podem admitir os direitos ilimitados das maiorias. Não podem, por exemplo, permitir que uma maioria atual de cidadãos elimine os camponeses da existência, nem que desfrute da maior riqueza possível presente às custas do poder futuro. Os males que o governo de maiorias míopes traz – a decadência da honestidade pública e do espírito de autoajuda, a decadência da família, da aptidão mental e física, a decadência de terras, florestas e navios – só podem ser curados dando grande liberdade e independência aos líderes.

O fascismo evidentemente deve, e de fato dedica, seus principais esforços ao fortalecimento dos elos mais fracos da cadeia nacional, isto é, à melhoria das condições dos grupos mais pressionados. No entanto, não pode admitir a igualdade entre o preguiçoso e o ativo, entre o trabalho criativo e o rotineiro, mesmo como um ideal distante. "O fascismo afirma a desigualdade imutável, benéfica e frutífera dos homens." (Mussolini.)

A democracia liberal é paralisada pela rivalidade entre grupos funcionais, cuja existência finge ignorar. O fascismo reconhece esses grupos e baseia seu sistema representativo neles, acreditando que pode dominar seus potenciais conflitos por meio do fortalecimento do senso nacional de unidade e do "princípio da liderança", o princípio da responsabilidade individual. A "democracia" — o princípio do controle por maiorias anônimas — "está sendo testada no campo industrial, não menos do que no político". [6]

Na esfera económica, o objectivo do fascismo, de acordo com a sua perspectiva geral, é alcançar a máxima segurança e estabilidade possíveis para todos os produtores — não a máxima liberdade de escolha.
******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

para os consumidores. Para tanto, o comércio internacional deve ser reduzido a uma posição subordinada e auxiliar, em prol do planejamento nacional. E considerações éticas — considerações sobre o tipo de vida que deve ser incentivado ou desencorajado — muitas vezes devem se sobrepor às econômicas.

Não há nada no nacionalismo fascista que seja incompatível com os interesses bem compreendidos de outras nações. Sua política externa baseia-se no princípio de cuidar da própria vida e estar realmente pronto para lutar por certos interesses vitais bem conhecidos, e somente por eles. Opõe-se naturalmente aos princípios democráticos, igualitários e universalistas da Liga das Nações. Deseja uma cooperação amigável com as nações coordenadas com as quais realmente tem interesses em comum, com base na eliminação planejada de possíveis causas de atrito. Deseja liderança em assuntos internacionais, assim como em seu próprio país. Na Europa, sua tarefa é reconstruir o Concerto da Europa que os fundadores da Liga das Nações destruíram.

Finalmente, podemos tentar responder à objeção tão frequentemente ouvida de que o fascismo subordina o indivíduo completamente ao Estado, um ser vivo a uma abstração irreal. A resposta a isso está implícita no exposto. O governo, concebe o fascista, não existe meramente para aumentar a felicidade dos cidadãos individuais. É um administrador da cultura nacional duradoura e dos recursos materiais que formam sua base necessária. Sem isso, o indivíduo não seria nada; nem pode se desfazer dele mesmo que deixe o território do Estado; é a soma total de tradições ancestrais que o diferencia de um homem da Idade da Pedra. Um governo que assegura o desenvolvimento harmonioso dos diferentes grupos portadores de cultura e os impede de se aniquilarem mutuamente tem direito à nossa lealdade. Mas o Estado é uma mera peça de maquinaria, um mero "contêiner", como disse Hitler, para o povo, concebido como uma entidade biológica e cultural duradoura. O fascismo não é *estatista;* ao contrário dos hegelianos, não venera o Estado como tal.

Historicamente considerado, apresenta analogias com a antiga forma de Estado europeia tal como era "antes que o Orontes começasse a desaguar no Tibre" — antes da ascensão do individualismo abstrato e do desejo de salvação em outra vida. Novamente, apresenta analogias com o feudalismo, com sua concepção de que o governo deve ser baseado na lealdade pessoal de um homem para com outro — a ideia teutônica primordial do *comitatus.* Além disso, lembra o objetivo das guildas medievais de regular a produção no interesse de todas as categorias de produtores. Como todo grande movimento, tem suas raízes no passado. Mas não se trata de um mero retorno a sistemas ultrapassados. É ininteligível à parte das concepções essencialmente modernas de Nacionalidade, Raça, Associações Comerciais Voluntárias, o Divórcio da Propriedade da Administração, a ideia de Responsabilidade sem Culpa, Culturas Interativas em oposição a uma Civilização "de via única" — e muitas outras.

[7] É completamente moderno e uma criatura do nosso tempo. Há cinco anos, parecia a muitos de nós que não havia escolha, exceto entre as alternativas nada palatáveis da democracia liberal individualista e do socialismo marxista. Agora, existe uma terceira alternativa.

---

[1] Este terceiro axioma, como apontou M. Haldv, assume duas formas. Segundo uma versão, a máxima satisfação social resulta automaticamente da máxima liberdade individual, quaisquer que sejam as leis e instituições da sociedade. Segundo a outra, certas restrições legais são necessárias para alcançar essa máxima soma de satisfações. A maioria dos escritores não se apega consistentemente a uma ou outra versão; mas não têm dúvidas quanto ao fim, nem quanto aos meios — a liberdade individual restringida o mínimo possível.
(E. Halevy: Crescimento do radicalismo filosófico.)

[2] J. Bentham: Princípios de Moral e Legislação. Follett: O Novo Estado, p. 27.

[3] Contraste com Aristóteles. *Política* III, 9 e 12: "Justiça é dar tratamento igual aos iguais e tratamento desigual aos desiguais. Os homens omitem um fator ou outro, conforme lhes convém; pois não são bons juízes em sua própria causa. Mas isso não deve nos isentar do dever de julgar o melhor que pudermos.

[4] O próprio Stalin parece ser um tipo muito diferente dos chefes judeus "Velhos Bolcheviques" da Rússia. É impressionante que os dois realmente

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Os grandes homens que a Revolução Russa produziu não eram judeus. Mas não sabemos a extensão da influência de Stalin sogro, Lazarus Moiseivitch Kaganovitch, que parece ser o segundo homem no estado.

[5] Platão: Set. 420e. Burke: Reflexões sobre a Revolução Francesa.

[6] Miller e Campbell: Democracia Financeira, uma pesquisa recente de dois economistas da Universidade de Liverpool sobre o funcionamento da Empresas industriais britânicas.

[7] A. Toynbee: *Um Estudo de História.* Vol. I, pág. 149 fl.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A Guerra na Espanha pelo Major-General JFC Fuller

HTendo participado como soldado ou jornalista de quatro guerras, a saber, a Guerra da África do Sul, a Guerra Mundial, a Guerra Ítalo-Abissínia e, por último, a atual Guerra Espanhola, descobri que cada uma delas era extraordinariamente diferente.

A razão para isto é óbvia: as suas causas são diferentes; no entanto, na mente popular, não é assim. óbvio que, por sua vez, essas causas influenciam amplamente a forma que uma guerra assume.

Por exemplo, no caso da última dessas guerras, é geralmente aceito que suas causas são políticas; isto é, que se trata de um choque entre dois sistemas de governo com visões claramente definidas, porém incompatíveis. Isso é verdade? Não creio; porque, embora a política desempenhe um papel nada insignificante, certamente a estrela principal é a cultura, o que, se eu estiver certo, significa que as causas desta guerra são muito mais profundas do que a espuma política que a cobre.
Portanto, sou da opinião de que não conseguiremos entender o que está acontecendo, a menos que o vejamos como um choque entre culturas, bem como um choque entre teorias políticas e forças armadas.
Destas culturas existem três:

Primeiro, a Espanha reacionária da história — uma igreja estagnada, uma aristocracia enfraquecida e uma burguesia moribunda. Segundo, a Espanha revolucionária — a reação contra essa inércia representada pelos socialistas, anarquistas e comunistas, que em grande parte tomaram emprestados seus ideais de fontes estrangeiras — Marx, Bakunin, Trotsky e outros. Terceiro, a hipotética Espanha do futuro; não sonhada por Primo de Rivera, que era pouco mais que um ditador militar, mas por seu filho José Antonio, que há pouco tempo foi assassinado pelo Governo Vermelho.

Em 1933, este jovem, embora não tenha criado o Movimento Fascista Espanhol, consolidou a *Falange Espanhola de las* JONS (Juntas Ofensivas Nadonal Sindicalistas) e lhe deu vida e forma. Ele elaborou seu estatuto em 27 pontos, que podem ser resumidos em quatro títulos principais, como segue:

Fundações Nacionais. A Espanha é a realidade suprema de todos os espanhóis. Todo separatismo é um crime. Portanto, a unidade da Espanha é o objetivo, e essa unidade não só não admite isolamento internacional nem mediações estrangeiras, mas também exige a inculcação de virtudes militares e a criação de um exército e uma frota poderosos.

Fundamentos Políticos. O Estado deverá ter caráter totalitário, no qual todos os partidos políticos serão abolidos. O sistema corporativo deverá substituir o parlamentar. A disciplina política é exigida, mas a iniciativa privada é essencial, desde que seja compatível com os interesses coletivos do Estado Nacional-Sindicalista.

Fundamentos Econômicos. O sistema capitalista “que ignora as necessidades do povo, desumaniza a propriedade privada e reduz os trabalhadores a massas disformes, expostas à miséria e ao desespero” é repudiado. O mesmo acontece com o marxismo. Os fortes não devem mais dominar os fracos.
A propriedade privada é reconhecida, assim como o direito ao trabalho. O padrão de vida do campesinato deve ser elevado com o estabelecimento de propriedades familiares, e a agricultura e a pecuária devem ser racionalizadas.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Fundamentos morais. Os fundamentos do Estado são a unidade, a disciplina e o treinamento militar. A educação deve ser organizada “de modo que nenhum talento se perca por falta de meios econômicos”. O espírito católico, liberto da política, deve ser incorporado, e a vida deve ser considerada como um dever “a ser vivido com espírito de serviço e sacrifício exaltados”.

A GUERRA NA ESPANHA

Ao contrário de muito do que foi escrito na imprensa britânica, este Movimento teve pouco a ver com a eclosão da rebelião em julho do ano passado. Na época, ainda estava em seus primórdios, mas nos últimos oito meses seu crescimento foi milagroso. Hoje, seus membros e simpatizantes somam milhões, dos quais 180.000 estão reunidos em uma Milícia. A extensão desse crescimento é bem ilustrada pelo fato de que o Movimento agora publica dezenove jornais diários e trinta semanários.

Quando a rebelião eclodiu, o objetivo do General Franco parece ter sido um tanto vago. Foi uma revolta contra condições intoleráveis — na verdade, uma revolta da ordem contra a anarquia; pois a vida e a propriedade não eram mais respeitadas e igrejas eram saqueadas ou queimadas diariamente. Seu objetivo, ao que parece, era quase inteiramente militar, ou seja, restabelecer a ordem, mas não se sabe qual forma de governo adotar. Se sua vitória tivesse sido rápida, com toda a probabilidade teria levado ao estabelecimento de uma ditadura militar do tipo de Primo de Rivera.

Ao desembarcar na Espanha, ele se deparou não apenas com uma confusão completa, mas também com uma total falta de unidade e objetivo entre as facções que buscavam seu apoio. Por exemplo, a Ação Popular, ou Partido Gil Robles, era fervorosamente católica e imbuída do socialismo cristão; não possuía uma política definida, era politicamente amorfa e instrumento da Igreja. Havia também os Requetes, ou Carlistas, cujo lema é "Deus, Pátria e Rei". Eles acreditavam na soberania absoluta, no Estado Corporativo e eram violentamente antiparlamentares. Além destes, havia os Monarquistas — e outras facções, sendo a mais importante a Falange. Ele teve que absorver todos esses partidos e movimentos.

Por enquanto, isso não foi difícil, pois os Vermelhos forçaram a consolidação. Uma mistura de democratas, republicanos, comunistas, anarquistas e outros, sua única inimiga, a Espanha, é atraída pela Alemanha e sua aliada Itália, assim como a França é atraída pela Rússia e sua semi-aliada Inglaterra. De fato, mais uma vez uma guerra oculta está em andamento contra a Alemanha para proteger a França, como foi travada um ano atrás, durante o conflito Ítalo-Abissínio.

Pouco se ouve falar dessa luta interna na imprensa; mas seu nome é "não intervenção", que na realidade significa a não cooperação com Burgos e a cooperação francesa com Valência para atacar a Alemanha. Se o "bloqueio" internacional à Espanha fosse imparcial, há pouca dúvida de que favoreceria a causa nacionalista; mas está longe de ser assim, pois a honestidade não é uma característica da França moderna.

Embora seja sempre muito difícil, especialmente em tempos de guerra, apurar a verdade, não há dúvida de que a ajuda francesa aos Vermelhos foi excessiva e lucrativa, pois toda ajuda foi paga em ouro. Onde quer que se vá na Espanha Branca, ouve-se a mesma história: que a ajuda francesa aos Vermelhos foi muito mais importante do que a russa. Que, desde julho passado, a França cruzou os Pireneus de trinta a quarenta mil combatentes internacionais vermelhos, e que esse tráfico ainda continua. Que os franceses imprimiram passaportes espanhóis, somente em Bordeaux, e que fornecem contratos pré-datados para trabalhadores "especializados" para que possam entrar na Espanha Vermelha. Além disso, que um grande número de estrangeiros é passado por cima do ******conversor de e-books DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

fronteira como refugiados repatriados, ou são enviados para os portos da Catalunha como membros dos barcos de carga em que viajam. Munições são enviadas através de Andorra; caminhões carregando gasolina cruzam a fronteira diariamente; há uma escola de aviação vermelha na França, e armas são contrabandeadas para Bilbao.

Apesar de tudo isso, as chances são definitivamente de que a Espanha Nacional vença; porque a política de Franco é criativa, enquanto a política dos Vermelhos não é.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Discurso do General Franco

Transmissão em 1º de outubro de 1936, ao assumir os poderes de Chefe de Estado

G Saudações a todos vocês, que escutam em suas casas as notícias da guerra, ou na frente de batalha, pensando em suas casas, ou nas áreas vermelhas, aguardando com saudade a chegada de nossas tropas, ou além de nossas fronteiras, acompanhando ansiosamente nossa sorte — saudações do microfone da Rádio Castela!

Não vou falar da guerra, pois as obrigações de Estado que estou assumindo tornam necessário contar-lhes um pouco sobre o trabalho que temos pela frente.

Não precisamos discutir nenhuma utopia, nem dividir a realização de nossas esperanças em etapas rígidas. No entanto, para falar de nossas intenções, é necessário primeiro examinar brevemente o passado, tanto para aproveitar nossas experiências quanto para implementar nossas decisões de forma útil.

A Espanha, cujo nome invoco com toda a devoção da minha alma, sofreu durante muitos anos com muitos males, dos quais o menos pernicioso foi a influência de intelectuais desequilibrados, que tentaram diminuir o prestígio dos pensadores da nossa raça e olharam para além das nossas fronteiras a fim de trazer para a Espanha todo o tipo de ideias exóticas e destrutivas que se enraizavam noutros países. Literatura desmoralizante, doutrinas demagógicas, racismo amargo, a infiltração de ideias derrotistas e a perversão da história — tudo isto e muito mais serviu para abalar os alicerces do nosso patriotismo, de modo que perdemos as principais características do nosso povo, envergonhando-nos do nosso presente, esquecendo-nos do nosso passado e temendo o nosso futuro.

Tendo alcançado a ruína moral da raça, não foi difícil para essas pessoas colocar o país em leilão e vendê-lo ao maior lance estrangeiro. Nosso comércio começou a apresentar um saldo devedor em vez de credor, e os frutos de nossa terra foram tratados como se fossem de alguma colônia conquistada, enquanto um pseudopacifismo era incentivado, a fim de enfraquecer a espada de qualquer possível libertador. Surgiram falsos profetas que, semeando ódio e guerra de classes, prometeram a terra aos camponeses, a ditadura aos trabalhadores e a autonomia às nossas províncias.
Totalmente cínicas, essas pessoas, se tivessem obtido o poder, teriam tirado a terra dos camponeses, a liberdade dos trabalhadores e toda a esperança de flexibilidade autônoma das Províncias.

E agora nossa Nova Espanha, considerando a magnitude de sua tarefa, avança para sua libertação, determinada a mostrar, em um espírito de colaboração social, que o restabelecimento da lei e da ordem é a condição prévia e o caminho seguro para a liberdade, cujos benefícios fluirão para todo o seu povo, dentro e fora dos limites da pátria-mãe.

A Espanha está se organizando em grande parte sob um conceito totalitário, no qual suas instituições nacionais garantirão sua nacionalidade, sua unidade e sua continuidade. A aplicação desses novos métodos de autoridade não significa que nosso regime será de caráter exclusivamente militar; pelo contrário, nosso sistema estabelecerá um regime hierárquico no qual todas as capacidades e energias do país encontrarão sua expressão.

A personalidade das Províncias da Espanha deve ser respeitada, em conformidade com a antiga tradição nacional no tempo de nosso maior esplendor; sempre que isso contribua para a unidade nacional.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O município espanhol retomará a sua importância histórica, para que possa desempenhar suas antigas funções como uma unidade em nossa vida pública.

Tendo abolido o sufrágio universal, com seus desastrosos efeitos locais e nacionais, e suas opressões por meio de sindicatos e interesses políticos, cuidaremos para que a vontade da nação se expresse por meio dos órgãos técnicos e corporativos nos quais as necessidades e os ideais do país sejam melhor desenvolvidos.

À medida que cresce a força do novo Estado espanhol, também se alcançará a descentralização, de modo que os distritos, municípios, associações e indivíduos gozem da mais ampla liberdade possível dentro dos interesses supremos do Estado.

Em seu aspecto social, o trabalho receberá a garantia absoluta de que não será escravo do capitalismo, desde que não adote aqueles métodos amargos e combativos que impossibilitam a colaboração mútua. O trabalhador é digno de seu salário: não apenas a segurança dos salários será estabelecida, mas todos os adiantamentos salariais até então garantidos serão mantidos. Com os direitos do trabalhador aqui reconhecidos, permanecerão suas responsabilidades de cooperação leal com os elementos que criam a riqueza nacional.

Todos os espanhóis serão obrigados a trabalhar de acordo com as suas capacidades. O novo Estado não pode não admitir nenhum parasita.

O Estado dará à Igreja Católica os devidos direitos e privilégios, respeitando assim a nossa tradição e a fé da grande maioria do povo espanhol; mas o Estado não admitirá a intrusão de qualquer poder externo nas funções específicas do Governo.

No que se refere à receita, o Estado organizará a justa distribuição dos impostos, zelando para que seu fardo recai sobre os ombros mais capazes de carregá-los.

No que diz respeito à agricultura, a propriedade familiar será realizada pela fixação do agricultor na terra, não por meio de qualquer sistema hipotético de propriedade, mas por meio de ajuda direta e constante, cujo objetivo será dar ao camponês sua independência. Uma característica permanente do nosso trabalho será direcionada a esse fim. O trabalhador rural receberá uma parte do que a cidade absorve hoje em pagamento por seus serviços comerciais e administrativos.

No que diz respeito aos assuntos internacionais, esperamos viver em paz com todos os povos, abrindo um amplo horizonte de amizade com o mundo inteiro. Há uma exceção enfática: não teremos contato com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cuja política teve resultados tão desastrosos para a humanidade e a civilização.

Estou certo de que esta terra de heróis e mártires, ao enfrentar suas dificuldades, escreverá mais uma página gloriosa da história e encontrará uma solução que não virá nem do Oriente nem do Ocidente, mas será genuinamente espanhola.

Espanhóis, viva a Espanha!

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Rumo a uma ortologia econômica por Ezra Pound

DÚVIDAS sobre a natureza da *chamada* economia ortodoxa, ou seja, se ela deve ser considerada uma investigação sincera ou uma farsa criminosa e enganosa, podem hoje ser consideradas ultrapassadas em pelo menos 50 anos. Hoje, os seguidores da ortodoxia incluem apenas os ingênuos, os cegos e os carreiristas que agem de má-fé.

Qualquer pessoa que investigue seriamente um assunto não pode levar 15 anos para tomar conhecimento de fenômenos visíveis e comuns.

Dizer que economia não é uma ciência é mero derrotismo e só pode causar confusão. Em meados do século passado, a aeronáutica e o rádio ainda não podiam ser chamados de ciências (embora um certo Loomis tenha conseguido, no final de 1864, transmitir sinais elétricos de um barco para outro sem o uso de fios).

O que os homens sérios podem fazer hoje é distinguir entre a parte da economia que é ciência (campo do conhecimento — episteme) e a parte que é *techne* ou campo da habilidade (muitas vezes de velhacaria).

Poder-se-ia dizer que a arte de dirigir um navio não é uma ciência verdadeira: no entanto, a ciência de a navegação existe e está sendo aperfeiçoada: da simples bússola do navio ao giroscópio.

Parece bastante natural que haja muita confusão em artigos econômicos quando se considera que o estudo da economia tem sido, na verdade, feito por empiristas, por homens sem uma preparação terminológica séria. Por exemplo, considere os escritores sérios e honestos do mundo anglo-saxão que construíram uma ciência econômica viva. Soddy, Prêmio Nobel de Física; Douglas, engenheiro, chefe da Westinghouse na Índia; Larranaga, engenheiro rodoviário; Orage, jornalista convertido por Douglas; Kitson, inventor da lâmpada Kitson; Gesell, homem de negócios; etc. Todos homens práticos!
Dizer que descobriram a lua não significaria nada, mas eles redescobriram a lua real, enquanto os professores continuam sua brincadeira infantil com uma lua de palco; ilusionistas, capazes de enganar o público apenas dentro de suas cabines.

Para se ter uma ideia da mentalidade dos fundadores da chamada economia ortodoxa, tomemos, por exemplo, uma frase de Ricardo (sem pestanejar, é claro, que ele reconhecia o valor do papel-moeda): "Não há mercadoria que não esteja sujeita a exigir mais ou menos trabalho para sua produção." Parece que David Ricardo nunca esteve em um galinheiro e que o ovo havia sido excluído de seu sistema econômico. Simplesmente como uma medida de valor nutritivo (valor vital), o ovo precedia o índice de preços. Pela observação direta de fenômenos naturais, o homem médio comete menos erros do que por ter a cabeça entupida de logaritmos e mitologia bancária. E não estou brincando! O valor do ovo cresce e diminui em relação à fome e à saciedade.

Aristóteles nos legou uma palavra de significado obscuro e complexo: *Xpeia,* utilidade, desejabilidade, que Rackham, natural de Cambridge, traduz como demanda. O escoliasta não nos esclarece. Aristóteles estava certo, mas pretendia dizer que o valor de uma unidade monetária "vale o que se pode obter por ela". Absolutamente verdade, mas não se pode chamar isso de terminologia científica.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O estudante pode ir à biblioteca e consultar 500 pretensos tratados de economia sem encontrar nenhum que comece com uma tabela euclidiana de definições dos termos mais comuns, básicos e necessários para a discussão de questões econômicas.

Comecemos, por exemplo, com o termo "Dinheiro". Aristóteles o define mal, ou melhor, não o define de forma alguma, mas fala dele sem realmente defini-lo. E o homem permanece há 20 séculos nesse estado de semiobscuridade.

Tentarei dar algumas definições, embora ciente de que elas não serão de grande utilidade até que alguma academia ou congresso, ou melhor ainda, um grupo de especialistas sérios e autorizados, reconheça a validade deste trabalho lexicográfico.

Ouro bruto não é dinheiro; a troca de ouro monetário por outros bens é, no fundo, uma espécie de escambo: troca de uma certa quantidade de bens ou de um certo peso de mercadoria por metal que foi pesado e medido previamente.

A qualidade essencial do dinheiro é que ele seja mensurável e possa servir como medida. Mesmo na troca de um disco de metal precioso por mercadorias, é a marca do Estado que determina que ele seja dinheiro. Um governo que dissesse: "Não podemos construir estradas porque não temos dinheiro" seria tão ridículo quanto um governo que dissesse: "Não podemos construir estradas porque não temos quilômetros".

Vamos tentar definir o que é dinheiro. "Dinheiro é um direito medido." Dinheiro é um título ou direito medido. "Dinheiro é um direito geral." Dinheiro é um título que não é específico (como uma passagem de trem, um cheque de pousada, uma passagem de navio que dá direito a transporte, alimentação, cabine, etc.). É geral. Além disso, o dinheiro é permutável, ou seja, pode ser transferido de uma pessoa para outra sem formalidades. Não rende juros como um título do Estado, um título ferroviário ou o título de qualquer "société anonyme".

Consideremos o termo "crédito". Diz-se que um homem tem crédito quando se acredita que ele será capaz de pagar à vista e quando se supõe que ele não tentará sonegar ou adiar o pagamento. "Dívida" não é exatamente o oposto de "crédito". Na verdade, crédito é frequentemente a possibilidade de contrair dívidas e nem sempre significa necessariamente o oposto de uma dívida já contraída. Estamos, portanto, diante de um termo ambíguo.

Por fim, consideremos a "inflação". Entre as meias-verdades das pretensões ortodoxas, algumas poucas se baseiam em fenômenos naturais e recorrentes. A chamada inflação deve, antes de tudo, ser distinguida da inflação verdadeira, que ocorre quando o dinheiro é emitido "correspondentemente" a bens ou serviços que ninguém deseja ou em quantidade superior à desejada. O dinheiro não tem valor quando é emitido "contra" (isto é, em pseudocorrespondência com) bens ou serviços que não podem ser entregues ou obtidos. Por exemplo, emitir dinheiro "contra" uma bomba que explodiu em 1917 seria inflação, e o dinheiro em si não teria valor, já que ninguém quer a bomba e ninguém pode entregá-la.

Uma breve lista de definições válidas permitiria ao homem comum escapar dos enganos e da perfídia absolutamente condenável e podre dos grandes usurários e monopolistas.

De fato, com uma definição, ou melhor, com um conceito sério e justo de *dinheiro,* Soddy, depois de publicar uma quantidade de livros obscuros (obscuros, isto é, para o leitor, embora extremamente profundos e queridos para o Professor Soddy) escreve em *Tomorrow's Money :* “Assim como é impensável que pessoas privadas tenham o poder de cobrar impostos, também é absurdo que os bancos, apesar de todas as salvaguardas constitucionais contra isso, usurpem por um mero truque a função

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

do Parlamento e, sem qualquer autoridade, cobrar impostos forçados sobre a riqueza da comunidade".

Distingamos a situação italiana atual da situação dos países anglo-saxões. Distinguamos entre países onde a abundância de riqueza gera crises e países onde há grave escassez de certos materiais; voltemos um pouco no tempo para delinear a história da "nova economia", que ainda assim inclui tanto do conhecimento ou da consciência antigos.

Existem quatro correntes vivas no pensamento económico de hoje: (1) Douglasismo; (2) Gesellismo; (3) economia canónica que tem as suas origens em Santo Ambrósio e evoluiu com Santo Antonino; (4)
Economia corporativa com sua política de melhoria (drenagem de pântanos, etc.), la battaglia del grano, poupança, cheques-família, cheques-alimentação, cheques-trabalho, controle estatal, acumulação, etc.

A economia ortológica que devemos iniciar deve considerar certos fatos obscurecidos pela chamada ortodoxia. Bens têm durabilidade desigual, cadeiras, queijos: as obras de Fídias, Praxíteles ou Botticelli têm durabilidades diversas. O homem primitivo usava um instrumento enquanto o homem civilizado usa uma dúzia.

Parece-me que devemos fazer uma lista dos homens sérios que estão colaborando hoje em uma ciência econômica, mesmo que sejam empiristas, mesmo que tenham feito uma única descoberta em sua atividade e não estejam no processo de coordená-la com a história e com as ideias justas e válidas de outras escolas, ou de outras épocas, ou de outras seitas econômicas.

Reconheçamos desde já que fulano observou o poder do vapor para levantar a tampa de uma chaleira. Isso é valioso, mesmo que o inventor não tenha publicado uma enciclopédia ou um tratado volumoso sobre física.

Reconheçamos que CH Douglas, por si só, descobriu a insuficiência do poder de compra distribuído pelo (e dentro) do sistema industrial. Sua fábrica distribuía poder de compra mais lentamente do que criava "preços", isto é, de mercadorias lançadas no mercado. Consequentemente, criava-se uma quantidade de preços em um mês maior do que o poder de compra distribuído.

O delinquente, o imbecil e o monopolista, que vivem da fome dos outros, gostariam de dividir o homem de acordo com sua cor. Douglas viu, em vez disso, a possibilidade de emitir poder de compra correspondente à quantidade de bens entregáveis e desejados pelo povo. Nisso havia pouco de novo e muito de honesto. David Hume já havia percebido que a prosperidade não dependia da quantidade de dinheiro possuída por uma determinada nação, mas do fato de que essa quantidade deveria estar aumentando. Esclareçamos que o aumento deve ser lento e constante.

Entre os escritores úteis, podemos citar MacNair Wilson, que educou seu público a reconhecer que os bancos não emprestam dinheiro, mas apenas prometem pagar. *(A Promessa de pagar.)* Gesell, partindo do ponto de vista da livre troca, reevocou os *bracteates* dos bispos medievais.
Com sua taxa de sobreestadia (os selos que devem ser anexados à nota todo mês para manter seu valor declarado), ele pretendia estimular a velocidade de circulação, e o prefeito Unterguggenberger de Wörgl demonstrou a eficiência desse sistema.

Gesell destruiu a parte morta de Marx com sua frase lapidar: "Marx nunca questionou
dinheiro". Ou seja, Marx nunca questionou a natureza do dinheiro, nem o analisou.

As vantagens do sistema Gesell são pelo menos as seguintes: (1) em países pseudodemocráticos, ele pode libertar a nação; isto é, o governo e o povo (incluindo todos os produtores, sejam eles empregadores ou empregados) do poder dos bancos e dos usurários.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

No entanto, nenhum Gesellite puro-sangue jamais considerou o dinheiro de sobrestadia do ponto de vista do Estado — e corporativo.

Com um selo proporcional a um por cento do valor da nota adicionado mensalmente, uma circulação de 8ÿ bilhões daria ao Estado uma receita de um bilhão por ano, praticamente sem despesas com arrecadação, o que seria automático e quase totalmente livre de burocracias ou interferências.

Em vez de acumular dívidas (astronômicas) com títulos nacionais, como Roosevelt fez, todas as dívidas estaduais, todos os títulos de riqueza do Estado, seriam cancelados em 100 meses, em vez de dobrar. (Os ingleses ainda estão pagando impostos pela batalha de Waterloo.)

Os títulos do Tesouro poderiam continuar a ser mantidos em mãos privadas, como uma forma de poupança para aqueles que querem sustentar a velhice e suas famílias, mas seriam considerados um dividendo do Estado para uma classe digna de cidadãos, não como uma necessidade inescapável para um governo que quer usar seu crédito.

Insisto: o Estado não precisa pagar “aluguel” por seu crédito; isto é, não precisa tomar emprestado dos grandes usurários profissionais, como é feito em quase todos os países, por ignorância e preconceitos preconcebidos; por exemplo, no meu infeliz país, na França em sua atual grave crise moral, na Inglaterra, pelo poder de tradições aceitas sem o conhecimento de novos eventos no mundo.

A segunda geração de credores sociais, depois dos empiristas e dos inventores, produziu Butchart, que, estimulado por AR Orage, publicou o primeiro livro de ortologia econômica, " *Moeda".* Com seu segundo volume, *"Moeda do Amanhã",* Butchart obteve menos sucesso; ele, de fato, reuniu sete escritores com opiniões divergentes, todos louváveis, mas não conseguiu fazer com que os autores individuais lessem os ensaios uns dos outros e os correlacionassem. O livro é valioso principalmente pela reimpressão de alguns dos escritos de Douglas e por uma página de Soddy já citada neste artigo.

Entre os escritores populares, Irving Fisher e Christopher Hollis merecem destaque. Mas é preciso distinguir: Fisher é um jornalista (oficialmente professor, mas no fundo jornalista) que escreve bem.
Quarenta páginas de sua *Stamp Scrip* merecem a atenção de todo homem sério, bem como de professores.
Fisher não se envolve muito na batalha. Talvez esteja otimista e tente persuadir os grandes usurários americanos a se contentarem com meio quilo de carne em vez de se apropriarem do último pedaço e grama.

Christopher Hollis escreveu um livro de grande valor, *The Two Nations,* e continuou a luta pelo público em diversos livros, nos quais se pode dizer que ele tem um toque feliz; ele está, de fato, entre os poucos economistas que conseguem tratar a ciência monetária e os vários problemas da usura de tal forma que seus livros vendem e chegam a uma terceira edição. Essas fases pertencem à educação popular, necessária o suficiente em países onde persistem os chamados governos "majoritários".

Wyndham Lewis chama o governo inglês de *falso antiquado.* Embora fosse principalmente um homem de letras, um satirista, ele recentemente contribuiu com um livro de alto valor sociológico, destinado a um público seleto: " *Conte Seus Mortos, Eles Estão Vivos* " (preparação para outra Grande Guerra por nada). Não o cito como economia, mas para sugerir o ritmo com que esses problemas estão penetrando na obra de escritores vivos de primeira linha. Os quatro melhores poetas americanos da atualidade estão preocupados com problemas monetários (não mais com os velhos "rosados" Webbite, Fabiano, Manchesteriano ou Villardiano) como, de fato, estavam os grandes escritores como Dante, Shakespeare, Aristóteles, Hume, Berkeley, Montesquieu, etc. ******conversor de e-books DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Outra corrente de pensamento que se baseia nessas ideias aparece nos escritos daqueles que revigoraram os fundamentos da república norte-americana, isto é, os escritos de Jefferson, Jackson, Van Buren, meu *Jefferson e/ ou Mussolini,* os livros de W. L. Woodward, "Uma Nova *História Americana",* os artigos do Padre Coughlin e de Buck, ou, mais especificamente, a melhor parte do livro de Coughlin, intitulado " *Dinheiro"* (pp. 211-213).

Seria difícil dizer quais revistas inglesas e americanas um estrangeiro deveria ler, pois a vida intelectual nesses países se manifesta em publicações efêmeras que duram apenas dois ou três anos (ou até menos) e então subitamente deixam de existir ou degeneram em uma espécie de burocracia literária ou ideológica, assumem uma coloração protetora e se acomodam em ideias fabricadas. No entanto, devemos observar que os fascistas ingleses iniciaram há um ano a publicação de um periódico socioeconômico de grande vitalidade: *The Fascist Quarterly.* Esta é a única revista inglesa em que pude ler os escritos dos outros colaboradores, entre os quais o General Fuller, Joyce, Wyndham Lewis, A. K. Chesterton e J. Jenks.

Hugo Fack, que tem o grande mérito de ter publicado no Texas *The Natural Economic Order,* de Geseli, às suas próprias custas, quando as grandes editoras não achavam que tal publicação fosse um bom negócio, tinge seu pequeno jornal, The Way Out, com as ideias que sobraram de Scarcity Economics, apesar da publicação de Chart of Plenty, de Loeb (veja a recensão de Odon Por em Rivista del Lavoro, março de 1936).

A liberdade de expressão não existe entre essas seitas de origem liberal. Nem as publicações dos gesellitas nem as publicações oficiais do douglasismo permitem a discussão aberta de ideias econômicas. Eles parecem hipnotizados e enrijecidos como pescadores decadentes. Brigam entre si. Douglas considera que os selos sobre o dinheiro de sobreestadia constituem um imposto opressivo — inútil e perpétuo, embora mais compreensível do que o "cancelamento" do crédito Douglas ou do que seu desconto e outros meios de cancelar o crédito emitido.

Os gesellitas ficam quase sadicamente enfurecidos com a ideia de que toda a raça pode lucrar com o trabalho daqueles que já morreram e com as descobertas científicas. (O valor é derivado do trabalho, mas uma grande quantidade de trabalho foi realizada por nossos predecessores, que não se alimentaram aqui para consumir seus frutos.)

A *Figueira* (Douglasita) não aponta o progresso dos não-Douglasitas — para os Gesellitas ou para o sistema corporativo. *O New English Weekly* está submerso no temperamento suburbano inglês e, portanto, descolorido por essa vida pálida, e não por uma ideologia específica e definida. A *Nova Democracia* (Nova York) foi útil, mas não existe mais. Coughlin está realizando um trabalho de educação popular por meio de um semanário para o público em geral, não para os iniciados *(Justiça Social).* Mas no mês de junho do ano XV, encontro em seu jornal notícias que não são impressas em nenhum outro lugar ou que são dadas apenas algumas linhas, escondidas entre colunas de escândalo e camuflagem. De editores da imprensa periódica de caráter geral, frequentemente recebo o convite: *Você não consegue escrever sobre nada além de economia?*

Peço a indulgência do leitor sério: falei de coisas muito diversas.

Este artigo consiste em duas partes: na primeira, quase implorei aos economistas que considerassem a necessidade urgente de uma terminologia exata; na segunda, indiquei brevemente certas obras, fragmentárias, mas sinceras, escolhidas entre vários escritores dispersos, que não são, mas poderiam ser, coordenadas, se um núcleo pudesse ser encontrado composto de técnicos prontos para assumir uma responsabilidade lexicográfica.

Digo com muita ênfase que sem uma ética sólida não pode haver nenhuma ética sã e científica ******ebook converter DEMO Watermarks*******

Machine Translated by Google

Economia. Considerar o mero dinamismo, sem levar em conta o objetivo e a finalidade de uma política monetária, levaria ao caos. A direção da vontade é um dos componentes do estudo da ciência econômica. Badoglio, ao dizer: "Nosso ouro é a vontade e as armas de nossos soldados", é mais economista do que todos os professores de Londres.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Causas da Recessão
por A. Raven Thomson

EU Escrevi em diversas ocasiões *no Fascist Quarterly* e *no British Union Quarterly* sobre a depressão que se aproximava, que inevitavelmente se seguiria ao breve boom de recuperação impulsionado pelos velhos economistas de gangue. Mostrei como o ciclo econômico de expansão e recessão esteve em operação nos últimos cem anos, desde a fundação do capitalismo, e apresentou um período regular de nove anos em média, caindo, ocasionalmente, para sete ou subindo para onze. Em média, o próximo ano de crise deveria ter sido 1938, com probabilidade de adiamento para 1939, devido à profundidade incomum da depressão. Na verdade, a crise foi precipitada um ano antes do habitual, e a próxima recessão já começou em 1937.

Isso surpreendeu até mesmo aqueles de nós que estavam convencidos de que a "prosperidade" não duraria. Somente na última edição do *Quarterly* discuti o efeito do rearmamento e do dinheiro barato sobre a crise iminente e, embora reconhecesse que a especulação excessiva havia criado um boom prematuro, considerei que o ímpeto do rearmamento nos sustentaria até o outono de 1938, quando argumentei que uma guerra para consumir os armamentos acumulados seria suficiente para evitar uma recessão. De fato, alertei contra o perigo de os financistas buscarem deliberadamente a guerra como alternativa à recessão.

Na verdade, eu havia subestimado o peso da economia americana no mundo em declínio da Democracia Financeira e a ausência de qualquer grande programa de rearmamento na América.
É da América, como na última crise, que a nova depressão está se irradiando, e todo o incentivo aos lucros do rearmamento é insuficiente para impedir que Throgmorton Street reaja ao colapso dramático dos valores das ações em Wall Street.

Embora esta recessão prematura, como a de 1907, possa ser de menor intensidade e, portanto, representar um golpe menor para a estabilidade capitalista do que um revés posterior e mais intenso, ela tem a vantagem de ter chegado antes que os belicistas conseguissem, apesar de todos os seus esforços, nos levar à guerra. À medida que a depressão se intensifica, o interesse público retornará das relações exteriores para os problemas internos urgentes, e o perigo de conflito internacional diminuirá. O perigo da guerra como medida preventiva à recessão já está passando.

PÂNICO EM WALL STREET

Apesar dos esforços da nossa imprensa para encobrir o ocorrido, o pânico em Wall Street foi tão intenso neste outono quanto no outono de 1929. O declínio na demanda por aço para obras de capital foi o fator decisivo, e as ações da United States Steel e de outras siderúrgicas lideraram a queda. No início deste ano, a US Steel era cotada a 129,25 por ação de US$ 100. Mesmo após a crise do ouro em abril, o valor estava bem acima de US$ 100. O declínio constante em setembro levou a US
Aço a 80. Depois veio a queda de outubro, com os valores despencando dia após dia. Os EUA caíram
Aço durante os anos 70 até 68. Uma breve alta e, em seguida, na "terça-feira negra", vendas de pânico levaram o preço para 54. Desde então, houve uma recuperação adicional, que levou a US Steel de volta para cerca de 65, mas já em novembro o preço está caindo novamente para os anos 50 devido a novos relatos de redução na produção de aço, que agora é inferior a 50% da capacidade.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Tudo isso não pode ser descartado como mero "nervosismo" na Bolsa de Valores. Há causas fundamentais por trás da queda de Wall Street. A demanda por bens de consumo pode estar bem mantida até o momento, mas a demanda por bens de capital está caindo rapidamente. A superprodução, se ainda não real, é pelo menos potencial, e os industriais estão parando de expandir suas fábricas. Como resultado, os produtores de bens de capital, nos quais o aço agora entra em proporção crescente, já estão gravemente afetados, e a queda no valor das ações do setor siderúrgico, que desorganizou o mercado, não é mera manobra de mercado, mas uma antecipação razoável de lucros reduzidos com a redução da produção.

ROOSEVELT PODE AJUDAR?

Nas cidades siderúrgicas, como Pittsburgh, o desemprego já está crescendo, o que, é claro, terá seu efeito sobre a demanda por bens de consumo, com repercussão redobrada sobre o investimento.
Os Estados Unidos estão a caminho de uma depressão clássica mais uma vez, antes de se recuperarem adequadamente da última. Se Roosevelt intervir, como parece relutante em fazer até agora, estará nadando contra a maré, como Hoover se esforçou para fazer entre 1929 e 1932. Desta vez, não será uma tarefa fácil, como em 1933, colocar os Estados Unidos na maré da recuperação mundial geral. Desta vez, o poderoso presidente terá que exercer toda a sua força.

Manipulação monetária, obras públicas e assim por diante serão insuficientes para enfrentar a crise; de fato, dentro de seus termos de referência, Roosevelt só pode ajudar por meio de compras gigantescas do estado, que podem ter que ser tão intensas a ponto de colocar a maior parte da indústria americana em propriedade do governo. Como Roosevelt não tem poder para impor a alternativa fascista de controle estatal da indústria, tendo seu New Deal sido desacreditado e em grande parte destruído por decisões da Suprema Corte, ele pode muito bem ser forçado a adotar o método comunista de introdução do capitalismo de Estado. Ainda não sabemos até que ponto seus conselheiros judeus estão trabalhando nessa direção. EUA e URSS podem gravitar ainda mais próximos como as duas grandes repúblicas materialistas, nas quais o controle judaico é primordial.

REAÇÃO BRITÂNICA

Nossos políticos conservadores, apesar de todas as evidências de um colapso da Bolsa de Valores, nos garantem que não há sinal de uma "recessão" iminente (palavra especial cunhada com o propósito de tranquilizar o público), que a Grã-Bretanha não está sendo afetada pelos mesmos problemas econômicos que os Estados Unidos e que o rearmamento nos salvará. Tudo isso é um absurdo, visto que todas as democracias financeiras estão intimamente ligadas às finanças internacionais, e Wall Street é, e continua sendo, o centro financeiro do mundo.
O que quer que aconteça lá certamente terá repercussões em outros lugares, tanto em 1937 quanto em 1929.
Afinal, não enfatizamos a "união das grandes democracias" por meio de um Acordo Tripartite? Não está nosso governo, sob os aplausos dos partidos da "velha gangue", negociando relações comerciais mais estreitas com os Estados Unidos? Esta última manobra parece tão útil quanto um nadador abraçando deliberadamente um homem que está se afogando: boa se nosso objetivo for o resgate das finanças judaico-americanas, ruim se quisermos salvar a Grã-Bretanha de afundar nas ondas de uma nova depressão.

Quanto ao rearmamento, longe de nos salvar da depressão, sem dúvida precipitou problemas, não apenas aqui, mas também na América. Especuladores, que, é claro, desfrutam de toda a liberdade da democracia, viram no rearmamento e na possibilidade de guerra oportunidades incalculáveis de lucro e, aproveitando o dinheiro excepcionalmente barato, passaram a comprar estoques de todos os tipos que, segundo eles, as nações em rearmamento necessitariam, ou que poderiam se tornar escassos em tempos de guerra.
Como resultado, os preços de todas as commodities, especialmente metais, aumentaram em dezoito meses em quantidades que chegaram a 100 por cento em alguns casos: um boom especulativo sem precedentes na história durante um ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

período de paz, superado, de fato, apenas durante os piores períodos da última guerra.

Felizmente para nós, os especuladores se excederam. A guerra que previram restringiu-se à Espanha e à China, apesar dos esforços dos belicistas de esquerda, e, como todos os que tentam monopolizar produtos, logo se sentiram constrangidos pela retomada da produção, atraídos por níveis de preços mais lucrativos. De fato, subestimaram completamente a imensa capacidade produtiva da indústria moderna e foram arrastados pela enxurrada de commodities que os preços mais altos produziram. Muito pouco estímulo é agora necessário para produzir superprodução em relação ao consumo atual. O imenso estímulo de uma alta sem precedentes nos preços submergiu completamente, não apenas os próprios especuladores, mas também o comércio legítimo, que não consegue lidar, apesar do rearmamento, com o excesso. De fato, já existem novas demandas por cotas de produção reduzidas, antes mesmo que a depressão esteja em pleno andamento. Como tais reduções reagirão ao desemprego e à consequente falta de poder de compra, deixamos nossos leitores imaginarem.

Já são 80 mil desempregados a mais do que em agosto.

CAUSA SUBJACENTE

Por trás de todos esses sintomas externos, com suas reações ao rearmamento e aos temores de guerra, encontra-se uma causa fundamental: a disparidade crônica entre a produção industrial moderna e o consumo popular em geral. Enquanto essa discrepância absurda existir, nosso sistema econômico estará obviamente sujeito a uma instabilidade inerente, que o envolve nos recorrentes períodos de expansão e recessão do capitalismo financeiro. De fato, à medida que a ciência aumenta o poder de produção e o sindicalismo se torna impotente para aumentar ainda mais os salários dos trabalhadores contra a crescente resistência das associações financeiras, a discrepância se torna cada vez maior e, como Mosley apontou, os períodos de expansão se tornam cada vez mais curtos e as recessão, cada vez mais longas, à medida que o capitalismo declina.

A causa fundamental disto, como de toda depressão, é a falta de poder de compra nas mãos das massas populares, e a crise é precipitada de forma incomumente precoce, desta vez, pelo aumento sem precedentes dos preços, que não só encorajou um excesso de produção, como também restringiu ainda mais o poder de compra da população, cujos salários não conseguiram acompanhar o aumento do custo de vida. A recessão resultante só pode ser corrigida permanentemente, não por economia e reduções salariais, como acredita a "velha gangue", mas por obras públicas e aumentos salariais construtivos, até que o Estado e o povo consumam entre si a produção da indústria moderna. É verdade que o Estado está atualmente, por meio do rearmamento, consumindo a produção a uma taxa incomum, mas mesmo isso não compensa de forma alguma a falta de poder de compra da maior parte da população, empobrecida como está pelos recentes aumentos nos preços das commodities.

RECURSOS

As soluções geralmente defendidas são a reforma monetária e o planejamento econômico. A primeira perdeu seu argumento mais forte, visto que o dinheiro estava tão barato em 1937 quanto era caro em 1929, e ainda assim a crise continua tão grave quanto antes. Os problemas monetários são obviamente secundários ao problema principal do desajustamento econômico do consumo à produção, e nenhuma forma de teoria monetária é boa se não explicar como o dinheiro deve chegar ao consumidor. O Crédito Social tem interesse nessa direção e merece consideração, mas os defensores do Crédito Social devem reconhecer a necessidade de autoridade extrema para derrubar a atual ditadura financeira. Nesse sentido, as medidas tomadas pelo Governo do Crédito Social em Alberta para controlar os bancos e até mesmo a imprensa são altamente significativas. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O planejamento econômico é obviamente necessário, mas, novamente, a autoridade é necessária, e surge a questão de como essa autoridade obterá seu título. Segundo os financistas, que defendem, como Israel Moses Sieff, do PEP, a combinação industrial e distributiva, a autoridade para planejar advém da compra e fusão capitalistas. *Planejamento por compra,* na verdade. Segundo os socialistas, que defendem a nacionalização dos meios de produção, distribuição e troca, a autoridade para planejar advém do confisco estatal sob a administração pública. *Planejamento por confisco,* neste caso.

A União Britânica favorece um meio menos materialista de obter autoridade para planejar, não por meio de compras capitalistas combinadas ou do confisco capitalista estatal da propriedade privada, que são muito semelhantes, mas pela autorização do povo para impor um plano econômico tanto à iniciativa privada quanto à pública. *Planejamento por consentimento.* Os meios pelos quais a autoridade estatal e a propriedade privada se fundem em um sistema econômico amplamente autogovernado podem ser estudados em vários livros, já publicados, sobre o Estado Corporativo. O que deve, no entanto, ser compreendido é que o Estado Corporativo existe para distribuir os produtos da indústria ao povo, e as finanças estão inteiramente subordinadas a esse objetivo principal. Em especial, toda especulação e retorno excessivo sobre o capital são proibidos para evitar a instabilidade e permitir que a parte justa do produto passe para o produtor.

ISOLAMENTO CONTRA MAIORES QUEDAS

O Estado Corporativo não só deve equilibrar a produção de capital e bens de consumo, pondo fim à instabilidade do investimento especulativo e permitindo que o povo consuma a produção da ciência moderna, como também deve proteger a nação contra a concorrência externa de mão de obra estrangeira barata, como a que atualmente vem do Japão. Para tanto, deve ser introduzida uma política de Império Isolado, reservando os mercados imperiais para o mercado interno e a indústria imperial, e oferecendo aos domínios e colônias uma parcela totalmente protegida da demanda do mercado interno por matérias-primas.

Somente por esses meios um plano completo para nossos assuntos econômicos pode ser implementado, e somente assim podemos garantir ao nosso povo a recorrência da terrível crise com a qual agora está ameaçado. Nunca mais se deve permitir que o pânico em Wall Street leve a indústria britânica à depressão. Vamos nos isolar, como a Alemanha fez, contra as flutuações insanas do mundo capitalista, e planejar nossos negócios com plena consciência de que nenhum fator desconhecido fora do nosso controle pode destruir repentinamente tudo o que fizemos. A política da União Britânica, do Estado Corporativo dentro de um Império Isolado, por si só, oferece segurança contra a expansão e a recessão, e a distribuição dos frutos da invenção científica moderna ao povo britânico.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Revolução Traída por Ezra Pound

TA revolução que foi traída é, basicamente, “nossa” Revolução Americana de 1776, não em suas fases locais e particulares, e certamente não como uma divisão totalmente desnecessária da RAÇA Inglesa.

Seja qual for o bem que possa ter resultado ou não dessa cisão, ela foi totalmente desnecessária e, em grande parte, involuntária. Certamente não foi benéfica para a Grã-Bretanha. Foi, talvez, a primeira grande ferida infligida ao seu país pelos penhoristas introduzidos por Cromwell.

O século XIX foi tudo o que La Tour du Pin o chamou, tudo o que Maurras e os palhaços realistas franceses tentaram esquecer que La Tour du Pin o chamou. Foi o século da usura. Foi o século da decomposição. Foi um século mais vil do que qualquer outro que eu possa imaginar, por ser a era da TRAIÇÃO dos termos, da confusão e da corrupção dos significados das palavras.

A REVOLUÇÃO TRAÍDA não é uma revolução traída em um ou dois anos por um ou dois passos em falso de Joe Stalin ou de qualquer governo.

A revolução traída foi a revolução nascida das reformas leopoldinas na Toscana e bastante manifesta no processo jeffersoniano que culminou com as vitórias — muito efêmeras — de Andy Jackson e Martin van Buren.

Antes deles, as reformas leopoldinas haviam evoluído para o conceito de autarquia e para a crença de que os GRÃOS de uma nação existiam principalmente para que a nação (na pessoa de cada um e de todos os seus cidadãos) COMESSE.

Essa revolução foi claramente traída pelas gerações de Dan Websters, Biddles, Morgans, Baruchs, camufladores de todos os tipos, Trotskys, Wallaces, Perkinses, os dois cardumes de conselheiros de Roosevelt, organismos como Morgenthau, imersos desde o berço em preconceitos usurários, os aryio-kikes mesquinhos.

Este termo eu insisto. O veneno semítico está no semita temperado pela instabilidade semítica, por a oscilação dos semitas de um excesso para outro.

Essa instabilidade o torna um perigo para as raças estáticas e paralíticas. Mas, em toda a comitiva hedionda, perigosa e subversiva de Roosevelt, foi o judeu, M. Ezekiel, quem primeiro se aproximou da economia da ABUNDÂNCIA com seus *2.500 Dólares por Ano.*

Este livro é desagradável, é tão evasivo quanto qualquer escrito semítico pode ser, e evita o verdadeiro problema financeiro. É um compromisso judaico, tem todo o desejo de J. Simon por um acordo tranquilo e tranquilidade geral, MAS é melhor que Wallace e Perkins. E qualquer antissemita objetivo e razoável admitirá também que os fatos com os quais Mordecai Ezekiel está tentando chegar a um acordo emergem do relatório de um comitê chefiado pelo judeu esportivo Loeb (o tímido do Sr. Hemingway).

Se você acredita que uma raça inteira deve ser punida pelo pecado de alguns de seus membros, admito que a expulsão dos dois milhões de judeus de Nova York não seria uma punição excessiva pelos danos causados pelas finanças judaicas à raça inglesa na América.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Não importa o que o camarada Wyndham Lewis tenha dito sobre os judeus governarem bem a Inglaterra, os judeus NÃO governam a América de maneira satisfatória, mas o financiador judeu não é o nosso pior mal.

Nosso pior mal é o aryio-kike que é capaz de seguir uma linha suja e segui-la sem desvio ou sombra de mudança, sem nenhum dos momentos de piedade, excitação ou necessidade de exibição opulenta dos judeus.

Uma raça pode ser responsabilizada por seus piores indivíduos. A raça judaica não assume há séculos a responsabilidade pela aplicação de suas próprias leis. Na história do Evangelho, seja ela tomada como fato ou como ficção ilustrativa, a execução de Jesus foi conseguida por meio de transferência de responsabilidade. A aplicação da lei cabia aos romanos. Se um homem vai ser antissemita, que seja objetivamente antissemita. Que ele reúna o máximo de fatos possível, e não os esconda.

O judeu trouxe o anti-semitismo sobre si mesmo pela FALTA DE ORGANIZAÇÃO, pela recusa em assumir responsabilidades.

Se o judeu deseja viver em um mundo de vizinhança entre povos ILUMINADOS, ele deve se submeter à disciplina dos infratores menos agradáveis da lei judaica. Até onde sei, ele se mostrou totalmente relutante em fazer isso por 2.000 anos. Nenhuma outra raça pede que um país seja governado por ela, ou conquistado por ela, pelo menos não no Ocidente. Se os brâmanes o fazem, merecem o nome de "negros sujos", assim como, talvez, alguns epígonos chineses, não confucionistas.

O gabinete de Roosevelt tem duas doenças. A usura de Nova York, que está ligada a toda a usura de Londres e, portanto, a Basileia e aos esgotos de Paris.

Mas também tem a mesquinharia e avareza aryio-kike dos Perkins. Essa é a mesquinharia do "cabeça-redonda" e tem a persistência do cabeça-redonda, a falsa moral da mesquinharia, nascida muito provavelmente da inveja, mas de qualquer forma condenável.

A “dúzia de economistas” que o *NY Tribune* listou em novembro de 1937, como tendo aconselhado Roosevelt a acabar com a crise, não merece nenhuma piedade humana pelos conselhos que deram, sejam eles dados por pura ignorância ou pura malícia.

“Reforçar a confiança pública”, etc. Esses homens tiveram a oportunidade de abordar o problema de igualar o poder de compra público aos bens necessários disponíveis, e falharam em aproveitá-la, e eles são tão pouco dignos de compaixão quanto Niemeyer, Baruch ou qualquer genro da usura incorporada.

Olhe para isto e para aquilo!

Voltando ao estado organizado, temos um imposto sobre o capital INCORPORADO.

Essa tremenda medida praticamente não causou impacto na imprensa escrita em países pseudodemocráticos. Os comunistas, lamurientos, não a saudaram como um triunfo de ideias. Os jornais que promoviam empréstimos a divulgaram como se fosse um imposto sobre propriedade privada.

NENHUM dos grandes jornais diários distinguiu entre propriedade (terras, casas, móveis) e uma reivindicação contra "juros mais propriedade" ou contra juros "e posse total se os juros não forem pagos prontamente". Naturalmente, eles não fizeram isso, eles são um legado, uma mão morta e pútrida do túmulo, da vala comum do século XIX.

Aquele século foi o traidor das palavras. Manchou todas as ideias luminosas do século anterior. Voltaire, o deísta, foi passado como ateu.

LIBERDADE, que significava o direito de fazer o que NÃO prejudica os outros, foi disfarçada como direito de sangrar os
outros. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

IGUALDADE, na boca de Jefferson, significava que os homens tinham os mesmos direitos perante a lei; que nenhum homem nascia com uma deficiência intransponível. Tinha um quê da frase de Burns: "um homem é um homem por tudo", mas, na época de Jefferson, não significava sequer sufrágio universal. O sufrágio podia ser uma recompensa por mérito. Não foi definido tão estritamente quanto a filiação partidária, mas não foi lançado aos porcos desprevenidos.
Antes que essas sanidades pudessem ser corrompidas e profanadas, foi necessário que a horda de usurários traísse os próprios meios de comunicação. A linguagem teve que ser torpedeada. Cada palavra que havia sido enobrecida teve que ser escavada para encobrir os gângsteres furtivos da Leihkapital, emitida por bancos.

A LIBERDADE é impossível sem ordem, e a ordem vem da organização.

Uma nação agrícola, como a de Jefferson, não precisava imediatamente de uma organização de guildas como as cidades medievais precisaram e a desenvolveram. Nenhum sistema é infalível e à prova de falhas. Desenvolva um mecanismo social perfeito e coloque-o em ação, e os filhos do inferno começarão a cinzelar; sanguessugas começarão a sugar sangue e vermes infectarão cantos abandonados.

O quanto a imprensa mantida confundiu o leitor anglo-saxão na Inglaterra e nos EUA fica evidente em uma carta que chegou ontem e agora à minha mesa, de um homem que não é de forma alguma um imbecil. Cito-a para mostrar o que pode ser:

Em seu último livro, Christopher Hollis afirma que Mussolini deu à Itália um sistema monetário decente ao tirar dos banqueiros privados o poder de criar dinheiro ou crédito arbitrariamente com uma caneta-tinteiro. Ele sugere que o governo controla e *causa* a emissão de dinheiro no país.
Relutante em acreditar apenas na sua palavra para uma reforma tão revolucionária na economia nacional, que deve ser combatida com unhas e dentes pelos banqueiros, pergunto se esse é o caso. Se for, a Itália deveria ser um lugar para se ir.

Isto é datado de novembro de 1937, ou seja, dois anos após a reforma bancária italiana. Os fatos estão lá, mas o jovem foi tão condicionado pela imprensa da Leihkapital que simplesmente não consegue acreditar neles sem uma palavra pessoal de um amigo.

Um cavalheiro recém-visto no Café abaixo, recém-chegado da Inglaterra, não sabia que o imposto incidia sobre capital INCORPORADO, não sobre capital privado. Ele achava que sabia o que tinha acontecido. Ele havia lido o breve aviso sem acento em seu jornal londrino.

A Revolução Russa foi o FIM do ciclo. Ela deu continuidade à traição das palavras do século XIX, usou verborragia enganosa, como em "ditadura do proletariado", para significar ditadura de poucos, etc. Os bolcheviques nem mesmo agora definem palavras. Eles não querem revolução. Pelo menos ninguém que eu tenha encontrado na imprensa, ou nos dias em que pediram respostas, quer. Eles não se envolvem na luta por termos claros, pela definição clara de significados, de modo que, por mais que alguém possa ter desgostado de algumas coisas que eles pretendiam destruir, simplesmente não se pode continuar parado, ancorado neles.

Não podemos, ou pelo menos eu não posso, neste momento, obter qualquer informação clara da Rússia sobre o que Stalin quer dizer em termos monetários. Ninguém sequer afirma que ele, Stalin, sabe. Pelo menos eu não vi nenhuma afirmação desse tipo, e seu oponente, o Sr. Bronstein, não é mais claro. Daí a intelectualidade rosa.

Eles NÃO se preocupam em definir palavras. Eles NÃO se preocupam em coletar informações. Eles não buscam relatar eventos reais nesta península, como os atos e as declarações claras de Rossoni.
declarações.

“No *ammasso* de cereais há, além disso, uma razão política: o pão deve ser garantido a todos os italianos, sem saltos absurdos de preço, sem especulações imorais.” Rossoni admite que

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

esta não é uma nova economia, ou melhor, suas palavras são "nós não alcançamos uma nova economia". Nós, no entanto, definitivamente evoluímos a partir do "pensamento positivo" *("busca"* da felicidade).

Em certo sentido, isso é mais ou menos um retorno ao sistema de nove campos admirado por Mêncio. Por outro lado, não equipara DIRETAMENTE o dinheiro a uma massa de bens de consumo. Mas, por outro lado, é eficaz, porque todo controle honesto de preços para o público e o bem público afeta o poder de compra do dinheiro existente. Há dois anos, um italiano, tão conhecido como Rossoni, ou talvez mais conhecido, mas não pertencente ao Gabinete, escreveu-me:

"As duas doenças da sociedade moderna são a legalização da usura através dos bancos e a legalização do furto nas leis das sociedades de responsabilidade limitada."

Era uma carta particular e eu nunca soube ao certo se tinha liberdade para citá-la. Agora me sinto bastante à vontade para fazê-lo, pois tal ideia não é mais imprudente. Seja a carta originalmente uma opinião particular ou uma indicação do que viria a público no momento oportuno, a ideia original foi colocada em prática NA ITÁLIA.

Você pode medir o curso fascista por graus:

1. Na Consegna, ano XII: "disciplinar as forças económicas e equipará-las às necessidades da nação".
2. O discurso de Milão no outono seguinte: "produção resolvida, economistas instigados pelo Estado deve resolver o problema da distribuição".
3. Autarquia. Doutrina de CH Douglas. Analogia com a política de Jefferson. As bases de uma economia sólida são as mesmas há milênios. "Certamente uma nação NÃO pode pagar dividendos de forma adequada e honesta até que tenha o que dividir."

Os vários métodos possíveis de distribuição do poder de compra exigiriam uma questão inteira de este diário para descrevê-los.

Para manter o elogio na medida certa, o antidemocrata deve admitir que a Constituição dos EUA dá ao governo americano pleno direito de centralizar sua própria moeda. Não passa de baboseira rooseveltiana e bobagens baruchianas para inflar balões sobre constitucionalidade. O Congresso dos EUA, se fosse honesto e supondo que contivesse algumas dezenas de homens entre suas centenas de macacos, PODERIA amanhã fixar o poder de compra do dólar em um alqueire ou algo assim de trigo, em seis libras do melhor bife, em duas jardas de sarja ou quatro libras de lã de uma determinada qualidade, ou o que quer que fosse encontrado logo após um levantamento adequado dos recursos nacionais.

Ninguém, a não ser um mentiroso ou um homem tentando obter vantagem política pessoal, pode tentar obscurecer isso. Nos EUA, NÃO é um defeito do instrumento verbal do Governo, mas uma podridão de vontade ou uma pura ignorância bestial que impede essas reformas.

Se tal reforma for fascismo, deve ser fascismo jacksoniano. Qualquer país precisa de alguma forma de ordem. A Guerra Hispano-Americana, quando nós, crianças (crianças da minha época), estávamos sendo treinados, introduziu um jargão sobre ordem aberta. Pode ser que as ilhas supremas e o continente americano exijam uma ordem ABERTA, não adaptada à Europa como continente. Mas, de qualquer forma, tentemos ver o que é e o que foi, e tentemos manter essas realidades separadas do que os Milords Bunkum e Wunkum nos dizem e nos fazem contar em seus jornais.

A disciplina das tropas em formação aberta difere daquela das tropas sob o comando de Braddock, que tentaram lutar contra os índios antes de 1776. Peço desculpas pelas comparações militares, se forem por uma questão de boas maneiras.
******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

para eu fazer isso. Mas eu gostaria de deixar claro o meu ponto de vista de alguma forma. Gostaria de estabelecer uma demarcação precisa para as palavras "liberdade", "ordem", "responsabilidade", "inconstância".

A recente declaração de Mussolini de que “O capital está a serviço do Estado” é a resposta à frase de Adam Smith: “Homens do mesmo ofício nunca se reúnem sem uma conspiração contra o público em geral”.

O problema da imprensa controlada e dos pseudoeconomistas contratados é que eles nunca destacam a verdadeira grandeza dos escritores que professam admirar e a quem atribuem suas teorias deletérias. Aquela frase de Smith era real.

O século XIX nunca o enfrentou. Foram necessários cem anos e o filho do ferreiro da Romanha para encontrar a resposta e o equilíbrio. Daí a existência de várias corporazioni, ou organizações de guildas centrais, incluindo a corporazione de "Previsão e Crédito". O crédito era proclamado como a força vital.

O restante deste artigo é aplicado para responder a declarações diversas de escritores honestos.
Alguém deve tentar correlacionar o pensamento atual, deve tentar eliminar certos mal-entendidos, mesmo que *eles não pertençam todos* à mesma parte do assunto.

Como nota de rodapé em resposta à carta que perguntava sobre a Itália criar seu próprio dinheiro. A Itália cria seu próprio dinheiro, mas o crédito é um produto humano natural. Enquanto um homem confiar em outro, nenhum Estado poderá impedir TOTALMENTE que pequenas parcelas de crédito individual brotem como a grama, por natureza, benéfica e fraterna.

A Itália NÃO tem estatolatria. A expressão "culto ao Estado" foi cunhada por ignorância e para fins de propaganda.

Você pode entender isso diretamente da fonte. O Estado na Itália não está aqui para suprimir a iniciativa individual, mas para prevenir abusos e encontrar uma medida justa quando interesses conflitantes não têm sentido suficiente para encontrar sua própria solução.

Em resposta a uma dúzia de correspondentes e ao final de duas dúzias de conversas, SIM, há defeitos no Estado corporativo italiano neste momento, E eles se devem à superstição, aos resquícios, aos hábitos sujos de antigos monopolistas. Há na Itália, como em todos os países, porcos humanos e mentes letárgicas e indolentes que ainda vagam pelo velho pântano, tentando sabotar, tentando enganar seus vizinhos, impedindo que pessoas simples e ingênuas obtenham o máximo de resultados para si mesmas e para o máximo de público que suas atividades possam afetar.

Mas tenho a firme convicção de que essas deficiências serão corrigidas na devida ordem. Nunca encontrei, até o momento, qualquer tendência a desencorajar alguém que se proponha a lutar sozinho contra esses obstáculos cada vez menores, ou "moinhos de vento".

“A doação romana é medida”, com o que quero dizer que o gênio romano para 2.000 e
mais anos tem sido um gênio para medida.

Há limites para o poder do Estado (qualquer que seja a teoria em que se baseia), e há coisas que o Estado NÃO pode fazer. O experimento russo desmedido agora está ocupado ilustrando o que acontece quando o Estado tenta se sobrecarregar demais com seu Plimsoll.

O Estado do século XIX tentou prescindir de lastro. A Itália de Mussolini é talvez o primeiro Estado a se questionar seriamente quanta liberdade pode ser deixada em mãos privadas sem ser semente de ruína.
Quero dizer que nenhum outro estado jamais examinou seriamente essa questão.

O grupo de Jefferson estava atacando os males do privilégio e a podridão das finanças centralizadas.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

tirania. Eles sabiam que, por enquanto, não conseguiriam avançar muito em direção ao oposto.

Se eu não acreditasse que o fascismo na Itália significava o desenvolvimento mais completo e o campo máximo de liberdade individual compatível com uma ordem social sã, eu seria tão antifascista quanto os rapazes do chá rosa e os pseudoliteratos franceses, que ainda não sabem que algo começou na Itália. É permitido acreditar na liberdade por meio da ordem. É muito mais provável obtê-la com regras de trânsito decentes do que por meio de teimosia ou desinvolução, como o herói que conseguiu atirar em seu próprio camelo durante um ataque de camelos.

Estou tão preocupado agora com a falta de transmissão de notícias econômicas e políticas, ou, digamos, de notícias sobre o estado do pensamento econômico, quanto costumava ficar, 25 anos atrás, com a falta de notícias reais sobre livros. Não havia, então, nenhum lugar onde se pudesse saber convenientemente o que estava sendo escrito no exterior. Um antifascista sério hoje gostaria de saber o que estava enfrentando e se seus ódios prediletos correspondiam a uma realidade existente e objetiva.

“Há”, diz Karl Winter, na edição de outubro da Civiltà Fascista, “um antifascismo no mundo democrático que é uma posição justa e de má-fé; há também um antifascismo ignorante e de boa-fé”.

Recomendo o artigo de Winter e o que ele tem a dizer sobre a esquerda como elemento construtivo em países totalitários. Beniamino de Ritis também contribui para essa edição da "CF" com um artigo sobre o desaparecimento da hostilidade entre o Norte e o Sul nos EUA, um artigo que pode nos levar a pensar nas possibilidades de uma Europa nova e curada.

Eu já disse várias vezes que qualquer um que queira amar ou odiar a nova Itália de forma inteligente deve ler pelo menos algumas das revistas mensais italianas, como *La Stirpe de Rossoni, La Revista del Lavoro, Critica Fascista* ou *Rassegna Monet aria, editadas* pelo Prof. Spinedi, Senador Bevione e Furio Lenzi.

Por fim, há uma expressão no admirável artigo de Montague Fordham na BUQ de dezembro que eu gostaria de ver definida com mais clareza. Quando ele "duvida do valor das emissões de moeda especial para os consumidores como tal", não tenho muita certeza do que ele quer dizer. Será que alguns leitores não poderiam pensar que tais emissões faziam parte da tese essencial de Douglas? Não fazem.

Como uma mera questão de igualar o poder de compra total aos bens desejados disponíveis, a discrepância, quando houver, poderia teoricamente ser compensada no mercado imediato por qualquer um que pudesse criar e gastar dinheiro novo (ou crédito).

Muitos anti-Douglas perceberam que a distribuição aos mais necessitados significa gastos mais rápidos. O (maldito) subsídio britânico certamente é concedido a pessoas que NÃO se dedicam à produção, ou seja, a não produtores pro tempore. A teoria "pro tempore" é bastante tênue no caso de homens que estão oito anos sem trabalhar.

Mas o dividendo Douglas é dado, como me parece lembrar que o Major nos disse, aos acionistas, como tais, na nação. É dado em relação ao trabalho (principalmente inventivo, mas também trabalho de construção de fábricas) realizado por nossos antepassados, isto é, por trabalhadores que não estão mais presentes para comer e usar as casas.

Não sei se o Sr. Fordham considera que o subsídio para crianças, na Itália, é concedido aos futuros produtores ou aos não produtores pro tempore; ele é concedido certamente aos consumidores imediatos e aos não produtores pro tempore.

Existem pelo menos as seguintes alternativas, que carregam as seguintes condições.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Emissão de crédito - se não for feita como uma emissão direta de "créditos medidos" sem juros, ou seja, notas estaduais (conforme entendidas pelo menos em 1816 por Jefferson e por todos os economistas informados desde então) é emitida por meio de empréstimos e pagamento de juros, e eu gostaria de saber quem o Sr. F. acha que deveria receber tais juros, mesmo que sejam tão baixos quanto os que o Sr. Roosevelt supostamente paga aos apoiadores de ideias antigas.

As emissões de crédito emprestado são registradas como dívida.

Questões de crédito não emprestado são questões de dinheiro.

O Sr. Fordham diz “emissões especiais de dinheiro”, e não quero interpretar isso injustamente como significando “emissões de tipos especiais de” dinheiro.

No entanto, quero deixar claro que uma emissão de moneta d'Avigliano ou de Gesellite com sua taxa de sobreestadia é uma emissão de reivindicações medidas que se extinguem em 100 meses, não deixando dívida.

Douglas chama os selos mensais de imposto, mas volto a salientar que o Estado, ao fornecer uma medida de troca que também é um direito permutável, presta um serviço, e que o selo mensal pode ser considerado uma recompensa por tal serviço. De qualquer forma, ele elimina a necessidade de outros impostos até um valor anual equivalente a 12% dos títulos em circulação.

É mais facilmente compreensível do que qualquer um dos planos de cancelamento de Douglas. Seu valor pedagógico é enorme. Quero dizer que mesmo pessoas bem simples que usaram esse tipo de dinheiro têm uma ideia muito mais clara do que dinheiro É do que a maioria dos estudantes de "economia" de Cambridge.

Existem inúmeros esquemas alternativos para cobrança de sobrestadia sobre poder de compra não utilizado, mas nenhum deles é tão educativo em geral. O plano Milhaud, por exemplo, educaria apenas alguns exportadores e importadores e alguns de seus funcionários.

Naturalmente, se você emitir crédito ou dinheiro ou mesmo tipos especiais de dinheiro em excesso dos bens DESEJADOS disponíveis, você terá uma inflação, isto é, uma doença, que frustra o objetivo da emissão, A MENOS que você tenha fixação de preços pelo governo, como exigido por Douglas e OPERATIVO na Itália hoje.

Desvalorização é trapaça e, além disso, representa uma redução drástica do poder de compra em geral. Quem escolhe o momento da desvalorização sempre pode enganar outra pessoa.
Mesmo que sua intenção seja decente, ele tenta e quase força a especulação de bandidos e de homens oprimidos que lutam para viver no pântano do mercantilismo e no inferno de um ambiente mercantilista-usurioso.

Os donos do ouro, sendo de longe mais espertos, astutos e sanguessugas do que o público em geral, criaram, naturalmente e (se não fôssemos tão idiotas) de forma instrutiva, fundos de estabilização para cuidar de SEUS interesses.

Um ESCRAVO é alguém que espera que alguém o liberte.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Marxismo, a Doutrina da Decadência por Francis Mcevoy

MARXISMO é a doutrina da destruição universal proposta pelo judeu alemão Karl Marx, que encontrou expressão política na Rússia sob o rótulo de “Comunismo”.

Esta última impostura, despojada de seu jargão pseudocientífico sobre materialismo dialético e de sua linguagem para ingênuos — ditadura do proletariado, fraternidade entre os homens e tudo o mais —, revela-se nada mais que um regime de capitalismo de Estado despótico, mantido por meio de assassinatos e terror. Em seu sistema de coletivização, o vampirismo coletivo é o fator dominante.

Desnecessário dizer que o igualitarismo utópico do intelectual desnacionalizado nunca existiu em lugar nenhum, mas não é o chamado comunismo político que ameaça este país com perigo imediato. Essa seria a consumação final, mas antes que os comissários orientais possam se impor, as mentes das possíveis vítimas devem ser preparadas para o evento, isto é, pervertidas e envenenadas ao grau necessário de receptividade. Aqui reside a tarefa do marxismo cultural, a bolchevização preliminar da mente, facilitada pela psicose de tolerância indiscriminada do liberalismo, inerente à social-democracia, e que conduz ao seu colapso final e inevitável.

Assim, na Rússia, o marxismo tem, por enquanto, ascendência política e, portanto, controla todas as esferas de atividade, enquanto aqui, e nas outras democracias, sua influência corruptora é, até o momento, principalmente aparente na vida social e cultural. Isso é muito mais insidioso e fundamentalmente destrutivo do que qualquer mera atividade política doutrinária, pois o credo do materialismo subversivo, sutilmente introduzido na vida de um povo, é o aniquilador de toda espiritualidade, valores morais e cultura nacional. É, para citar as palavras de Mommsen, "um fermento ativo de cosmopolitismo e decomposição nacional". Muitas pessoas, tanto oponentes quanto ingênuos do comunismo político, bem como grandes elementos das massas superficiais, derivam involuntariamente para o Mar de Saragoça do bolchevismo cultural, nas muitas correntes insalubres que infectam a vida contemporânea.

Numerosas são as flores do mal que atraem os buscadores de sensações e os hedonistas de as cidades modernas, com a iridescência de sua putrefação!

Compare o que hoje se chama arte com as conquistas fascinantes da era elisabetana, ou com as de outras épocas menores, até mesmo o início do século XX. A estupidificação da *mentalidade popular* instalou-se seriamente com o advento da revolução industrial e a concomitante destruição do campesinato. Tendo-se tornado amorfa, é incapaz de reagir contra a infecção espiritual. Apesar de tudo, porém, o século XIX ainda pôde apresentar, em seu declínio, alguns grandes escritores e poetas, bons pintores e compositores competentes.

Qual é o alimento intelectual do povo hoje, a ambrosia da nossa abençoada democracia?
Pintura e escultura surrealistas, uma orgia de imaginações mórbidas e distorcidas, que encontra sua contrapartida cacofônica em cânticos e ritmos vibrantes — música da selva contaminada pela neurose da boate. Filmes carregados de excitação, cosmopolitismo e propaganda. Livros e revistas sensacionalistas ou sexuais, ou ambos. Jornais repletos de falsidades, trivialidades e fotografias mais elaboradas para atrair a atenção para os corpos femininos do que para seus rostos. É peculiar que tantas "belas e glamorosas senhoritas fulanas" levantem suas saias para...

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

ser fotografado.

Na esfera econômica, o liberalismo, que é o leit-motiv filosófico de todos os partidos democráticos, dá livre curso aos instintos predatórios e à dominação ou extinção dos fracos e menos astutos pelos fortes. Os humanitários apócrifos, que condenam indignadamente qualquer recurso à força física, não pedem nenhuma restrição ao exercício do poder monetário massificado ou à tirania econômica da "habilidade empresarial" inescrupulosa. E, no entanto, pode haver outras formas de intimidação mais desprezíveis do que a violência física grosseira.

Escravidão e submissão nem sempre são apenas físicas. Indivíduos que não possuem uma única graça salvadora e nenhum talento além da mera astúcia mercantil podem, e de fato o fazem, forçar outras pessoas infinitamente mais dignas e talentosas a um estado de dependência econômica abjeta. Eles trouxeram a luta para o terreno onde sabem que têm certeza da vitória, onde o código de Mamon prevalece por completo. Sob a ditadura do dinheiro, o lucro é necessariamente o primeiro e último objetivo, e a padronização em massa em todas as fases da vida oferece o método mais racionalizado e, portanto, lucrativo de drenar a vaca leiteira pública. A nação se vê cada vez mais dominada pelo sistema financeiro e comercial em cadeia, do berço ao túmulo. Ideais morais, espirituais e culturais não são "propostas lucrativas". Eles não podem ser "inflados" ou "carregados" nas bolsas de valores. Além disso, as pessoas que os possuem carecem da docilidade e apatia necessárias para se tornarem os acompanhantes da exploração e da enganação padronizadas.

Assim, a subversão espiritual marxista marcha de mãos dadas com o materialismo comercial, "lucrando" com a loucura e a decadência. Um precedente se alargando em outro (uma expressão que cristaliza o colapso da mentalidade democrática moderna), licenciosidade gerando ainda mais licenciosidade e culminando em abuso descontrolado. A clássica ponta fina da cunha se enfia aqui, ali e em todos os lugares, e a brecha se alarga, até que a nação "real" cambaleia para a ruína.

Os apóstolos da decadência chamam isso de "progresso". É, mas progresso em seu próprio caminho designado para a Geena. O progresso libertino do bolchevismo espiritual, a podridão do marxismo corroendo os órgãos vitais da nação — um afrodisíaco sinistro administrado pelos feiticeiros da decadência sob os vários rótulos de liberdade democrática, autoexpressão e pensamento avançado. "É preciso acompanhar os tempos" é o lema fútil, como se a atual anarquia social fosse resultado de "força maior" e tivesse se tornado o destino irremediável do povo britânico sucumbir a um turbilhão de degeneração cosmopolita.

Acompanhando a podridão moral e cultural, a doutrina da atrofia racial e da mestiçagem adentra o campo contemporâneo, e os mesmos destiladores de veneno estão na vanguarda da campanha pela limitação racial e pela abolição da discriminação racial. A população rural, fonte da saúde e da cultura nacionais, é economicamente estrangulada, e a barreira de sua oposição instintiva é removida. Os últimos remanescentes são arrebatados para as cidades, criando um ambiente artificial e antinatural que os torna parte da massa megalopolitana desenraizada, divorciada da natureza, e aumentando o número de vítimas passivas e cegas da democracia financeira para o lucro maior das redes internacionais de lojas e cinemas.

Nem viagens de fim de semana ao campo ou ao mar, nem a habitação em vilas geminadas em subúrbios-jardim podem compensar o desenraizamento generalizado da população, a destruição quase total do campesinato inglês, pois, além dos perigos econômicos, os efeitos morais, físicos e culturais são incalculáveis. Diante da necessidade premente de uma reorientação e replanejamento completos da nossa economia nacional, a social-democracia nos dá "cinturões verdes" e campanhas de "fitness nacional". Paliativos pueris, castelos de areia e faz de conta. Os fugitivos de fim de semana

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

de uma civilização mecanizada, levam a cidade consigo em suas mentes e a refletem em suas ações subconscientes. Ela os acompanha em seus discursos e literatura, em seus discos de jazz para o gramofone portátil e em seus aparelhos de rádio, em sua astúcia urbana e em suas afetações.
O esperto Alick substitui o há muito esquecido Amintas, e uma judia esteatótica de shorts é sua Amarílis. (“Ó Cantora de Perséfone.”) Buscando Arcádia, eles encontram uma taverna. Não ouvem as flautas de Pã em clareiras frondosas, mas lamentam uma canção de jazz negroide, ou a Internacional, em campos abandonados à espera de “desenvolvimento”, dos quais as fadas fugiram.

Em tal atmosfera de decadência, o marxismo floresce como um fruto do Mar Morto, enquanto o ser humano, a fraqueza, a ganância, a vaidade e o vício são mimados e explorados. Gostos e tendências pouco saudáveis são estimulados por sugestões e propagandas "promocionais", e então cinicamente chamados de "demanda pública". As mais belas de nossas moças exibem seus encantos em filmes, em companhias de dança internacionais ou fazem "strip-tease" em cabarés estrangeiros diante da escória multicolorida da humanidade.

A apoteose da degeneração nacional, se não for controlada, é o controle pelo bolchevismo político. O plano marxista é impô-la furtivamente sob a máscara de um socialismo pseudoidealista, quando a mente coletiva estiver suficientemente envenenada pelo vírus da decadência coletiva. Os asseclas do marxismo minam com a intensidade de uma praga de ratos-almiscarados, e todo buscador de prazer irresponsável, todo egoísta apático e todo imbecil fatídico que acha elegante ou inteligente condenar tudo o que é tradicional, patriótico e saudável está ajudando a aumentar o ímpeto do nosso declínio nacional.

A escrita está na parede. Será que o povo só tem olhos para os relatórios da bolsa de valores, os resultados esportivos, a programação diária de prazeres insignificantes, a propaganda de atrocidades e perseguições, e a ladainha antifascista de ódio? É significativo que seja precisamente contra aqueles que viram e compreenderam o significado daquela escrita que todo esse rosnado de hiena seja dirigido.

O marxismo lucra com cada loucura e fraqueza, busca a articulação em todas as armaduras e exige tolerância e ainda mais tolerância, até que chegue o momento de impor sua própria intolerância incomensurável.

Mesmo que sua obra maligna esteja apenas pela metade, certamente a destruição da alma da Grã-Bretanha seria um sacrifício grande demais no altar do Anticristo.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O Inimigo é o Liberalismo por JK Heydon

PARTE UM

TA nação é uma unidade natural, funcionando como um organismo vivo em virtude de um amor comum que une os indivíduos que a compõem. Ela existe por natureza, pois o homem é, por natureza, social e individual; existe para o bem comum, que, como Aristóteles reconheceu, é mais sublime do que o bem individual; e, portanto, constitui uma vida que, em alguns aspectos, transcende a vida dos indivíduos que a compõem em qualquer momento específico.

Digo "em alguns aspectos" porque a verdade está sempre equilibrada entre erros que exageram um aspecto dela e desconsideram outro. É um erro dizer, com Hegel, que a nação transcende o indivíduo em todos os aspectos, assim como é um erro dizer, com os liberais, que a nação nada mais é do que a soma aritmética de seus indivíduos. A verdade reside entre esses erros. A nação é uma unidade composta de partes e, portanto, tem um ser maior do que suas partes; porque aquilo que é composto tem um ser maior do que aquilo de que é composto. Ela tem um princípio de composição, no caso presente, o amor, que atualiza as potencialidades de seus componentes e, portanto, constitui um ser maior. Além disso, o ser maior da nação se evidencia de muitas maneiras.

A nação possui uma certa imortalidade natural que seus indivíduos não possuem; possui uma certa medida do poder de criação, investido em suas unidades fundamentais, as famílias; tem o direito de tirar a vida do indivíduo por uma causa suficiente, o que nenhum indivíduo possui. Portanto, é manifesto que a nação, a comunidade perfeita, transcende os indivíduos que a compõem.

Mas tudo isso se aplica apenas à ordem da natureza, que é a ordem na qual a nação existe.
O homem, o indivíduo, diferentemente da nação, é um ser sobrenatural. Ele não tem um fim natural, a rigor; ele tem apenas um fim sobrenatural, ao qual toda a sua vida natural, seja pessoal ou social, está subordinada. Daí decorre que a nação, que está apenas na ordem natural, está subordinada ao indivíduo em relação à finalidade. Ela existe por natureza, precisamente para que seus indivíduos possam vir a existir e, então, ser capazes de atingir o fim sobrenatural para o qual vieram a existir.

Este assunto é da maior importância e os fascistas farão bem em mantê-lo bem claro em suas mentes, sob pena de comprometerem a própria essência da força de sua argumentação. O uso da palavra "totalitário" deve ser reprovado, pois é muito ambíguo, especialmente se a distinção que acabei de traçar não estiver claramente presente. Enquanto o comunismo é estritamente totalitário, negando que o indivíduo tenha um fim sobrenatural ou quaisquer direitos contra o Poder Civil, os fascistas às vezes se contentam com uma atitude condescendente em relação à religião, como se pudessem legitimamente reivindicar um totalitarismo absoluto, mas renunciar magnanimamente a ele no caso de práticas religiosas. Se isso representasse sua atitude real, destruiria toda a força de sua causa, justificando a acusação de que o fascismo não difere do comunismo em essência. Deixemos claro como o meio-dia que consideramos o organismo nacional maior que os indivíduos, apenas na ordem da natureza e para o fim do bem comum, bem comum que deve ser entendido à luz do destino sobrenatural dos indivíduos.

Mesmo com isso esclarecido, o uso de “totalitário” ainda deve ser desaprovado, pois leva a ******ebook converter DEMO Watermarks*******

Machine Translated by Google

Mal-entendido. Sugere que o Estado, no sentido do poder civil do governante, poderia reivindicar o direito de fazer coisas como remover os filhos do controle de seus pais, se julgasse adequado, mesmo que os pais não tenham feito nada para perder seu direito natural de criar seus filhos. O Estado não pode reivindicar tal direito, é claro, pois é contra a natureza destruir a família e, portanto, não pode ser para o bem comum. Os fascistas não pretendem fazer nenhuma afirmação antinatural como esta; mas eles se autodenominam totalitários às vezes para dar ênfase, significando reivindicar autoridade total para governar para o bem comum. Esse uso da palavra é defensável; mas é muito aberto a deturpações e até mesmo a mal-entendidos inocentes.

Além disso, a ênfase pretendida é completamente desnecessária. A sã doutrina do Poder Civil dispensa ênfase, pois afirma que o governante tem *pleno* poder para o bem civil por lei natural. Nenhum poder pode ser mais pleno do que pleno, e é melhor deixar a questão por aí, exceto para considerar o que se entende por bem civil.

A esse respeito, deve-se notar que o organismo nacional não é desprovido de estrutura interna. Pelo contrário, é orgânico em toda a sua massa. O amor é seu princípio vital, desde o amor conjugal e parental na família até o patriotismo, que confere personalidade à nação como um todo; e entre essas manifestações limitantes, ele forma concentrações intermediárias de todo tipo e espécie, políticas, culturais e econômicas, correspondendo às necessidades da nação ou às necessidades dos indivíduos em várias capacidades sociais, mas subnacionais. Um homem pode ser ao mesmo tempo marido, eleitor na política nacional e subnacional, médico, acionista de várias empresas, jogador de golfe, naturalista, amante da arte e muitas outras coisas; e em cada capacidade, algumas delas de importância nacional e outras não, ele se encontra unido a outros indivíduos pelo vínculo de um amor comum.

Algumas das concentrações orgânicas dentro da nação são de tamanha importância vital que só podemos compará-las aos principais órgãos de um ser humano, enquanto outras são mais ornamentais. Assim, o Governante é claramente o chefe da nação, a Agricultura e a Indústria são suas mãos, e o Transporte é seu sangue vermelho; a Publicidade é o ouvido nacional, e o Exército é a pele protetora; a Polícia é talvez os fagócitos, e assim por diante. A Academia Real, por outro lado, é uma covinha atraente, desejável e servindo a um propósito de saúde e felicidade, mas de menor urgência.

Sendo tal a vida do organismo nacional, segue-se que a liberdade consiste, para cada indivíduo, em ter a oportunidade de efetuar um equilíbrio harmonioso entre todos os aspectos de sua vida que lhe são próprios, tendo em vista sua natureza geral e particular, sejam esses aspectos individuais ou sociais, importantes ou sem importância. E, além disso, a oportunidade, neste contexto, deve ser entendida em sentido positivo, visto que o amor é o princípio da vida social.
A oportunidade não é um mero *laissez faire* para fazer um ajuste que pode ser uma impossibilidade prática, mas a comunidade deve oferecer todas as facilidades e incentivos para que um homem efetue uma harmonia em todos os aspectos de sua vida, para que nada além de sua própria falta de amor possa impedi-lo.

Oportunidade, no outro sentido de mera ausência de prevenção ativa, talvez possa ser chamada de liberdade, mas está longe de ser liberdade. Por exemplo, a ética oferece vários critérios pelos quais podemos estimar, pelo menos aproximadamente, qual é o salário justo de um trabalhador em determinadas circunstâncias.
Este salário não pode, em hipótese alguma, ser inferior ao salário que sustentará o homem e sua família com conforto frugal, e será superior a este se a riqueza produzida, em parte pelo trabalho do homem, for mais do que suficiente para proporcionar uma mera recompensa a todos os agentes humanos envolvidos na produção da riqueza. Mas a teoria liberal desconsidera o salário justo da ética e considera o trabalho como uma mercadoria a ser comprada o mais barato possível no mercado de trabalho; ela considera que um salário natural surgirá da livre interação entre oferta e demanda por trabalho;

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

e esta é a teoria dos salários que está incorporada em toda a organização liberal da Inglaterra hoje, embora *o laissez faire* absoluto tenha sido consideravelmente restringido pela legislação social. Nessas circunstâncias, pode não ser puro absurdo dizer que o trabalhador é *livre* para recusar o salário de mercado e exigir o salário justo, que o empregador é *livre* para pagar o salário justo e desconsiderar o salário de mercado. Os economistas falam do contrato salarial como um contrato livre, e isso pode ter um significado, assim como tem um significado dizer que sou livre para subir à lua. O trabalhador é livre para aceitar um salário injusto ou se juntar aos desempregados; em nosso país livre, não é uma ofensa punível estar desempregado. E assim o empregador é livre para pagar um salário injusto ou sucumbir à livre concorrência de seus rivais e deixar de cumprir sua função social como empregador. Mas nem o trabalhador nem o empregador podem exigir ou fazer justiça e ainda continuar por muito tempo a cumprir sua função social. Portanto, nenhum deles goza de liberdade.

A liberdade exige, como mínimo indispensável, que a justiça seja feita no desempenho das funções sociais, pois a justiça precede o amor. Se o amor é o princípio vital do organismo social e não pode se manifestar na mera justiça social, então, claramente, o organismo social deve estar doente e a liberdade prejudicada. Liberdade é saúde social, um ambiente social no qual o indivíduo tem todas as facilidades e incentivos para alcançar a harmonia em todos os aspectos de sua vida.

Esta é a verdadeira teoria da liberdade, e comparemo-la com a falsa teoria liberal, em meio à agonia mortal da qual a civilização anglo-saxônica ainda se esforça, com coragem e desprezo, para prosperar. Na melhor das hipóteses, a teoria liberal não identifica liberdade com *laissez-faire;* essa identificação foi um desenvolvimento natural de uma teoria que era originalmente menos obviamente falsa. Na melhor e mais apresentável, a teoria liberal considera a liberdade como um equilíbrio entre a liberdade pessoal de ação e as obrigações decorrentes de um contrato social que os cidadãos supostamente celebraram entre si em prol da boa ordem, cujos termos devem ser apurados por referência à opinião pública, pois a voz do povo é a voz de Deus.

O interesse próprio individual é a única força reconhecida como atuante, a saber, o interesse próprio comum, quando se considera a liberdade pessoal, e um tipo esclarecido de interesse próprio, quando se consideram as restrições necessárias à liberdade pessoal. O amor não entra em questão, pois todo o sacrifício da liberdade pessoal que possa ser necessário em prol da ordem é considerado suficientemente justificado pelo interesse próprio esclarecido.

Ora, essa teoria poderia funcionar muito bem se os homens fossem perfeitos. Seria artificial e simplesmente falsa em sua formulação, mas não vejo razão para que não produzisse os mesmos resultados que a teoria verdadeira; porque o interesse próprio, em sua perfeição, tem o mesmo fim que o amor, a saber, a escolha do bem supremo.

Mas não somos perfeitos. Somos essencialmente bons e amantes da verdade, mas não perfeitos; somos definitivamente distorcidos em direção ao interesse próprio, do tipo chamado egoísmo, que é o oposto do amor. Essa distorção não é suficiente para nos tornar diferentes de bons e belos por natureza, mas é uma mancha distinta e inegável. Ninguém nega ou pode negar sua existência, quer adere à doutrina cristã da queda, quer nos considere como uma evolução de macacos para super-homens.

Sendo assim, você poderia esperar que a teoria liberal se afastasse do funcionamento perfeito tanto quanto, mas não mais do que, a humanidade se afasta do esclarecimento perfeito em sua avaliação do interesse próprio; e você pode se perguntar que hipótese de funcionamento melhor podemos esperar ou almejar em um mundo imperfeito. É muito bonito falar do amor como princípio vital da sociedade; mas, uma vez que o funcionamento da teoria do amor será afetado por nossa tendência ao egoísmo tanto quanto a teoria do interesse próprio esclarecido, o que ganho substituindo uma teoria pela outra?

Tal raciocínio pode ser especioso, mas seria falso, pois a teoria do amor é verdadeira, enquanto ******ebook converter DEMO Watermarks*******

Machine Translated by Google

a teoria do interesse próprio esclarecido, o que ganho com a teoria falsa funcionando melhor do que uma teoria simplesmente falsa, porque o amor permanece para ajudá-la; e admito que a teoria verdadeira não funcionará tão bem quanto deveria, porque o amor está contaminado pelo egoísmo. Mas, apesar de tudo isso, ainda é verdade que a teoria liberal é uma teoria falsa, e uma teoria falsa nos assuntos humanos deve, necessariamente, uma vez que somos imperfeitos, levar à ruína a longo prazo. Deve ser assim, a partir de princípios abstratos.

Mas não preciso me basear em raciocínio abstrato. A teoria liberal está conosco há tempo suficiente para nos permitir observar o processo ruinoso em ação. Quando formulada pela primeira vez, talvez a imperfeição de sua operação não fosse maior do que a imperfeição da humanidade. Na verdade, não teve nenhuma operação considerável; foi somente à medida que a teoria encontrou expressão na doutrina econômica e na ação política nela baseada que sua operação se desenvolveu até se tornar a organização liberal da sociedade que agora nos mantém quase indefesos em suas garras.

A expressão da hipótese puramente teórica do Liberalismo na economia e na política nela baseada era uma questão de raciocínio; e esse raciocínio foi o início do processo degenerativo. Enquanto o coração estivesse livre para ignorar a falsa teoria, não poderia haver resultados mais vil do que a baixeza da humanidade; mas o raciocínio sobre uma falsa teoria pode levar à baixeza sem limites. A princípio, talvez, o suposto equilíbrio entre a liberdade pessoal de ação e os sacrifícios em prol da ordem estivesse apenas um pouco distorcido em direção à liberdade pessoal; mas, à medida que os homens se acostumaram a esse falso equilíbrio e começaram a raciocinar sobre o assunto, seu lado egoísta facilmente encontrou desculpas para inclinar a balança um pouco mais a favor da liberdade pessoal. E assim o processo prosseguiu até chegarmos ao *laissez-faire puro e simples,* que foi solenemente enunciado como a mais alta sabedoria econômica e política.

Naquela época, éramos escravos da falsa teoria, pelo menos em nossa condição de indivíduos. De nada adiantava um homem ser bondoso; a competição irrestrita era a ordem do dia e era protegida pelas leis do país e por toda a organização da sociedade; um homem bondoso só podia suspirar e dizer a si mesmo que negócios eram negócios, que as leis da economia eram as leis inexoráveis da selva — comer ou ser comido.

Mas a natureza humana permaneceu boa e bela, e os resultados do *laissez faire* foram abertamente chocantes. O indivíduo nada podia fazer para alterá-la, mas a comunidade como um todo podia restringir a lei da selva; e assim aconteceu que os homens se voltaram para a ação política, da qual antes exigiam que ela deixasse a indústria em paz, convocando-a a intervir cada vez mais por meio de legislação social.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Thomas Carlyle - Nacional Socialista por William Joyce

THOMAS CARLYLE ocupa o primeiro lugar entre os pensadores britânicos que o precederam, mostrando em seus escritos algumas das principais tendências da filosofia fascista, e entre eles Shakespeare e Goldsmith contribuíram muito; mas em toda a vasta extensão dos escritos de Carlyle não há nada que possa ser considerado diferente do produto de uma mente nacional-socialista. Ele próprio tinha o espírito do nacional-socialismo muito antes que o nome existisse. Suas palavras são sempre as palavras de um patriota. Seu amor apaixonado pela pátria poderia, em sua época, ter falhado em satisfazer os testes de patriotismo, porque não era uma abstração que ele amava, era o povo; e aqui reside precisamente a diferença fundamental entre o antigo patriotismo e o novo. O antigo se preocupa com ideias e traços externos: o novo se preocupa com a própria realidade do povo, e é patriotismo porque é socialismo no único sentido honroso que pode ser atribuído ao termo.

O objetivo deste breve artigo não é escrever sobre Carlyle, criticá-lo e contribuir para a já pesada massa de generalizações que inevitavelmente envolve qualquer grande escritor. Menos ainda é nossa intenção discutir o que os incautos descreveriam como "a política de Carlyle". Que aqueles que têm tempo de sobra se lancem em pesquisas destinadas a demonstrar que o grande autor era um Whig ou um Tory. Demonstrar que ele era um ou outro seria difícil; mas, além da dificuldade, seria inútil, pois esses termos antigos não conotam nada do que existe na política britânica atual. Em vez de tentar provar nossa tese, portanto, simplesmente apresentaremos Thomas Carlyle mais uma vez.

Para aqueles que, imprudentemente, se despediram dele por muito tempo, que ele fale por si mesmo, e suas palavras proporcionarão ao nacional-socialista tanto uma inspiração quanto uma confirmação da teoria fascista. Todo defensor do nacional-socialismo fascista está ciente da acusação constantemente feita contra seu movimento: a de que ele está conspirando para destruir a liberdade. Talvez, de fato, nenhuma acusação seja mais frequentemente feita contra o credo nacional-socialista.

Olhando as páginas de *Passado e Presente,* lemos:

> Liberdade? Dir-se-ia que a verdadeira liberdade de um homem consiste em descobrir, ou ser forçado a descobrir, o caminho certo e segui-lo. Aprender ou ser ensinado sobre qual trabalho ele realmente era capaz de fazer e, então, por permissão, persuasão e até mesmo compulsão, começar a fazê-lo. Essa é a verdadeira bem-aventurança, honra, 'liberdade' e o máximo de bem-estar. Se liberdade não for isso, eu, por exemplo, pouco me importo com a liberdade.

Provavelmente nunca houve uma declaração mais clara de que sem disciplina a liberdade é impossível.

Da mesma forma, vemos aqui uma clara demanda pelo direito de agir. Como afirma Sir Oswald Mosley: “O início da liberdade é o fim do caos econômico. No entanto, como o caos econômico pode ser superado sem o poder de agir? A liberdade constitucional deve ser preservada, mas essa liberdade se expressa no poder do povo de eleger o parlamento e o governo, e assim escolher a forma de liderança que deseja. Além disso, não pode ir.” Ou, para citar o manifesto oficial da

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

União Britânica: O fascismo é uma liderança da nação. Não é uma ditadura no antigo sentido da palavra, que implica um governo contra a vontade do povo. É uma ditadura no sentido moderno da palavra, que implica um governo armado pelo povo com total poder de ação para superar problemas que precisam ser resolvidos para que a nação sobreviva.

A doutrina de liderança e autoridade de Carlyle não envolve nenhuma das atitudes adotadas em relação à classe pelos antigos partidos. Igualmente repulsivos para ele são o esnobismo e a luta de classes. Citações longas dificilmente se justificam, a menos que sejam de valor excepcional, mas aqui tomamos a liberdade de citar um longo trecho, pois é um dos maiores já escritos em nossa língua:

> "Dois homens eu honro, e não um terceiro. Primeiro, o Artesão exausto que, com instrumentos feitos de terra, laboriosamente conquista a Terra e a torna do homem. Venerável para mim é a Mão dura; torta, grosseira; na qual, não obstante, reside uma virtude astuta, indefectivelmente real, como a do Cetro deste Planeta. Venerável também é o rosto áspero, todo bronzeado pelo tempo, sujo, com sua inteligência rude; pois é o rosto de um Homem vivendo como um homem.
> Oh, mas tanto mais venerável por tua rudeza, e até porque devemos ter pena de ti, além de amar-te! Irmão tão suplicado! Por nós, tuas costas estavam tão curvadas, por nós, teus membros retos e dedos deformados: tu eras nosso Conscrito, sobre quem a sorte caiu, e lutar nossas batalhas foi tão desfigurado. Pois em ti também jazia uma Forma criada por Deus, mas ela não deveria ser revelada; incrustada deveria permanecer com as espessas aderências e deformações do Trabalho; e teu corpo, assim como tua alma, não deveria conhecer a liberdade. No entanto, continua trabalhando, continua trabalhando: tu estás em teu dever, esteja fora dele quem puder; tu trabalhas pelo absolutamente indispensável, pelo pão de cada dia.
>
> Um segundo homem que honro, e ainda mais altamente: Aquele que é visto labutando pelo espiritualmente indispensável; não o pão de cada dia, mas o Pão da Vida. Não está ele também em seu dever; esforçando-se em direção à Harmonia interior; revelando-a, por ação ou por palavra, através de todos os seus esforços exteriores, sejam eles elevados ou baixos? O mais elevado de todos, quando seus esforços exteriores e interiores são um só: quando podemos chamá-lo de Artista; não apenas Artesão terreno, mas Pensador inspirado, que com Instrumento celestial conquista o Céu para nós! Se o pobre e humilde trabalha para que tenhamos Alimento, não deve o elevado e glorioso trabalhar por ele em troca, para que tenha Luz, tenha Orientação, Liberdade, Imortalidade? Esses dois, em todos os seus graus, eu honro: todo o resto é palha e pó, que deixe o vento soprar para onde quiser.

A dignidade do trabalho nunca foi expressa com mais fidelidade do que nestas linhas, que por si só proclamam Carlyle como um grande pensador nacional-socialista. Muito já foi escrito sobre o mesmo assunto por inúmeros escribas socialistas, mas nenhum deles trata o tema dessa maneira. Na melhor das hipóteses, o trabalho é apresentado como uma dificuldade e, na pior, como uma maldição, sendo a atitude geral de que o trabalho é uma injustiça conveniente e inevitável infligida ao homem, que deve redimir-se da desgraça exigindo o preço mais alto por seus serviços. Mas, por mais alto que seja o preço que ele obtenha, ele será, na filosofia socialista, apenas um "escravo assalariado". É, portanto, interessante ler o que Carlyle tem a dizer sobre os motivos do heroísmo e da realização. Ele escreve: "É uma calúnia para os homens dizer que são incitados à ação heroica pela facilidade,

> pela esperança de prazer, pela recompensa — um doce de qualquer tipo neste mundo ou no próximo. No mais vil mortal há algo mais nobre. O pobre soldado que jura, contratado para ser fuzilado, tem sua honra de soldado diferente das regras de treinamento e do xelim por dia. Não é para saborear coisas doces, mas para fazer coisas nobres e verdadeiras, e reivindicar-se sob o Céu de Deus como um Homem feito por Deus, que o mais pobre filho de Adão vagamente anseia. Mostrar

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

> A maneira como ele faz isso, o mais tedioso trabalho diário se transforma em um herói. Eles enganam muito o homem que diz que deve ser seduzido pela facilidade. Dificuldade, abnegação, martírio, morte, são as seduções que agem no coração do homem. Acenda a vida interior genial dele, você terá uma chama que queima todas as considerações inferiores.

Sentimentos como esses jamais poderiam ter origem na democracia financeira ou em seus admiradores. Carlyle, note-se, discute aqui motivos para heroísmo, não para mero trabalho. Ele ataca a raiz do antigo dogma marxista conhecido como Teoria do Valor-Trabalho e o aniquila. Ele demonstra a compreensão mais clara daquilo que Marx jamais compreenderia: que o intelecto criativo e a ação heroica são totalmente incomensuráveis com os processos comuns do trabalho; e que de forma alguma as mais nobres e, portanto, as mais importantes realizações do homem podem ser enquadradas na categoria de mero esforço mecânico.

Carlyle, pode-se objetar, está apenas representando o homem como uma criatura irracional ou irracional. Se for assim, Carlyle está certo.

Em algumas sociedades, o heroísmo reduz-se aos limites mais mesquinhos. Nos países de democracia financeira, hoje, ele é até mesmo desconsiderado e odiado pelos financistas judeus, pois moldaria o caráter nacional com o orgulho que exige independência nacional; mas que o motivo heroico pode ser a regra e não a exceção foi demonstrado na Alemanha e na Itália, onde, embora todo o objetivo do sistema fascista seja melhorar a sorte do povo além do reconhecimento, a vasta maioria dos homens está disposta a sacrificar tudo, não por ganho material, mas pelos princípios que consideram sagrados.

Nosso autor demonstra em uma passagem impressionante a verdadeira relação entre trabalho e Império. Quando se afirma que Thomas Carlyle era um mero socialista, temos que pensar na propaganda que o Socialismo Internacional vem realizando há tantos anos contra o Imperialismo, e invocar uma das passagens mais marcantes de Sartor Resartus:

> "É verdade, Gold-Hofrath", grita o Professor em outro lugar: "muito lotado mesmo." Enquanto isso, que porção deste insignificante globo terrestre vocês realmente cultivaram e escavaram, até que não cresça mais? Quão densa é a sua população nos Pampas e Savanas da América; ao redor da antiga Cartago e no interior da África; em ambas as encostas da cadeia altaica, na plataforma central da Ásia; na Espanha, Grécia, Turquia, Tartária Sombria, no Curragh de Kildare? Um homem, em um ano, pelo que entendi, se vocês lhe emprestarem a Terra, alimentará a si mesmo e a outros nove. Ai, onde estão agora os Hengistas e Alaricos da nossa ainda brilhante e em expansão Europa; que, quando seu lar se tornar muito estreito, se alistarão e, como colunas de fogo, guiarão adiante aquelas massas supérfluas de indomável Valor vivo; equipadas agora não com o machado de batalha e a carruagem de guerra, mas com a máquina a vapor e o arado? Onde estão eles? — Preservando sua caça?

É interessante notar aqui um exemplo da atitude em relação à aristocracia que Carlyle reitera em quase todas as ocasiões. Ele era um pensador profundo demais e infinitamente honesto demais para fingir que a aristocracia era desnecessária. Repetidamente, fica claro ao longo de seus escritos que ele não consegue conceber nenhum povo agindo como uma comunidade, exceto sob a direção de uma classe de líderes. Mas o que ele espera dessa classe também fica bem claro, e contrasta nitidamente com o que o povo de sua época recebeu e o que o povo de nossos dias ainda está, por um curto período, fadado a receber. Ele queria construir um verdadeiro Império Britânico, e esse desejo está claramente escrito em suas próprias palavras:

> "Inglaterra, em breve, esta nossa ilha abrigará apenas uma pequena fração dos ingleses.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

> Na América, na Nova Holanda, a leste e oeste até as próprias Antípodas, haverá uma Saxônia cobrindo grandes extensões do globo. E agora, o que poderá manter todos esses países unidos em praticamente uma só nação, para que não se desentendam e lutem, mas vivam em paz e em relações fraternais? Este é justamente considerado o maior problema prático, algo que todos os tipos de soberanias e governos estão aqui para resolver.
> O que realizará isso? Leis do Parlamento, primeiros-ministros administrativos não podem. A América está separada de nós na medida em que o Parlamento conseguiu separá-la. Não chame isso de fantasia, pois há muita realidade nisso. Eis, eu digo, um rei inglês, a quem nenhum Parlamento ou combinação de Parlamentos, tempo ou acaso, pode destronar. Este Rei, Shakespeare, não brilha com soberania coroada sobre todos nós como o mais nobre, gentil e, ao mesmo tempo, mais forte dos símbolos de união; indestrutível?

A inferência não é, é claro, que teríamos Shakespeare como um Imperador Fascista, mas que os laços mais fortes devem realmente ter sua força na cultura espiritual de nosso povo, em qualquer parte do globo em que estejam; e, em última análise, essa proposição significa apenas que a conduta e o destino dos povos são determinados pelas filosofias que defendem. Estar completamente informado da filosofia mais nobre é praticar atos nobres; ser rebaixado com uma corrupção bastarda das culturas negroide e semítica é, para o homem branco, a ruína.

Carlyle sabia que nem tratados nem conferências poderiam produzir a unidade mundial que ele tanto desejava. Sua conquista só seria possível pela unidade espiritual. Como escrevemos em outra ocasião: "Onde não há espírito coletivo, não pode haver segurança coletiva". Mas essa fonte de poder espiritual, essa cultura e filosofia, só podem provir de uma verdadeira aristocracia baseada em convenções de classe como as que existem na democracia financeira. Por outro lado, Carlyle enfatizou acertadamente a conexão entre a propriedade da terra e o poder de influenciar a cultura de uma nação. Em *Passado e Presente,* é bem dito que “A terra é a base correta de uma aristocracia; quem quer que possua a terra, ele, mais enfaticamente do que qualquer outro, é Governador, Vice-Rei do povo na terra. É nestes dias como foi nos de Henrique Plantageneta e do Abade Sansão, como será em todos os dias. A Terra é a Mãe de todos nós; nutre, abriga, alegra, amorosamente nos enriquece a todos: de quantas maneiras, desde o nosso primeiro despertar até o nosso último sono em seu abençoado seio materno, ela, como com abençoados braços maternos, nos envolve a todos.”

Carlyle, no entanto, não previu plenamente os efeitos da Revolução Industrial. Mal conseguia visualizar o dia em que tudo seria arruinado, e o agricultor, o fazendeiro, o proprietário de terras, reduzido a uma posição de miserável impotência, carregado pelas correntes da usura judaica.
Ele não imaginaria que o proprietário de terras, nessa condição lamentável, pudesse desempenhar o papel de um aristocrata benevolente; pois para ele aristocracia era poder, e poder significava responsabilidade e serviço. “Uma classe alta”, escreve ele, “sem deveres a cumprir é como uma árvore plantada à beira de um precipício; de cujas raízes toda a terra vem se desintegrando. A natureza não possui nenhum homem que não seja, além disso, um mártir. Qual o significado da nobreza, se esta for nobre? Em um valente sofrendo pelos outros, não em um preguiçoso fazendo os outros sofrerem por nós, a nobreza jamais residiu.”

A cada hora, podemos ler em Carlyle trechos que tratam das condições de sua época que seriam igualmente aplicáveis às condições da nossa. É difícil não nos perguntarmos se algo aconteceu com o Parlamento nos últimos cem anos quando lemos:

O Parlamento, com todo o esforço, terá que se libertar dessas profundas rotinas de não fazer nada; e aprender a dizer, de todos os lados, algo mais edificante do que o laissez-faire. Se o Parlamento não conseguir aprender isso, o que será do Parlamento? Os milhões de trabalhadores da Inglaterra pedem aos seus ******conversor de e-books DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Parlamento inglês, acima de tudo, podes governar-nos ou não? O Parlamento, com os seus privilégios, é forte; mas a Necessidade e as Leis da Natureza são mais fortes do que ele. Se o Parlamento não pode fazer isto, profetizamos que o Parlamento fará alguma outra coisa, e coisas que, da maneira mais estranha e nada feliz, facilitarão a sua concretização — provavelmente não muito vantajosa para o Parlamento! Feito de uma forma ou de outra, a coisa tem de ser.

Como disse Adolf Hitler: "Etwas muss geschehen". Ou como Oswald Mosley observou: "O resultado de ambos os sistemas dos dois grandes partidos organizadores do Estado é, no fim das contas, o mesmo: estabilidade confundida com reação e resistência à mudança, juntamente com progresso confundido com debate obstrutivo e irresponsabilidade de comitês, terminam igualmente no caos. Ambos são instrumentos para impedir que as coisas sejam feitas, e o primeiro requisito da era moderna é que as coisas sejam feitas". Este trecho de "A Grande Grã-Bretanha" demonstra uma concordância com Carlyle, indo além da convicção para o método de expressão.

Qualquer passagem aleatória pode ser escolhida do nosso autor para ilustrar seu ódio pelo sórdido materialismo da Escola de Manchester:

“Nestes tempos complicados”, escreve ele, “com o pagamento em dinheiro como o único elo entre os homens, as Classes Trabalhadoras da humanidade declaram, de sua maneira confusa, porém mais enfática, aos Não Trabalhadores, que serão governadas; que devem, sob pena de Cartismos, Vigarismos, Queimaduras e coisas ainda mais sombrias do que aquelas que têm o Pagamento em Dinheiro como o único elo; e há tantas coisas que o dinheiro não compra! O dinheiro é um grande milagre, mas não tem todo o poder no Céu, nem mesmo na Terra.”

Em vista de tudo o que Carlyle escreveu e de tudo o que foi escrito sobre ele, seria vão e presunçoso, em um artigo tão curto, tentar fazer uma análise completa de sua obra. Seria até mesmo precipitado selecionar trechos de seus escritos e tratá-los como mera profissão de fé política. É por essa razão que adotamos o outro método, mais direto, de selecionar aleatoriamente, de sua imensa obra, trechos que não se pretendem limitar aos termos da mera doutrina política; mas que, em espírito e razão, são expressões do pensamento nacional-socialista do qual qualquer fascista poderia se orgulhar.

Se for sugerido que a seleção foi prejudicada por parcialidade, a única resposta é que nenhuma pessoa responsável jamais acusou Carlyle de inconsistência. A filosofia que encontramos em uma página, encontramos em outra, e assim por diante até o final do volume. Em vez de presumir que nossa proposição inicial foi comprovada satisfatoriamente para o leitor, preferiríamos que ele buscasse a prova por si mesmo no estudo mais aprofundado de Thomas Carlyle, cuja dureza e pureza de pensamento deveriam servir de exemplo para aqueles que defendem o credo de aço de uma era de ferro, que, nas palavras de Mosley: "corta a verborragia da ilusão para alcançar uma nova realidade".

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

William Morris - Nacional Socialista por Arthur Reade

TA atitude dos socialistas ingleses em relação a William Morris há muito tempo causa surpresa e decepção entre seus admiradores. Ali estava um homem, entre os maiores do século XIX, que, no auge de seus poderes, negligenciou muitos de seus antigos interesses para se lançar ao movimento socialista. Nenhum inglês de igual calibre jamais se juntou a ele.
E, no entanto, em certo sentido, ele sempre permaneceu um estranho no movimento e é assim considerado por seus companheiros socialistas. Sua grandeza foi, por vezes, reconhecida com dificuldade por eles, elogiando-se seu trabalho e suas realizações, mas nunca lhe entregaram seus corações, nunca o consideraram como um deles e como seu líder inspirado. Essa posição foi reservada ao judeu-alemão Karl Marx.

Este é um fato que lança luz considerável sobre o embaraço causado pela presença de Morris entre os socialistas. Ele, de fato, concordava com eles no desejo de pôr fim à pobreza sórdida e aos males que a acompanhavam, e na crença de que o socialismo, de uma forma ou de outra, oferecia a saída. Mas sua perspectiva de vida e sua visão do socialismo diferiam em muitos aspectos vitais daquelas dos "camaradas", e ele sentia profundamente que uma sociedade que se recomendasse a eles seria uma prisão para si mesmo. Ele lutou diligentemente com Marx e tentou conscienciosamente absorvê-lo. Ele até teve seus momentos de entusiasmo por "O Capital". Mas, a longo prazo, algo nele, mais forte do que seu eu superficial, se revoltou. Ele queria uma revolução — sim, mas esta sociedade marxista não era o modo de vida que correspondia à sua visão. Era completamente mecânica demais para ele, abstrata demais, urbana demais; cosmopolita demais, nada inglesa.

Entre a visão de vida de Marx e a de Morris, havia, de fato, um grande abismo. Marx era um judeu cosmopolita, Morris era um inglês do sul. Marx era um homem do estudo, Morris, um homem do ar livre e da oficina. Marx abraçava a cidade, Morris sempre sonhou com um campo livre do "vapor ofegante e do curso dos pistões" e de uma Londres "pequena, branca e limpa". Marx era um entusiasta das máquinas, Morris desejava reviver o artesanato individual que tornara a Inglaterra bela. Marx era um materialista, com visões de uma organização social mecanizada, Morris era um poeta e, como tal, um pouco anarquista. Marx pregava o ódio de classe e a guerra civil. O clamor do coração de Morris era por companheirismo. "Companheirismo é o paraíso, e a falta de companheirismo é o inferno: companheirismo é vida, e a falta de companheirismo é morte! E as ações que fazeis na terra, é por causa do companheirismo que as fazeis."

Morris, portanto, por mais que se esforçasse, nunca foi, no fundo, um marxista. O cosmopolitismo, fosse do socialismo internacional ou das finanças internacionais, era um anátema para ele. Não apenas como sonhador de sonhos, ele nasceu fora de seu devido tempo, mas também como socialista. Como socialista, ele foi um precursor de algo ainda no ventre do tempo. Suas afinidades espirituais eram com um movimento que só surgiu e se consolidou muito depois de sua morte. Seu verdadeiro lugar não é entre os marxistas, mas entre os nacional-socialistas.

Morris era um homem de paixões fortes, e nenhuma, ao longo de sua vida, foi mais forte ou constante do que sua paixão pela Inglaterra. Com que carinho e compreensão ele escreve sobre sua aparência exterior.

"A terra é uma terra pequena, muito fechada dentro dos mares estreitos, ao que parece, para ter muito espaço para se expandir até a imensidão; não há grandes desertos avassaladores em sua tristeza, não

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

grandes solidões de florestas, nenhuma parede de montanha terrível e intocada: tudo é medido, misturado, variado, deslizando facilmente uma coisa para outra; pequenos rios, pequenas planícies que se expandem rapidamente, terras altas que mudam rapidamente, todas cercadas de belas árvores ordenadas; pequenas colinas, pequenas montanhas, cobertas por muros de caminhos de ovelhas: nem prisão nem palácio, mas um lar decente."

A mesma apreciação afetuosa informa as belas descrições do cenário inglês nas introduções, mês a mês, às histórias de “The Earthly Paradise” e é um acompanhamento perpétuo daquele sonho de uma Inglaterra renovada e desperta que é o tema de “News from Nowhere” e empresta tanta cor e brilho a “A Dream of John Ball”. O Socialismo de Morris, de fato, foi em grande parte inspirado pelo desejo de salvar ou recuperar os antigos valores ingleses, a glória de sua arquitetura, a beleza de sua paisagem, o trabalho individual que fez artesãos até mesmo de seu povo mais humilde, o caráter de seu povo “rústico e tacanho, de fato, mas sério, verdadeiro e de hábitos simples”. Em um canto isolado do Alto Tâmisa, ele disse certa vez a uma plateia de Birmingham que acabara de ver meia dúzia de "pequenas igrejas de vilarejo, cada uma delas uma bela obra de arte. São obras dos caipiras da região do Tâmisa, como vocês nos chamariam — nada mais grandioso do que isso. Se o mesmo tipo de gente as projetasse e construísse agora, não conseguiria fazer nada melhor do que as pequenas capelas inconformistas comuns que se veem espalhadas pelos novos bairros. É a isso que elas correspondem..." E sobre Westminster, ele escreveu que "os autores deste grande épico não deixaram nomes para trás. Pois, na verdade, não é obra de um único homem, mas do povo do sudeste da Inglaterra. Foi obra da vontade inseparável de um corpo de homens, que trabalharam, como viveram, porque não podiam fazer de outra forma..." Encontrar, em termos de vida moderna, algum equivalente a essa conquista, a esse espírito de uma Inglaterra anterior e mais feliz — essa foi a força motriz por trás do Socialismo de Morris.

Seu verdadeiro lugar, então, é em um socialismo que deixou de ser cosmopolita e se tornou nacional. E, imerso como está na Idade Média, ele teria sentido particular interesse por todos esses aspectos do nacional-socialismo que evocam as guildas de ofícios medievais. Que o Estado Corporativo baseasse a cidadania não apenas em uma base territorial, mas na filiação ativa a uma grande guilda de trabalhadores, lhe pareceria o mais alto senso comum.

Ele teria lamentado, de fato, que o artesão individual da Idade Média tivesse sido tão amplamente substituído pelo engenheiro e técnico. Mas teria sentido que, ao reconhecer a importância dos trabalhadores organizados como tal, o Estado Corporativo estava inspirado pela ideia certa.
Por muito tempo, a política esteve divorciada das necessidades e desejos do homem comum e deixada nas mãos especializadas daqueles advogados, maldosamente prevenidos e reintegradores, cujos monopólios a população enfurecida em "Um Sonho de John Ball" tanto anseia por se livrar. Em "Notícias de Lugar Nenhum", as Casas do Parlamento são apenas uma relíquia interessante. A Inglaterra é governada por e para os ingleses e deixou de ser um peão dos interesses financeiros que hoje manipulam sua política partidária em Westminster.

Outra característica do nacional-socialismo que Morris teria a aprovação incondicional é sua insistência na importância fundamental da agricultura. Morris, assim como os nacional-socialistas de hoje, concebia uma comunidade feliz não em termos de grandes cidades, mas de uma sociedade predominantemente agrícola. A terra é para ele uma paixão. "A terra, seu crescimento e sua vida! Se eu pudesse dizer ou demonstrar o quanto a amo!"

Mas não apenas como algo sobre o qual escrever poemas. Também como algo para cultivar e nutrir uma raça forte. Uma das vistas mais encantadoras do mundo para Morris eram "os hectares verdejantes com o crescimento iniciado" e, em uma de suas cartas, ele fala de agosto, com sua colheita dourada.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

campos, como o melhor de todos os meses para conhecer o interior da Inglaterra. "News from Nowhere" traz uma vinheta encantadora dos ceifeiros trabalhando no Vale do Tâmisa, todos alegremente vestidos, de modo que o prado parecia um gigantesco canteiro de tulipas. "Todos os trabalhadores trabalhavam com deliberação, mas com eficiência e constância, embora fossem tão barulhentos com conversas alegres quanto um bosque de estorninhos no outono." O campo há muito deixara de ser menosprezado, negligenciado, monótono. Em outro lugar, ele escreve: "Quero que a cidade seja impregnada da beleza do campo, e o campo da inteligência e da vida vibrante da cidade."

Morris, de fato, teria aderido entusiasticamente a toda a doutrina que se intitula autarquia econômica. Ele compreendia o romantismo e a utilidade do comércio, e das imagens, abaixo da velha Ponte de Londres, das ondas verdes quebrando.

> "Algumas poucas quilhas que ostentam aduelas
> levantinas, cortadas da madeira de teixo na colina
> queimada, e jarras pontudas que mãos gregas se
> esforçaram para encher, e especiarias escassas
> guardadas de algum mar distante, tecidos
> dourados de Florença e tapeçarias de Ypres, e tecidos de Bruges e barris de Guienne."

Certas coisas belas e raras devem necessariamente ser obtidas por meio do comércio. Mas, se não fosse pela doutrina econômica moderna de viver das próprias exportações, de sacrificar tudo por "uma balança comercial favorável", ele não tinha nada além de desprezo. A base e o segredo de uma vida feliz residiam, para ele, em produzir coisas a partir do próprio solo. Uma expressão clássica desse sentimento pode ser encontrada em sua descrição da vida dos homens de Burgdale naquele nobre romance "As Raízes das Montanhas". Em "Notícias de Lugar Nenhum", a Inglaterra se emancipou de sua dependência de um imenso comércio exterior e encontrou felicidade e fartura substancial em seus próprios recursos.

Outro elo entre o Nacional-Socialismo e Morris pode ser encontrado na filosofia do primeiro, *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria). Isso coincide intimamente com os ensinamentos de Morris sobre a alegria no trabalho. Grande parte da propaganda socialista comum se preocupa em representar o trabalho como uma maldição. Isso está a quilômetros de distância de Morris. "Tentei pensar no que aconteceria comigo", escreve ele, "se me fosse proibido meu trabalho diário comum; e eu sabia que morreria de desespero e cansaço". Mas ele sustentava que "nenhum trabalho que não possa ser feito com prazer vale a pena ser feito", e se esforçou, por meio de seu Socialismo, para garantir que todos os seus colegas de trabalho também pudessem escolher o trabalho de que gostavam e amá-lo como ele. Sobre os caipiras da margem do Tâmisa já mencionados, ele escreveu: "Houve um tempo em que todos que faziam alguma coisa faziam uma obra de arte além de uma mercadoria útil, e isso lhes dava 'prazer' em fazê-la. Seja lá o que eu duvide, disso não tenho dúvida". E referindo-se aos dias atuais, ele diz: “Num estado de sociedade devidamente ordenado, todo homem disposto a trabalhar deve ter assegurado: Primeiro, um trabalho honroso e adequado; Segundo, uma casa saudável e bonita; Terceiro, lazer completo para o descanso da mente e do corpo.” Como estamos longe disso hoje! Olhando pela janela de Hammersmith, ele ouve os “gritos e berros e toda a degradação lançada na língua gloriosa de Shakespeare e Milton” e vê “as figuras e rostos brutais e imprudentes passarem”. “Sei pelos meus próprios sentimentos e desejos o que esses homens querem, o que os teria salvado desta mais baixa profundeza de selvageria: emprego que fomentasse seu respeito próprio e conquistasse o elogio e a simpatia de seus semelhantes, e moradias às quais pudessem chegar com prazer, ambientes que os acalmassem e elevassem; trabalho razoável, descanso razoável.” Ele descrê na especialização excessiva — um homem deve ser capaz de se dedicar a muitas coisas diferentes. E o prazer está no esforço e na tensão, bem como no trabalho mais delicado e refinado. “News from Nowhere” contém uma mensagem espirituosa

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

descrição de um grupo de homens consertando estradas energicamente e de seu prazer nisso, e uma palavra de pesar pelo fato de que o trabalho pesado está se tornando cada vez mais escasso nestes tempos utópicos.

Outro ponto de contato entre Morris e o Nacional-Socialismo é seu desejo apaixonado de que um povo se aprofunde em suas próprias raízes. Do início ao fim, ele foi um grande norte-europeu. Ele poderia ter discordado da insistência de Hitler na questão da raça, por considerá-la excessiva, mas detestava o cosmopolitismo que produzia essa insistência e era profundamente nórdico de coração. Embora amasse todos os elementos que compõem o caráter e a história ingleses, nutria uma afeição especial por aqueles que são do Norte. Assim, embora como contador de histórias fizesse plena justiça às raízes clássicas e celtas, das quais também extraímos nosso sangue e força, recontando suas sagas com entusiasmo afetuoso, é em torno da saga nórdica que seus maiores entusiasmos surgem, e especialmente daquela saga islandesa sobre a qual ele escreveu de forma tão crua e comovente em "Poemas à Beira do Caminho". Seus escritores desconhecidos haviam encontrado "o feitiço pelo qual a névoa do medo se dissipou", e a eles Morris recorreu em meio às tensões de sua própria vida e pôde dizer, em retrospecto: "Bem, vocês me ajudaram em minha necessidade". O fato de os homens não conhecerem essas histórias lhe causava dor física e, ao recontá-las em seu "Sigurd, o Volsung", ele liberou generosamente toda a sua força. Visitou a Islândia duas vezes e passou a considerá-la uma espécie de Terra Santa da nossa raça.

Nossa enfraquecida Inglaterra de hoje pode respirar com vantagem aquele ar tônico inspirador.

Mesmo com uma análise tão breve como esta, fica evidente que as afinidades de Morris com o Nacional-Socialismo são das mais marcantes. Não é difícil imaginar suas prováveis críticas.
Ele foi um grande poeta e no poeta há sempre algo de anarquista. O que menos o atrai no Nacional-Socialismo seria a grande ênfase que geralmente impõe ao Estado. Ao fazê-lo, os Nacional-Socialistas podem estar certos; é pelo menos certo que, durante um período de grande crise e transição, quando novas formas estão sendo criadas e testadas, um forte comando unificado é essencial à sobrevivência. Mas sempre existe o perigo de que uma organização altamente centralizada, por ser um meio necessário para a saúde social em tempos de estresse, possa perdurar e se tornar um fim em si mesma, em dias em que maior liberdade é necessária. O Nacional-Socialismo pode lidar com esse perigo se e quando ele surgir. Enquanto isso, não é ruim ser lembrado por um precursor tão robusto como William Morris que, tudo o mais constante, o Nacional-Socialismo, uma vez que as novas formas que criou estejam solidamente estabelecidas e consolidadas, deve visar menos interferência do Estado, em vez de mais.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O Mito Judaico por "Scepticus"

UMNa Reunião Anual da Associação Britânica em Nottingham, em setembro de 1936, o Sr. HG Wells falou a verdade histórica a respeito do papel desempenhado pelos judeus no pensamento religioso, que, segundo ele, foi muito exagerado. Quando o Sr. Wells fez seu discurso, judeus de todas as classes sociais se manifestaram para responder, e muitas figuras públicas gentias repudiaram as opiniões do Sr. Wells. O principal argumento judaico em suas respostas foi — como tem sido desde o início — que os profetas hebreus ensinaram o monoteísmo à humanidade.

O grande problema é se essa afirmação hebraica pode ser estabelecida à luz de documentos cuneiformes e autores clássicos, ambos coincidindo com o período das origens hebraicas e do Reino Judaico na Palestina.

É extraordinário que todas as fontes mencionadas acima provem exatamente o oposto dessas alegações.

Os documentos egípcios do Império Médio (1750-1350 *a.C.) ,* sob o reinado dos dois Amenhotep, demonstram, sem sombra de dúvida, que por volta de 1400 *a.C.,* Akhenaton e sua corte promoveram uma revolução religiosa ao introduzir o monoteísmo como religião do Estado. Os fatos são cuidadosamente descritos na História Antiga de Cambridge.

A evidência do historiador latino Justino de que a origem dos judeus era Damasco é agora mais do que confirmada pelas cartas de Tell-Amarna. Essa correspondência mostra que, por muitos séculos, Canaã foi uma mera província fronteiriça egípcia, cuja posse era frequentemente contestada pelos hititas. O idioma da correspondência era o babilônico.

Essas cartas de Tell-Amarna são ainda mais esclarecidas pelos arquivos hititas de Boghaz-Keuy.
Ambas mencionam uma classe de pessoas chamada *Habiru,* uma classe de escravos. Estudiosos de origem judaica em todos os países negam que os *Habiru* tenham qualquer relação com os hebreus. Há detalhes interessantes nas cartas de Tell-Amarna. Seis cartas endereçadas ao Faraó do Egito são de um *Abdi-Hiba,* o governador de Urusalim (Jerusalém). Acredito que este Abdi-Hiba seja a transcrição egípcia do próprio nome Abraão, em todo caso um nativo da Síria, enquanto o Antigo Testamento cita Abraão de Ur dos Caldeus. Abdi-Hiba sofre duras pressões dos Habiru (por volta de 1400 a.C.). Em carta após carta, ele solicita ajuda militar do Egito. "Ao Rei, meu senhor, meu Sol. Abdi-Hiba, teu servo, aos pés do rei, meu senhor, sete e sete vezes eu me prostro. É uma calúnia o que alegam contra mim. Eis que não sou príncipe... Eis que nem meu pai nem minha mãe me estabeleceram neste lugar; o braço do poderoso rei me fez entrar na casa de meu pai."

...

Em outra carta pedindo ajuda, ele escreve ao Faraó: "Os Habiru estão capturando as fortalezas do rei... todos pereceram. Que o rei, meu senhor, envie socorro ao seu país."

O Antigo Testamento não conhece nenhum desses fatos ou fatos subsequentes, nada sobre a grande guerra mundial travada entre Ramsés II (1292-1225 a.C.) e os hititas de Cades, onde todos os estados organizados da época se uniram a um ou outro dos dois beligerantes.

Não há uma palavra sobre o Rei Davi ou Salomão em nenhuma fonte, exceto a tradição oral

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

do Antigo Testamento escrito muitos séculos depois, provavelmente durante o cativeiro na Babilônia, ou seja, depois de 585 a.C. O fato de não haver menção a eles em nenhuma fonte não exclui necessariamente a possibilidade de sua existência e a verdade aproximada da história; tanto mais que o país mais interessado na Síria e na Palestina, a Assíria, estava então em eclipse, ou seja, por volta de 1000 a.C.

As seguintes evidências cuneiformes levantam questões sobre as origens de Jahur-Jeová. A tradição do Antigo Testamento sobre a origem judaica do nome é bem conhecida. Mas inscrições aramaicas encontradas em Zinjirli (vale do médio Eufrates) mostram claramente que, na época da invasão da terra de Samal por Tiglate-Pileser III (740 a.C.), havia um pequeno reino independente de Y'di, que é de fato Yaudi. Esta dinastia de Y'di foi aparentemente fundada no século VIII a.C. por KrL, que foi sucedido por Parra I, que deixou uma inscrição para seu deus Hadad. Portanto, o rei Azrian de Yaudi, que foi identificado com Azarias de Judá (2 Reis, xv.) até a descoberta desta inscrição aramaica, acaba por pertencer a uma dinastia do médio Eufrates. Esta revelação também criou uma grande perturbação na história do Antigo Testamento.

Ao longo do período do poder militar da Assíria, desde Assurnatsirpal II (884-860 a.C.) até o fim do império (612 a.C.), um rei de Samaria e um de Judá são mencionados pelos assírios. É estranho que Israel e Canaã não sejam mencionados. Eram pequenos principados sempre tributários da Assíria, bem como do reino mais próximo de Damasco. Durante seus 35 anos de poder, Sabuanassar III (859-824 a.C.) invadiu a Síria e a Palestina quatorze vezes. Ele menciona pelo menos cinco invasões durante as quais levou consigo pessoas da Palestina para a Assíria. Tiglate-Pileser IV (745-728 a.C.), Sargão II (722-705 a.C.), Sanherib (705-682 a.C.), Azaradon, etc., todos invadiram e devastaram a Síria e a Palestina, cada um deles várias vezes, e levaram pessoas para a Assíria e a Babilônia. Assim como Amenófis IV do Egito, Zoroastro cantava hinos ao Sol e à Ahuramazda, a forma mais pura de monoteísmo, desde o início do século VIII a.C.

O deus único Ahuramazda, a fonte da bondade e da pureza, sobreviveu mesmo após — e provavelmente por causa — do martírio do próprio Zoroastro. A prova disso é que os aquemênidas (a partir de 548 a.C.) adotaram Ahuramazda como seu deus único. Agora, pode-se provar que Zoroastro viveu na primeira metade do século VIII a.C. Os povos da Síria e da Palestina, espalhados por todo o Império Assírio devido às deportações, não seriam totalmente alheios à doutrina monoteísta de Zoroastro.

O Antigo Testamento diz que Nabu-kudur-utsuri (Nabukednezer), o rei da Babilônia, levou o povo judeu ao cativeiro (por volta de 555 a.C.). Não há registro disso nos textos babilônicos. Mas, supondo que seja verdade, como é muito provável, os judeus cativos na Babilônia, especialmente após a destruição do templo em Jerusalém, naturalmente se inclinariam a uma reflexão mais profunda. A religião zoroastriana deve ter sido bastante prevalente lá.
Há provas de que a Ásia Ocidental foi profundamente afetada pela queda total da Assíria (612-606 a.C.) e pela ascensão das raças arianas, todas mais ou menos adoradoras de Zoroastro. A ideia de um deus único deve ter penetrado até mesmo entre um povo tão conservador como os babilônios. Nabunaid (553-538 a.C.), o último rei da Babilônia, consciente da maré crescente, tentou evitar o perigo.
Sob um pretexto ou outro, ele reuniu na capital todos os ídolos das diferentes cidades babilônicas e as imagens de deuses locais. Essa ação causou imenso descontentamento entre os sacerdotes locais e o grande número de seus seguidores. Esta é provavelmente uma das razões pelas quais o exército babilônico não resistiu quando Ciro entrou discretamente na cidade (538 a.C.) e pôs fim ao Império Babilônico.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A tradição do Antigo Testamento diz que Ciro libertou os cativos judeus. Creio que o persa, de trato fácil, não se importava nem um pouco com as pessoas da cidade, desde que recebesse o tributo. Minha opinião é que o monoteísmo judaico foi trazido para a Palestina pelos cativos da Babilônia. Uma análise crítica de Esdras 1 e outros capítulos das Crônicas é suscetível a tal interpretação. Uma consciência racial cresceu entre os judeus — se é que isso já ocorreu antes da grande dispersão em 71 d.C. — como consequência do cativeiro na Babilônia. A experiência provou que muitos deuses não salvaram a humanidade. Havia maior probabilidade de redenção pela adoração de um deus todo-poderoso.

Os estudiosos têm ficado muito intrigados com o fato de que, durante todo o período helenístico, o meio de comunicação comum entre os judeus era o grego. É claro que havia o Sinédrio e os sacerdócios. A principal língua falada entre os nativos semitas parece ter sido uma língua vernácula do aramaico. Não se pode afirmar se os sacerdotes judeus falavam hebraico entre si.

Sem dúvida, Cícero é o estadista mais inteligente e justo da República Romana. Em um mundo de total corrupção e licenciosidade, ele está sozinho com Catão, contra quem nenhuma acusação de suborno ou má conduta foi alegada. Seus escritos comprovam a amplitude de seus poderes intelectuais e raciocínio. Entre centenas de cônsules e pretores, ele é o único cônsul que retornou da Cilícia com um histórico honroso. Cícero é um pensador político exaltado, justo e honesto. Ele é muito objetivo em relação às nações estrangeiras. Ele escreveu sobre a leviandade dos gregos, sobre a servidão dos lídios, mas nunca chamou nenhum deles de inimigo de Bornéu. São somente os judeus que ele repetidamente chama de "nossos inimigos". *Sequitur auri ilia invidia Iudaici.*

A próxima coisa é a acusação sobre o ouro judeu... *Cum aurum Iudaeorum nomine quotannis* ex Italia et ex omnibus nostris provinciis Hierosolymam exportari soleret. - Quanto ao ouro exportado para Jerusalém por judeus da Itália e de todas as nossas províncias. . . . *Huic autem barbarae superstitioni resistere severibatis, multitudineum Iudaeorum flag-rantem non numquam in contionibus prae re publica contemnere gravitatis summae fuit. - Mas* resistir a essa superstição bárbara foi um ato de dignidade, condenar a multidão de judeus um ato de maior sabedoria, quando muitas vezes eles eram mais indisciplinados nas assembleias, realizadas em defesa dos interesses da República.

· · *Non enim credo Religionem et Iudaeorum et hostium impedimenta. — O* credo religioso dos judeus, nossos inimigos, não foi um obstáculo. . . etc., etc.

Esta oração de Cícero é provavelmente uma das mais belas e patrióticas peças em latim; nos últimos cinquenta anos, porém, não houve uma edição escolar dela para as escolas públicas e universidades deste país, por razões óbvias. Tampouco houve uma edição de *As Histórias,* de Tácito, pelo mesmo motivo. Tácito (Annalium.il.85) menciona que, sob o imperador Tibério, o senado emitiu um decreto proibindo o culto egípcio e judaico e expulsando 4.000 libertos judeus de Roma para a Sardenha, e os demais para deixarem Roma imediatamente.

Tácito afirma em uma passagem que no período de maior sucesso do Reino Judeu (do século a.C. até a destruição de Jerusalém por Tito em 70 d.C.), os judeus adoravam uma cabeça de jumento em seu templo. (Tácito: Historiarum V. 2-5).

Horácio e Juvenal têm muitas outras coisas a dizer sobre eles. Constantino, chamado de "o Grande", cometeu o horror de permitir a canonização do Antigo Testamento no primeiro Concílio de Niceia, em 325 d.C. Por cerca de uma ou duas gerações, os judeus tornaram-se muito populares em toda a cristandade como filhos de profetas. Mas mal se passou um século (isto é, desde o início do século V) antes que massas deles fossem obrigadas a deixar Constantinopla e Alexandria.

Não pode haver dúvidas de que, com o objetivo de se vingarem da "Cristandade", os judeus

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

desempenhou um papel considerável na organização do movimento islâmico. No entanto, é curioso que, apesar dos serviços prestados pelos judeus, os primeiros califas tenham incutido neles um fanatismo terrível.
Como "povos do Livro", os árabes nunca forçaram os cristãos a adotar o islamismo, exceto por um convite formal. Mas até os califas abássidas (850 d.C.), o islamismo não reconhecia os judeus como monoteístas.
Comunidades inteiras de judeus nas regiões do Levante foram forçadas à conversão, e os homens foram levados para as primeiras fileiras dos exércitos do islamismo.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O Mundo Muçulmano e a Palestina por

A. Yusuf Ali

PA política britânica na Palestina, após a GUERRA, tem sido uma ferida aberta nas relações entre a Grã-Bretanha e o mundo muçulmano. Os mal-entendidos que ela criou já eram graves o suficiente na década de 1920; na década de 1930, o calor que geraram foi tão tremendo que existe o perigo de uma explosão. E neste ano de graça de 1938, a situação mundial deteriorou-se tão rapidamente que ninguém pode se dar ao luxo de ignorar a Palestina como um fator importante para a futura paz mundial. As autoridades britânicas perceberam vagamente sua situação impossível e, em dois anos, enviaram duas Comissões para ajudá-las a resolver o problema. O que elas não perceberam é a força do sentimento muçulmano e os fundamentos inatacáveis em que esse sentimento se baseia.

Não é verdade que apenas os países árabes estejam interessados na questão. Toda semana, os jornais da Índia trazem notícias de reuniões em vários centros do país expressando simpatia pelos árabes e pedindo à Grã-Bretanha que mude sua política em relação à Palestina.

Não apenas os muçulmanos, mas também os hindus, estão interessados na questão. Mais de um Dia da Palestina foi celebrado, no qual discursos fortes foram proferidos. Hijrat (exílio voluntário) e a não cooperação com o Governo foram sugeridos como meios de pressionar as autoridades. Os muçulmanos de Java, sob a soberania holandesa, demonstraram o mesmo interesse e causaram grande constrangimento ao seu Governo. Nas colônias muçulmanas francesas, o sentimento palestino agrava substancialmente os problemas muito complexos que a política colonial francesa enfrenta. E é natural que nos próprios países árabes o sentimento de simpatia por seus irmãos árabes e de indignação contra a repressão e a injustiça praticadas na Palestina encontre forte expressão.

O Príncipe Saiful Islam do Iêmen, com sua Delegação de Coroação em 1937, expressou publicamente seus profundos sentimentos e os de seu povo em reuniões em Londres. Falando em uma recepção com a presença de vários membros do corpo diplomático, ele disse: "Todos os muçulmanos do mundo simpatizam com os árabes da Palestina e não descansarão até que a questão palestina seja resolvida sem prejuízo dos direitos civis dos árabes". E o Iêmen não se calou desde então, mas fez vários esforços para sugerir uma solução.

O Iraque tem sido ainda mais insistente. O atual Primeiro-Ministro do Iraque fez pronunciamentos que foram criticados em alguns setores como "indiscrições flagrantes". Se foram indiscrições, foram pelo menos inspiradas por uma genuína ansiedade de que a opinião britânica não fosse induzida a novos erros na Palestina. Acredita-se que sua recente visita (no outono de 1938) a Londres teve como objetivo principal apresentar uma solução razoável para a questão palestina e foi em resposta ao forte sentimento sobre a questão que existe entre seu próprio povo em Bagdá. A Transjordânia, como vizinha e, em alguns aspectos, parte da mesma área geográfica, está, naturalmente, intimamente interessada. O Rei Abdul Aziz Ibn-Saud, da Arábia Saudita, manteve até agora um silêncio diplomático, mas seus súditos, os fervorosos Ikwan, estão talvez entre os mais importantes grupos árabes que observam os acontecimentos na Palestina com um interesse mais do que platônico.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A Síria está nas dores do parto de sua nova liberdade como um Estado árabe soberano, e a visão árabe da Palestina não é uma questão mais atual do que em Damasco. Histórica e geograficamente, a Palestina faz parte da Síria e a rebelião palestina conta com a mais calorosa simpatia e apoio na nascente república síria. O Grande Mufti de Jerusalém é refugiado em um dos Estados constituintes da Síria — Damasco foi e é um dos centros mais importantes de apoio à causa árabe palestina. Mais de um congresso internacional muçulmano foi realizado em Bludan (perto de Damasco). O último desses congressos foi realizado no Cairo em outubro de 1938. Participaram dele membros muçulmanos de legislaturas de vários países. O congresso se comprometeu com a defesa da Palestina, o estabelecimento de um governo nacional no país e o abandono da ideia impraticável de um Lar Nacional Judaico na Palestina. Um encontro internacional de mulheres apoiadoras da causa árabe na Palestina foi realizado no Cairo sob a presidência de Mme. Sharawy, imediatamente após o congresso parlamentar. Os egípcios, tanto o povo quanto seus líderes religiosos e parlamentares, estão totalmente envolvidos na causa. E o Egito é o foco intelectual do mundo de língua árabe.

Assim, temos praticamente a voz unânime do mundo muçulmano na resistência às ambições judaicas na Palestina. Os cristãos nos países árabes também estão inteiramente de acordo com seus irmãos muçulmanos nesta questão. Não é exagero dizer que todo o Oriente Próximo está inflamado com esta questão, e todo o mundo muçulmano está solidário e cooperativo.

Esses Estados estão gradualmente crescendo em poder e importância. Sua ambição é formar um *bloco compacto,* e diversos tratados foram negociados para atingir esse objetivo. Irã e Turquia aderiram a alguns desses tratados. Vale a pena alienar elementos tão importantes da população da Ásia Ocidental e do Norte da África para cumprir a Declaração de Balfour, que era inconsistente com as promessas feitas aos árabes? De fato, se as demandas judaicas fossem atendidas, elas infringiriam uma parte essencial da própria Declaração de Balfour, pois a carta do Sr. Balfour a Lord Rothschild, publicada em 2 de novembro de 1917, continha as seguintes palavras em itálico:

> *"Vemos com bons olhos o estabelecimento na Palestina de um Lar Nacional para o povo judeu e faremos o nosso melhor para facilitar esse objetivo,* ficando claramente entendido que nada será feito que possa 'prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas existentes na Palestina'".

A Declaração era ambígua e inconsistente com a boa-fé britânica para com os árabes. Foi considerada impraticável na prática e prejudicou muito o prestígio britânico no mundo muçulmano. É uma ferida aberta na política mundial no momento atual e provavelmente será uma causa frutífera de muita perturbação e instabilidade no futuro. Os inimigos da Inglaterra estão encontrando ali um campo promissor para sua propaganda e provavelmente não perderão suas oportunidades em tempos de crise ou perigo. Certamente, uma opinião inteligente e bem informada se pronunciaria veementemente contra tal política farsesca.

Até agora, consideramos apenas questões de política. Examinemos a questão como uma questão de justiça. Jerusalém e a Terra Santa não são sagradas apenas para os judeus; são ainda mais sagradas para os cristãos e muçulmanos. O evento central na fundação do cristianismo ocorreu naquela terra. A *Urasjid al Aqsa* é expressamente mencionada como um lugar sagrado no Alcorão (17:1, 5 e 7). Por 1.868 anos, desde a destruição do Templo por Tito em 70 *d.C.,* os judeus foram expulsos do país. Por 2.500 anos (desde o cativeiro babilônico)

Os judeus não detiveram nenhum poder supremo no país. Durante cerca de seis séculos (desde a época de Josué, 1254 a.C., até a captura de Jerusalém por Nabucodonosor, 587 *a.C.),* eles tentaram governar um país misto.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

população, mas estavam divididos entre si. Seu poder real durou apenas duas gerações, a saber: nos reinados de Davi e Salomão (1055 a 977 *a.C.).* Em nenhum momento formaram a maioria da população, que consistia de filisteus (que dão nome à Palestina) e de várias tribos árabes, como edomitas, amalequitas, moabitas, etc. Os judeus só estiveram na terra de forma esporádica e em minoria.

Será justo, nessas circunstâncias, falar da Palestina como uma terra dos judeus? É mais correto afirmar que ela é uma porção da Jazirat-ut Arab, a ilha árabe quase cercada pelo Mediterrâneo, o Mar Vermelho, o Mar Arábico, o Golfo Pérsico e o vale do Eufrates-Tigre.
Economicamente, a Arábia, se algum dia se tornar independente, só poderá se sustentar com as extensões de terras costeiras férteis que circundam seus desertos arenosos. Juristicamente, o Mandato que a Grã-Bretanha detém sobre a Palestina não torna a Palestina território britânico, nem a autoriza a dispor da terra como bem entender. Ela é a administradora de uma "nação independente", e sua função é "prestar assessoria e assistência administrativa", não ceder parte de seu território a estrangeiros ou mantê-lo para si. O Pacto da Liga das Nações (Art. 22) afirma, com referência à Palestina e à Síria: "Certas comunidades anteriormente pertencentes ao Império Turco atingiram um estágio de desenvolvimento em que sua existência como nações independentes pode ser provisoriamente reconhecida, sujeita à prestação de assessoria e assistência administrativa por um mandatário até que sejam capazes de se manterem independentes. Os desejos dessas comunidades devem ser uma consideração fundamental na seleção do mandatário."

O desejo unânime da maioria da população original da Palestina, ou seja, quase toda a população, exceto o elemento estrangeiro recentemente introduzido, é que ela seja declarada uma nação soberana e independente. Eles passaram por enormes sacrifícios e derramaram seu sangue generosamente lutando por esse objetivo. O único caminho honroso, portanto, que resta à Grã-Bretanha é:

Abandonar o mandato;

Entregar o território ao povo como uma nação soberana, com uma constituição elaborada por as próprias pessoas;

Para proibir qualquer imigração judaica futura;

Para fazer um tratado com o novo Estado para a proteção razoável da minoria judaica que optar por permanecer como membro leal do Estado e obedecer às suas leis, com as salvaguardas para a autonomia local que forem acordadas, no princípio de que *factum vale quod fieri non debuit;*

Permitir a livre escolha de retirada para aqueles que não desejam ser incorporados ao Estado.

Um arranjo como esse contribuirá para a paz e o desenvolvimento futuros e, finalmente, fará justiça aos árabes oprimidos. Este seria um dos últimos atos flagrantes de injustiça cometidos pelo Tratado de Versalhes a serem remediados com base nos princípios de equidade, boa consciência e uma concessão razoável aos fatos reais da situação.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Fascismo e a Dialética por A. Raven Thomson

TO progresso ininterrupto do fascismo na Europa parece indicar a existência de um novo processo histórico, que não pode ser negado, mas marcha em direção à sua conclusão inevitável.

Os marxistas, que acreditavam ter herdado do profeta Carlos uma explicação perfeita para o progresso histórico, estão agora completamente perdidos para explicar esse revés inesperado, que destrói seu plano estratégico no exato momento em que a vitória parecia ao alcance do proletariado. É muito fácil chamar o fascismo de "a expressão organizada da determinação dos capitalistas de não se deixarem abater por nada para se manterem no poder", como faz o Sr. John Strachey; mas isso não explica a maneira autoritária com que os líderes fascistas tratam os maiores capitalistas, nem sua completa subordinação da liberdade financeira ao bem-estar nacional.

Examinemos o sistema marxista, "A Interpretação Materialista da História", para ver onde ele errou. Antes de tudo, precisamos retornar a Hegel, pois, como comentou Lênin, "Marx é ininteligível sem Hegel". Ora, Hegel certamente não era um materialista; muito pelo contrário, era um idealista. Ele acreditava que o universo era todo espírito, ou, mais corretamente, todo "ideia". Isso não agradou ao judeu Karl Marx; mas, em sua explicação dos fenômenos, Hegel inventou um sistema chamado "A Dialética", que exerceu imensa atração sobre a mente sutil de Marx.

O conceito de "Universo" de Hegel foi um esforço estupendo do intelecto humano, talvez a maior conquista mental da humanidade. Ele viu um espetáculo impressionante de uma "ideia" abrangente engajada em um processo interminável de autoconhecimento. Nesse processo, todos os fenômenos, incluindo a própria existência da humanidade, eram peças de uma vasta e complexa "dialética", ou argumento, pela qual a "ideia" disputava consigo mesma em busca da verdade última, ou mais corretamente, do "autoconhecimento". Ele concebeu o processo como a postulação repetida de alguma "tese", ou aspecto da verdade, da mesma forma que um cientista postula uma teoria para explicar fatos químicos ou físicos.

Então, como essa tese não abrangia, de fato, a verdade completa, ela extorquiria uma "antítese", ou conceito oposto, que então se envolveria em uma luta "dialética" com a suposição incompleta da "tese". Da mesma forma que os oponentes de uma teoria científica reunirão os argumentos contra ela.

Eventualmente, dessa dialética emergiria uma "síntese", incluindo aspectos tanto da tese quanto da antítese em uma apreciação mais atenta da verdade. Como essa síntese formaria então uma nova tese, ainda incompleta, ela provocaria uma nova luta dialética, uma nova síntese, e assim por diante, em uma busca progressiva pelo conhecimento supremo. Novamente, o paralelo com o progresso da pesquisa científica é próximo. Muito naturalmente, Hegel tinha o homem, e especialmente o Estado organizado e civilizado, na mais alta estima, como o instrumento mais avançado na perfeição dialética da ideia. Esta é a origem da opinião um tanto equivocada de que Hegel defendia a adoração do Estado. Na verdade, Hegel era um panteísta; talvez o monoteísta mais fervoroso já conhecido pela humanidade.

MARX E A DIALÉTICA

Marx tinha pouco da capacidade intelectual de Hegel, cujo sistema é delineado apenas da forma mais crua

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

forma acima, mas ele se apegou ao processo dialético como explicação e justificativa para a Guerra de Classes. Compartilhando a estima de Hegel pelo homem e pelo Estado organizado, Marx estava particularmente interessado no desenvolvimento da sociedade sob o processo dialético. Vendo a sociedade como um instrumento de produção, e não como Hegel como um instrumento de conhecimento, ele considerava os "trabalhadores" como o único setor da sociedade com direito a respeito e condenava a imperfeição de uma sociedade que dava poder e prestígio a parasitas e não produtores.

A "Interpretação Materialista da História" marxista baseia-se na luta dialética entre as classes da sociedade, com o objetivo final de aperfeiçoar uma sociedade sem classes, na qual todos "trabalhem", isto é, todos estejam engajados no processo de produção. Embora esse esquema marxista esteja muito aquém do sublime conceito universal da filosofia hegeliana, não pode deixar de reivindicar a consideração solidária de todos os realistas que rejeitam tanto o idealismo quanto o materialismo como filosofias completas da existência. Podemos não compartilhar o preconceito marxista em favor dos produtores materiais, e ainda podemos reservar um lugar de honra para os buscadores da Verdade, seja por meio da Arte, da Ciência ou da Religião, mas nos revoltamos contra a dominação da sociedade por qualquer classe setorial, particularmente se essa classe não contribui nem para o conhecimento da Verdade nem para a produção de Riqueza.

DESENVOLVENDO A CIVILIZAÇÃO

Qualquer que seja a nossa visão da verdade última da filosofia hegeliana, não se pode negar que a "Tríade" hegeliana de tese, antítese e síntese constitui um ritmo fundamental da existência tanto na natureza quanto na sociedade. Da combinação do próton e do elétron para formar um átomo à combinação do homem e da mulher para formar uma família, a mesma base triádica fundamental pode ser encontrada. Na sociedade, a mesma lei se aplica em um processo dinâmico contínuo, que Marx sustentou, sem dúvida com razão, que culminaria na sociedade sem classes aperfeiçoada. Tracemos esse processo através do desenvolvimento da civilização europeia.

A Europa moderna tem sua origem remota no impacto das hordas bárbaras sobre o Império Romano. Que exemplo mais perfeito do processo dialético poderia ser dado? A tese da civilização romana, artificial, materialista e decadente, foi desafiada por sua antítese, a barbárie alemã, natural, idealista e viril. O resultado foi uma síntese quase perfeita, após uma amarga luta dialética de conquista, reconquista, escravização e vandalismo, quando o sistema feudal se ergueu sobre as ruínas de Roma, liderado por líderes bárbaros que, no entanto, ainda ostentavam os títulos tradicionais da Roma Imperial, dux (duque), comes (conde), imperator (imperador) e assim por diante, governando sobre vilões, mas recentemente dispensados do serviço às vilas romanas.

Este sistema feudal baseava-se inteiramente no poder militar de proteção pela espada em troca de serviços militares prestados ao suserano. Muito naturalmente, num processo dialético (completamente ignorado por Marx), o poder militar provocou a sua antítese completa: o poder espiritual. O poder do barão feudal foi desafiado pelo poder do sacerdote, e a Idade Média foi marcada pela grande luta entre Igreja e Estado, culminando na rivalidade entre Papa e Imperador, que culminou em Canossa com o triunfo do Papado e a surpreendente síntese de poder militar e espiritual nas Cruzadas.

A supremacia papal, no entanto, centralizada na Itália, tornou-se intolerável para a nobreza provincial, que acabou quebrando o poder de Roma na Reforma e fundou os estados independentes da Europa, rompendo a unidade anterior da cristandade. Outra síntese se seguiu quando nobres e clérigos se uniram a serviço da monarquia absoluta. Pouco importa se

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

isso foi alcançado pelos métodos implacáveis de Henrique VIII, ou pela sutileza de Luís XIV, que fez de um cardeal seu principal ministro de Estado: tanto nas nações protestantes quanto nas católicas, a síntese da monarquia encerrou a luta dialética do poder temporal e espiritual.

A monarquia, no entanto, era apenas o escudo e a justificativa para o privilégio de nascimento e do clero, aquele privilégio aristocrático que Karl Marx erroneamente chamou de "feudal". É agora, finalmente, que emergimos no curto período da história que interessa exclusivamente aos marxistas, o período em que os motivos materialistas começam a dominar os motivos idealistas e a dominação de classe começa a ser sentida. Inevitavelmente, o povo comum ressentiu-se e revoltou-se contra as pretensões aristocráticas, e a Grande Rebelião, a Revolução Francesa, o "ano louco" de 1848, foram meros incidentes em uma vasta luta dialética que culminou na derrubada da aristocracia. No entanto, a lógica implacável da síntese apenas pôs fim a um privilégio para iniciar outro, ainda pior do que antes. Burgueses orgulhosos substituíram a aristocracia fundiária. O privilégio de nascimento deu lugar ao privilégio da riqueza.
A aristocracia deu lugar à plutocracia.

CAPITALISMO

Assim surgiu o capitalismo e a nova dialética da guerra de classes entre os privilegiados proprietários e o proletariado despossuído de trabalhadores e camponeses, brandindo sua foice e martelo simbólicos. Como o proprietário feudal de terras, o capitalista industrial confiava em seu poder absoluto para manter sua posição e, como o proprietário feudal de terras, foi recebido com um apelo ao direito por parte de seus trabalhadores, que se opuseram à sua resistência negativa ao seu poder positivo. Os sindicatos uniram os trabalhadores e desenvolveram seu direito de greve e de suspender seu trabalho como uma poderosa arma de defesa.
A organização foi uma parte essencial desta operação, e vastos movimentos sindicais tomaram forma em todas as nações do mundo ocidental.

Os capitalistas industriais responderam construindo seus próprios e vastos trustes e consórcios, que logo se expandiram muito além das fronteiras nacionais, transformando-se em federações internacionais, unidas pelos supremos senhores capitalistas das finanças internacionais. Enquanto isso, os trabalhadores também expandiam seus sindicatos para organizações cada vez maiores, buscando suas filiações internacionais e, eventualmente, recorrendo a Moscou e Stalin em busca de liderança na revolução mundial. Assim cresceram as organizações rivais das Finanças Internacionais e do Socialismo Internacional, dispostas para o que os marxistas esperavam ardentemente ser a luta final pelo milênio social. Um estranho paralelo, de fato, com a organização internacional da Europa Feudal sob o Imperador e o Papa para o que muitos milhões naquela época imaginavam ser um milênio religioso.

Por que este milênio foi intoleravelmente retido? Os poderes de produção foram imensamente ampliados pelas invenções científicas e pelos avanços técnicos dos últimos anos, e ainda assim o padrão de vida das massas populares permanece baixo e as condições sociais, deploráveis.
Enquanto isso, uma maior eficiência produtiva implica apenas a criação de um enorme exército de desempregados. Como isso pode ser explicado? Por que a revolução social está em suspenso?

PRIVILÉGIO DE PODER

A explicação é que a organização pelo poder traz consigo a sua própria corrupção. O desenvolvimento de organizações sindicais gigantescas confere aos seus líderes um poder imenso.
Eles então se tornam relutantes em arriscar suas organizações no ápice da Guerra de Classes para criar um Estado sem classes, no qual tais organizações perderão sua principal justificativa.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Os chefes sindicais que comandam milhões de homens, assim como os capitalistas monopolistas que comandam milhões de dinheiro, têm interesse na manutenção de um sistema que os dota de grande poder pessoal.

Assim, temos uma síntese nova e corrupta. Financistas e dirigentes sindicais fazem tréguas e, mais tarde, até mesmo se aliam para defender o sistema que é tão benéfico para ambos. A primeira traição ocorreu quando o líder sindical, Ben Turner, encontrou-se com o financista judeu internacional, Alfred Mond (mais tarde Lord Melchett) e assinou o notório acordo Mond-Turner, repudiando a arma de ataque. A segunda e mais grave traição ocorreu mais recentemente, quando os chefes do sindicalismo e os financiadores do capitalismo mundial se uniram para "defender a democracia" e "preservar a liberdade". O internacionalismo, buscado inicialmente como meio de organização ampliada para a Guerra de Classes, torna-se um fim em si mesmo, algo pelo qual os trabalhadores devem estar preparados para sacrificar salários, condições e a própria vida. Assim, surgem os apelos pela Abissínia e Tchecoslováquia, China e Espanha, enquanto o desemprego e a miséria aumentam em casa.

O que é tudo isso senão a velha e conhecida luta para preservar o privilégio — desta vez, o privilégio do poder? Tal é a conclusão abjeta da Guerra de Classes marxista no mundo ocidental. O privilégio de nascimento deu lugar ao privilégio da riqueza: ambos agora se curvam ao privilégio do poder possuído pelos chefes dos homens e do dinheiro.

A REVOLUÇÃO SEM CLASSES

O processo dialético não termina aí, no entanto. Não se pode gritar "Pare" à história, assim como não se pode gritar "Pare" à maré. A tese do privilégio monopolista provoca inevitavelmente sua antítese, e essa antítese é o movimento popular de massas de todas as classes que sofrem sob a tirania financeira e sindical. Finalmente, a esperança de um verdadeiro Estado "sem classes" emerge, pois a antítese do "governo dos patrões" é a revolução "sem classes". Todo privilégio de classe foi agora liquidado. Apenas alguns homens possuem o poder investido neles por milhões de trabalhadores ou milhões de ações, e hoje exercem esse poder para manter o sistema que o proporciona. Contra esses homens se levanta a maré da Revolução Sem Classes.

Não é de surpreender que essa nova força revolucionária tenha assumido uma forma nacional.
O patriotismo sempre foi a única emoção que uniu todas as classes da comunidade em ação comum. Portanto, é ao patriotismo que todas as classes recorrem para se libertarem de uma tirania exercida pelos próprios estrangeiros (judeus em sua maioria) ou por homens que se apegaram a uma perspectiva internacional.

É assim que o fascismo desempenha seu papel no desenvolvimento dialético da sociedade. O Movimento Revolucionário do Século XX é tão verdadeiramente parte do processo histórico quanto o movimento democrático do século XVIII ou o movimento proletário do século XIX. De fato, a próxima síntese já está se fazendo sentir. O exercício irresponsável do poder provocou a revolta popular. Seria de se esperar que essa revolta assumisse uma forma anárquica, em repúdio indignado ao poder pessoal. No entanto, em resposta à inevitável lei da síntese, a revolta popular se apega ao poder como seu único meio de derrotar a tirania. O princípio do fascismo é o exercício responsável do poder pelo líder nacional popular, a quem o povo confiou a autoridade para agir em seu nome. O poder irresponsável desafiado pela revolta nacional cria a verdadeira síntese da autoridade nacional responsável pelo uso de seu poder em prol da nação.

O FIM DA LUTA?

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Resta discutir se a Revolução Sem Classes do Fascismo encerra o processo social e aperfeiçoa o Estado sem classes. Isso deve permanecer, em grande parte, uma questão para o futuro. Pode-se esperar que a dialética possa agora ultrapassar a nação, rumo ao aperfeiçoamento da ordem mundial, ou elevar-se acima da esfera política, rumo à esfera cultural. De qualquer forma, parece lógico esperar que uma revolução sem classes tenha muito mais chances de criar um Estado sem classes do que uma revolução deliberada de classes como o comunismo, que produziu um Estado na Rússia Soviética ainda ferozmente preocupado com a rivalidade de classes e rapidamente criando sua própria tirania burocrática de uma minoria comunista bastante expurgada.

Também é significativo que todo Estado fascista tenha se preocupado intensamente em estabelecer uma estrutura orgânica da sociedade e subordinar todas as distinções artificiais de classe ao serviço nacional. Isso certamente parece indicar que a Revolução Sem Classes leva à fundação do Estado Sem Classes e, portanto, ao fim da luta por privilégios de classe, que Marx condenou. É bem possível que a Revolução Nacional consiga o que a Revolução Internacional do Marxismo não conseguiu estabelecer.

De qualquer forma, nenhum fascista almeja um "milênio" judaico em que a luta cesse e a estagnação se instale. Para nós, basta lidar com os males do nosso tempo e participar do processo histórico que ainda trará a regeneração a uma era afundada em materialismo sórdido. A luta de classes é um sintoma de egoísmo material. A Europa medieval conhecia outros objetivos e ideais mais elevados. Acabemos com a luta de classes para que o homem ocidental possa voltar seus olhos para coisas mais nobres. Saudamos essas lutas futuras, esses conflitos maiores que ainda estão por vir.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Os Deserdados do Solo
por Francis Mcevoy

TAqui estão muitos de nós que, como vocês, camponeses da Grã-Bretanha, nasceram e foram criados no campo aberto e que, antes de serem impelidos pela tirania devastadora do capitalismo moderno a buscar seu sustento nas cidades estéreis, conheceram a alegria de acordar todas as manhãs ao ar livre, ao som do canto dos pássaros, ou da voz do vento nas árvores, ao brilho do sol, ao toque da geada ou ao suave tamborilar da chuva na grama. Amávamos a Natureza em todos os seus estados de espírito e em todas as suas estações, pois éramos parte dela. Vivíamos vidas da maior simplicidade e, portanto, do mais profundo contentamento. O melhor de todos os presentes de Deus à humanidade, saúde robusta e paz de espírito, eram nossos, pois não infringimos nenhuma lei, humana ou divina. Pedimos tão pouco da vida — apenas trabalhar por um retorno modesto e, assim, ganhar o suficiente para viver na terra de nossos pais.

Mas os dias sombrios chegaram para as terras agrícolas. Fomos destruídos pelo sistema que confina o povo britânico em escritórios e fábricas, deixando a agricultura para os estrangeiros. Produtos manufaturados britânicos para alimentos importados.

Não importa o quanto tal sistema prejudique as pessoas, física, intelectual, moral ou os expõe ao perigo da fome em tempos de guerra, é uma "proposta lucrativa" —para alguns.

E assim chegamos às grandes cidades, à servidão econômica. Tornamo-nos balconistas, operários de fábrica, atendentes de lojas de departamento, perdemos o bronzeado do rosto e levamos a vida ansiosa e sem alma do escravo assalariado. Disseram-nos que deveríamos ser gratos e, se necessário, lutar pelas bênçãos que a democracia nos concede. Uma democracia que encarna a ganância, o materialismo, a trivialidade e a exploração comercial de todas as necessidades e instintos humanos. Uma embrutecimento da humanidade até então desconhecido na história, fora da Rússia Soviética. Viva o "homenzinho", padronizado como um automóvel produzido em massa, o enxame de "Babbitts" dos flats e subúrbios, propagandeado, explorado e embrutecido, nesta "nossa Inglaterra"!

É verdade que nem todos deixaram a terra, mas por quanto tempo mais os remanescentes, duramente provados, poderão continuar a lutar contra uma ordem econômica basicamente hostil, que trava a guerra civil da fábrica contra a fazenda? Yeomen, camponeses da Inglaterra, nossa terra é escrava do Capitalismo de Exportação, que coloca toda a sua ênfase nas cidades, na industrialização e na urbanização.
O que ela pode oferecer a vocês além de paliativos temporários para acalmar o clamor de seus números decrescentes e ganhar o tributo de seus votos iludidos? Disseram-lhes que algo será feito por vocês; uma garantia provavelmente tão valiosa quanto o slogan de memória desprezível "lares dignos de heróis". Quando tiverem provado sua futilidade, então, em nome de sua masculinidade e tradições britânicas, que seja pela última vez. A União Britânica tem uma política que salvará vocês e a Grã-Bretanha, e permitirá que todos que desejarem, e eles serão uma legião, retornem à terra de seus pais. Sem dúvida, vocês ouviram e leram muito para nosso descrédito, mas nunca pensaram que poderia haver uma razão para isso — que poderíamos estar desafiando interesses que não são os seus, nem os nossos, nem os da massa do povo? Toda essa campanha de menosprezo é tão desinteressada, vocês acham? Vocês vão continuar ouvindo o que podem ou não gostar, limitando suas opiniões políticas, quer queira quer não, à farsa das "Velhas Gangues"? Julguem vocês mesmos a nossa política, conforme ela os afeta, sem nenhuma influência pérfida da imprensa especializada.
******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Você descobrirá que somos nacionalistas fervorosos, totalmente dedicados ao bem-estar do solo britânico. A indústria também prosperará, pois será sustentada pelo dinheiro que agora financia o estrangeiro, mas não às custas da agricultura. Haverá um equilíbrio justo e saudável, em vez da economia antissocial desequilibrada de hoje.

Nós, exilados do campo, amamos a terra tanto quanto qualquer um de vocês. É falso dizer que nós visam à tirania. Não poderíamos, mesmo que quiséssemos, tiranizar o povo da Grã-Bretanha.

A morte do campo prenuncia a morte da nação, pois do solo brota toda a vida, física e espiritual. Vocês, que instintivamente compreendem essas verdades, devem saber que não estamos enganados, nós que as estampamos em nossas bandeiras.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Economia Corporativa por A. Raven Thomson

UM O colapso do atual sistema econômico criou um GRANDE problema para o mundo moderno. Não podemos mais tolerar um sistema que condena a maioria de nós à pobreza em meio à maior abundância que a humanidade já conheceu, que priva milhões de pessoas do direito de ganhar a própria vida e aproxima cada vez mais o perigo de guerra na luta internacional pela contração dos mercados mundiais. Qual é a causa desse colapso universal? Onde erramos?

Antes de podermos apreciar plenamente a causa do problema, devemos considerar a natureza tripla da sociedade organizada da seguinte forma: —

- Um Governo Central investido de autoridade para planejar e dirigir a vida nacional.
- Vários grupos sociais com diversos propósitos e interesses.
- Uma massa de indivíduos dotados de poderes de iniciativa e empreendedorismo.

A teoria econômica clássica do século XIX preocupava-se quase inteiramente com o terceiro e menos organizado aspecto da sociedade, ressentindo-se da interferência estatal ou de grupos nos assuntos econômicos. Em épocas anteriores de relativa escassez, pode ter havido alguma justificativa para essa visão, visto que a iniciativa e o empreendedorismo do indivíduo eram então de vital importância no desenvolvimento de poderes latentes de produção e no avanço da invenção técnica. Obviamente, o indivíduo desenvolveria seus poderes de iniciativa e empreendedorismo da melhor forma possível, se lhe fosse concedida a maior liberdade econômica possível, e é precisamente isso que os economistas da Escola de Manchester exigiam, quando defendiam o "laissez faire" e o livre comércio.

Quaisquer que sejam as vantagens da liberdade econômica na solução do problema da escassez, ela se tornou uma ameaça real ao bem-estar social em uma era de abundância que se inicia. Não há necessidade de condenar a teoria econômica clássica como tal, mas devemos compreender que não pode haver "leis" absolutas da economia independentes da organização social. Sem dúvida, o sistema individualista foi muito necessário em uma era de escassez, e temos que agradecer à Escola de Manchester por resolver o problema da produção, mas agora chegou a hora de um novo sistema econômico em sintonia com as necessidades de uma nova era. A iniciativa individual, incentivada pela total liberdade de exploração, pôs fim à escassez, mas é completamente incapaz de distribuir a abundância que criou para o povo como um todo. A produção é, por sua própria natureza, um processo individual ou, no máximo, grupal: a distribuição, por outro lado, baseia-se nas necessidades de toda a comunidade e, obviamente, não pode ter sucesso sem uma ampla medida de planejamento social consciente.

SOCIALISMO E A GUERRA DE CLASSES

Como o individualismo já ultrapassou seu período de utilidade e se tornou um perigo real para o progresso econômico, chegou a hora de voltar o foco do interesse econômico para o grupo social, se não para a nação como um todo. Até agora, aqueles que atacaram com mais vigor o sistema atual e adotaram termos coletivos como "socialista" ou "comunista" nunca realmente o fizeram.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Elevado acima de considerações de grupo. Apesar de sua grandiloquente pretensão de "nacionalizar" os meios de produção, a própria base do apelo socialista e comunista reside no exagero da diferenciação de classes e na insistência na "guerra de classes". Claramente, tal doutrina com consciência de classe pertence ao âmbito do grupo social e não consegue atingir qualquer apreciação de toda a comunidade como uma entidade orgânica viva. De fato, a ênfase dada pelo socialista ao internacionalismo e sua negação do patriotismo confirmam sua incapacidade de compreender todas as implicações da organização social, que deve se elevar muito acima de considerações de classe para a realização do propósito nacional. A "reductio ad absurdum" final é alcançada quando o regime soviético na Rússia afirma ser a "ditadura do proletariado", pois isso implicaria a ascendência permanente e consciente de um grupo sobre a vida nacional.

Na verdade, a luta de classes torna-se um completo absurdo em uma era de fartura, pois qual o objetivo de uma luta entre classes quando há fartura para todos? A luta de classes nada mais é do que uma relíquia macabra da era da escassez, que só consegue perdurar na era atual devido à ineficiência do nosso atual sistema econômico. Resolva o problema da distribuição e a luta de classes chega ao fim. De qualquer forma, a separação da sociedade em classes em guerra é, em grande parte, uma invenção artificial de Karl Marx, pois a diferenciação entre classes proprietárias e exploradas está se tornando cada vez mais difícil, à medida que a vida moderna se torna cada vez mais complexa.

Karl Marx não tinha noção das grandes sociedades anônimas que distribuem a propriedade entre um grande número de pessoas que normalmente ganham a vida na indústria; nem previu o grande número de organizadores e engenheiros, especialistas e técnicos que se interporiam entre empregadores e trabalhadores pelo desenvolvimento da indústria moderna.

Mesmo que aceitemos a divisão da sociedade entre empregadores e trabalhadores, isso não significa necessariamente que seus interesses sejam opostos. É verdade que tanto empregadores quanto trabalhadores se consideram exércitos opostos com interesses conflitantes, mas isso decorre da incapacidade de compreender os benefícios da organização coletiva para ambas as partes. No caso de qualquer empresa, é óbvio que os interesses de empregadores e trabalhadores são opostos e que, se os trabalhadores exigirem salários muito altos, não sobrará lucro para o empregador, enquanto que, se o empregador conseguir forçar a redução dos salários, obterá um lucro maior. Não se segue, contudo, que empregadores e trabalhadores como um todo possam, portanto, beneficiar sua própria classe às custas dos outros. Na verdade, em uma era de abundância, como a atual, os interesses de trabalhadores e empregadores andam de mãos dadas. Obviamente, a necessidade da indústria moderna é por mercados amplos e em expansão. A tentativa de encontrá-los no comércio internacional ilusório fracassou miseravelmente nos últimos anos, com o resultado de que agora os industriais estão se voltando cada vez mais para o mercado interno.

É claro que o poder de compra do mercado interno, no entanto, será determinado em grande parte pelos salários, de modo que se tornou do interesse do empregador que os trabalhadores recebessem salários mais altos para que pudessem comprar os produtos da indústria moderna.

Certamente os trabalhadores socialistas não estenderão sua crença na guerra de classes ao ponto de recusar salários mais altos, porque isso beneficiará os empregadores!

O CONCEITO CORPORATIVO

Vemos, então, que o sistema econômico atual fracassou por dar ênfase excessiva aos interesses do indivíduo, mas que a doutrina socialista e comunista é igualmente falha por exaltar o grupo social em detrimento da comunidade como um todo. O fascismo se volta para a terceira alternativa e insiste em tratar a comunidade como um único Estado corporativo organizado, controlado e planejado por um governo central dotado de poder suficiente.

******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Autoridade sobre indivíduos e grupos para proteger o bem-estar geral de todos e promover o propósito nacional. Este é o conceito corporativo da nação como um organismo de ordem superior, mas essencialmente semelhante ao corpo humano, com seus órgãos e funções servindo a um propósito coletivo.
É a base essencial da organização do regime fascista na Itália, que regula as relações entre empregadores e trabalhadores italianos segundo linhas de interesse comum, de acordo com as regras da famosa Carta do Trabalho.

Tal sistema, baseado em um conceito inteiramente novo de propósito econômico, exigirá uma ciência igualmente nova de ajustamento econômico às necessidades sociais. Acredito que essa nova ciência econômica será desenvolvida neste país, que por tanto tempo foi o centro comercial do mundo. Seria inútil ignorar o fato de que tanto a Itália quanto a Alemanha, os primeiros países a adotar uma constituição política fascista, tiveram a maior dificuldade em desenvolver o lado econômico de seu regime, embora ambos tenham respondido muito melhor do que os países democráticos à pressão da depressão mundial. Devemos lembrar que, embora a democracia e os princípios liberais tenham chegado primeiro à França e ao continente, foi na Grã-Bretanha que as implicações econômicas do liberalismo foram desenvolvidas pela Escola de Manchester dos individualistas. Como foi a Grã-Bretanha que deu essa teoria econômica perigosa, quase desastrosa, ao mundo, será claramente dever da Grã-Bretanha aplicar os novos princípios do fascismo à esfera econômica e produzir a estrutura comercial do futuro que substituirá os remanescentes desacreditados do livre comércio liberal.

PRINCÍPIOS CORPORATIVOS

Não cabe aqui, na presente discussão, estabelecer as bases de tal ciência, mas certos princípios da economia corporativa imediatamente se apresentam em contraposição ao individualismo atual. No lugar do "homem econômico", cuja busca pessoal era a base essencial da velha escola, teremos a "comunidade econômica", para a qual o indivíduo se engajará em serviço patriótico. No lugar de classes de homens se unindo para proteger seus "interesses" comuns, teremos grupos ocupacionais se unindo em serviço funcional à comunidade como um todo. No lugar da competição de indivíduos lutando pela sobrevivência, cada um contra todos e o diabo pega quem fica por último, teremos a cooperação de indivíduos em benefício comum.

Como esses princípios serão postos em prática? Em primeiro lugar, sem dúvida, pelo exercício da autoridade. Disciplina e controle devem ser introduzidos no caos da atual conjuntura econômica.
Os horrores do sistema atual, que alimentam as chamas da luta de classes e dão ao agitador socialista motivos para seu ataque ao "capitalismo", decorrem, em grande parte, do exercício indevido do poder econômico pelo indivíduo poderoso que acumulou propriedade ou capital suficiente para exercer uma influência apreciável nos negócios comerciais e, assim, promover seus interesses por métodos injustos. Sob o fascismo, nenhum indivíduo terá permissão para usar sua propriedade nesse sentido como meio de exercer poder em benefício próprio. "Poder" é monopólio do governo.

Aqui temos a resposta completa ao socialista que exige a abolição do capital privado e a nacionalização dos meios de produção. É verdade que o capitalista privado abusou, no passado, de seu controle sobre o capital para promover seus próprios interesses, mas isso não justifica a abolição da propriedade privada, mas sim o controle de seu uso para impedir ações antissociais. A verdade é que o socialista nada mais é do que um burguês descontente, que inveja a riqueza e o poder do capitalista. Por implicação, ele aceita o princípio burguês de que o proprietário pode fazer o que quiser.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Ele gosta do que lhe é próprio e, portanto, não encontra alternativa para a exploração capitalista senão o confisco generalizado, que subjuga o bom capitalista com o mau. O fascismo reconhece que o capital e o dinheiro dotaram indivíduos de um poder do qual abusaram no passado e exige do eleitorado autoridade e meios de ação suficientes para lidar com os interesses mais poderosos do país. Como Oswald Mosley colocou com clareza: "No capitalismo, o capital usa a nação para seus próprios fins; no fascismo, a nação usa o capital para seus próprios fins".

É claramente impraticável que o Governo, por mais poderoso e eficiente que seja, tente planejar detalhadamente os assuntos econômicos de toda a nação. Isso seria uma negação de toda organização de grupo, que é parte essencial de um corpo político saudável, e tenderia a perpetuar e agravar a atual ameaça da burocracia, que está rapidamente socializando este país. Socialistas e conservadores competem igualmente para aumentar o poder e a influência de Whitehall, que está rapidamente se tornando o "Novo Despotismo" que o Lorde Presidente do Supremo Tribunal Hewart previu. Sob o fascismo, grande parte desse controle burocrático será transferido mais uma vez, ao longo de novas linhas de organização funcional, para as corporações que controlam as principais indústrias e grupos de indústrias do país. As corporações de Agricultura, Pesca, Transporte, Mineração e Medicina substituirão os Ministérios em Whitehall e serão compostas por homens que progrediram em sua indústria e profissão e estarão muito mais aptos a controlá-la do que qualquer funcionário público permanente. Essas novas instituições de autogoverno industrial substituirão o autogoverno local, que está se tornando rapidamente obsoleto diante da rapidez das comunicações modernas e do planejamento mais amplo dos serviços públicos. Dessa forma, a organização de grupos deixará de ter a base estrutural mais rígida do passado e se transformará na base funcional mais flexível do futuro.

Uma grande medida de autogoverno será concedida às Corporações para resolver todas as questões internas relativas às indústrias que controlam, e empregadores, trabalhadores e consumidores serão todos representados no conselho da Corporação. Os empregadores serão representados por meio de sua federação patronal, e os trabalhadores por meio de seu sindicato, enquanto o Governo nomeará representantes dos consumidores para zelar pelos interesses do público em geral e de outras Corporações particularmente interessadas no produto. A Corporação será obrigada a estabelecer padrões de salários e condições de trabalho para a indústria entre empregadores e trabalhadores, e também preços e termos de concorrência entre empregadores e consumidores. Todos os acordos firmados serão juridicamente vinculativos para toda a indústria, e qualquer empregador ou trabalhador que violar o que é, em vigor, um estatuto da Corporação será culpado de uma infração pela qual poderá ser levado a um tribunal. Na verdade, espera-se que a federação patronal e o sindicato mantenham a disciplina entre seus membros, que representarão 100% da indústria em questão. Com tais meios adequados de arbitragem, greves e lock-outs serão, naturalmente, proibidos, mas empregadores, trabalhadores ou consumidores poderão recorrer ao Ministro das Corporações, reunido em conselho com representantes de todas as corporações industriais, para uma decisão justa, em consonância com a prática industrial geral e o bem-estar nacional. Ver-se-á que, com essa devolução de autoridade e autogoverno às Corporações, o Legislativo central ficará livre de grande parte da legislação detalhada que atualmente dificulta o trabalho do Parlamento.

USO DA ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

Até agora, a nova economia pode parecer uma nova concepção interessante, mas de prática duvidosa ******ebook converter DEMO Watermarks*******

Machine Translated by Google

valor para compensar sua considerável complexidade. Tal sistema, no entanto, não é concebido meramente como um exercício intelectual, mas apresenta imensas vantagens justamente onde o sistema atual é particularmente fraco. Por exemplo, tomemos o pior problema de todos, o da pobreza em meio à abundância, decorrente do que os conservadores costumavam chamar de "superprodução", mas que pode ser muito melhor descrito como "subconsumo". Obviamente, essa deficiência no sistema atual só pode ser corrigida com a criação de um padrão de vida muito mais elevado, quando as pessoas forem capazes de consumir a imensa produção da ciência e da técnica modernas. Infelizmente, o sistema individualista força a queda do poder de compra, seja na forma de salários ou lucros, durante um período de abundância, devido à intensa competição para vender produtos em um mercado já superlotado, o que obriga os fabricantes a baixar os preços em uma tentativa implacável de conquistar o mercado. Sob o fascismo, no entanto, os preços e as condições de concorrência serão controlados, e nenhum fabricante poderá forçar seus trabalhadores a trabalhar contra os regulamentos de sua corporação para ganhar vantagem sobre seus concorrentes. Não só o declínio do poder de compra será contido por este meio, como todo o sistema salarial poderá ser permanentemente elevado por meio de uma ação concertada em todo o setor industrial. Obviamente, tal ação é perfeitamente sensata e tem sido defendida por vários homens públicos nos últimos anos, mas infelizmente não pode ser implementada sob o atual sistema individualista, pois se qualquer empregador fosse tolo o suficiente para tentar aumentar os salários de seus trabalhadores em prol da recuperação nacional, logo encontraria muitos concorrentes antipatrióticos que cortariam os seus e o expulsariam do mercado. É somente sob a disciplina e o controle do regime fascista organizado que tal política pode ser implementada com sucesso.

Pelo mesmo meio, o grande flagelo do desemprego também pode ser curado, pois é óbvio que isso é puramente o resultado da completa falta de organização em nossa atual economia nacional.
Deve haver, a qualquer momento neste país, uma certa quantidade de trabalho, calculada em horas-homem, que precisa ser feito, e um certo número de trabalhadores dispostos e ansiosos para fazer esse trabalho.
O trabalho pode certamente ser distribuído entre o total de trabalhadores por meio de um reajuste da jornada de trabalho, como está sendo feito atualmente na Itália, onde a semana de 40 horas está sendo introduzida. Na verdade, o governo fascista neste país preferiria buscar uma solução mais benéfica, como a elevação do padrão de vida da população, em vez da redução da jornada de trabalho. Mas, de qualquer forma, o problema do desemprego se torna completa e permanentemente solucionável na organização de um Estado corporativo planejado.

A FUNÇÃO DAS FINANÇAS

Um dos principais defeitos do sistema atual tem sido sua incapacidade de incutir nas diversas ocupações e profissões da sociedade o senso de seu propósito funcional de servir ao todo. Isso levou aos piores resultados no âmbito das finanças, onde o poder do dinheiro tem sido vergonhosamente explorado por banqueiros e financistas em benefício próprio. De fato, não é exagero dizer que este país, assim como muitos outros, é dominado por uma ditadura das altas finanças, muito mais interessada nos retornos lucrativos do mercado de títulos estrangeiros do que no bem-estar do povo britânico. A primeira e mais urgente tarefa do Governo Fascista será derrubar essa atual ditadura das finanças internacionais e substituí-la por um regime autoritário, empoderado pela nação para impor um propósito funcional e social até mesmo aos interesses mais poderosos do país.

A função do dinheiro, frequentemente esquecida nos dias de hoje, é facilitar a troca de bens e serviços. O fato de estarmos encontrando tanta dificuldade para trocar nossos bens. ******Conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

e serviços hoje é uma indicação clara do fracasso das finanças em cumprir seu dever primordial para com a comunidade. Por mais habilidosos e engenhosos que sejam nossos técnicos e inventores, o padrão de vida da população não pode ser elevado a um nível mais alto a menos que moeda e outros meios de troca suficientes sejam colocados em circulação. Caso contrário, o único resultado da invenção e da racionalização da indústria será deixar cada vez mais homens sem trabalho. Atualmente, sofremos com uma restrição monetária muito séria, que é executada pelos bancos em busca de sua política de deflação. A razão para essa política é dupla. Primeiro, há um certo conservadorismo inato que ainda se apega ao padrão-ouro da moeda como uma última relíquia da era do escambo.

Em segundo lugar, os financistas percebem que uma restrição na quantidade do artigo com o qual negociam o torna mais valioso e eles próprios mais poderosos. Por essas duas razões, a quantidade de dinheiro em circulação não se adapta, como deveria, ao volume de produção potencial do país, mas se restringe a uma proporção dos estoques de um certo metal precioso, o ouro, nos cofres do Banco Central. Claramente, os estoques disponíveis desse metal são totalmente irrelevantes para o problema de distribuição que as finanças devem resolver e, de fato, a quantidade de ouro em todo o mundo é lamentavelmente inadequada para financiar os imensos poderes de produção da indústria moderna. No entanto, em vez de expandir a moeda e o crédito para atender às necessidades do desenvolvimento industrial, nossos mestres financeiros estão se esforçando para retornar ao padrão-ouro, restringindo a produção aos limites estabelecidos pelos estoques mundiais de ouro. Sem dúvida, por esses meios, os financistas internacionais estão mantendo e ampliando seu controle sobre os assuntos mundiais, mas apenas à custa de condenar a maior parte do mundo à pobreza em meio à abundância.

O governo fascista insistirá na reversão desse domínio antinatural das finanças sobre a indústria. Deve ficar perfeitamente claro que as finanças têm a função de servir à indústria e não são de forma alguma adequadas para o governo da indústria que usurpou. Não apenas deve ser posto fim ao incentivo à produção estrangeira em competição com a nossa, por meio das flutuações estrangeiras da City de Londres, como também nossos financistas e banqueiros devem ser compelidos a enfrentar o problema da distribuição, que tão consistentemente negligenciaram no passado. Já apontamos que o futuro do nosso comércio reside na revitalização do mercado interno, e as finanças devem agora voltar sua atenção para meios de promover essa revitalização, aumentando o poder de compra da população.

Isso implica uma ruptura tremenda e revolucionária com todas as tradições mais sagradas do setor bancário, pois a característica essencial do problema é que ele envolve o financiamento do consumo. Até então, os banqueiros restringiam suas operações inteiramente ao financiamento da produção na esfera comercial, pois o pagamento a prestações não financia de fato o consumo, pois apenas hipoteca o poder de compra futuro em prol de vendas imediatas.

Precisamos encontrar algum método para financiar uma escala maior de salários e ordenados a fim de liberar os poderes de produção. Atualmente, é claro, em um sistema individualista envolvido em intensa competição, tal procedimento é impossível, e qualquer empregador que fosse ao seu banco e pedisse um cheque especial para pagar salários mais altos seria justamente condenado como lunático, pois não poderia dar nenhuma garantia de que seus concorrentes fariam o mesmo ou não reduziriam seus salários para capturar o mercado dele. Lord Beaverbrook, que frequentemente defendeu salários mais altos, nunca foi capaz de superar essa dificuldade essencial.

A economia empresarial, no entanto, oferece uma solução imediata, para o próprio propósito da

As corporações devem controlar e regular os salários e as condições de trabalho, de modo que, se o fascista

Se o governo empreendesse uma política de salários mais altos, não haveria qualquer questão de empresas antipatrióticas ou controladas por estrangeiros ficarem à espera para tirar vantagem dos seus concorrentes; tudo seria

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

obrigados a se conformar aos mesmos padrões. Se o empregador fosse ao seu banco e solicitasse um cheque especial para cumprir sua parte do programa, o banqueiro não teria dificuldade em atendê-lo, pois saberia que o aumento do poder de compra de toda a comunidade resultaria em aumento de pedidos e maior prosperidade para a empresa específica com a qual estivesse negociando. É por esse meio que o fascismo elevaria o padrão de vida da população e colocaria em circulação o maior volume de moeda e crédito necessário para financiar o aumento do poder produtivo da indústria.

É claro que essa política de expansão monetária deve envolver uma ruptura completa com o padrão-ouro, e os críticos mais conservadores podem temer pela estabilidade da moeda em consequência disso.
O fascismo, no entanto, aponta que o dinheiro é, na realidade, uma reivindicação por bens e serviços, e que nenhuma pessoa em sã consciência vai realmente a um banco e exige barras de ouro por suas notas: ela fica perfeitamente satisfeita se puder trocar seu dinheiro pelos bens e serviços dos quais necessita. Ora, há, obviamente, muitos bens e serviços disponíveis neste país atualmente: armazéns abastecidos com mercadorias, de fato, e mais de dois milhões de nossos compatriotas oferecendo seus serviços em vão. Enquanto não emitirmos notas que não sejam cobertas pelos bens e serviços disponíveis, não haverá perigo de inflação; portanto, o fascismo baseará a moeda na ampla base de todos os recursos produtivos da nação, em vez da estreita e insegura base de ouro do Banco da Inglaterra.

IMPÉRIO AUTARQUIA

A única crítica válida a essa política de organização corporativa da indústria, elevando, como o faz, o padrão de vida de todo o povo, reside no argumento de que este país depende em grande medida de seu comércio exterior e, portanto, não pode se dar ao luxo de um padrão de vida mais elevado do que seus concorrentes nos mercados mundiais. Esse argumento pode, de fato, ser refutado, no entanto, pela referência ao exemplo de Henry Ford, que produziu o automóvel mais barato do mundo pagando os salários mais altos. Ele foi capaz de fazer isso graças ao enorme mercado interno americano, que lhe permitiu introduzir métodos de produção em massa e competir favoravelmente nos mercados de países com um padrão de vida muito mais baixo. Na verdade, estamos perdendo nossos mercados no exterior, não porque nossos produtos sejam mais caros do que os de nossos concorrentes, mas sim porque esses mercados estão sendo fechados para nós por barreiras tarifárias intransponíveis, por trás das quais as indústrias locais estão se desenvolvendo rapidamente. Por mais baratos que nossos produtos se tornem, não podemos esperar que outros países arruinem suas próprias indústrias e deixem seus próprios cidadãos sem trabalho para comprá-los. Em qualquer caso, os povos orientais, como os japoneses, podem nos superar irremediavelmente quando a questão dos salários é levada em consideração.

O comércio de exportação não é, em caso algum, essencial para o bem-estar de um país, pois implica enviar mercadorias para fora do país para consumo estrangeiro, em vez de retê-las em casa para aumentar o padrão de vida da população local. Somente os magnatas financeiros da City de Londres se beneficiarão, a longo prazo, de um excesso de exportações, visto que é com base nesse excedente que eles concedem os grandes empréstimos estrangeiros, dos quais obtêm comissões tão generosas. As exportações só são realmente justificadas para pagar importações essenciais, e as importações deste país poderiam ser bastante reduzidas pela exclusão de todos os bens importados que podemos produzir internamente. É um fato escandaloso que grandes quantidades de artigos manufaturados sejam importados para este país, os quais poderiam ser perfeitamente produzidos aqui, e não há desculpa para negligenciarmos a agricultura doméstica simplesmente porque nossos recursos não são suficientes para alimentar toda a nossa população; deveríamos produzir pelo menos o máximo de produtos cultivados internamente antes de ir para a América do Norte. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

no exterior pelo restante.

Mesmo depois de termos produzido a maior variedade possível de bens neste país, seria inútil negar que não podemos nos tornar totalmente autossuficientes, mas, por outro lado, há muito poucos produtos dos quais necessitamos que não possam ser encontrados em algum lugar do Império Britânico.
O fascismo não é uma política restrita da Pequena Inglaterra, mas tem um grande plano imperial de desenvolvimento autárquico a oferecer ao Império como um todo. Uma fatia muito maior do mercado interno em expansão será oferecida aos domínios do que a oferecida em Ottawa, pois a concorrência estrangeira será totalmente excluída. Não há dúvida de que o Império como um todo estará perfeitamente disposto a cooperar em tal sistema econômico, que formará um Império completamente autossuficiente, isolado dos efeitos das crises e depressões mundiais, e capacitado a construir um padrão de vida mais elevado do que o jamais conhecido.

Por fim, devemos imaginar os princípios corporativos do fascismo aplicados ao comércio internacional.
O importador não poderá mais comprar em qualquer mercado que considere adequado, mas será obrigado a trabalhar por meio de uma Junta de Comércio Exterior, que utilizará o poder de compra da nação como meio de conquistar mercados de exportação. Desde o início, o fascismo adotará a política de que a Grã-Bretanha compra daqueles que compram da Grã-Bretanha, e se qualquer país estrangeiro desejar nos vender bens que nos faltam, será obrigado a aceitar nossos bens em troca. À medida que outros países adotarem métodos semelhantes, eventualmente chegaremos a um sistema geral de escambo organizado de país para país, que é o único meio prático de comércio internacional planejado, livre das maquinações das finanças internacionais e dos laços da usura internacional.

ORDEM MUNDIAL CORPORATIVA

Não se deve presumir que o fascismo seja inteiramente egocêntrico no sentido nacional. Certamente, colocar o próprio país em primeiro lugar é uma característica essencial da filosofia fascista, mas seria precipitado presumir, por esse motivo, que o fascismo implica rivalidade nacional e pode levar à guerra por motivos econômicos. Pelo contrário, um perigo muito sério do sistema atual é que a luta cada vez maior pelos mercados mundiais possa levar à guerra. De fato, no Extremo Oriente, guerras por mercados já ocorreram, e foi apenas com dificuldade que as potências europeias evitaram ser arrastadas para a luta. Na verdade, o sistema corporativo de planejamento econômico minimizará o perigo de guerra, pois colocará as causas econômicas da guerra sob controle humano consciente. Não será mais uma questão de cada país despejar o máximo de exportações sobre seus vizinhos, mas de governos autoritários, com total controle corporativo de seus assuntos econômicos nacionais, reunindo-se para compartilhar e trocar as matérias-primas essenciais necessárias para seu desenvolvimento industrial. Como não há escassez dessas matérias-primas e, de fato, sua produção foi drasticamente reduzida para evitar a inundação do mercado, não deve haver dificuldade alguma em chegar a uma solução amigável para esse problema relativamente simples, quando as nações abandonarem a ideia ridícula de que podem se beneficiar arruinando umas às outras.

Certamente haverá rivalidade no mundo do futuro, mas rivalidade em termos de conquistas, não de competição. É somente por meio da organização corporativa da sociedade e da vida econômica que podemos alcançar a paz e a prosperidade em um mundo ordenado. Façamos a nossa parte, colocando nossos próprios assuntos nacionais em ordem e incentivando outras nações a fazerem o mesmo.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O Movimento Nazista em Perspectiva por James Drennan

TOs fascistas italianos jamais tentaram atribuir ao nacionalismo italiano o prodigioso pano de fundo racial que o Herr Hitler produziu como inspiração intelectual do "Dritte Reich". Se alguém teve a tentação de basear a política moderna nas reivindicações da história passada, poderiam ter sido os senhores de Roma, mas o Senhor Mussolini parece almejar uma associação pan-europeia definitiva baseada nos conceitos do fascismo, em vez de um renascimento literal das glórias territoriais romanas. O Herr Hitler, por outro lado, elaborou um ideal de exclusividade racial alemã (ou ariana), que tem raízes profundas na história alemã. No entanto, esse conceito alemão, se devidamente compreendido, não precisa de forma alguma entrar em conflito com a compreensão italiana do fascismo como um credo destinado a formar a base espiritual da regeneração do Ocidente. Tampouco deve entrar em conflito com a concepção elevada do Império Britânico, que inspira o fascismo na Grã-Bretanha, pois em nenhum momento surge qualquer conflito de interesses. Pelo contrário, todas as diversas contribuições para a teoria do fascismo mundial podem ser complementares, em vez de disruptivas.

Para compreender a adoção pelos nazistas da interpretação racial da história, formulada pela primeira vez no século passado por escritores não alemães como o francês Gobineau e o inglês Houston Stewart Chamberlain, e adaptada pelos líderes nazistas como base de um ideal revolucionário aceito pelas massas alemãs e como força motriz da atual política de Estado do Reich alemão, é necessário considerar certas condições e tendências da história alemã ao longo de todo o período dos últimos mil anos. Somente por meio desse estudo podemos chegar às bases da crença do povo alemão moderno e compreender a direção que os senhores da Alemanha provavelmente conduzirão a um povo devotadamente convencido da validade de sua crença.

Foram as tribos germânicas que, no século VIII, realmente sucederam às concepções imperiais da Roma Antiga. O Império de Carlos Magno — denominado Imperador do Ocidente — era etnicamente mais germânico do que francês, e foi somente após sua morte que os elementos franco-gaullistas passaram a se distinguir dos germânicos, quando os herdeiros das diferentes partes de seus domínios prestaram juramento, respectivamente em dialetos francês e alemão. Até o século XIII, os Imperadores Hohenstaufen continuaram a considerar toda a Itália e grande parte do que hoje é a França como províncias do Império Germânico. Vale ressaltar que, embora nessa época a Alemanha mal se estendesse a leste do Elba, os Países Baixos, a Borgonha e partes da Saboia e do Franco-Condado foram, em graus e épocas diferentes, incluídos nos domínios imperiais.

Uma das falhas do ensino de história neste país é que raramente nos é possível ver a nossa própria história em perspectiva e em relação à do resto da Europa. Durante os quatro séculos entre a ascensão de Luís, o Germânico, em 825, e a morte de Frederico II, em 1250 — aproximadamente o período da nossa própria história entre os reinados de Alfredo, o Grande, e Henrique III — a história da Europa foi, em grande parte, a história da Alemanha. Num período em que a nossa própria história era extremamente provinciana — quando os seus acontecimentos estavam tão distantes dos da corrente principal da história europeia como, por exemplo, a história individual da Noruega moderna está da da Europa atual — a Alemanha foi palco das grandes lutas que assistiram ao nascimento da

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A cultura europeia medieval, e seus imperadores, como Henrique, o Passarinheiro, Otão, o Grande, e Frederico Barba-Ruiva, tornaram-se os árbitros da Europa Ocidental e os mestres dos acontecimentos, da Jutlândia à Sicília, da Borgonha à Hungria. É necessário compreender a importância desse período na mente dos alemães modernos, a fim de compreender seu extraordinário orgulho por sua história e seu sentimento de frustração e confinamento nas condições territoriais da Europa do pós-guerra.

Otão, o Grande — que morreu em 973, há quase mil anos — tornou-se, nos últimos anos, a figura suprema do Panteão nazista, e seus retratos figuram nas livrarias alemãs quase com a mesma frequência que os de Hitler e Göring. Todo o processo da história da Alemanha é, de fato, um exemplo do fenômeno do "desenvolvimento interrompido", e as manifestações peculiares que associamos à psicologia nacional alemã contemporânea derivam do "complexo de frustração", que é seu derivado inevitável. O próprio alcance e a força do poder dos Hohenstaufen foram a ruína do povo alemão. Os esplêndidos imperadores dessa linhagem eram fascinados pelo sonho do Império Pan-Europeu Carlos Magno e, por mais de um século, desperdiçaram a força dos alemães na busca de suas ambições italianas. A política anterior de Otão, o Grande, era consolidar um grande Estado alemão. Os Hohenstaufen foram atraídos pelas concepções pan-europeias das quais os Habsburgos se tornaram herdeiros. E a ruína dos Hohenstaufen deixou a Alemanha enfraquecida e sem força central, no momento em que a Inglaterra e a França estavam prestes a se desenvolver em direção ao estado nacional que foi finalmente alcançado sob os Tudors e os Valois. Os erros das políticas dos Hohenstaufen parecem ainda mais trágicos do ponto de vista alemão, quando se lembra que a grande "Drang nach Osten" dos alemães através do Elba e ao redor das costas do Báltico estava sendo empreendida pelos Cavaleiros Teutônicos durante o reinado de Frederico II, e que esse impulso foi finalmente abortado em suas possibilidades mais amplas pela perda de ímpeto do centro alemão.

Há quase exatamente três séculos entre a morte de Frederico II, em 1250, e a morte de Martinho Lutero, em 1546, e, embora essa seja uma divisão um tanto arbitrária, é permitida para fins de generalização. Esse período de três séculos testemunhou uma transformação completa, tanto nas perspectivas quanto no caráter do povo alemão. Há três correntes históricas principais que tiveram uma influência fundamental no desenvolvimento subsequente da vida histórica alemã.

Em primeiro lugar, tanto as cidades alemãs quanto as do norte da Itália perderam a supremacia econômica que haviam desfrutado durante a Idade Média, quando se desenvolveram ao longo da principal rota comercial de leste a oeste entre a Europa e o Oriente bizantino-sarraceno. A captura de Constantinopla pelos turcos destruiu em grande parte a prosperidade de todas as regiões ao longo dessa rota, e a descoberta da América e a abertura da rota do Cabo transferiram o centro do poder econômico para os países ao longo do litoral atlântico — Espanha e Portugal, Inglaterra, França e Holanda. De fato, não é exagero afirmar que tanto a Reforma na Alemanha quanto a Guerra dos Trinta Anos, no século XVII, tiveram suas raízes no terrível processo de deslocamento econômico que deve ter se seguido a essa mudança dos principais centros comerciais.

A segunda grande corrente histórica deste período foi a ascensão dos Habsburgos, na pele dos Hohenstaufen. Os Habsburgos eram príncipes alemães com amplos domínios pessoais em terras germânicas, mas sua própria posição na Áustria — Østermark Mark — nas Fronteiras Orientais da Alemanha os tornava essencialmente não alemães em seus interesses. A política tradicional dos Habsburgos explica, facilmente, o ódio extraordinário que os pangermanistas, e

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Em particular, os nazistas, defendiam toda a "teoria austríaca". Os Habsburgos — assim como os antigos Hohenstaufen — consideravam-se herdeiros do Império Romano e reivindicavam o domínio mundial ou, pelo menos, na prática política, a supremacia pan-europeia. Esta Casa extraordinária foi, em diferentes períodos de sua história, uma potência italiana, uma potência espanhola e sul-americana, uma potência eslava, uma potência com aspirações na Ásia — e até mesmo na África —, mas nunca foi uma potência que conscientemente permitiu que interesses puramente alemães predominassem. [1] Os Habsburgos desempenharam um papel importante durante os quatro séculos que se seguiram à conquista de Constantinopla pelos turcos. Eles frearam o progresso militar dos turcos em direção ao oeste e sucederam aos imperadores bizantinos como os principais agentes civilizadores em todo o sudeste da Europa. Mas seu papel foi tão valioso para a Europa quanto desastroso para a concepção de nacionalidade alemã.
Sua preocupação com o Mediterrâneo adiou indefinidamente qualquer processo de unificação na Alemanha, e sua política dinástica levou, na prática, ao que equivalia à divisão das terras de língua alemã.

A terceira influência importante no desenvolvimento da história alemã foi a divisão das terras de língua alemã e a transformação de todo o caráter racial das populações que se autodenominavam alemãs, ocorrida durante o período de 1250 a 1550. Esse fenômeno foi de suma importância, especialmente quando se lembra que foi durante o mesmo período que nações como a inglesa, a francesa e a espanhola, e até mesmo os húngaros, os tchecos e os poloneses, emergiram e se consolidaram, e a Europa começou a assumir as formas com as quais estamos familiarizados atualmente.

Na época de Carlos Magno, as diferenças entre teutões e francos não eram muito claramente definidas. A Inglaterra, sob a hegemonia saxônica, era em grande parte um reino germânico, e o mesmo pode ser dito do norte da Itália sob os lombardos. Primeiramente, ocorreu uma absorção de elementos alemães na Inglaterra, no leste da França e no norte da Itália. Esse processo já havia sido concluído muito antes da morte de Frederico II, em 1250. Durante os trezentos anos seguintes, as fronteiras ocidentais da Alemanha foram empurradas para trás, em direção ao Reno. Regiões como Borgonha e Franco-Condado estavam se tornando mais francesas e menos alemãs. Os Países Baixos tornaram-se definitivamente não alemães. A Suíça tomou forma e populações alemãs consideráveis se apegaram à ideia suíça. As importantes marcas alemãs na Áustria tornaram-se parte integrante do Império Habsburgo, em grande parte não alemão. Os resultados desses destacamentos ainda são significativos na história europeia moderna. Eles explicam a questão austríaca.

Eles explicam a questão da Alsácia-Lorena — a disputa por uma região que nunca deixou de ser alemã e que nunca se tornou totalmente francesa. Explicam também a tentativa dos nazistas de reviver a consciência pangermânica, não apenas na Áustria e na Tchecoslováquia, mas também, em menor grau, na Holanda e na Dinamarca, na Suíça e na Bélgica.

Mas, ao mesmo tempo em que as fronteiras linguísticas alemãs eram empurradas para trás em direção ao Reno, e enquanto populações do mais autêntico sangue alemão se transformavam em suíços, franceses e holandeses, a língua e a cultura alemãs se espalhavam rapidamente para o leste, e as populações primitivas não alemãs do nordeste da Europa aprendiam a se considerar alemãs. A colonização alemã a leste foi obra dos Cavaleiros Teutônicos, que conquistaram e converteram as tribos eslavas e finlandesas a leste do Elba e, mais tarde, além do Oder, e das cidades hanseáticas alemãs que se empenhavam na fundação de centros comerciais ao longo da costa do Báltico. Em última análise, o progresso alemão nessa direção foi contido pelo poderio militar da Polônia, pela rivalidade dos estados escandinavos e, claro, mais tarde, pela ascensão da Rússia como uma grande potência no início da Segunda Guerra Mundial.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

século XVIII. Mas foi uma grande conquista, especialmente quando se considera que esse impulso foi levado ao fim entre os séculos XIII e XV, quando a inspiração central alemã era fraca e, em muitos momentos, inexistente. O papel das cidades hanseáticas e dos Cavaleiros Teutônicos no Báltico correspondia em muito ao das Repúblicas Italianas e das Ordens de Cavalaria Latinas no Mediterrâneo, que conseguiram manter uma política italiana agressiva no Oriente numa época em que não existia nenhuma potência central italiana.

No quase fracasso do "Drang nach Osten" medieval, descobre-se o segundo elemento do "complexo de frustração" que subjaz à interpretação alemã moderna da história de seu país. Os nazistas — particularmente aqueles daquilo que se poderia chamar de "escola prussiana", à qual pertencem o General Göring e o Sr. Rosenberg — buscam constantemente um renascimento da penetração e colonização alemãs nas terras bálticas, como compensação pelo confinamento das aspirações alemãs no Ocidente.

O resultado mais importante do "Drang nach Osten" medieval foi a fundação do Estado prussiano. A população autóctone da Prússia era em grande parte de origem eslava e finlandesa — as populações mais primitivas do norte da Europa — misturada aos elementos guerreiros e necessitados que haviam migrado para o leste, vindos dos antigos centros de cultura germânica. Os prussianos foram desmembrados como povo, como resultado de dois séculos da guerra mais sangrenta da Idade Média.

A Reforma na Alemanha — que ocupa a história da maior parte dos séculos XVI e XVII — pode, em certos aspectos, ser considerada um movimento amplamente inconsciente de nacionalismo alemão frustrado contra as concepções pangermânicas e católicas romanas dos Habsburgos. A Reforma culminou na Guerra dos Trinta Anos, que arruinou a Alemanha por quase um século e que prejudicou seriamente o poder dos Habsburgos. A recuperação do poder turco, demonstrada no Cerco de Viena em 1683, foi um dos resultados do enfraquecimento dos Habsburgos, e a Guerra dos Trinta Anos provavelmente teve como consequência o prolongamento do domínio turco no sudeste da Europa por mais de dois séculos.

A ascensão da Monarquia Francesa foi uma ameaça séria e duradoura à consolidação de qualquer tipo de unidade alemã. Francisco I trabalhou com os turcos contra os Habsburgos, e foram os Valois que começaram a formar uma barricada polonesa contra a Alemanha no Leste. No século seguinte, foi Richelieu quem realmente moveu os peões alemães durante a Guerra dos Trinta Anos. O resultado de sua política foi deixar a Alemanha à mercê da Monarquia Bourbon por um século, até que o surgimento da Prússia sob Frederico, o Grande, introduziu uma força inteiramente nova na política alemã.

Com o surgimento de Frederico, o Grande, aproximamo-nos da fase moderna da história alemã — e daquela luta entre Hohenzollern e Habsburgo, entre a Prússia protestante, meio alemã, que aspirava a ser alemã, e a Áustria alemã, que aspirava a ser não alemã e — dentro dos limites dinásticos — pan-europeia, que foi uma das principais, ainda que indiretas, causas da última guerra. A Reforma, dentro de certos limites alemães, foi um movimento pan-germânico, e pode ser considerada também como uma reação contra o estado de atraso econômico em que a Alemanha havia caído como resultado da mudança das rotas comerciais durante o século XV. Wallenstein, inquestionavelmente o maior alemão de seu século, tinha ideias amplas, ainda que vagas, de unidade pan-germânica, e encontrou a morte em consequência de intrigas com os príncipes do norte da Alemanha contra os interesses da Casa de Habsburgo. Frederico, o Grande, desafiou seriamente a hegemonia dos Habsburgos na Europa Central e aproveitou a fraqueza da França no período pré-revolucionário para derrubar a barricada polonesa contra a Prússia no Leste. As Guerras Napoleônicas foram pouco mais que um interlúdio desagradável na rivalidade. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

entre as duas potências germânicas. Seus resultados fortaleceram substancialmente a posição prussiana, pois enfraqueceram as casas principescas independentes na Alemanha e permitiram que a Prússia, durante a primeira metade do século XIX, forçasse os estados menores a aderirem a uniões aduaneiras. Frederico, o Grande, havia conquistado a Silésia. A participação forçada de seus sucessores no bloqueio continental durante as Guerras Napoleônicas lançou as bases das indústrias manufatureiras alemãs, que foram criadas para suprir a lacuna deixada pela exclusão dos produtos britânicos. As uniões aduaneiras uniram à Prússia as antigas cidades hanseáticas, e uma Alemanha do Norte modernizada enfrentou um Império Austríaco que era, na verdade, uma sobrevivência do Renascimento.

Em 1866, a Áustria foi expulsa da Confederação Germânica e deixou de ser uma potência alemã. Mais ou menos na mesma época, foi expulsa da Itália, que realmente dominou até depois da primeira metade do século XIX, e agora deixou de ser uma potência italiana. Mas aqui pode-se observar a surpreendente flexibilidade política da dinastia dos Habsburgos.
Durante a segunda metade do século XIX, a Áustria rapidamente se tornou uma potência eslava, governando uma minoria de súditos alemães que viviam na Áustria e na Boêmia. É possível que a Áustria tivesse sobrevivido como uma Confederação Magiar-Eslava se Francisco José tivesse morrido antes e Francisco Ferdinando tivesse vivido mais. Mas o velho Imperador, como disse ao Rei Eduardo, "jamais poderia esquecer que era um príncipe alemão".

Durante os vinte anos que antecederam a guerra, desenvolveu-se na Áustria um poderoso movimento pangermânico, liderado por Karl Leuger — o popular burgomestre de Viena — que realmente desejava ver o fim do Império e da Monarquia Habsburgo, e a união das partes germânicas do Império dentro da Grande Germânia. Se a solução pangermânica ou a solução "federal" (eslava) do arquiduque Francisco Ferdinando tivessem sido alcançadas, a história da Europa poderia ter recebido um impulso bastante diferente. Mas os Hohenzollerns haviam, de fato, sucedido no papel dos Hohenstaufen e dos Habsburgos. Estes últimos haviam sido praticamente manobrados para a posição de príncipes vassalos, e com o desenvolvimento da política da Tríplice Aliança, os Hohenzollerns apenas deram uma nova força e uma nova diretriz à política pan-europeia dos Sacro Imperadores Romanos.

Adolf Hitler cresceu na atmosfera da propaganda pangermânica da Viena pré-guerra e, em seus escritos pós-guerra, denuncia amargamente o que considera as políticas antigermânicas, puramente dinásticas e capitalistas-monopolistas que atribuiu aos Hohenzollerns. Ele também se opôs à política de expansão colonial iniciada pelos Hohenzollerns e à qual políticos nacionalistas mais antigos, como Hugenburg e Schacht, ainda aderem. É necessário, portanto, ter em mente essas duas tendências importantes que regem a política nacional-socialista em ação. Primeiro, a política nazista é essencialmente nacional, na medida em que é uma reação à desastrosa política pan-europeia dos Habsburgos e Hohenzollerns. No espírito de Bismarck, que proclamou que "toda a Questão Oriental não vale os ossos de um único granadeiro da Pomerânia", repudia qualquer ambição de submeter territórios não alemães ao domínio alemão. Por outro lado, oferece um desafio ao sistema estatal estabelecido na Europa quando enfatiza a necessidade de trazer todos os territórios habitados por populações de língua alemã para dentro da estrutura do “Drittes Reich”.

Vistas superficialmente, as reivindicações pangermânicas dos idealistas nazistas parecem incompatíveis com a manutenção da paz na Europa. Mas o que o Sr. Hitler parece querer dizer, fundamentalmente, é o reconhecimento do fato de que a Alemanha deve ser considerada não apenas como um igual entre as Grandes Potências, mas que essas Potências também devem permitir uma expansão legítima da Alemanha e, se necessário, encontrar os caminhos pelos quais ela possa se expandir.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Não há nada de particularmente imoral em uma ambiciosa política territorial alemã. Nos últimos quinze anos, temos tolerado a política continental exclusiva e intransigente da democracia francesa, e a Liga das Nações tem sido amplamente utilizada para favorecer o desenvolvimento de um novo grupo eslavo na Europa Oriental. É necessário lembrar que as fronteiras europeias sempre foram extremamente fluidas, e não há justificativa histórica para considerá-las como particularmente permanentes no momento atual da história europeia.

Na Europa Oriental, o grupo eslavo — Polônia, tchecos e eslavos balcânicos, diferentemente dos russos — deve ser considerado um elemento bastante permanente na história europeia. Tanto a Polônia quanto a Boêmia eram estados realmente mais antigos que a Prússia. Por outro lado, a Rússia é um fenômeno relativamente recente, que só emergiu como potência europeia no início do século XVIII. Foi obra de dois grandes governantes — Pedro, o Grande, e Catarina, a Grande. A última guerra viu a obra de Catarina desfeita, e a fronteira russa empurrada para trás dos pântanos de Pripet. Os bolcheviques fizeram muito para minar a base cultural e nacional do antigo Império Russo. Instituições e ideias estáveis foram destruídas, e os muitos povos que compõem a União Soviética estão desenvolvendo tendências desintegrativas a um ritmo que geralmente não é percebido. A Rússia está se tornando uma Terra de Ninguém política — um fato que parece ser muito apreciado pelos japoneses no Extremo Oriente.

Nesse contexto, o recente Pacto Germano-Polonês assume importância e indica a possibilidade de uma orientação inteiramente nova na política báltica. Tanto a Alemanha quanto a Polônia precisam do que pode ser definido como espaço para a "expansão camponesa". Herr Hitler e outros expoentes da ideologia nazista, como Darre e Rosenberg, enfatizaram que o objetivo da Alemanha nazista são territórios vazios onde o camponês alemão possa cultivar sua terra e onde as comunidades alemãs possam construir suas vidas como parte integrante da Alemanha. Trata-se de uma concepção totalmente diferente do "imperialismo colonial" dos Hohenzollerns e dos modernos conservadores-nacionalistas como Schacht e Hugenburg. Ora, uma guerra bem-sucedida contra a Polônia não resolveria o problema alemão da "expansão camponesa", pois a própria Polônia é densamente povoada e tem uma população crescente. Mas ambos os países têm ambições no Leste que foram reprimidas nos séculos XVII e XVIII pela intervenção sueca e pela ascensão do Império Romanov. Eles tiveram um lembrete recente das possibilidades dessas ambições quando os alemães ocuparam as províncias do Báltico durante a guerra, e quando os poloneses ocuparam a Ucrânia em 1920.

Os nacionalistas ucranianos, que desejam a separação da Rússia, têm conexões muito importantes com Berlim e Varsóvia, e é possível que esses elementos sejam instrumentais na formulação das bases de uma política germano-polonesa comum no "extremo oriente" da Europa. Qualquer perspectiva de guerra é naturalmente perturbadora, mas parece óbvio que a maneira mais direta de tornar uma guerra futura inevitável na Europa Ocidental é ignorar não apenas as aspirações alemãs, mas também as necessidades alemãs. E uma liberação das energias alemãs para o Leste parece infinitamente preferível a um "aperto" ao longo do Reno e na Áustria — que é a única alternativa definitiva.

Há notavelmente pouco sentimento hostil contra a Grã-Bretanha na Alemanha nazista, nem parece haver qualquer tendência a direcionar propaganda oficial contra a Grã-Bretanha, apesar da atitude extremamente provocativa adotada por setores da imprensa neste país — e também por certos grupos políticos desde que os nazistas chegaram ao poder. Há, é claro, um movimento de agitação pela devolução das colônias africanas à Alemanha, mas a inspiração para essa agitação vem em grande parte dos agora insignificantes círculos nacionalistas conservadores. As opiniões podem divergir quanto ao valor dessas colônias em particular, seja para nós ou para os alemães, mas o próprio Herr Hitler professa desprezo pelo "imperialismo colonial" que inspira os grupos nacionalistas.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Certamente, uma política baseada no "capitalismo de exportação" — e esta é a política que exige colônias — é contrária à teoria econômica do "Estado autárquico", e pode-se afirmar com segurança que os nazistas — pelo menos na fase atual — não desejam reentrar no campo africano. Toda a ênfase de sua propaganda está na restauração da vida camponesa como base do Estado autárquico e na necessidade de mais terras geograficamente adjacentes à Alemanha, onde as comunidades camponesas alemãs possam se espalhar e desenvolver aquela vida corporativa alemã na qual os nazistas veem o início e o fim de todas as coisas. Se tal política os coloca em conflito com potências e interesses que não são os interesses britânicos, dificilmente cabe à Grã-Bretanha empreender uma cruzada para manter a imunidade da tirania mais corrupta que já manchou a história da raça humana.

---

[1] Exceto possivelmente durante o breve reinado do Imperador José II.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Social-democracia em decadência por John Beckett

UMUma análise dos resultados das eleições suplementares desde a última Eleição Geral mostra que o Partido Trabalhista aumentou sua média de votos em relação a 1929 em quase 15%. Em 1929, garantiu 289 assentos e, com cinco membros independentes apoiando-o, tinha uma força de lobby de 294. Treze vitórias a mais teriam lhe dado poder. Com base nos números de 1929, uma taxa de aumento nas pesquisas igual à das eleições suplementares seria suficiente para fornecer ao partido uma clara maioria parlamentar. Na ausência de qualquer grande avanço em direção ao fascismo em sua primeira disputa eleitoral, pode-se inferir conclusivamente que não há outro fator que possa evitar tal ordem de eventos. A oscilação regular do pêndulo ocorrerá e os dois lados da Câmara mudarão como times de futebol no intervalo.

Nada seria mais divertido, se não fosse trágico, do que estudar as diversas opiniões expressas por nossos "Líderes Nacionais" e pela Imprensa sobre o provável curso quando o Parlamento for controlado pelo Partido Trabalhista. Elas vão desde visões de uma Grã-Bretanha na rota totalmente vermelha, com Sir Stafford como motorista, até os gentis confortos do Sr. Greenwood e do Dr. Dalton, que nos pintam um quadro de uma Grã-Bretanha inalterada, exceto pela prosperidade, com uma bancada de super-homens incrivelmente "cavalheirescos" aumentando a renda de Mayfair com a mesma constância com que aplainam as favelas da bela face do nosso país.

Grande tragédia, ruína vermelha e eficiência beneficente são previstas, uma após a outra. É surpreendente que nenhum dos profetas tenha se dado ao trabalho de examinar cuidadosamente os princípios da social-democracia nos quais o Partido Trabalhista se baseia, e o destino desses princípios (ou a ausência deles) em todos os países em que foram testados. Este estudo, auxiliado por um levantamento da história do Partido Trabalhista e um exame imparcial do caráter e dos antecedentes de seus líderes, inevitavelmente aponta para conclusões menos dramáticas, mas muito mais aterrorizantes do que qualquer uma das que já consideramos.

Meu propósito é sustentar que um governo trabalhista não significa revolução nem evolução. Significa um governo covarde, governado por nulidades sem quaisquer princípios orientadores; significa vagar sem direção em um turbilhão de insinceridades superficiais; significa um alarme inarticulado em meio à insegurança econômica e ao pânico financeiro, agravados por ministros nervosos e inexperientes.

Sem benefício para os oprimidos, pode-se esperar que o Partido Trabalhista latir e alarmar os poderosos. O resultado não será uma catástrofe repentina que possa ser facilmente enfrentada, mas um enfraquecimento da vitalidade da nação e a aceleração da decadência a tal velocidade que talvez seja impossível detê-la. A teoria da social-democracia, de fato, é sintetizada na própria apologia oficial do Partido Trabalhista para 1933: "Podemos ter sido ineficazes; mas estivemos no caminho certo o tempo todo."

Diante das condições econômicas alteradas provocadas pelo enorme avanço no poder produtivo devido à maquinaria e à ciência modernas, as três ideias básicas do fascismo, comunismo e social-democracia lutam pela supremacia na mente do mundo civilizado desde 1918.

À primeira vista, a social-democracia é a mais atraente. O comunismo exige o impossível

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

turbulência e sacrifício para obter resultados altamente controversos. O fascismo faz um grande apelo ao lado superior e abnegado dos seres humanos. O homem médio é preguiçoso e autoindulgente. Ele não quer trabalhar e aceitar disciplina; acima de tudo, ele não quer ter que pensar e fazer sacrifícios em benefício da raça. A social-democracia promete prazer sem dor, idealismo sem esforço, prosperidade e justiça sem planejamento. Nenhuma forma mais eficaz de droga para as massas poderia ser inventada, e não é de se admirar que na Rússia, Itália e Alemanha, onde toda a força da nevasca causada pela guerra foi sentida, essas nações tenham se voltado para os social-democratas em busca de salvação.

O espaço não permite um exame prolongado, com citações, do fracasso da social-democracia nesses países. Ela não só falhou em efetuar a transformação pacífica do capitalismo predatório para o socialismo, como havia prometido, como também falhou em fornecer o menor controle ao ladrão, com quem, pelo menos na Alemanha, formou uma aliança rápida e firme. Nos três países, os trabalhadores se encontraram em situação muito pior do que antes da social-democracia chegar ao poder, e em todos os três países a lição provou ser suficiente para que dessem as costas a tais formas de democracia e se esforçassem para recuperar seu prestígio e eficiência sob uma liderança nacional. A Rússia, o país menos avançado, adotou uma forma de comunismo que agora estava desaparecendo rapidamente, enquanto a Itália e a Alemanha, com um padrão de civilização mais elevado, recorreram ao fascismo em busca de salvação.

Um exame muito superficial da teoria social-democrata é suficiente para mostrar que o que aconteceu nesses três países era inevitável e deve ocorrer onde quer que sua política seja tentada.

O social-democrata é o racionalizador da demagogia, enquanto seu partido é invariavelmente dominado por bancadas partidárias, com seus altos cargos ocupados por homens que talvez não tenham nada a recomendar além do poder da fala fácil. Seus cargos mais altos estão abertos ao demagogo e somente a ele. Assim como seus princípios são vagos e os de seus oponentes são definidos, seus líderes carecem do fanatismo do comunista ou da severidade do fascista. Obtenha poder pelo voto — não o poder de fazer coisas, mas o poder de assumir cargos. Prometa aos ricos e aos pobres que você será amigo deles. Acabe com as favelas e jante com o dono da favela. Aumente os salários, mas dê títulos ao mau empregador.
Nacionalizem os bancos, mas obedeçam ao banqueiro. Derrotem o capital internacional com um beijo de boas-vindas. Reduzir os armamentos e, ao mesmo tempo, interferir nos negócios de todos os outros países. Estes são alguns dos slogans mais adequados para os candidatos trabalhistas. Não é de surpreender que, em um mundo de dura realidade, essa mistura de oportunismo, idealismo e pura fraqueza de caráter tenha desmoronado sempre que a responsabilidade foi atribuída a ela.

Um exame da história do Partido Trabalhista mostra com que precisão essas tendências se concretizam na prática; e, considerando o estágio mais avançado de decadência dos países continentais citados, nada é mais impressionante do que comparar sua história recente com as nossas próprias experiências. Dificuldades sociais e econômicas levaram a um reconhecimento generalizado da necessidade de mudança na estrutura da nação. O caminho aparentemente fácil da social-democracia foi tentado; o caos e a corrupção seguiram; e a liderança, erroneamente chamada de ditadura, teve que ser invocada.

Um estudo do nosso Partido Trabalhista mostra exatamente as mesmas tendências dos partidos social-democratas já mencionados. Pode o seu apoiador mais otimista realmente sustentar que, em todas as convicções e políticas do partido, há duas notas consistentes? Mesmo que não tivéssemos o registro de seus mandatos anteriores para comprová-lo, os discursos de seus líderes e as colunas do *Daily Herald* contêm todas as inconsistências possíveis. A Liga Socialista e o líder sindical mais sereno estão unidos em seu desejo de vitória eleitoral, mas é impossível encontrar um ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

ponto único de unidade em seus planos de governo, uma vez conquistada a vitória. Participe de qualquer reunião trabalhista onde haja mais de um orador, e se os oradores forem além de aspirações ambiciosas para políticas práticas, as diferenças mais marcantes aparecerão imediatamente.

O primeiro Partido Trabalhista Parlamentar realmente grande foi reeleito em 1922. Nunca, nem mesmo no "Parlamento de sobras" de 1906, uma coleção tão estranha de excentricidades chegou a Westminster. Nenhuma descrição melhor poderia ser dada a elas do que a fornecida por Scanlon em seu *Declínio e Queda do Partido Trabalhista :*

"A política, no entanto, assim como a adversidade, cria estranhas companheiras de cama, mas é seguro dizer que em nenhum momento as piores formas de adversidade conseguiram reunir tipos tão estranhos e diversos como os que se encontraram espremidos lado a lado em nossa cama . . . trabalhista. No Parlamento de 1922, todos com uma queixa se juntaram ao Partido Trabalhista na crença de que ele existia apenas para corrigir erros individuais; e quando qualquer pessoa rica se juntou ao Partido, ele ou ela imediatamente sentiu que deveria ser adotado pelo Parlamento para que a queixa EU pudesse ser atendida adequadamente... lembre-se do Sr. Egerton Wake, o Organizador Nacional Trabalhista, cujo trabalho era colocar candidatos, dizendo que a maior aflição do Partido era uma overdose de generais des

Ao todo, alguns espécimes estranhos encontraram seu caminho para o Partido Trabalhista... cada um tinha uma ideia fixa: alguns se concentravam em cavalos cansados, alguns em minorias oprimidas, desde que as minorias não estivessem muito próximas. Havia generais que haviam sido esquecidos na guerra e queriam que todo o sistema de promoção fosse alterado. Outros (não generais) estavam dispostos a dedicar seu tempo e energia para garantir que o Dia do Senhor fosse mantido sagrado; outros podiam encarar com serenidade as duras condições impostas aos desempregados, mas teriam de bom grado destruído o Partido se este tivesse proposto adicionar um único clube de trabalhadores à lista. Havia outros que acreditavam que reuniões em grupo para intercessão diária com Deus resolveriam o problema da pobreza, e havia outros sem opiniões definidas sobre qualquer coisa.

Em 1906, quando alguns parlamentares trabalhistas revelaram ao mundo as grandes questões às quais esperavam dedicar suas vidas parlamentares, o Sr. Bernard Shaw pediu desculpas ao universo por ter se associado a eles. Não há registro do que ele disse em 1922.

Menos de um ano depois, essa assembleia heterogênea se tornou o governo oficial do país. Após alguns meses de mandato, foi sumariamente demitido pelo país. Cinco anos de mandato do Sr. Baldwin preparou a mente nacional para qualquer alternativa e, em 1929, um governo trabalhista, apenas um pouco abaixo da maioria e quase sempre com uma maioria física real dentro dos limites da Câmara, governou com desconforto e ignomínia por dois anos e meio até que a crise de 1931 causou sua extinção eleitoral temporária.

Na Rússia, Kerensky aconselhou cautela até o momento em que fugiu diante de uma nação indignada e decepcionada, que se voltara para os bolcheviques em busca da liderança que ele nunca tivera a coragem de demonstrar. Na Itália, os sociais-democratas ocuparam as fábricas e, sem planos para administrá-las, deixaram-se docilmente expulsar e destruir pelos fascistas, que deram aos italianos planos em vez de discursos e ações em vez de intrigas. Na Alemanha, os socialistas tinham todo o poder em suas mãos em 1919, mas correram aterrorizados para os *Junkers* em busca de ajuda; por doze anos se curvaram atrás da Constituição de Weimar; e em 1933, com quase nenhum protesto, abriram caminho para Hitler e a liderança disciplinada das Tropas de Assalto.

Não é de surpreender que encontremos um ex-deputado socialista inglês escrevendo que a existência da Social-Democracia depende de nunca chegar ao poder. Este artigo começa com um alerta de que

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O Partido Trabalhista deve, se os números das eleições suplementares significarem alguma coisa, obter um novo cargo na próxima eleição. O leitor pode muito bem se perguntar como, diante dos fatos expostos, é possível que milhões de eleitores votem novamente no Partido Trabalhista. A resposta está na desculpa especiosa apresentada por todas as plataformas trabalhistas: "Nunca tivemos maioria."

Por mais surpreendente que pareça, a grande maioria do eleitorado parece acreditar genuinamente que, se em 1929 mais vinte líderes sindicais ou *intelectuais* de classe média tivessem sido eleitos, o Governo Trabalhista teria conseguido cumprir as muitas e variadas promessas utópicas que fizera durante sua campanha eleitoral. Como a ausência de uma maioria explica aos trabalhadores a introdução e a aprovação forçada na Câmara dos Comuns — muitas vezes contra alguns votos liberais e conservadores — de leis claramente antitrabalhadoras, como a Lei das Anomalias e a Lei das Minas de Carvão, não pretendo entender. Como a pregação do ódio de classe e a mobilização das massas para esmagar o capitalismo se transformaram em esnobismo desenfreado e subserviência crescente à City de Londres, porque há 294 parlamentares em vez de 307, é um mistério que nunca é explicado.

Seja qual for o outro problema com o Partido Trabalhista, ele fez muito para resolver o problema de enfrentar perguntas incômodas. Descobriu que a melhor maneira é virar as costas para elas. A explicação dá lugar à denúncia; a exposição é feita por fulminação; e o fracasso em cumprir promessas feitas no passado parece ser mais do que coberto aos olhos do eleitorado por uma generosidade extra em fazer promessas para o futuro.

A principal prova de que o Partido Trabalhista não consegue governar encontra-se não em seu fracasso, por mais desprezível que tenha sido no passado, mas na psicologia de sua liderança e na credulidade de sua base. A extraordinária leniência sempre demonstrada na Grã-Bretanha para com aqueles que, popularmente, supostamente ascenderam a altos cargos provavelmente explica a maneira estranha como aqueles em posição de conhecer a verdade deixam passar sem contestação as alegações untuosas dos líderes trabalhistas de padrões incomuns de retidão.

O Sr. MacDonald, como líder do Governo Nacional, segue hoje exatamente a mesma política de quando era o reverenciado e amado líder de um Governo Trabalhista. A única diferença é que essa política é mais bem-sucedida porque ele está cercado por homens capazes, em vez de ineficientes. No entanto, vemos líderes trabalhistas que se orgulhavam de segui-lo antes de 1931, agora o insultando e denunciando exatamente pelos mesmos métodos que antes, quando ele os empregava, denunciavam outras pessoas por se oporem. O padrão de honestidade é tão baixo que os parlamentares trabalhistas do passado e do presente, que costumavam ficar à sua porta na esperança de ter a chance de abri-la e dizer "Bom Dia", agora culpam MacDonald, Thomas e Snowden por todos os crimes do passado. Num primeiro momento, eles afirmam ser um partido democrático; no outro, dizem que, em um grupo parlamentar de quase 300 homens, três homens foram responsáveis pelo que agora denunciam como conduta vil.

Um exemplo geral dessa propaganda desonesta pode ser encontrado na declaração feita invariavelmente pelas plataformas trabalhistas de que são o único partido que publica um balanço patrimonial, e em suas denúncias contra os partidos mais antigos por corrupção na venda de honrarias e na ocultação de fontes secretas de renda. Muitos dos membros, sem dúvida, acreditam nessas declarações quando as fazem. Por outro lado, muitos devem estar cientes de que, por vários anos, grandes contribuições privadas foram recebidas pelos líderes e usadas a seu critério — contribuições que nunca foram contabilizadas em nenhuma declaração jamais emitida. O Partido Trabalhista sempre denunciou a pompa vazia dos títulos, mas um exame das Listas de Honrarias enquanto esteve no poder não sugere qualquer alteração na maneira tradicional de compilar essas listas. O ******conversor de e-books DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

a maior parte da liderança trabalhista é conscientemente hipócrita nessas questões, a base é tão incrivelmente crédula que é difícil não argumentar que eles merecem a liderança que têm.

Qual será o fim da democracia? Começando pelo estudo da história da social-democracia em outros lugares, nossa análise do Partido Trabalhista na Grã-Bretanha deve nos levar a crer que, assim como ele apresenta todas as características dos movimentos continentais, seu progresso deve inevitavelmente se desenvolver na mesma linha. Pode muito bem ser que isso não seja um pensamento animador. A menos que a nação recupere o juízo em um prazo muito curto e receba uma alternativa viril e prática, as virtudes negativas de um Partido Conservador assolado pelas finanças certamente nos apresentarão uma maioria trabalhista em Westminster. Os conservadores são obrigados a manter um governo trabalhista no poder por pelo menos doze meses. O eleitorado não perceberia o quão ruim o Partido Trabalhista era, e esqueceria o quão ruim o Conservadorismo havia sido naquela época.

Torna-se, portanto, de suma importância que o fascismo apresente essa alternativa sem mais delongas. A trágica história de outros países não deve se repetir aqui. Eles recorreram ao planejamento construtivo e à liderança autoritária como último recurso quando levados à beira do desastre pela reação não construtiva e pelo socialismo tímido.

Um governo trabalhista comprometido em melhorar a condição das massas descobrirá, ao chegar ao poder, que a despensa está vazia. Já se foram os dias em que, a partir de uma superfluidade, alguns milhões podiam ser encontrados para comprar os trabalhadores. Amargurados pelo fracasso total do governo trabalhista em ajudá-los e inflamados pela natureza imprudente de sua propaganda, os trabalhadores recorrerão a motins e ao comunismo como saída. Alarmados pelos discursos selvagens feitos para a obtenção de cargos, a classe investidora reprimirá seus protestos, com resultados desastrosos para nossa posição econômica. A social-democracia se deparará com seu problema histórico: como satisfazer seus apoiadores sem atacar seus oponentes. Não há solução no credo socialista. Em menos de três anos, enfrentaremos uma crise real que fará com que a de 1931 pareça um assunto realmente insignificante.

É possível acreditar que a democracia, como a conhecemos atualmente, sobreviverá a essa constante deriva rumo ao desastre? O fascismo deve se esforçar para convencer a nação de seus planos agora, e não quando o desastre estiver próximo.

O Partido Trabalhista não pode governar, e se o Estado Corporativo for adiado até que a Social Democracia tenha colhido sua safra de caos, a salvação da nação ainda estará no fato de que as mentes dos homens foram preparadas e o movimento das Camisas Negras consolidado.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Fascismo e Guerra

pelo Major-General JFC Fuller

TA visão do fascismo sobre a guerra é sensata, pois o fascista é realista. Para ele, é inútil encobrir o problema da guerra com palavras e anátemas, como tão frequentemente fazem aqueles que conseguiram evitar o último, porque o emocionalismo é a antítese do realismo. Ele está aberto a examinar o problema como um médico examina um paciente, mas se recusa a se deixar distrair pela "glória" de um lado ou pelo "horror" do outro.

Se o problema for solucionável, será resolvido cientificamente, ou seja, buscando a verdade, mantendo Uma mente imparcial e trabalhando de forma organizada. A histeria certamente não resolverá o problema.

Tendo estudado a guerra histórica e psicologicamente, o fascista chega à conclusão de que, em certas circunstâncias, as guerras são necessárias e, em outras, não. Portanto, ele decide que as circunstâncias são o fator principal, que são elas que criam as guerras e que, consequentemente, a guerra em si não é uma doença, mas sim o clímax de um estado doentio de paz. Não é o micróbio, é a febre causada pelo micróbio. Sem essa febre, o paciente poderia facilmente morrer de envenenamento interno; no entanto, se sua temperatura subir acima de um certo ponto, ele certamente entrará em colapso; em qualquer caso, é provável que ele fique fisicamente debilitado quando sua doença terminar. Não é a febre que deve ser culpada, mas sua causa. O fascista, portanto, diz: "Abordarei este problema causalmente e, até que sua causa ou causas sejam eliminadas, manterei em mãos um estoque de instrumentos cirúrgicos e medicamentos, minhas marinhas, exércitos e frotas aéreas, porque não vejo razão para confiar em curas pela fé e outras charlatanices. Consequentemente, não terei nada a ver com a bruxaria pacifista que confia em encantamentos, feitiços e pactos." É por essa razão que ele se recusa a se deixar desviar do rastro de sua busca pela verdade por desarmamento e outras falácias semelhantes, pois as armas por si só não podem criar guerras, assim como fórceps e bisturis por si só não podem criar doenças.

“Portanto”, diz o fascista, “examinemos a paz, pois nos descontentamentos com a paz serão descobertas as causas da guerra, e até que sejam eliminadas não pretendo jogar fora meus instrumentos cirúrgicos. De fato, quanto mais histéricos os defensores da paz se tornam, mais certo estou de que a guerra retornará; portanto, farei com que meus instrumentos e medicamentos sejam os melhores disponíveis.”

Em seguida, o fascista se volta para a era em que vivemos, pois é dessa era que surgirá a próxima guerra, e, tendo-a estudado imparcialmente, chega à conclusão de que existem hoje duas causas principais para a guerra, a saber: superpopulação e anarquia econômico-fiscal. São estas que dão origem às causas militares — a necessidade de conquistar, aterrorizar e estabelecer fronteiras inatacáveis.

Ele analisa a primeira dessas duas causas principais da seguinte maneira: por mais deplorável e irritante que seja, é fato que um homem faminto prefere roubar comida e infringir a lei a morrer de fome. Em todos os países, civilizados ou não, concorda-se que um homem tem o direito de defender sua vida; então, por que esse homem se mataria de fome quando pode preservá-la roubando? Consequentemente, quando um país se torna superpovoado, dois caminhos o aguardam: pode cometer suicídio em uma guerra civil ou ocupar um território vizinho, o que significa guerra, a menos que seja habitado.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Por pacifistas intoxicados por pactos. Estes são fatos incontestáveis. Com o Japão superpovoado, é tolice da Liga se opor à expansão japonesa. Uma atitude muito mais sensata seria enviar anualmente para aquele país alguns milhares de toneladas de contraceptivos.

O mesmo problema nos confronta na Índia: com ou sem Livro Branco, se os indianos continuarem se reproduzindo no ritmo atual, a menos que a expansão se torne possível, antes do fim deste século a Índia deve explodir. Em 1921, sua população era de 320 milhões e, em 1931, de 350 milhões. Nesse ritmo de crescimento, será de cerca de 700 milhões no ano 2001, e a menos que Marie Stopes se ocupe ou que cada pé de milho cresça duas espigas, um cataclismo está predestinado. Este é um fato que nenhuma caneta e tinta ou palavras piedosas podem apagar; consequentemente, o fascista trabalha com fatos — ele é um realista.

Voltando-se para a segunda das duas principais causas, o fascista é imediatamente confrontado com o que é proclamado como "nacionalismo econômico", que muitos supõem ser habitado pelo diabo da greve. Nunca fascinado por palavras ou nomes, ao examiná-lo, descobre que o que realmente se quer dizer, mas o que sob a democracia liberal é uma heresia sussurrar, é comércio anárquico: faça o que quiser, faça o que puder, trapaceie, suborne, lute e o diabo pega quem ficar por último. Mercados e empréstimos estrangeiros têm grande peso nessa guerra sangrenta e desleal. Vou examiná-los brevemente.

Como hoje todas as nações produzem mais do que podem comprar sob o sistema financeiro existente, a produção mundial excede a demanda mundial. Os mercados tornam-se, portanto, causas de conflitos e áreas de descarte de descontentamentos, bem como de mercadorias. Como, obviamente, é impossível para cada país vender mais do que pode comprar, interesses privados envolvem seus respectivos governos e os governos brandem suas espadas para assustar uns aos outros — seus brandimentos sendo os insultos da imprensa diária. A ganância gera inveja, a inveja, paixão e ódio, então ocorre algum incidente que detona o emocionalismo reprimido e há guerra. Algo muito semelhante acontece na luta por matérias-primas.

Uma causa ainda mais poderosa é a luta entre os grandes bancos centrais pelo controle financeiro. Se os bens não puderem ser pagos com bens, o devedor é compelido a aceitar um empréstimo e imediatamente entra em servidão financeira. Como diz um escritor sobre os financiadores internacionais: "Mais do que qualquer outra força desencadeada no caos do mundo moderno, eles levaram à guerra". Uma vez sob seu domínio, só há duas maneiras de escapar: repúdio ou luta. Como a primeira significa falência e desonra, a segunda é normalmente a que se recorre.

Assim, devido à ganância e ao emocionalismo inerentes às democracias de massa, as armas não são vistas como instrumentos cirúrgicos, mas como camisas de força dos descontentes nacionais e internacionais. Por meio delas, revoluções internas são constrangidas e vizinhos hostis aterrorizados, não para manter a justiça, mas para manter a ganância. Novamente, é apenas um passo de um muro tarifário para uma fronteira fortificada, e se uma fronteira existente é fraca, há todo o incentivo para buscar outra mais forte. Antigamente, fronteiras defensivas fortes eram buscadas para garantir a existência nacional; agora, elas são buscadas para garantir a usura internacional.

Em 11 de julho de 1933, o Sr. Chamberlain declarou na Câmara dos Comuns: "Nós mesmos ainda mantemos a opinião que sempre defendemos, que é a de que os principais problemas que o mundo sofre hoje são de origem internacional e só podem ser resolvidos por meio de ações e acordos internacionais." Quanto à origem, ele está certo, mas como Satanás tem uma aversão peculiar a expulsar Satanás, o fascista tem mais do que dúvidas quanto à sua cura. É por isso que ele não acredita em tratados de desarmamento, pactos de paz e forças policiais internacionais, que são discutidos de dentro para fora e depois de fora para dentro pelos membros da Liga das Nações ou seus apoiadores.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A Liga não representa a paz, representa o status quo: representa um mito, a inércia, e não uma mudança de realidade. O mundo se move e nós devemos nos mover com ele; não pode haver parada sem apodrecimento, e a podridão gera guerra, pois apodrece a civilização. Por exemplo, examinemos o problema da Áustria, atualmente o centro da podridão europeia: em 1918-19, um grande império foi reduzido a um pequeno Estado com um capital imenso; isto é, da posição de um milionário para um mendigo que ainda precisa pagar por sua casa — Viena — um aluguel de milionário. Em 1931, a Alemanha sugeriu uma União Aduaneira, e a França, sentindo que estava prestes a ser torpedeada, decidiu imediatamente torpedear essa União por meio daquela arma de destruição infalível, o Conselho da Liga. Essencialmente uma questão econômica, foi encaminhada para decisão à Corte Permanente de Justiça Internacional e colocada em debate político, com os guinchos sendo operados, entre outros, por El Salvador, Cuba, Colômbia e China — então em franca anarquia. Se Cuba ou El Salvador tivessem votado de forma contrária, a União teria se tornado um fato consumado; como nenhum dos dois o fez, ela foi rejeitada.

Isso é sensato ou insano? É esse o caminho para integrar o mundo e estabelecer a paz perpétua?
Teria sido sensato e mais honesto se a Liga tivesse proclamado: "A Áustria é um país impossível, ela é a pobre da Europa, e se ela não tiver permissão para esta União, devemos mantê-la e pagar-lhe uma esmola de milhões de libras todos os anos". Mesmo assim, que direito teria a Liga de supor que os austríacos — um povo orgulhoso — queriam viver em uma casa de caridade; pois tudo o que eles queriam era autodeterminação e eles ainda a querem, mas são incapazes de obtê-la, pois são obrigados a viver não sob um governo de sua própria escolha, mas sob um despotismo corrupto.
De fato, a Áustria é impedida de cumprir seu legítimo destino ao lhe impor uma força policial internacional sub-reptícia — a força policial internacional do dinheiro, que não precisa comprar mercenários estrangeiros; pois sempre pode contratar mercenários locais. É esse tipo de força, a desnacionalizada e implacável cujo único incentivo é o dinheiro, que a Liga das Nações, o Movimento da Nova Comunidade Britânica e o capitalismo decadente buscam impor ao mundo. Se o fizessem, mais cedo ou mais tarde o resultado seria uma revolução cataclísmica que culminaria no bolchevismo mundial. É esse então o seu objetivo final?

No entanto, apesar dessa flagrante trapaça política, o que o fascista mais objeta é o ataque moral insidioso lançado sob a capa de uma nuvem de fumaça de platitudes piedosas e hipocrisia histérica, contra tudo o que é viril e espiritual na humanidade. Honra, virtude e crença em qualquer coisa mais nobre do que a mera vida devem ser submetidas ao controle legal internacional. Mas será a paz ou a manutenção da paz a qualquer preço o fim da vida? Não há nada neste mundo mais precioso do que a vida? Os homens são apenas animais? Com James Martineau, o fascista acredita que:

“A reverência pela vida humana é levada a uma idolatria imoral quando ela é considerada mais sagrada do que a justiça e o direito, e quando o espetáculo de sangue se torna mais horrível do que a visão de tiranias desoladoras e hipocrisias triunfantes... nada pode ser mais fraco ou mais suicida do que homens que são cidadãos de uma comunidade anunciarem que, por sua vez, pretendem ter a vida em maior estima do que a justiça. E se chegar o dia em que as nações se contentarem em submeter toda disputa, qualquer que seja sua origem, à decisão de um tribunal, pode não ser que o mundo tenha melhorado, mas que os homens se tornaram mais mesquinhos e vis porque não há mais nada que eles considerem mais caro do que a vida.”

Viver é o impulso da Natureza; mas viver retamente — isto é, de acordo com nossas convicções mais profundas — é certamente o fundamento de toda moralidade e religião. Pode um homem que acredita estar refletindo a vontade de Deus submeter sua fé a julgamento em um tribunal policial? "Viva Perigosamente" pareceria, portanto, um lema de vida mais nobre e justo do que...

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

“Segurança em primeiro lugar”, que quando aplicada ao coração do homem não pode atingir nenhum outro fim senão o de criar uma raça de eunucos desespiritualizados.

Assim, na filosofia do fascismo, a vida é vista como um meio para um fim e não como o fim em si. O indivíduo é mortal, mas o Estado, não apenas a massa de indivíduos, mas o que é nobre, inspirado e inspirador em sua história, em duas palavras – a espiritualidade nacional – é imortal e infinitamente maior. É por isso que cada indivíduo deve viver, não apenas para mantê-la, mas para sustentá-la com sua vida, pensamentos e ações. É uma luta pelo que deve ser feito e não apenas um mero registro do que foi realizado. Se nesse espírito ainda há algo da atividade do javali, graças a Deus, ainda não há nada da inércia do porco de fazenda.

Devido a esse dinamismo, a essa virilidade essencial, o fascismo defende a paz; no entanto, não teme a guerra, pois tudo o que teme é uma vida inerte. Portanto, sobre paz e guerra, o credo do fascista diz o seguinte:

O objetivo legítimo da guerra é uma paz mais perfeita; porque a guerra é um instrumento cirúrgico.

O objeto legítimo da paz é um homem mais perfeito; porque a paz é um instrumento criativo.

E o objetivo legítimo do homem é um mundo mais perfeito; porque o homem é um instrumento divino.

Como ele converte esse credo em ação, pois sem atividade não pode haver renascimento?
problema que agora vou investigar.

A história da luta pode ser dividida em dois grandes tópicos: revoluções internas e guerras externas; a primeira fertilizando a segunda e a segunda, a primeira. Agora, vou examiná-las separadamente.

O que o fascista diz é o seguinte: o descontentamento internacional nada mais é do que a soma de inúmeros descontentamentos nacionais. Se o mundo for comparado a uma casa, então, como seus tijolos e argamassa estão podres, suas fundações estão sempre afundando e suas paredes cedendo. Portanto, o primeiro problema para estabelecer uma paz mundial criativa é que cada nação ponha sua própria casa em ordem; pois enquanto as nações estiverem em um estado de podridão interna, assim que uma crise se tornar iminente, seus respectivos políticos tentarão manter sua autoridade voltando o descontentamento para fora, isto é, para longe de casa e para as relações exteriores. Este é o caminho mais antigo e seguro para a guerra.

Um excelente exemplo disso é a França do pós-guerra. Seu sistema de governo é completamente corrupto, então o que seus políticos fazem? Para distrair a atenção popular, proclamam veementemente que a França está em perigo e hipnotizam o povo com a palavra "Segurança". Se fosse possível proteger a França contra qualquer tipo de ataque, os políticos franceses ficariam gratos? Não, ficariam aterrorizados, pois perceberiam que, como o povo não teria mais nada a temer de uma guerra estrangeira, voltariam sua atenção para a reforma interna e a revolução. "Segurança", na verdade, não é um escudo contra a Alemanha, mas sim a carapaça à prova de balas sob a qual os Staviskys se escondem.

Embora em quase todos os países a causa do descontentamento seja de origem econômica, sua expressão, como deve ser, é moral. A pobreza não só cria carência, mas também um sentimento de injustiça. Que em uma era de abundância potencial ainda exista pobreza real e excessiva parece criminoso, e quando um governo é visto como uma reunião de gângsteres, o homem sofredor e pensante passa a acreditar em seu direito de derrubá-lo. Esta é a causa fundamental de todas as revoluções sociais. Ser privado de uma participação justa na produção por causa de um sistema de distribuição obsoleto é nada menos que roubo. Se um ladrão entra em sua casa e ameaça sua vida, você tem o direito de protegê-la.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

mesmo às custas da sua própria. O homem desesperado encara o assassinato político de um ângulo semelhante, e quando percebe que é o financista que está usando o político como um pretexto entre ele e o que considera ser sua parte legítima da riqueza, podemos esperar a primeira crise já ocorrida na história dos banqueiros.

O Fascista diz: Por que resolver este problema da anarquia financeira pela anarquia social? Por que não resolvê-lo pela reorganização econômica? A pobreza e, consequentemente, a revolução são criadas por uma má distribuição de riqueza, por um sistema financeiro podre, por cortes salariais, aumento de preços e uma redução geral do padrão de vida; por que não organizar as indústrias nacionais para que possam se controlar, se expressar e se reformar? Isso não é Socialismo, no qual o Estado controla o trabalho, pois o controle da indústria aqui sugerido é por aqueles que criam e mantêm o trabalho. É, de fato, a forma mais pura de democracia cooperativa, que as democracias políticas nunca tentaram realizar. Esse controle o Fascista pretende estabelecer por meio do Estado Corporativo. As indústrias serão divididas em grupos autogovernados, cada um elegendo uma corporação industrial composta por empregadores, trabalhadores e consumidores. Em tal organização, a guerra de classes, greves e lock-outs não encontram lugar. Em vez de lutar por aumentos salariais, o objetivo será elevar o padrão de vida à medida que a ciência e a indústria aumentam o poder de produção. O que isso significa? Que a exploração será substituída pela organização e um novo corpo social será criado.

Uma vez estabelecida a prosperidade, o próximo passo é insuflar o espírito de uma nova vida na poeira econômica. Assim como o homem é em parte físico, em parte moral e em parte intelectual, uma sociedade de homens é em parte econômica, em parte cultural e em parte política. Segue-se, portanto, que, como no próprio homem, os fatores econômicos devem ser agrupados em órgãos e membros; assim também o cultural deve ser deixado quase inteiramente aos indivíduos e o político deve possuir autoridade sobre o todo. Com isso quero dizer que as principais atividades da política consistirão em regular as relações entre indivíduos e entre grupos e em dirigir aqueles órgãos e membros, os serviços nacionais, que somente eles podem controlar.

Disto podemos deduzir o seguinte: que a vida privada dos indivíduos será tão livre quanto possível; que a prosperidade dos grupos de trabalhadores dependerá da organização por funções, e que o governo do todo será exercido por pessoas de alta inteligência, conhecimento e experiência. Em outras palavras: a vida cultural é individual, a econômica é coletiva e a política é diretiva e autoritária. Quando esses três grupos de atividades — autoexpressão, expressão grupal e expressão nacional — trabalham juntos, resultará a mais alta economia da vida cultural, econômica e política. Essa economia é a verdadeira liberdade, e a liberdade do descontentamento é o fundamento da paz nacional.

Passarei agora à segunda metade do problema da guerra, isto é, das revoluções nacionais às guerras estrangeiras, e aqui novamente descobrimos que a verdadeira paz deve ser estabelecida em uma base econômica.

Qual é essa base hoje? A anarquia do ouro, a pedra angular dos sistemas monetários internacionais e nacionais existentes. Para obter ouro ou estabelecer moedas de ouro, as nações precisam ter balanças comerciais "favoráveis" ativas. Aqueles que conseguem fazer isso podem extrair ouro de nações com balanças "desfavoráveis" ou obrigá-las a tomar emprestado a diferença na forma de um empréstimo. Como diz um escritor sobre esta questão: "Em vez de negociar por bens e serviços para seu benefício mútuo, as nações são compelidas a lutar com unhas e dentes por balanças 'favoráveis' — ou seja, ouro — sob pena de se encontrarem na posição degradante e miserável de serem peões de seus concorrentes bem-sucedidos." Este é o caminho direto para a guerra, porque, como já apontei, exceto pelo repúdio, somente a guerra pode abolir essa servidão. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Obviamente, a solução para este problema reside em abandonar o ouro como medida de riqueza e em basear a moeda na riqueza real, não em uma única mercadoria que possa ser monopolizada, mas em todas as mercadorias com valor de mercado. Assim, as exportações terão de ser pagas com importações, ou se tornarão presentes para a nação que as recebe. Como afirma o autor acima: as exportações subsidiadas pelo Estado perderão então o seu propósito. As tarifas, na medida em que excluem as importações, impedirão, nessa medida, as exportações. As trocas serão fixadas imutavelmente, eliminando o especulador, e o medo do agiota será eliminado.

Não posso entrar aqui em detalhes sobre como a anarquia financeira existente deve ser liquidada; mas é óbvio que, em governos democráticos, que dependem para seu poder dos interesses e preconceitos das finanças do padrão-ouro, a solução não pode ser outra senão uma catástrofe. Observem a maquinaria existente neste país, que seria chamada a realizar uma reforma tão complexa.
O Primeiro Ministro deve encaminhar o problema ao Gabinete e o Gabinete ao Partido Parlamentar, e se um Governo Trabalhista estiver no poder, então o Partido Parlamentar deve encaminhar o problema ao Congresso dos Sindicatos e à Conferência do Partido Trabalhista, enquanto por trás de todas essas assembleias interesses escusos estão puxando os cordelinhos.

Sob um governo fascista, após os especialistas examinarem a questão, o Primeiro-Ministro dirá "sim" ou "não". Se "sim", a medida se tornará lei. E caso outras nações se interessem, o que dificilmente deixará de ser o caso se estiverem sob a direção fascista, sendo o mecanismo de decisão o mesmo, um acordo rápido se torna possível.

Concordando, para fins de argumentação, que essa causa fundamental da guerra foi eliminada, ficamos com o que pode ser chamado de causa biológica, ou seja, a superpopulação, que nenhum reajuste econômico pode influenciar diretamente; pois está fora do controle do governo.

Em países onde existe um alto padrão de vida, esse problema é resolvido automaticamente por um declínio na taxa de natalidade. Mas em países onde prevalece um baixo padrão, ou seja, em países onde a civilização industrial não está totalmente desenvolvida, por muitos anos pode-se esperar um aumento na taxa de natalidade. Voltando-nos para as estatísticas mundiais, descobrimos que, enquanto na Europa Ocidental o aumento populacional está diminuindo, na Europa Oriental não está, enquanto na Rússia e em vastas áreas da Ásia há espaço para centenas de milhões de pessoas a mais. Se a Ásia se tornar industrializada nos moldes que estão sendo estabelecidos na Rússia, não há dúvida de que essas centenas de milhões nascerão e que chegará um tempo em que a superpopulação forçará uma expansão para o oeste. O que isso significa? Nada menos do que uma guerra intercontinental entre a Ásia e a Europa. Para se preparar para essa guerra, as nações europeias devem cessar suas querelas internas e se unir, e nunca se unirão enquanto os descontentamentos econômicos e financeiros as separarem. Se as nações do Leste Europeu não conseguirem encontrar espaço dentro de suas fronteiras para suas populações crescentes, então, entre dois males, o menor é que sua expansão se dê para o leste e não para o oeste. Tal expansão não apenas seguirá a linha de menor resistência populacional, como também se aproximará, e não se afastará, da maior ameaça de guerra que jamais poderá ameaçar a civilização ocidental.

Desta breve digressão pelas possibilidades futuras, vemos, e creio que de forma conclusiva, que o problema da guerra não pode ser resolvido por pactos de paz e convenções verbais. É um problema real e ativo, parte do qual pode ser resolvido pela organização, e parte só pode ser evitada por uma Europa unida e militarmente poderosa.

Como é manifestamente impossível, mesmo quando o fascismo ganhar poder neste país, que ele controle sozinho os destinos da Europa, o problema militar mais vital que enfrentamos é a segurança e a defesa do nosso Império. Aqui estamos em nosso próprio território e dentro de certas condições de segurança.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

limites definidos, podemos construir como quisermos. Isso significa liderança e ação.

Como em um país civilizado a base material de todo poder militar é a riqueza econômica, o primeiro problema da segurança imperial é o desenvolvimento do Império. Pode-se dizer, no entanto, que, como os Domínios são hoje nações autônomas e autogovernadas, é impossível para qualquer governo nacional, fascista ou outro, realizar essa tarefa. Se a coação for considerada, o fascista concorda plenamente. Mas, para ele, a coação é completamente desnecessária, pois, sendo realista, acredita que, como o desenvolvimento dependerá da cooperação, a cooperação, por sua vez, deve ser fundada no interesse próprio.

De nada adianta falar de fraternidade de sangue e de laços tradicionais, porque estes são fatos aceitos e ninguém duvida de seu poder vinculativo; além disso, eles estão fora da esfera material e, portanto, não entram na questão econômica. O que é realmente útil é sugerir que um Império autossuficiente não significa apenas um Império mais próspero, mas um Império mais seguro, porque, na comunidade das nações, constituirá um instrumento de paz tão poderoso que virtualmente proibirá a guerra. Para um Império autossuficiente, as guerras, exceto aquelas originadas da superpopulação, que estão fora do controle político, são prejudiciais. Consequentemente, é vantajoso para o Império que a paz mundial seja mantida. Portanto, é vantajoso para ele que todas as suas partes cooperem economicamente. Isso pode significar uma perda de investimentos estrangeiros; mas em pouco tempo essa perda será totalmente compensada por uma prosperidade cada vez maior.

A salvaguarda dessa prosperidade nos leva diretamente ao problema da defesa. Onde reside o poder de defesa? Primeiro, na Marinha Britânica, porque por muitos anos os Domínios não estarão em condições de construir e manter frotas de guerra poderosas. Segundo, na Força Aérea e no Exército.

Quanto ao terceiro instrumento de defesa, como exércitos modernos, isto é, mecanizados, são o tipo de que necessitamos, o mesmo problema de custo se apresentará aos Domínios, como os confronta na construção de frotas modernas. Mas quanto ao segundo, a Força Aérea, uma história completamente diferente se desenrola, pois os Domínios, cobrindo vastas extensões de terra, são o ambiente natural de desenvolvimento de aeronaves civis, e as aeronaves civis são a base do poder aéreo militar.

Portanto, o problema se resolve da seguinte forma: a Grã-Bretanha deve, antes de tudo, ser responsável por sua defesa aérea interna e, em seguida, imperialmente responsável por todas as comunicações marítimas e pela manutenção de um pequeno, porém poderoso, exército mecanizado que, em guerra, operará nas linhas de uma brigada de fogo imperial. Por sua vez, os Domínios devem ser responsáveis por sua própria defesa aérea e, consequentemente, estabelecer forças aéreas fortes e eficientes.

Concedidas tais forças, então o problema se resolve em cooperação, e em sua solução há dois fatores principais, a saber: o estabelecimento de uma rede de campos de pouso defendidos, com propósito semelhante à nossa rede existente de estações de carvão defendidas, e a criação de um Conselho Aéreo Imperial que pode aconselhar as nações do Império sobre defesa aérea e desenvolvimento de poder aéreo.

Embora, para que nosso Império perdure, este seja nosso problema mais vital, o mais imediato é reorganizar e rearmar nossos Serviços de Combate. Desde o fim da Guerra, uma sucessão de governos incompetentes os reduziu a um estado de impotência. Nosso padrão naval de duas potências foi abandonado e hoje estamos perigosamente carentes de cruzadores, contratorpedeiros e submarinos. Quanto a esta última arma, estamos agora à mercê da França. Nosso Exército foi reduzido em tamanho e eficiência, e embora a falta de cavalos nos tenha forçado, em parte, a motorizar, uma superabundância de cérebros arcaicos manteve nele uma massa tão inútil de

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

infantaria que não passa de uma força policial extravagantemente cara. Enquanto isso, a Força Aérea Real caiu do primeiro para o sexto lugar entre as forças aéreas do mundo.

O fascista não aceita nada disso. Ele não se preocupa com padrões de poder e limitações emocionais. Ele é realista e diz: "Se eu viver, como vivo e preciso, em um campo de mineração da corrida do ouro, pretendo carregar uma arma na cintura."

Suas opiniões são as seguintes:

Temos dezenas de milhares de quilômetros de rotas marítimas para proteger e, para defendê-las não apenas contra todos os ataques, mas também contra os mais prováveis, precisamos de uma Marinha adequada em todos os aspectos para esse propósito.

Temos um Exército do século XIX; em vez disso, deveríamos ter um do século XX. Não um Exército medido em toneladas de carne humana, mas em termos de poder de ataque mecânico: poucos homens e mais máquinas, porque esta é uma era de máquinas e não de músculos.

Queremos e teremos uma Força Aérea que nos possa defender sendo tão poderosa que qualquer o inimigo dentro do alcance efetivo pensará muitas vezes antes de nos atacar.

Por fim, queremos um Ministério da Defesa estratégico, capaz de traçar e planejar os três serviços como se fossem um só. Ou seja, queremos uma autocracia de defesa em tempos de paz, porque sabemos que, na guerra, nada além de uma autocracia poderá ou poderá direcionar a estratégia de forma unificada.

Se outras nações proclamarem que este é o nosso seguro contra a guerra e, na guerra, a nossa garantia de vitória é militarista, que o façam. Embora não anseiemos por uma corrida armamentista, não pretendemos que da próxima vez que formos atacados nos encontremos numa posição tal que sejamos obrigados a fugir dos armamentos do nosso inimigo. Preferimos encarar os fatos aberta e honestamente, em vez de ignorá-los cegamente.

Creio que agora abordei os problemas mais importantes que enfrentamos em relação à guerra e sua preparação, e deixei claro que a diferença entre a perspectiva do fascista e a da maioria das pessoas é que, enquanto eles consideram a guerra inevitável ou evitável em qualquer circunstância, de acordo com as condições de paz, ele a considera necessária ou desnecessária. Na verdade, essa diferença é idêntica à que separa o alquimista do homem de ciência.

A guerra é uma realidade e deve ser tratada como tal. É compreensível que, após a última guerra, o povo tenha se voltado para o idealismo, mesmo que apenas para mudar de ares. Também é compreensível que todos os governos que se deixam levar pela opinião popular sejam, por sua própria natureza, compelidos a jogar óleo em águas turbulentas. Esses são fatos que não podem ser contrariados; no entanto, isso não significa que sejam fatos que não possam ser mudados. Embora o fascista não queira a guerra, porque a guerra é uma medida de descontentamento com a paz e, portanto, uma medida do fracasso governamental, ele não se precipita para o outro extremo e deposita sua confiança em truques e prestidigitações políticas.
Além disso, ele não acredita que esta seja uma era de guerra, e acredita que essa crença é comprovada pelo fato de os governos nunca cessarem de falar sobre guerra. Como assim? Porque existem apenas duas grandes categorias de problemas na vida nacional: uma é interna e a outra é externa — assuntos internos e assuntos externos. Se você não quer que o povo examine a primeira, concentre sua atenção na segunda. Esse truque, comum a todo mágico, é a mola propulsora da política democrática.

Ele acredita que o problema da guerra é científico e não emocional: descobrir suas causas, isolar o vírus e cultivar uma antitoxina no lugar da tagarelice e da mandíbula. Como no presente, e

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Parece que, por algum tempo, nada além de um padrão de vida universalmente elevado eliminará as guerras decorrentes da superpopulação. O fascista considera que forças armadas serão necessárias e que, consequentemente, forças eficientes se mostrarão mais úteis e econômicas do que as obsoletas. Embora um ser humano seja influenciado por tradições, e tradições viris sejam de suma importância na guerra, armas obviamente não podem ser. Portanto, o fascista não mistura sentimentos com balas de canhão.

Embora uma Europa unida seja um grande ideal, algo que os fascistas acolhem e acreditam ser possível sob o controle fascista, porque todos os governos lidarão entre si por meio de um sistema organizado, o fato supremo hoje é que a única verdadeira liga de nações no mundo é o Império Britânico. Aqui, então, está o nosso verdadeiro ponto de partida no caminho para uma paz criativa. Um ponto de partida que cobre aproximadamente um quarto do globo e abrange um quarto de seus habitantes. A paz está em nossas mãos, se a agarrarmos de forma realista. Será que nós, como nação, após séculos de labuta, vamos agora nos desviar da linha de marcha e nos tornar uma turba de retardatários? O fascista responde "Não"; daí sua palavra de ordem ser "Avante".

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Avançar no Fascismo

por Oswald Mosley

FA Propaganda ASCIST se consolidou como parte integrante da nossa vida nacional. Dois anos de trabalho e sacrifício trouxeram como recompensa o reconhecimento deste Movimento pelo povo como uma potência patriótica, revolucionária e inerentemente britânica.

O trabalhador britânico foi finalmente capaz de identificar o seu amor natural pela pátria com o seu desejo justo e necessário de melhoria fundamental em suas condições.

O imperialista que antes não pensava na miséria e na necessidade que oprimiam milhões de seu próprio povo foi capaz de entender que não pode haver desculpa nem atenuação para o desemprego e a pobreza nesta era científica moderna.

O terceiro ano de vida do nosso Movimento testemunhou vitórias sem precedentes na propaganda; mas sua maior conquista foi a criação de uma organização científica e totalmente confiável, sem a qual nenhuma propaganda pode produzir resultados de valor duradouro.

A estrutura orgânica do Movimento como um todo compreende agora cerca de 500 Formações Distritais em processo de organização de acordo com a área parlamentar, todas correlacionadas e unificadas por uma organização que se baseia na atividade dos Camisas Negras. A construção desta máquina inteiramente confiável é, de fato, ainda mais notável porque não absorveu tanta energia do Movimento a ponto de prejudicar a propaganda. Pelo contrário, contribuiu imensamente para o sucesso de duas das maiores operações de propaganda da história britânica moderna. A agora famosa campanha "Cuidando dos Negócios da Grã-Bretanha" despertou a oposição do povo a uma guerra sem sentido, numa medida que está sendo mais plenamente apreciada a cada dia, à medida que os políticos se afastam da atitude fantástica e bombástica que adotaram quando, desconhecendo nosso poder de propaganda, contemplaram pela primeira vez o uso da força militar e naval em uma disputa que não pode ser resolvida.

nos preocupam.

A segunda grande operação será lembrada no lema “Fascismo da Próxima Vez”.
Ao longo da recente campanha eleitoral, nosso Movimento realizou tantas reuniões quanto qualquer um dos antigos Partidos conseguiu organizar. Nossas reuniões geralmente estavam lotadas, as deles frequentemente estavam praticamente vazias. Nossas reuniões eram, quase sem exceção, pacíficas e ordeiras; as deles eram frequentemente caracterizadas por cenas de vandalismo e violência que não seriam permitidas em nenhuma reunião fascista. No entanto, mantivemos a liberdade de expressão; eles tentaram negá-la e a perderam.

Em nossas reuniões, um grande número de recrutas foi inscrito em meio à luta eleitoral.
Acreditávamos que seríamos ouvidos com interesse; que não seríamos silenciados pelos sub-homens orientais que conhecíamos; mas que massas de pessoas se juntariam às nossas fileiras justamente num momento em que nos recusávamos a nomear candidatos é o maior tributo que poderia ser prestado à sabedoria de nos abstermos de disputas eleitorais até que pudéssemos atacar o inimigo com a maquinaria altamente técnica necessária, em toda a extensão de sua frente destruída e dividida.

Assim, ao final do ano de 1935, podemos refletir sobre o sucesso igual na propaganda e na organização. Se nunca podemos ser felizes até que nossa tarefa esteja concluída, podemos todos nos orgulhar de cada hora de trabalho que realizamos, de cada pequeno sacrifício que fizemos pela causa que é ******conversor de e-books DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

salvar nosso povo unificando tudo o que é nobre no nacionalismo com tudo o que é útil no socialismo.

Em retrospectiva, deve-se reconhecer, além disso, que nossa resistência ao ataque judaico foi tão triunfante quanto se mostrou necessária. Como os judeus não permitiriam que um Movimento Britânico trabalhasse, pensasse e sentisse apenas pela Grã-Bretanha, porque nos teriam lançado em uma luta catastrófica com um grande povo cujo Líder salvou a Europa do comunismo, eles se viram arremessados de volta a uma defensiva em constante declínio, ao evocarem na Grã-Bretanha um sentimento antissemita pelo qual são os únicos culpados. Podemos refletir com orgulho que, a menos que nosso Movimento tivesse tido a coragem de desafiar a ameaça das Finanças Internacionais Judaicas e do Bolchevismo Judaico, não só teria falhado em justificar a confiança do povo: teria escapado ao teste crucial, de cujos fogos emergiu como uma coisa de aço temperado.

Regozijamo-nos com provações deste tipo, pois somente elas podem garantir que nossos membros sejam firmes, verdadeiros e dispostos a se sacrificar em manifestação soberba daquela alta qualidade humana evocada pela luta fascista: “o poder de perseverar”.

No ano que se inicia, todos os esforços devem ser redobrados e todos os recordes de sucesso devem ser quebrados. Agora, nos comprometemos a lutar nas próximas eleições; e esse compromisso será cumprido pelo imenso trabalho de formar, em várias centenas de círculos eleitorais, organizações eleitorais superiores às dos antigos partidos. A tarefa é árdua; mas nossa filiação ativa excede consideravelmente a de qualquer um dos antigos partidos.

Uma viagem de três semanas, concluída pouco antes do Natal, revelou tanto um pessoal quanto um espírito que nenhuma outra força na Grã-Bretanha pode emular. Oficiais de cada distrito se reuniam para conferências de área todas as noites e em muitas tardes. Eles eram dignos representantes da masculinidade britânica característica que lideram em suas respectivas localidades. Oficiais femininas também representavam a força sempre crescente do nosso Movimento de verdadeira feminilidade britânica. Problemas locais de organização e política foram examinados com uma atenção especial aos detalhes, impossível nas breves, vagas e insossas conferências anuais dos antigos Partidos. Os planos nacionais para o ano seguinte foram discutidos plena e francamente e, por toda a extensão do país, foram recebidos com uma universalidade encorajadora de entusiasmo. Acima de tudo, esse contato e relacionamento pessoal próximo foram mantidos mesmo no grande crescimento atual do Movimento, que tão vividamente caracterizou os primeiros dias da fraternidade fascista.

Um novo ano de força fascista se apresenta diante de nós. O Movimento que teve a ousadia de rir e desprezar a força concertada da Finança Internacional Judaica e os recursos de propaganda que ela comanda; o Movimento que desafiou com sucesso o "poder investido, a Frente Vermelha e as fileiras massivas da reação", não pode mais se contentar com a defensiva. Tendo superado os poderosos obstáculos colocados em nosso caminho, temos agora que trabalhar por nossa própria vitória. A extensão e a rapidez dessa conquista devem depender dos esforços incessantes e determinados de cada membro.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Força através da alegria, por Dr. Robert Ley

A organização Nacional Socialista *Força pela Alegria* foi criada por ordem do nosso Líder, Adolf Hitler. Ele me chamou um dia e disse: "Quero que o trabalhador alemão tenha recreação e férias suficientes, para que os nervos da nação estejam sãos; pois é impossível alcançar qualquer coisa, mesmo com a arte de governar do maior gênio, se os nervos da nação estiverem destruídos." Tornou-se meu dever cumprir essa ordem do Líder e, em novembro de 1933, *a Força pela Alegria* foi criada. Muitos, mesmo entre meus colaboradores mais íntimos, não entendiam o que eu pretendia, nem qual era a intenção do Líder. Muitos pensavam que era um meio de jogar poeira nos olhos do trabalhador e desviar seu legítimo desejo por justiça social. Outros, por sua vez, viam nisso um novo campo de atividade para a criação de novos cargos. Apenas alguns poucos reconheceram naquela época o empreendimento estupendo que hoje pulsa por toda a Alemanha e já se estende pelo mundo muito além das fronteiras do nosso próprio país. Parece um milagre quando refletimos sobre como uma ideia ridicularizada por muitos, desprezada por outros, insultada e coberta de abusos por oponentes e vista até mesmo por nossos amigos mais próximos apenas com ansiedade e apreensão, conquistou, no curto espaço de pouco mais de dois anos, os corações das pessoas e foi colocada em prática pelas próprias pessoas.

Como descrição do objeto que temos em vista, o nome é absolutamente correto: *Força da Comunidade Nacional Socialista pela Alegria.* É preciso considerar cuidadosamente o significado de cada palavra: Comunidade Nacional Socialista. A comunidade é seu fundamento, e aqui, mais uma vez, está uma expressão clara do fato de que somente a comunidade é capaz e competente para ser a provedora da alegria. Nisso, mais uma vez, nós, nacional-socialistas, vemos claramente que a cultura e a arte estão ligadas à comunidade da nação e da raça, e não podem ter uma existência isolada no vácuo. *Força pela Alegria .* Fui aconselhado a chamá-lo de "Depois do Trabalho". Mas nunca fui a favor da imitação, preferindo sempre ver se não seria possível criar algo por conta própria.

O "Dopolavoro" da jovem Itália pode certamente mostrar grandes resultados; é, sem dúvida, uma grande conquista. Mas não coincide precisamente com o objetivo que temos em vista. É uma expressão neutra que não transmite o nosso desejo nem o que o Líder ordenou. O Líder disse: "Quero ter uma nação forte: certifique-se de que o ritmo de trabalho, que a racionalização e toda a tendência dos acontecimentos tornaram inútil, seja contrabalançado pela recreação e férias que esses homens têm; e certifique-se de que os nervos do povo não sejam arruinados". A ordem do Líder era dar força à nação e, ao mesmo tempo, mostrou como essa força deveria ser obtida: pela recreação, pelas férias, pela alegria.

Força Através da Alegria é talvez a expressão mais curta e concisa de todo o objetivo do Nacional-Socialismo. É a personificação de uma perspectiva de vida que o Nacional-Socialismo deu à Alemanha; expressa aquela atitude positiva em relação à vida que pulsa em nós e que substitui a negação da vida que dominou nossa nação no século passado. Pois o que víamos no passado em todas as esferas da vida, o que caracterizava todos os nossos partidos desaparecidos, era a negação da vida!

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Nós, nacional-socialistas, não queremos pensar na vida como uma jornada por um vale terreno de lágrimas, como uma preparação constante para um Além melhor. Queremos tornar a vida — e particularmente a vida dos nossos compatriotas alemães mais pobres — tão bela e brilhante quanto possível. Acreditamos que esta nossa vida é digna de ser vivida; e acreditamos que nosso Senhor Deus não criou a multiplicidade da nossa vida para abandoná-la novamente à destruição e aniquilação eternas. Todos os que acreditam que, por meio de suas vidas e obras, têm uma missão sagrada a cumprir neste mundo, todos os que estão imbuídos dessa crença, são, no fundo do coração, nacional-socialistas.

Por isso, precisamos de força para a luta. Nossa vida não está repleta das riquezas do paraíso; para nós, o principal é a luta. A vida é luta, e luta é viver. Não conhecemos um ponto final onde alguns, em eterna ociosidade, esperam por seu próprio prazer e outros são perpetuamente condenados. Em toda a eternidade, conhecemos apenas a luta como expressão de nossa crença e de nossa vida. E para essa luta, buscamos dar ao nosso povo um suprimento constante de novas forças.
O trabalho é, de fato, apenas mais uma expressão da luta. Cada um de nossos compatriotas, seja operário ou camponês, artista, erudito ou soldado, está a todo momento em meio a essa luta pela existência de seu povo e de si mesmo. E como essa luta consome nervos e recursos, o homem precisa dos meios para essa luta e, portanto, também da reposição desses meios e da renovação de suas forças. Consequentemente, recreação e férias são para nós uma necessidade interior.

Há algum tempo, um grande estudante estrangeiro de economia social me perguntou: "Qual é a sua atitude em relação à questão dos feriados? Vocês, na Alemanha, vão estabelecer o valor dos feriados por lei e, ao mesmo tempo, regular a taxa de pagamento por lei?" Respondi: "Não apenas toleraremos a introdução geral de feriados, mas os tornaremos legalmente obrigatórios, porque esta é uma das nossas reivindicações." "Mas, desculpe-me", disse ele, "em todos os países os empregadores lutam contra seus empregados, e ainda assim vocês, na Alemanha, afirmam que até mesmo os empregadores gradualmente passarão a exigir esses feriados?" "Sim, não pode estar longe o tempo em que os maiores defensores dos feriados e da recreação não serão os trabalhadores, mas os empregadores."

O Nacional-Socialismo é a vitória da razão sobre a irracionalidade, e é razoável que um homem exausto e esgotado se recrie, para que possa desempenhar seu trabalho futuro muito melhor. Isso significa que as férias se tornam uma exigência de bom senso saudável e razoável. Não exigimos férias por piedade, mas em reconhecimento ao fato de que elas aumentarão ainda mais o poder produtivo de nosso povo. O empregador não tem vantagem em ter um homem cansado e exausto trabalhando para ele; tal homem simplesmente consome energia, enquanto as máquinas continuam funcionando, consomem energia, custam dinheiro e se desgastam. O homem também deixa de ser produtivo, de modo que o empregador tem uma dupla perda: ele não apenas paga salários por uma produtividade diminuída, mas também paga pela energia e potência da máquina inexplorada. Por outro lado, se o homem estiver descansado, o empregador recupera facilmente a diferença feita pelas férias pelas quais ele pagou. E o empregador verá que seu saldo não será mais devedor, mas mostrará, ao contrário, uma melhora no lado do crédito; ele verá que ele, assim como o trabalhador, têm a ganhar.

De fato, é característico do Nacional-Socialismo não fazer nada em benefício de apenas um lado. Se fizéssemos algo que ajudasse apenas o trabalhador e, ao mesmo tempo, prejudicasse o empregador, isso não seria vantajoso para a nação como um todo; algo é bom para o indivíduo se for bom para o povo alemão como um todo, e é bom para o povo alemão que os homens tenham lazer e férias. Muitas vezes temos experimentado, e ainda hoje, ouvir um homem dizer: "Gostaria de ter oito dias de folga; dê-me o meu dinheiro; mas não quero sair para me divertir, vou ficar em casa". Não, isso é errado; isso seria...

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Jogar dinheiro fora; pois em casa o homem não encontra lazer. A própria ideia é que, de vez em quando, ele seja arrancado do sótão, onde constantemente só vê aflição e miséria, e enviado para uma viagem marítima, ou para as montanhas, ou para o Reno, e aprenda a esquecer o mundo do trabalho por oito dias. O que os marxistas pregam não basta: "Queremos férias"; algo precisa ser feito com as férias — isto é, *Força pela Alegria.*

Ao final do primeiro ano, pude dizer que a *Força pela Alegria* conquistou a Alemanha com um ímpeto. Hoje, nossas conquistas são tão grandiosas que até mesmo os países estrangeiros estão atentos a elas. Independentemente de serem a favor ou contra a Alemanha, todos no exterior observam com interesse nossa jovem organização, que tornou possível algo que até então era considerado impossível, um sonho de muitos anos de todos os socialistas do mundo. Esperamos levar o mundo a pensar na Nova Alemanha de uma forma diferente daquela que uma imprensa maliciosa frequentemente nos faz acreditar.

O Diario da Manhã, por exemplo, dá como exemplo a crescente aceitação da opinião mundial; em um número datado de 12 de outubro de 1935, lemos o seguinte sobre uma viagem marítima *da Força pela* Alegria: “Essa é a revolução que a Alemanha, com a vontade firme e disciplinada de seu povo agrupado em torno de Adolf Hitler, está se preparando para realizar. Quais serão seus efeitos e resultados finais? Ainda é muito cedo para podermos estimá-los; mas uma coisa é certa: o espírito alemão está trabalhando na criação de novos conceitos de vida e na solução dos problemas mais incertos de nosso tempo.” O jornal norueguês, Karmoy Posten, de 27 de setembro de 1935, publica uma discussão interessante sobre o valor das viagens da *Força pela Alegria* entre um norueguês e o Sr. Rabinowitz. O norueguês escreve com referência aos esboços que você nos dá sobre o quão horríveis são as viagens marítimas: “... a vida a bordo deve ser durante tal viagem, com pouco espaço e apertada em todos os que isso é um absurdo. sentidos. Gostaria de salientar que participei pessoalmente de uma delas e sei

· Você certamente nunca esteve a bordo de um navio a vapor *Strength Through* Joy. Não se deve..: Qualquer país jogue fora todo senso de justiça. a · democrático de que você goste pode muito bem se orgulhar. organização *Força Através* da Alegria.”

Eu poderia estender indefinidamente a lista de declarações amigáveis semelhantes da imprensa estrangeira; mas uma coisa fica clara nos julgamentos formados por todos aqueles que se interessaram seriamente por nossa organização: a ideia da *Força pela Alegria* está se estabelecendo com base na força de suas realizações, que não são contestadas em outros países também.

Portanto, fizemos bem em empreender viagens para outros países. Continuaremos no caminho iniciado e, em março deste ano, viajaremos com nossa frota *"Força pela Alegria"* através do Atlântico até Lisboa e Madeira. Além disso, a partir de 1936, em cada primavera e outono, faremos viagens para o Sul. As experiências que tivemos durante nossas primeiras travessias do Atlântico até Portugal foram tão favoráveis que decidimos pelo desenvolvimento acima mencionado dessas viagens. Ninguém pode representar a nova Alemanha melhor do que o trabalhador alemão que viaja com *"Força pela Alegria".*

Além disso, realizaremos este ano uma série de grandes projetos especiais. Quando se considera para onde realmente viajaram os cinco milhões de turistas da *Força pela Alegria* em 1934 e 1935, descobre-se que, desses cinco milhões, mais de três milhões foram para os distritos fronteiriços do nosso país. Lá, construíram um muro vivo do socialismo alemão. A população das terras fronteiriças foi visitada por irmãos alemães de todas as partes da Alemanha. E a grande camaradagem, que é precisamente o que distingue as viagens *da Força pela Alegria* das viagens privadas, deu a esses irmãos na fronteira um novo apoio espiritual. ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Continuaremos este trabalho metódico e o ampliaremos consideravelmente. Para atingir esse objetivo, iniciamos uma grande iniciativa e pretendemos reduzir os preços já baixos *do programa Strength Through Joy* em mais 30%. Quando isso foi proposto, muitos especialistas balançaram a cabeça e acreditaram que isso jamais seria possível. Agora, após um curto período de preparação, posso afirmar que, ainda neste ano, as tarifas mais baixas estarão disponíveis para 350.000 turistas, sem que aqueles que fornecem a acomodação precisem se afastar das tarifas aprovadas.

Isso significa que, para distâncias médias, o trabalhador alemão pode viajar por uma semana inteira de férias a um custo de 12 a 15 ou 16 marcos, incluindo passagens, pensão completa e alojamento, além de atividades coletivas de todos os tipos. Isso nos permitirá incluir novos setores da classe trabalhadora que, devido à sua condição econômica, até então não puderam participar de uma viagem *da Força pela Alegria .* Essas novas massas serão as melhores turistas, porque serão as mais felizes e satisfeitas. Nós as levaremos para belas regiões fronteiriças, que ao mesmo tempo são as que mais precisam dos cuidados que o Nacional-Socialismo pode lhes dar.

Em todas as atividades do movimento *Força pela Alegria* que se estendem além dos limites de nossa Pátria, lembramo-nos de nossos irmãos alemães no exterior. Queremos transformá-los em uma ponte viva que nos ligue a outros países, e nossos turistas serão mensageiros de amizade para que outros países vejam a Alemanha como ela realmente é. E assim traremos para a Alemanha nossos irmãos residentes no exterior e seus filhos, que de outra forma jamais poderiam pensar em visitar a Alemanha. Utilizaremos nossa frota Força *pela Alegria* no inverno e na estação intermediária, e realizaremos essas viagens a preços muito baixos. Em todos esses empreendimentos, não oferecemos concorrência com nenhuma instituição industrial, pois os indivíduos que participarão dessas viagens serão cuidadosamente selecionados por nós. Se alguém tem dinheiro suficiente para pagar uma passagem comum para a Alemanha, que viaje da maneira comum.

Estamos oferecendo as facilidades baratas mencionadas acima para uma visita à Alemanha apenas para aqueles que não estão em uma posição tão privilegiada.

Para concluir minhas observações sobre viagens e férias, gostaria de abordar uma pequena inquietação que se faz presente em alguns setores. No geral, todos estão entusiasmados com as expedições *da Força pela Alegria ,* tanto nossos anfitriões quanto os turistas. Todos elogiam a instituição que, como já foi comprovado, exerce, de muitas maneiras, uma influência muito benéfica. Há apenas uma crítica que se ouve ocasionalmente: diz-se que grande parte dos turistas é composta por pessoas que poderiam, mesmo sem nós, viajar para suas férias. Mas essa objeção é injustificada. Meus colaboradores investigaram a composição de um grande número de trens. Isso foi facilmente possível, pois cada participante é abordado por meio de um questionário especial e detalhado. O resultado da investigação de todos os trens de férias de quatro distritos foi o seguinte: nada menos que exatamente 50% dos passageiros eram trabalhadores da indústria. O restante era composto por pequenos empregados, comerciantes autônomos, pessoas com recursos privados, membros de profissões liberais, etc. Também posso fornecer números sobre a renda dos turistas da *Força pela Alegria .* A investigação desses mesmos trens mostrou que um terço de todos os turistas tinha renda inferior a 100 marcos por mês. Outro terço ganhava mensalmente entre 100 e 150 marcos. A renda dos demais era maior, mas, em média, entre 150 e 250 marcos por mês. Apenas 6% ganhavam mais de 250 marcos. Nessa categoria, encontramos principalmente casais com famílias numerosas, que, em consequência dos altos custos que lhes são cobrados, têm o direito de participar das viagens *da Força pela Alegria .*

Temos de chegar ao ponto — e tudo até ao presente indica que o chegaremos —

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Quando uma viagem de Berlim a Rügen, com transporte de ida e volta e oito dias de férias à beira-mar, está disponível a partir de 12 marcos. O objetivo final é o seguinte: de acordo com o nível populacional atual da Alemanha, precisamos ser capazes de enviar 14 milhões de trabalhadores, homens e mulheres, em viagens de lazer de 12 a 14 dias todos os anos. As atuais instalações de transporte e acomodação são totalmente inadequadas para lidar com esse problema. Hoje, elas já atingiram o limite do possível. Quando profetizamos isso há dois anos, fomos ridicularizados.

Portanto, iniciaremos sem demora a construção de novas instalações de alojamento e novos navios. Nos próximos três anos, a Frente Trabalhista Alemã construirá edifícios no valor de 100 milhões de marcos. Entre eles, um banho de mar na ilha de Rügen, com 20.000 leitos e todos os equipamentos para recreação. Os planos e modelos para este empreendimento singular já foram elaborados. Devemos isso a uma ordem generosa do nosso Líder, Adolf Hitler.
Além disso, construiremos dois navios para acomodar 1.500 pessoas cada, sem dormitórios coletivos, todas as cabines para duas ou quatro pessoas, cada cabine provida de uma vigia e todo o navio provido de um convés de capacidade incomparável. Além dos dois navios, Der Deutsche e Sierra Cordoba, que já possuímos, compraremos, nesta primavera, mais quatro navios de tamanho semelhante. Além desses projetos, o número de leitos nas casas de recreação rurais que a Frente Trabalhista já possui será aumentado para 30.000. Quando, em três anos, tudo estiver concluído, seremos capazes de fornecer acomodação para 1,2 milhão de seres humanos em nossos próprios resorts de recreação. É claro que as reivindicações do setor privado de hotelaria e alimentação sempre receberão tratamento privilegiado. Portanto, trabalharemos tenazmente para atingir o objetivo final, até que o último trabalhador alemão seja capaz de satisfazer plenamente sua legítima reivindicação de recreação e férias.

Entre as diferentes seções das organizações da Comunidade Nacional Socialista *"Força pela Alegria" ,* o esporte ocupa uma posição especialmente importante. Este departamento tem a bela, mas infinitamente árdua responsabilidade, de transformar as noites livres dos trabalhadores alemães, dedicadas à alegre cultura física, em uma fonte de força e lazer. Hoje, após dois anos de trabalho, podemos constatar com satisfação que o resultado superou em muito as nossas expectativas. Mais de três milhões de pessoas frequentaram os 8.500 cursos nas diferentes categorias esportivas (natação, ginástica, atletismo leve, esqui, etc.) que organizamos. Centros médicos para o esporte, assuntos e cursos especiais para aqueles que sofrem de deficiências físicas estão servindo para preparar até mesmo os últimos dos nossos compatriotas. Nossas expedições à vela em alto mar sempre estiveram lotadas, e muitas inscrições tiveram que ser rejeitadas. Nesse sentido, também, ampliaremos nosso trabalho e, em particular, realizaremos as viagens com um raio de ação maior do que no ano passado. Neste inverno, no momento em que este texto foi escrito, estão sendo realizados cursos de esqui nos mais belos distritos de esportes de inverno da Alemanha; 35.000 pessoas participarão. Além desses cursos, estão disponíveis 30.000 equipamentos de esqui *"Força pela Alegria" ,* compostos por esquis com correias, botas e coronhas, a 35 marcos. Este número pode parecer alto, mas no ano passado foram vendidos 18.000 equipamentos no varejo comum. 42.000 turistas *"Força pela Alegria"* acompanharam com entusiasmo os Jogos Olímpicos em Garmisch-Partenkirchen, trazidos ao local pelos nossos trens *"Força pela Alegria" .*

Para inúmeros alemães, isso significou a realização de um sonho antigo e aparentemente irrealizável; pois, na Alemanha de hoje, o esporte não é mais uma questão de quebra de recordes por parte de poucos selecionados ou de indivíduos economicamente mais afortunados, mas se tornou um hobby nacional. Já existe uma escassez de campos de treino adequados, e o afluxo para a *Força pela Alegria*

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Os cursos de esporte são mantidos de forma constante. O terceiro ano, de acordo com a experiência passada, mostrará novamente um equilíbrio que comprovará que na Alemanha não se cultiva apenas o esporte de campeonato, mas, mais especificamente, o treinamento popular do corpo. Não descansaremos até que até mesmo os 50 e 60 anos considerem o esporte ou o treinamento físico como uma necessidade diária.

O recém-criado departamento "Força pela Alegria", para a Educação Escolar e Popular, iniciou seu trabalho prático há pouco tempo. Mas, em seus poucos meses de existência, já prestou valiosos serviços à nação alemã com milhares de palestras, por meio de bibliotecas que possuem centenas de milhares de livros e pela realização de visitas e passeios de todos os tipos.

Até o ano em que o Partido Nacional-Socialista chegou ao poder, milhões de homens e mulheres alemães nunca tinham visto um teatro por dentro. Não só lhes parecia natural não ir ao teatro, como também, devido à influência marxista a que haviam sido expostos, tinham um complexo de inferioridade tal que até lhes parecia incompatível com sua condição social ir. Também aqui houve uma mudança fundamental. Os bens culturais da nação não serão mais privilégio das classes proprietárias. Uma figura escolhida aleatoriamente lança uma luz impressionante sobre a importância considerável, do ponto de vista da política cultural, do trabalho realizado apenas na "Grande Berlim": de 1º de dezembro de 1934 a 30 de novembro de 1935, "Força *pela Alegria"* levou mais de um milhão e meio de trabalhadores de Berlim ao teatro. Por mais impressionante que seja esse número, apreciamos seu verdadeiro valor consideravelmente mais quando nos lembramos de que ele representa homens e mulheres que nunca, ou praticamente nunca, foram ao teatro. Essas pessoas, portanto, representam um patrocínio adicional ao teatro. Os motivos pelos quais nunca tinham ido a um teatro antes eram principalmente econômicos. Um trabalhador ou empregado com uma renda mensal de 100 a 200 marcos simplesmente não tinha condições de pagar os preços normais de um teatro para si e para sua esposa.

Como resultado de nossas generosas medidas, conquistamos o patrocínio das grandes massas para o teatro e a sala de concertos — as massas que conheciam essas instituições apenas por ouvir dizer e as viam com total indiferença. Este é um fato que não deve ser ignorado e que, naturalmente, tem uma repercussão favorável nos teatros privados que não são frequentados pela *Força pela Alegria.*

As investigações que realizamos no início de 1934 na Siemens Works, a respeito de visitas a teatros, confirmaram essas observações. Um ou dois números comprovam isso facilmente: 87,6% dos homens e 81,3% das mulheres entrevistados nunca haviam assistido a uma ópera; 63,8% dos homens e 74,2% das mulheres entrevistados nunca haviam visitado um teatro. Como essas perguntas foram feitas a todos os empregados da Siemens Works, sem distinção de pessoas ou cargos, do diretor ao auxiliar, pode-se afirmar com justiça que os funcionários da Siemens que já haviam assistido a produções teatrais ou operísticas encontravam-se entre os grupos de funcionários economicamente mais bem situados.

Observações recentes em diferentes fábricas demonstram o feliz resultado de que os trabalhadores manuais estão especialmente bem representados nas atividades organizadas pela *Força pela Alegria.* Um trabalho de educação cultural está sendo realizado, cujos efeitos serão vistos mais adiante.

Só em Berlim, sete teatros atendem exclusiva ou predominantemente a *"Força pela Alegria";* enquanto a média de público em todo o Reich gira entre 60% e 70% do número de assentos disponíveis, as produções teatrais de " *Força pela Alegria"* felizmente sempre esgotam com bastante antecedência. Um número de espectadores dessa qualidade dificilmente poderia ter sido igualado por

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Teatros privados alemães.

Os "Concertos Mestres", introduzidos há um ano, e as "Horas Musicais", que frequentamos, também desfrutam de grande popularidade. Nossos grandes concertos, regidos pelos maestros alemães mais renomados, geralmente esgotam seus ingressos muito antes do início. Orquestras famosas que participaram dos concertos incluem, entre outras, a Orquestra Filarmônica de Berlim, a orquestra local da região de Berlim (das Landesorchester Gau Berlin) e a orquestra da Ópera Alemã. A Nona Sinfonia de Beethoven foi executada duas vezes com casa cheia.

Nos museus, o operário via até então uma instituição nitidamente burguesa, que, por princípio, não visitava. Como também era difícil para nós levar o operário a um museu, organizamos milhares de festas. Além disso, trouxemos arte para a fábrica por meio de exposições de obras, que eram realizadas em grande escala e com sucesso ainda maior em todo o Reich. O contato com os operários manuais da Alemanha, além disso, oferece ao artista forte inspiração para a criação artística em consonância com a época.

Dentro de alguns anos, todas as grandes fábricas terão arranjos para uma exposição permanente. Todos os anos, milhões de alemães poderão aclamar o trabalho de artistas alemães. O que conseguimos, então, é que o artista alemão foi para onde as massas trabalhadoras da nação se encontram, isto é, para o pátio de trabalho e a fábrica; e que, por seu esforço e pelos tesouros artísticos que traz ao trabalhador manual, o artista é ricamente recompensado pelo estímulo que sua criação artística recebe do contato com o trabalhador manual e com as salas de máquinas.

No total, nossas 66.000 funções de *Força pela Alegria* contaram com a presença de 25 milhões de pessoas. Com nossas vans de filmagem, visitamos as aldeias solitárias e os cantos estranhos da Alemanha escondidos nas florestas e terras não cultivadas, para dar aos nossos irmãos de lá, pela primeira vez, uma mudança animada e relaxamento do fardo e do cansaço do dia.

Mas nossas atividades vão ainda mais longe. Em milhares e milhares de fábricas, ao longo dos anos, a sujeira se alojou em cantos e frestas, e ninguém jamais pensou em embelezar o local de trabalho. As pessoas estavam tão acostumadas a ambientes de trabalho sujos, apertados e abafados que eram aceitos como algo natural.

Nisso, com coragem e energia renovadas, o departamento *de Beleza no Trabalho* interveio. Um vento fresco soprou por todas as fábricas e varreu a sujeira e a poeira das janelas e de todos os cantos dos pátios e das fábricas. Mais de 200 milhões de marcos foram gastos pelos gerentes, muitas vezes com a ajuda dos próprios funcionários da fábrica, para tornar o trabalho, por iniciativa do departamento de *Beleza no Trabalho ,* adequado para seres humanos. Onde antes havia lixo e entulho espalhados, hoje existem pequenos jardins, terrenos verdes, quadras limpas, campos esportivos, salas de trabalho iluminadas e arejadas, piscinas, banheiros e lavabos. Locais de trabalho que é um prazer ver foram criados nos últimos dois anos. Até o presente, cerca de 17.000 fábricas foram reformadas. Além de inúmeras melhorias de maior ou menor importância, foram construídos: 4.314 refeitórios e salas comuns para os funcionários da fábrica; 1.580 jardins ornamentais; 276 campos esportivos; e 93 piscinas.

Este trabalho que hoje é realizado pela *Força Através da Alegria* nas fábricas repercute automaticamente no lar do trabalhador alemão. Pois um homem acostumado a um local de trabalho bonito e limpo só se sentirá confortável em um lar bonito e limpo.

A construção de grupos de trabalho em fábricas avança muito rapidamente. A ideia é soldar ******conversor de e-book DEMO Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

os membros do NSDAP e suas organizações filiais dentro da fábrica, juntamente com os melhores trabalhadores entre 18 e 25 anos, em um bloco sólido e inquebrável, para, mesmo em tempos de crise, em união com os líderes de “célula” e “bloco”, manter viva a ideia da comunidade.
Além disso, esses grupos de trabalho devem formar novos costumes na fábrica e inspirar funções como inspeções e noites comunitárias.

Em relação à organização da *Força pela Alegria,* podemos citar os seguintes números: a Comunidade Nacional Socialista *Força pela Alegria* está dividida em 32 regiões, 771 distritos e 15.051 grupos locais, com igual número de guardas locais. A estes se somam os guardas de obras, cujo trabalho é realizado dentro da fábrica, totalizando 57.000. Todos esses 75.000 colaboradores prestam seus serviços gratuitamente à *Força pela Alegria.*

A Strength Through Joy emprega apenas 2.547 funcionários assalariados.

Este poderoso empreendimento, que nos dois primeiros anos precisou ser subsidiado pela Frente Trabalhista Alemã, espera-se que se torne independente este ano. Este é talvez o fato mais notável e interessante, especialmente quando se considera que a quantia de dinheiro mobilizada e colocada em circulação pela *Força pela Alegria* ultrapassa um milhão de Reichmarks, enquanto o Dopolavoro italiano nem sequer chegou perto desse nível, e a organização americana de lazer e lazer necessita de subsídios consideráveis; considerando todos os esforços marxistas, que — seja na velha Alemanha, na Rússia bolchevique ou nos países industriais do Ocidente — fracassaram completamente em todos os lugares, o Nacional-Socialismo está no caminho certo.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

O Trabalho de Socorro de Inverno Alemão

por Max Hunger

TO Winter Relief Work, inaugurado pelo Partido Nacional Socialista e adotado com grande entusiasmo por toda a nação, tornou-se uma instituição reconhecida do Terceiro Reich e uma bênção para muitos milhões de homens, mulheres e crianças necessitados, debilitados e doentes.

Embora o Estado, por meio de ação direta, faça tudo o que estiver ao seu alcance para combater o desemprego e superar a miséria, oferecendo trabalho em larga escala, ainda não teve tempo suficiente para encontrar trabalho para todos os homens e mulheres fisicamente aptos e dispostos a trabalhar, embora tenha realizado o milagre quase inacreditável, diante das dificuldades comerciais mundiais, de reduzir o número de desempregados em três anos de 7 milhões para menos de 2 milhões. Mas, como toda família, sempre terá seus pobres ao seu lado.

A legislação social e a Assistência Pública fizeram e fazem muito para aliviar
querem, mas essas instituições não podem abolir completamente a carência.

O Winter Relief Work foi criado para ajudar todos aqueles cujos meios de subsistência estão logo abaixo da linha da fronteira. O Winter Relief Work não visa substituir a Assistência Pública; seu principal objetivo é complementá-la.

Quando o Nacional-Socialismo assumiu o poder em 30 de janeiro de 1933, encontrou o Estado, como disse o Dr. Goebbels descreveu-o: “um campo de ruínas”, um caos político, com cofres vazios e um em cada cinco homens a receber subsídios.

Foram necessários corações fortes e uma vontade férrea para dominar uma situação quase desesperadora que governos anteriores tentaram em vão consertar. A maneira como esses problemas gigantescos foram resolvidos já se tornou uma questão de história, mas será lembrada para sempre como um exemplo incrível de estadismo ousado e construtivo.

O núcleo da grande Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Social já estava formado na primavera de 1932, mas sua ação efetiva só se consolidou quando o partido chegou ao poder. A primeira cerimônia oficial da associação foi realizada em 6 de maio de 1933, quando, na presença do Führer, o Comissário-Chefe Hilgenfeldt, que havia sido nomeado à frente da organização, tornou pública a ordem do Führer que sancionava a Associação como órgão oficial do partido para o Reich, autorizado a tratar de todas as questões relativas ao bem-estar e à assistência pública.

A Associação foi chamada à ação pela primeira vez no aniversário do Führer, em 20 de abril, quando foi encarregada da distribuição de cestas básicas aos desempregados, e em 1º de maio, quando fez a primeira coleta de rua para o fundo de férias para crianças.

No verão do mesmo ano, a Associação recebeu poderes executivos para organizar o Auxílio de Inverno, planejado pelo Führer, e iniciou imediatamente os preparativos organizacionais para a grande tarefa. Em 13 de setembro, o Führer deu início à campanha, declarando que ninguém na Alemanha deveria passar fome ou frio durante o inverno, e o Dr. Goebbels, em sua despedida, disse que este Trabalho de Auxílio de Inverno deveria ser realizado com

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

os métodos mais limpos e decentes imagináveis, e que, em solidariedade aos pobres, toda a nação deveria ter, no primeiro domingo de cada mês, um "ensopado de um prato só" e oferecer a diferença do custo do jantar comum para o socorro aos necessitados. A data para o início do Trabalho de Socorro de Inverno foi fixada para 1º de outubro, e em 16 de setembro, o Comissário-Chefe Hilgenfeldt foi com uma equipe de 36 ajudantes aos escritórios que haviam sido colocados à sua disposição no prédio do Reichstag.

Em um discurso proferido em 11 de dezembro de 1935, Hilgenfeldt descreve algumas das dificuldades que teve de enfrentar na organização do trabalho que lhe fora confiado. Desde o início, ficou claro que o sucesso do empreendimento dependia da construção de máquinas eficientes para coleta e distribuição e da participação ativa de toda a nação. Portanto, os mornos e os indiferentes precisavam ser despertados para um senso mais elevado de cidadania e os egoístas para um novo altruísmo; era preciso incutir em cada alemão que a verdadeira camaradagem se baseava no autossacrifício e no socorro mútuo. O Führer, ao inaugurar o Trabalho de Socorro de Inverno, declarou: "Esta grande ação contra a fome e o frio deve ser iniciada sob o lema: A solidariedade internacional do proletariado foi esmagada por nós. Em seu lugar, ergueremos a unidade nacional viva do povo alemão."

Hilgenfeldt reconheceu desde o início que a organização, para ser eficaz, tinha que ser elástica em sua aplicação às necessidades e adaptável às diferentes condições de carência real que pretendia aliviar.

“Ninguém deve passar fome e frio!” Essa foi a ordem do Führer dada aos seus fiéis seguidores.

Como isso seria feito? Havia cerca de 17 milhões de pessoas que precisavam ser atendidas: quase um terço de toda a população da Alemanha. De fato, uma tarefa formidável! No entanto, o Comissário-Chefe Hilgenfeldt sabia que, em primeiro lugar, poderia contar com a colaboração dedicada de cerca de 30.000 seções locais do partido, mas também sabia que elas não poderiam funcionar satisfatoriamente a menos que planos minuciosos, abrangendo todas as contingências, fossem previamente elaborados.

Por essa razão, ele recorreu à ajuda de especialistas em finanças, indústria e transportes, e também dos setores de batata, farinha e carvão; também recorreu a instituições de caridade existentes, desde as Missões da Igreja, a Cruz Vermelha Alemã, o Corpo Técnico de Emergência até o pequeno grupo de trabalhadores entusiasmados, chamados de "Adventistas". Tratou-se de uma mobilização geral de todas as forças treinadas e experientes em assistência pública e daqueles prontos e dispostos a ajudar como trabalhadores honorários, independentemente de partido ou posição social.

Cada filial local do partido em todo o país coletava e guardava os nomes de todas as pessoas que necessitavam de assistência suplementar. À medida que o trabalho aumentava, uma seção especial da Associação Nacional Socialista de Bem-Estar Social foi filiada a cada filial local, onde homens e mulheres de todas as classes trabalhavam juntos com a mesma vontade e por um objetivo comum.

Ao organizar o socorro, as necessidades especiais das diferentes áreas tiveram que ser estudadas e atendidas. Como os hábitos de vida eram diferentes nos diferentes distritos, até mesmo no que se refere à alimentação, e como as áreas em dificuldades coincidiam principalmente com os centros industriais densamente povoados, a Associação teve que tomar providências para atender a todas essas necessidades especiais. Essas dificuldades são melhor ilustradas por um caso concreto: a população da província Renânia-Vestfália, por exemplo, está acostumada a consumir uma variedade amarela de batata; o mesmo se aplicava a Essen e Hamburgo; consequentemente, todos os tipos de batata branca e vermelha tiveram que ser enviados para outras partes da Alemanha, onde eram apreciados, especialmente Baden.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A coleta e distribuição de batatas representavam uma pressão excepcional sobre os recursos da organização devido às necessidades locais desiguais da população. Para a Baviera, por exemplo, que é autossuficiente em batatas, quase não foram feitas entregas, enquanto para o distrito de Essen foi necessária uma quantidade suplementar de 1,45 milhão de cwt e para a Saxônia, 0,92 milhão de cwt. Entre outras cidades e distritos que necessitavam de suprimentos adicionais estavam Berlim, a Alemanha Central, as áreas industriais da Renânia-Vestfália, Baden e partes de Württemberg. Durante a campanha de 1933/34, aproximadamente 60.000 caminhões ferroviários de batatas foram coletados e distribuídos. Dessa quantidade, somente Berlim recebia diariamente de 700 a 800 caminhões. A ração mensal de batatas distribuída equivalia a cerca de 13,6 kg per capita para toda a população. Mas, como apenas cerca de um terço da população recebia ajuda adicional, a ração per capita efetivamente assistida era de cerca de 45 kg por mês. Condições semelhantes prevaleciam em relação às necessidades e à distribuição de combustível.

Em alguns distritos, queima-se principalmente madeira; em outros, turfa, carvão ou briquetes de linhito. Naturalmente, fornos e fogões são especialmente adaptados ao combustível utilizado. Portanto, era preciso garantir que cada localidade recebesse o combustível necessário em quantidade suficiente. A quantidade de combustível permitida para cada domicílio era calculada para aquecer um cômodo durante todo o inverno. Famílias com 3 ou 4 filhos recebiam carvão suficiente para aquecer dois cômodos durante todo o inverno.

Para o transporte de todo o combustível necessário em 1933/34, foram necessários cerca de 140.000 vagões ferroviários, representando a quantidade de carvão cerca de 16% do total de combustível utilizado na Alemanha. A quantidade de carvão fornecida durante o inverno a uma família com duas crianças representa aproximadamente 9 cwt, enquanto cada domicílio nos distritos de mineração, onde o carvão é queimado de forma mais extravagante, recebeu aproximadamente 22 cwt durante o mesmo período.

A distribuição do carvão é realizada pelos carvoeiros locais. As pessoas com direito à isenção recebem ordens de pagamento para a entrega de 1 cwt cada. As ordens de pagamento são entregues ao carvoeiro, que então entrega o carvão mediante o pagamento de uma pequena taxa de transporte. Os destinatários que não têm condições de pagar recebem o carvão gratuitamente.

Talvez seja possível ter uma ideia melhor da magnitude do fornecimento de carvão se for explicado que seriam necessários três meses de trabalho dos mineiros da bacia do Sarre para obter a quantidade de carvão necessária para o Trabalho de Socorro no Inverno.

O Winter Relief inclui também o fornecimento de calçados e roupas. Os comprimentos de material utilizados para as roupas totalizariam cerca de 8.000 quilômetros.

Além das batatas, outros alimentos também são distribuídos: arroz, farinha, cacau, leite, gorduras, carne, peixe e outros alimentos. Há também refeições gratuitas e, na época do Natal, árvores de Natal para os jovens. Em 1933/34, 300.000 árvores de Natal foram distribuídas somente em Berlim.

Para a coleta de doações necessárias para a compra de todos esses enormes suprimentos, várias maneiras foram adotadas: coletas de rua nas quais até mesmo os mais altos funcionários do estado participam como coletores, apresentações beneficentes, funções sociais, loterias de rua, coletas mensais de "ensopado de um prato", doações de pacotes de alimentos de uma libra, assinaturas públicas, impostos especiais sobre a renda, coletas privadas, vendas de distintivos nas ruas, etc., etc.

A minúcia da organização é melhor ilustrada pelo método em que o “prato único”
As coletas de “guisado” são realizadas em Berlim.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

A cidade de Berlim é composta por cerca de 125.000 casas; para cada casa, é elaborada uma lista de moradores, e em cada casa cada família ou hóspede independente é visitado e o dinheiro é arrecadado. A contribuição, de acordo com os recursos do contribuinte, é inserida na lista, que, em poucas horas, é devolvida à filial local juntamente com a quantia arrecadada. Só em Berlim, há, em média, 140.000 voluntários envolvidos no Trabalho de Assistência de Inverno.

Vale mencionar também que a confecção de distintivos e brindes, vendidos nas ruas em ocasiões especiais, proporcionava trabalho e sustento a muitos desempregados nas áreas industriais em dificuldades. No inverno de 1933/34, por exemplo, encomendas no valor de 4 milhões de marcos foram feitas a fabricantes da Floresta da Baviera, Turíngia e Saxônia, e até mesmo a Prússia Oriental, com sua indústria de âmbar, não foi esquecida. Em 1934/35, o valor dessas encomendas foi aumentado para 5 milhões de marcos.

O alívio é concedido a todas as pessoas elegíveis, independentemente de raça ou nacionalidade.

Em 1933/34, por exemplo, 69.336 estrangeiros foram assistidos, dos quais 29.108 eram judeus. Somente em Berlim, 13.818 judeus e 8.054 estrangeiros estavam sob cuidados da Obra de Assistência de Inverno. Os valores totais arrecadados para a Obra de Assistência de Inverno foram:

in	1933/34	Mks.	357,136,040.71
in	1934/35		367,425,484.89
in	1935/36		370,000,000.00

O número de assistidos foi o seguinte:

in	1933/34	16,617,681
in	1934/35	13,866,571
in	1935/36	12,923,247

Merece menção especial a assistência inigualável prestada pelos agricultores ao Serviço de Assistência de Inverno. Alguns números ilustram isso: em 1933/34, por exemplo, a Pomerânia forneceu 841.477 cwt de batatas.

in Kurmark	1,600,000 cwt.
in Saxony	447,000 cwt.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******

Machine Translated by Google

Todos os bens para o Trabalho de Socorro de Inverno foram transportados gratuitamente pelas Ferrovias Estaduais. Na campanha de 1933/34, a contribuição das Ferrovias Estaduais neste contexto foi de 14.672.957 Mks., enquanto o peso total dos transportes foi de 59.025.995 cwt.

O número de ajudantes honorários envolvidos no Trabalho de Assistência de Inverno atingiu em média 1,5 milhão a cada ano, enquanto na administração desta organização foram empregados os seguintes números de funcionários, escriturários, etc.:

in	1933/34	4,116
in	1934/35	5,398
in	1935/36	about the same number

O custo total da administração é pouco menos de 1% do total das receitas.

O Führer e Chanceler do Reich Adolf Hitler, ao receber em 27 de maio passado o Comissário Chefe Hilgenfeldt em companhia de seus principais trabalhadores, expressou seu alto apreço pelo trabalho realizado pela organização e, quando concluiu dizendo que “o Trabalho de Socorro de Inverno é um feito histórico único de trabalho social”, ele apenas expressou o sentimento de todo verdadeiro alemão em relação a esse grande esforço nacional de boa vontade mútua e sacrifício pessoal.

******DEMO do conversor de e-books Marcas d'água*******